



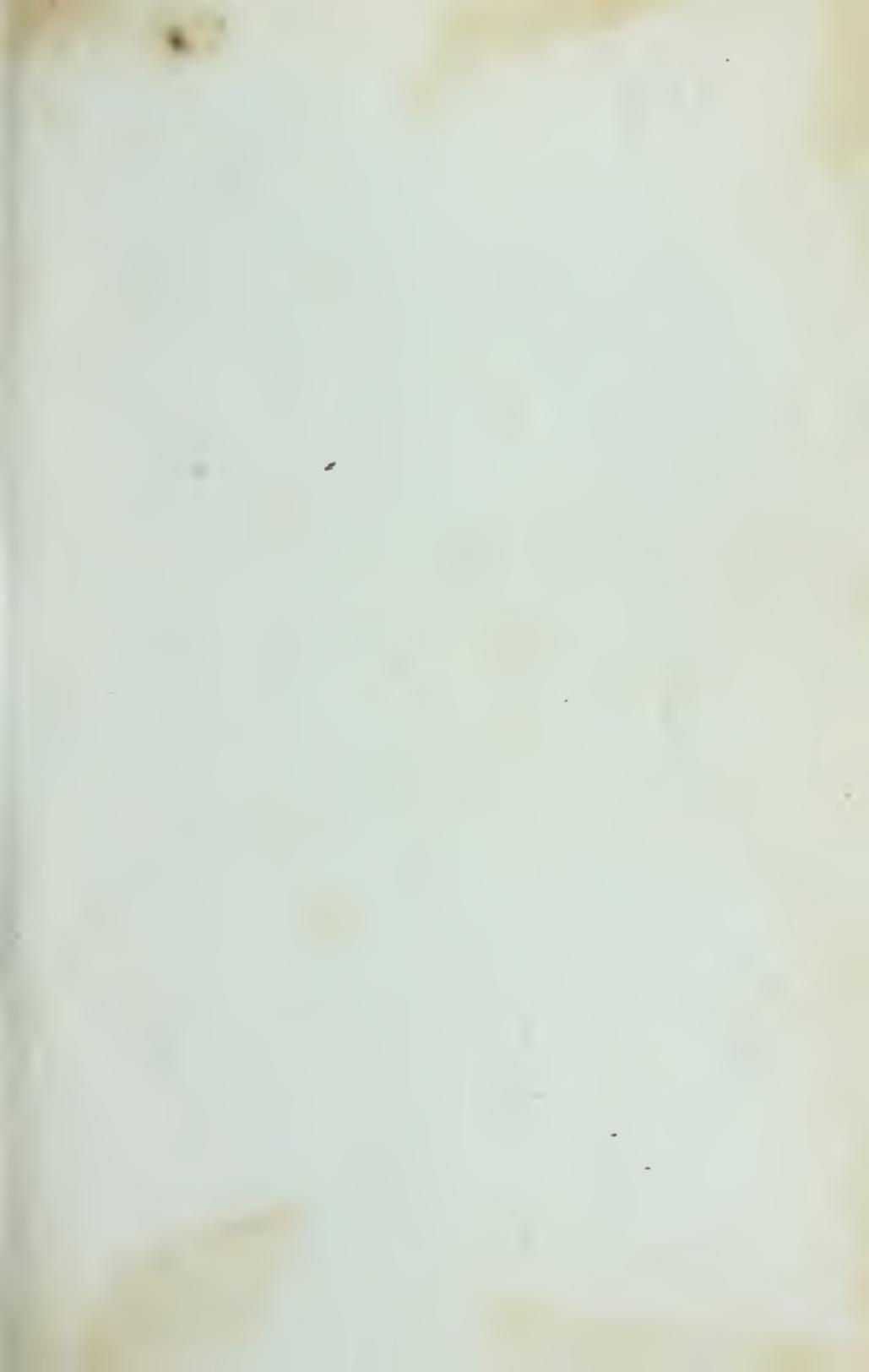
2 vols. in 1
K 8

NB 198805



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

8



115

12

P



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

CENSURA

DAS

LUSIADAS.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

.: Tolluntur in altum,
Ut lapsu graviore ruant.

Claud.

TOMO I.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1820.

Com Licença.

REVISED

EDITION

OF THE

CONSTITUTION

OF THE



OF THE

UNITED STATES

OF AMERICA

INTRODUÇÃO.

DESDE o momento em que na Republica das letras appareceo o Poema *Oriente*, de hum lado a outro lado da Terra não se escutou mais do que hum grito uniforme, e universal que annunciava injurias, e ultrages feitos ao Grande Poeta Luiz de Camões; porque (dizia este clamor) o Autor do *Oriente* quiz emendar as *Divinas Lusíadas*. Isto se disse, e se imprimio em Portugal, isto se publicou em Inglaterra, isto se declarou em Jornaes impressos em França com estas bem notaveis frases, que eu fielmente traslado: " A Poesia
 " Epica não renasceo com o Poema
 " *Oriente*, cujo Autor *em vão* intentou
 " *emendar* Camões, e desapossallo do
 " eminente lugar, que por Nacionaes,
 " e Estrangeiros lhe foi justa, e uni-
 " versalmente assignado no Parnaso."
 A voz destes Jornalistas he a voz geral de todos aquelles que buscárão hum *pretexto* para responder a ataques, que

não tinham nem terão resposta. Parece que pedia a boa razão que se produzissem as provas desta livre, e absoluta assersão; ellas só podião ser tiradas ou dos meus escritos, ou das minhas intenções manifestadas com algum sinal sensível. Em nenhum de meus escritos se descobre hum só vestigio desta resolução; encontrão-se, sim, a cada passo, louvores de Camões, como se póde ver a cada pagina da Dedicatória, e do Discurso Preliminar do *Oriente*. Nunca foi a minha intenção emendar Camões, fique isto para o Traductor Inglez *Mickle*, que nos deo as *Lusiadas* invertidas, ou vestidas, como elle diz, á moda Ingleza; nesta traducção, não só estão alterados os factos historicos, e os Episodios do Poema, mas a mesma marcha, e ordem que no original lhe dá Luiz de Camões; e não se emenda senão aquillo que se julga defeituoso, e imperfeito. A acção das *Lusiadas*, que he tanto de Luiz de Camões, como he de outro qualquer que se julgue provido do cabedal bastante para a tratar, póde ser tratada por mui-

tos Poetas, sem que huns se dem por injuriados pelos outros, e sem que se possa affirmar, que o Poema que agora apparece vem emendar o que o precedeo. A acção dos Argonautas he huma; Apollonio de Rhodes a tratou, e depois a tratou tambem Valerio Flacco; e ainda se não disse, nem póde dizer que Valerio Flacco quizera emendar Apollonio. O Descobrimento da America tem sido tratado por muitos, sem que se diga que os ultimos quizerão emendar os primeiros. Nem Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos quiz emendar Ubertino de Carrara, nem a mulher Bocage estes dois, que a precedêrão. Eu podia produzir hum catalogo immenso destes exemplos, mas elles não são precisos para justificar o meu procedimento na composição do Poema *Oriente*. Tratar a mesma acção não he emendar o que está feito. Duas coizas se notão, ou se colligem desta livre assersão que tantos brados tem dado no Mundo; a primeira he, que foi hum attentado a composição do *Oriente*, depois que Luiz de Camões .

tratára a mesma acção ; a segunda he, que o Poema das Lusiadas he perfeitissimo, irreprehensivel, e tão completamente acabado, que nelle nada ha que emendar, porque em todo elle se não encontra hum só defeito. Isto pois que tantas vezes se tem dito, e a todas as horas se repete, me obrigou a hum serio exame destas Lusiadas, que a julgarmos pelo que agora, e ha poucos annos se publica, pelas edições que teimosamente se fazem, pelos monumentos, obeliscos, estatuas, tumulos, e memorias que se lhe destinão, parecem mais a obra de hum Espirito Angelico, que a producção de hum fraco, e imperfeito humano.

Os Nacionaes, e os estranhos o collocão no mais alto do Parnaso, e parece que em cada pedra, em cada esqui-na se pretendem gravar os dois ultimos versos do seu Epitafio :

„ Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
 „ Est sibi, *par nemo, nemo secundus erit.*

. Mas se eu ólho para os Criticos Por-

tuguezes, não vejo mais do que amargas censuras das *Lusiadas*. Ignacio Garcez Ferreira, Luiz Antonio Verney, Francisco da Silva Coelho, Pedro José da Fonceca, Jeronymo Soares Barbosa, entre os Portuguezes: entre os Ingleses Blair, entre os Francezes Racine, Castres, La Harpe, todos censurão, e todos descobrem defeitos, e erros crassissimos nas *Lusiadas*. Eu não quero guiar o meu juizo pelo juizo dos mais; destinei pela minha propria observação, e bem firmado nos principios da Arte, examinar estas tão divinizadas *Lusiadas*, com aquella imparcialidade, clareza, e ordem que me caracterisão, e me justificão; e esperarei sempre pela resposta. Entendão todos, que a censura das *Lusiadas* não he a indirecta apologia do *Oriente*; não ha convenção, não ha reciprocidade, não ha relação alguma entre estas duas obras em tudo diversas, e só identicas em a natureza da acção, porque he a mesma. Houve quem intentasse fazer hum paralelo de ambos os Poemas; mas este paralelo ainda não appareceo: o que o público

vio foi a ignorancia desmascarada , e a malignidade combatida , e victoriosamente confutada. Eia pois , sem autoridades , sem citações estranhas , sem juizos alheios , considerarei as *Lusiadas* nas *Lusiadas* , e sem decidir pelo fio da obra , esperarei que no fim da mesma obra decida a justiça , a verdade , e a imparcialidade , se ha , ou se não ha defeitos que emendar nas *Lusiadas* , e se acaso se póde confessar que ha erros hereditarios , que ha preocupações successivas , e se os homens se podem cegar a ponto de julgarem huma belleza divina o que he huma extravagancia manifesta. Por muitos seculos se julgá-rão oraculos da infallibilidade os principios absurdos da *Filosofia Peripatetica* , mal entendida nas *Escolas*. A' preocupação succedeo a verdade , e o Ídolo até alli incensado , não foi mais que o objecto do ludibrio , e do desprezo , ficando os homens admirados de ver que até aquelle instante tinham abraçado hum *Fantasma* , que se desfez como sombra ao toque dos luminosos raios da verdade. A colossal *Estatua* de Na-

buco julgou-se preciosa, estavel, e duradoura em quanto se não advertio que tinha os pés de barro, e que bastava o leve toque de huma pequena pedra para reduzir a cinzas toda aquella espantosa, e idolatrada maquina.

Eu seguiria voluntariamente a marcha da preocupação hereditaria sobre a absoluta, e irreprehensivel perfeição das *Lusiadas*, augmentando com o meu silencio a publica adoração deste Poema, se me não estimulasse a honra a romper este silencio, para mostrar á presente, e á futura geração, que he preciso examinar antes de julgar; porque estou persuadido, que pode mui bem não estar a razão da parte do commum consenso. Poserão-me em estado de indagar, e investigar se esta voz que divinisa as *Lusiadas* tinha a sua base na justiça, e na verdade. Quiz distinguir-se o começado Século 19.º em affrontar, e injuriar hum homem, que nem em publico, nem em particular offendeo a sociedade. Este homem sou eu. Estas affrontas presuppunhão hum motivo;

porque não ha nada sem huma razão sufficiente. A este motivo se deo o nome de hum attentado, e este attentado he a composição do Poema *Oriente*. Huma Conspiração poderosa em recursos me fez olhar como o horror do Mundo, e pelos golpes que contra mim se tem descarregado, me tenho chegado a persuadir que commetti hum grande crime, e que o Poema *Oriente* me constituia no catálogo dos mais insignes facinorosos, porque offendi Camões: *Porque em vão o intentei emendar e desapossallo do eminente lugar, que por Nacionaes, e Estrangeiros lhe foi justa, e universalmente assignalado no Parnaso.* Este livre dito, ou assersão gratuita, tem sido o vehiculo de todos os vilipendios, e improprios de que me tem coberto, porque na opinião destes homens, e dos seus Eccos, ou Apostolos, he o maior delicto que se pode commetter na terra emendar Camões, porque Camões não tem erros, e he hum sacrilegio tocar profanamente huma materia tocada pelas mãos desta Poetica Divindade. Ora

ainda que esta emenda não fora por mim nem intentada, nem imaginada, nem annunciada, nem posta em obra, para me defender a mim, e para me justificar no Tribunal do Mundo, será tentada, e executada agora, e o farei de maneira, que faça (se for possível) chegar o arrependimento á alma desta Seita de Idólatras, que, tomando por pretexto huma quimerica offensa, tanto me têm perseguido, e vilipendiado, quando virem que acabou de ser successiva sem advertencia e sem exame a gloria de Camões. Nesta Censura não procurarei examinar o Poema á luz das leis arbitrarías dos Pedantes, nem das theorias que se não fizeram senão depois de apparecerem os Poemas que o Genio concebera, e executara. Não ha outra regra mais do que a Razão, e a Natureza; nada pode esta dictar que aquella contradiga. Tudo o que he opposto á Razão, e á Natureza, he contrario tambem ás primitivas, innatas, e invariaveis Leis do Bom, e do Bello ideal; e tudo o que não he isto, he mons-

truoso, e imperfeito; tudo o que não he verosimil, he absurdo; e o verosimil em Poesia deve ser tal, que em certas relações tenha não só a tintura, mas a essencia da verdade. Eu reduzo toda a arte da Poesia a estes unicos, e invariaveis principios de Horacio:

*Meum qui pectus inaniter angit,
Irritat, mulcet, falsis terroribus implet.*

Se o Poeta consegue isto por meios dignos da Razão, e da Natureza, tem conseguido tudo: mas se o Poeta a cada passo tropeça e cahe, falta a esta suprema Lei; nem he bom Poeta, nem o que produz he perfeito, e irreprehensivel. A tudo isto se falta em as Lusiadas; logo as Lusiadas são imperfeitas. Quem provará o menor deste Syllogismo?

— O Livro que se vai lér. —

CENSURA
DAS
LUSIADAS.

PRIMEIRO CANTO.

Diz a Razão , e a Natureza , que a Acção Epica , para ser perfeita , deve ser huma , e que huma acção para ser unica , e completa deve ter hum principio , hum meio , e hum fim ; que o Heroe que a executa seja hum , e que esta unica acção , e este unico Heróe sejam propostos pelo Poeta no introito de seus Cantos , para se saber desde logo o fim da acção que se annuncia. Poucos Poemas ha em que se veja desempenhada esta regra , ou se veja cumprido este dictame da Ra-

zão ; e hum Filosofo Francez (Lemer cier) em suas Prelecções de Literatura , impressas em 1817 , só a encontra em Valerio Flacco , e Tasso , mostrando até á ultima raia da evidencia a duplicidade da acção em Virgilio , em Voltaire , e muito mais em Ariosto. Porém estes mesmos , que faltárão em suas proposições ao dictame natural da unidade da acção , sempre disserão alguma coiza que seus Heroes devessem fazer , pois delles he a acção , e elles a devem executar : á vista deste dictame da Razão , e da experiencia , se a acção das Lusiadas he descobrir a India pelo caminho do Oceano , e se este descobrimento , ou esta acção deve ser executada por Vasco da Gama , as Lusiadas não tem proposição ; porque além de se não dar a conhecer o Heroe que a executa , nada do que se diz na proposição compete ao mesmo Heroe , pois nada daquillo fez , e nenhuma das circumstancias alli annunciadas o acompanhou. Promette cantar tudo quanto fizerão os Portuguezes na Asia na fundação ;

e dilatação de seu Imperio , mas não dá a mais ligeira idéa do Descobrimento do Indostão , que era o objecto unico da viagem de Vasco da Gama ; nem desta viagem , nem deste Heroe se faz memoria na proposição do Poema. Apenas começa , falta logo á primeira regra , ou primeiro principio da recta razão , ou , para salvarmos Camões da infracção desta Lei , he preciso então dizer que elle não composera huma Epopéa , mas hum Romance ; como o de Ariosto , que cantava

„ Armas , Amores , Campiões , Mulheres. „

Consideremos pois á Luz da razão a primeira Oitava das Lusiadas , como serão consideradas , expendidas , e conhecidas todas as outras até ao fim do Poema.

„ As armas , e os Varões assignalados ,
 „ Que da Occidental praia Lusitana ,
 „ Por mares nunca dantes navegados ,
 „ Passarão ainda além da Taprobana ;
 „ Que em perigos , e guerras esforçados
 „ Mais do que prometia a força humana ,

„ Entre gente remota edificarão
 „ Novo Reino que tanto sublimarão : etc. „

Muita coiza se annuncia nesta proposição, e nenhuma dellas foi executada pelo Heroe do Poema. A regra da razão, que manda que a acção seja huma, tambem manda que o Heroe seja hum só. Aqui temos muitos, pois se nos declara que são os *Varões*, e que estes conduzirão *Armas* ao Oriente; não foi por certo Vasco da Gama, nem foi Pedro Alvares Cabral; o primeiro que foi como Guerreiro, e Conquistador, foi D. Francisco de Almeida. Nem estes, nem o mesmo Vasco da Gama forão

„ Por mares *nunca* d'antes navegados. „

Até ao Ilheo de S. Filippe, e Padrão da Cruz na costa da Cafraria Oriental tinha chegado Bartholomeu Dias, que primeiro dobrou o Cabo da Boa Esperança, nome que já tinha nos ultimos annos do Reinado d'ElRei D. João 2.º Do Ilheo de S. Filippe para cima até

Mombaça encontrou Vasco da Gama embarcações, e vio, como diz a Historia, homens que navegavão ao nosso modo, e que conhecião a *arte de navegar*: logo até áquellas paragens erão e tinhão sido navegados os mares; em Mombaça achou Vasco da Gama Mouros que navegavão, e lhe offerecião Pilotos para Melinde; em Melinde achou o Arabe *Moalem Caná*, visto na carreira da India, e que atravessou com Vasco da Gama o immenso golfão que está entre a Africa Oriental, e o Indostão. Logo Camões annuncia o que não era, nem o que fez Vasco da Gama.

„ Passarão ainda além da Taprobana. „

Isto não se póde dizer de Vasco da Gama, nem he acção deste Heroe, porque muitos annos depois de estabelecidos os Portuguezes no Indostão, dobrarão o Cabo *Comori*, e passarão á Ilha de Ceilão para as suas ultteriores conquistas do Continente até Malaca, e Macáo, e muitas Ilhas do Oceano Pacifico de

que forão senhores , com tanto esforço , e valentia , que parece superior ao poder humano.

„ Entre gente remota edificárão
 „ Novo Reino que tanto sublimárão. „

Isto he verdade como vemos pela nossa Historia da Asia , superior em prodigios , e façanhas á Grega , e á Romana ; e se houvesse hum Plutarco que dignamente fizesse hum parallelo entre huns , e outros Heroes , entre humas , e outras acções , ficaria a superioridade da parte dos Portuguezes ; porque com effeito edificárão , e sublimárão hum grande Imperio no Oriente , estabelecendo em Goa hum Corte , onde residia hum Viso-Rei com mais extensos dominios , maior poder , e maior gloria , que muitos Monarcas ; mas isto não começou senão depois do anno de 1505 , e nada tem com o descobrimento da India pelo Oceano , que executou Vasco da Gama. Logo o que se diz na proposição não he a acção das Lusíadas , e nada compete ao Heroe Vasco

da Gama, e podemos dizer que Camões não intentára compôr hum Poema Epico, mas Encyclico, que abrangesse muitos objectos, e muitas acções, dando principio á Historia maravilhosa da India com a Viagem de Vasco da Gama, pois o não devemos suppôr tão hospede na leitura da Poetica de Aristoteles, e de Horacio, já conhecidos em Portugal no tempo do Poeta pelas exposições de Nicoláo Clenard, e Jorge Buchanan, ambos Professores de Humanidades em Coimbra, que não soubesse qual era a rigorosa Lei das tres Unidades na Epopéa, e na Tragedia. Isto mesmo se collige da 2.^a Oitava em que elle continúa a vasta proposição do seu Poema.

„ E *tambem* as memorias gloriosas
„ Daquelles Reis, que forão dilatando
„ A Fé, e o Imperio, e as terras *viciosas*
„ D’Africa, e d’Asia andárão *devastando.* „

Basta a primeira intuição para se conhecer que isto he fóra da acção principal, e que se não pode incluir no simples descobrimento da India pelo

Oceano ainda que fosse depois humma derivação ou consequencia do mesmo descobrimento. Com elle não tem relação alguma as conquistas feitas na Africa. Se quizerem dizer que são os Episodios da acção, estes para serem proprios devem nascer da mesma acção em quanto ella se executa, o que foi antes, o que será depois não he hum Episodio da acção. Episodio he o que acontece ao Heroe, o que elle faz, e ainda mesmo o que elle diz, e não tem alliança alguma com Vasco da Gama na viagem da India o que os Reis de Portugal fizerão na Africa, e na Asia, e que o Poeta promette cantar. Não ha exemplo de Poeta algum que quando propõe a acção proponha tambem cantar os Episodios. O termo — *devastando* — não só he improprio, mas injurioso, porque os Reis Portuguezes não forão devastadores.

„ Cantando espalharei por toda a parte,
 „ Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

Se o Poeta tanto se affiança nas forças do seu natural engenho, e estudo, ou conhecimento da arte na composição de huma Epopéa, que necessidade tinha do auxilio das Nynfas do Téjo, isto he das mulheres de Lisboa, como entendem com Faria os outros commentadores? Coiza ridicula! Para todo o Poema invoca o auxilio das mulheres de Lisboa, e no Canto 3.^o Oit. 1.^a invoca com muito fervor Calliope!

Todas as leis da boa razão se achão offendidas na Oit. 3.^a, e para desculpar Camões no que diz, he preciso que digamos que o inflammava hum cégo amor da gloria nacional. He hum grande arrojo a viagem de Vasco da Gama até ao Ilheo da Cruz, ainda que já estava descoberto por Bartholomeu Dias; mas devemos dizer que o denodo deste Heroe se divide com o Piloto de Melinde, que o levou a Calecut, e de Melinde a Calecut não he huma grande coiza seguir huma derrota conhecida com hum Piloto pratico; se esta he a acção das Lusias.

das parece que pede a boa razão que se não anteponha a tudo quanto cantarão as Musas antigas, e com tão empolados termos como o

„ Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
 „ As navegações grandes que fizerão;
 „ Calle-se de Alexandro, e de Trajano
 „ A fama das victorias que tiverão;
 „ Que eu canto o peito illustre Lusitano,
 „ A quem Neptuno, e Marte obedecêrão:
 „ Cesse *tudo* o que a Musa antiga canta,
 „ Que outro valor mais alto se levanta. „

Esta excessiva hypérbole destróe todos os principios da verdade historica, e se oppõe aos naturaes dictames da modestia, e torna ridiculo o nosso orgulho nacional. Manda emmudecer a fama de Alexandre Magno, as espantosas conquistas dos Romanos no Imperio de Trajano, manda cessar, e esquecer tudo quanto a Antiquidade teve grande, e cantou grande, porque

„ Eu canto o *peito illustre* Lusitano,
 „ A quem Neptuno, e Marte obedecêrão. „

Outra proya nesta immodestissima exa-

geração de que não era a navegação de Vasco da Gama a unica acção do Poema. Pelo *peito illustre* não se pode entender individualmente o Heroe; este termo he colectivo, e designa a Nação inteira, porque só deste modo se pode entender a *obediencia de Neptuno, e Marte*, porque os Portuguezes na fundação de seu Imperio no Oriente subjugarão os mares em mui longas, e repetidas navegações, e forão geralmente vencedores em todas as guerras que intentarão contra os Povos da Asia naquella parte que se chama India; e ainda que se possa tambem affirmar de Vasco da Gama que subjugára Neptuno como navegador, não se pode dizer nesta navegação que lhe obedecêra Marte como Guerreiro, porque o não foi, e elle mesmo o assegura (pela boca do Poeta) quando disse que não era mais que hum meró explorador daquelles paizes da Asia, cujo caminho pelo Oceano era até alli ignorado.

Segue-se na Oit. 6.^a o principio da Dedicatoria do Póema a ElRei D. Se-

bastião, e como eu não intento nesta Censura mais que fazer ver os enormes erros contra a natural Razão, que se encontrão em todo o Poema, não me demoro em minucias grammaticaes. Seja muito embora imperiosa a necessidade da rima; esta nunca deve obrigar a infringir as leis da boa Grammatica para se não authorisar, e exemplificar o uso de vergonhosos sollecismos em que os semidoutos tantas vezes peccão.

„ Dada ao Mundo por Deos que tudo o mande „

Este verbo devia estar no indicativo, e não no conjunctivo, e deve-se dar outro torneio ao verso quando tão crasamente se erra a Grammatica.

Na Oit. 12.^a se vê que he vaga, e indeterminada a proposição do Poema, e que o descobrimento da India não he mais do que hum ponto fixo donde o Poeta devia partir para cantar o que tinha determinado, que vinha a ser, a inteira Historia do Imperio Portuguez na Asia, na qual que-

ria introduzir tambem tudo quanto os Portuguezes tinham feito até alli na Europa, e na Africa. Depois da enumeração de muitos Heroes Portuguezes, em que introduz os doze Paladinos, que forão (se he verdade) a Inglaterra, e o seu Magriço, lembra-se por fim de Vasco da Gama como hum accessorio, ou como huma unidade junta á somma dos outros Heroes, porque o termo — *tambem* — mostra que lhe ajuntava este para augmentar o numero dos que destinava cantar. Se elle dissesse

Mas por todos vos dou o Illustre Gama,

tinha salvado a unidade de Heroe, e tinha dado a conhecer que era unicamente o Gama cujas façanhas como navegador elle queria cantar. O sentido, que o termo — *tambem* — nos dá, fórma o mais indesculpavel erro das *Lusiadas*.

Continúa na Oit. 13.ª a augmentar o catalogo dos Heroes que devia cantar, lembrando-se, depois dos Su-

balternos, dos maiores Monarcas Portuguezes. Ainda na Oit. 14.^a não está satisfeito o vasto projecto do Poema, quer o Poeta abrangêr, e encerrar tudo quanto até ao seu tempo lhe offercia o grande quadro da Historia Portugueza :

„ Nem deixarão meus versos esquecidos
 „ Aquelles que nos Reinos *lá* da Aurora
 „ Se fizerão por armas tão subidos. „

Nesta Oit. 14.^a começa o vergonhoso bordão do — *lá* — que se repete com enjôo a cada pagina até ao fim do Poema, coiza para que os da seita Camoniana não tem sabido olhar, ou o dissimulão para que o pretexto da offensa tenha vóga, presuppõdo sem exame a impeccabilidade em hum homem. A Dedicatoria pecca contra a boa razão, porque he demasiadamente prolixa, e excede as duas reprehensiveis Dedicatorias, a de Lucano a Nero, e a de Estacio a Domiciano. Na Oit. 15.^a ainda continúa a Dedicatoria, e sendo a propriedade dos termos, ou dos epithetos que são ver-

dadeiramente os sensiveis attributos das coizas, hum dos deveres do bom Poeta, começa Camões a infringir esta lei na presente Oitava:

„ Comecem a sentir o pezo *grosso.* „

A pezo nunca se pode attribuir a grossura, porque não he huma propriedade de pezo. De mil coizas se pode annunciar a propriedade da grossura, até das ondas, e dos mares, mas nunca do pezo especifico de qualquer coiza na ordem fysica, e muito menos na ordem moral. Vamos contemplar a Oit. 16.^a onde começam as deslocadas idéas Mithologicas; e para entrarmos nesta exposição, transcreverei o parecer de hum Filosofo Francez ainda existente, hum dos Theoreticos mais fundamentados que tem apparecido em Litteratura.

” O Jasão do Tejo, menos brilhante que o de Colcos, conta mais do que obra, e he coiza pasmosa, que nascendo este Heroe historico e contador no centro do

” Christianismo , marche sempre fa-
” vorecido pela fabulosa Venus , que
” Cupido , e as Nereidas o sedu-
” zão , e que Baccho irritado contra
” elle , e cioso da gloria que lhe
” hia usurpar na Asia , se conjure
” em sua ruina , e perdição na In-
” dia Oriental. Este estranho con-
” ceito dá a conhecer o perigo da
” servil imitação dos melhores mo-
” delos antigos quando se vão tra-
” tar assumptos modernos , e faz
” ver que a Litteratura Portugue-
” za estava ainda no berço em tem-
” po de Camões ; accusa o gosto
” imperfeito deste Poeta , que sem
” poder igualar as bellezas Virgilia-
” nas , e a feliz regularidade do *pla-*
” *no* ou disposição , e ficções que
” sustentão a Argonautica de Vale-
” rio Flacco , se deixa levar e ar-
” rastrar dos meios antigos fóra de
” proposito em huma acção recen-
” te. Não caracteriza os hábitos de
” seus navegadores , nem determina
” com clareza suas aventuras pelas
” regiões que vão correndo. ”

Chama-se a isto ajuizar filosoficamente do defeituoso edificio das *Lusiadas*. Falla pois o Poeta com ElRei D. Sebastião, e lhe diz :

„ Thetis todo o ceruleo senhorio
„ Tem para vós por dote aparelhado;
„ Que affeiçãoada ao gesto bello, e tenro,
„ Deseja de comprar-vos para genro. „

Que queria Camões fazer entender nisto ao Catholico Rei D. Sebastião? Em 1570 ainda a Deosa Thetis era huma Divindade que se acreditasse existente, no seio do Christianismo! Podia dizer-se a ElRei que Thetis tinha destinado casallo com huma filha, obrigando-o a este casamento com huma compra que fazia da sua Real pessoa no senhorio dos mares, de que verdadeiramente ElRei D. Sebastião era senhor pelo poder das suas armadas, e dilatadissimas conquistas? Isto he o ultimo apuro, e manifesto excesso de extravagancia, porque depois de haver dito a ElRei que estava destinado por Deos para dar ao mesmo Deos huma grande parte do Mundo em quan-

to com as suas victorias dilatava o Imperio da Fé, e propagava a luz do Evangelho, vir-lhe com huma filha da Deosa Thetis para sua mulher, comprando-o para Genro com o dote que lhe dava, como quem casa com o que a mulher traz, e não com ella, que póde ser senão loucura? No fim da Oit. 17.^a penultima da Dedicatoria vem outro *lá* em tão pouca distancia do primeiro:

„ E *lá* vos tem lugar no fim da idade. „

Na Oit. 19.^a temos hum pleonasmo de idéas reproduzindo a mesma imagem:

- „ As inquietas ondas apartando . . .
- „ Cobertos onde as prôas vão cortando . . .
- „ As maritimas agoas consagradas
- „ Que do gado de Próteo são cortados

Nós não dizemos senão Prothêo, e começo os erros de Méetro que são não só frequentes, mas innumeraveis.

Na Oit. 20.^a começa o decantado, porém absurdo Maquinismo das Lusíadas: coiza perfeitamente monstruo-

sa ; além das nossas reflexões particulares pelo longo decurso desta Censura, daremos no fim huma erudita, e filosofica Dissertação que sobre este objecto nos foi communicada ; ella acabará de lançar por terra este fantasma da opinião, e preliminarmente eu vou dar hum extracto das opiniões de dois Filósofos deste seculo. O primeiro he *Lemercier* no *Curso analytico de Litteratura*, vol. 3.º pag. 162 ; — começa com estes versos de Boileau :

N'hum assumpto Christão jámais approvo
Hum louco autor Idólatra, e Gentio.

” Boileau sabia muito bem, que
” o maravilhoso *na Epopéa* he ne-
” cessario, nem soffria que se mis-
” turasse com ornamentos mytholo-
” gicos. Subcrevo a esta opinião, e
” as minhas razões servirão de ex-
” por que qualidades deva ter o
” maravilhoso. Não pode o maravi-
” lhoso ter poder algum em nossa
” alma se não trazer comsigo aquel-
” la probabilidade que a boa Ra-

” zão approva , e que lhe dá os
 ” precisos quilates de crença. Ora
 ” esta indispensavel verosimilhança
 ” não pode resultar senão de huma
 ” completa analogia com a época,
 ” costumes, e acções das Persona-
 ” gens. Supponde hum instante que
 ” a Virgem Maria em lugar de The-
 ” tis pedia a Vulcano hum Escudo
 ” para Achilles. Eisaqui a boa Ra-
 ” zão escandalizada : mas esta fic-
 ” ção não he tão monstruosa , bizar-
 ” ra, e extravagante, como a fic-
 ” ção em que Camões representa a
 ” Baccho em o 16.º Seculo , isto he
 ” em 1497, conjurando com o Olym-
 ” po contra a expedição do Catho-
 ” lico Vasco da Gama ; e Venus,
 ” e as Nynfas do mar, que aco-
 ” lhem os navegantes Christãos em
 ” huma Ilha encantada. Esta Ma-
 ” quina não he maravilhosa, he ab-
 ” surda, ridicula, e escandalosa. ”

He verdade que Voltaire não enten-
 dia Portuguez para ajuizar das belle-
 zas, e perfeição do estylo das Lusia-
 das, mas Voltaire entendia mui bem

Francez para ler as traducções, onde, se não passam as palavras, passam as coizas, e o maquinismo das *Lusiadas* em qualquer lingua não se pode chamar huma infidelidade de traducção, porque a substancia existe, ainda que desaparecesse o accidente das palavras. A Fabula das *Lusiadas* he a mesma em todas as linguas. Oiça-se pois o Voltaire sobre o maquinismo das *Lusiadas*, ou elle as lesse na traducção de Fanshaw, ou na de Du Perron de Casterá: —

” Venus illustrada com os conselhos do Padre Eterno, e ao mesmo tempo soccorrida com as settas de Cupido, faz as Nereidas apaixonadas dos Portuguezes. Pinta sem cerimonia nenhuma os mais lascivos prazeres, cabe a cada Portuguez huma Nereida, e Thetis he para Vasco da Gama. Por ella he levado a huma alta montanha, o mais delicioso sitio da Ilha, e desta altura lhe mostra os Reinos da Terra, e lhe vaticina os destinos de Portugal. Ora he

34 CENSURA DAS LUSIADAS.

” preciso confessar que huma Ilha
” encantada , cujo Numen he Ve-
” nus , e onde as Nynfas se prosti-
” tuem aos marinheiros ,

(,, O que passarão na manhã , e sesta
,, Melhor he experimentallo que julgallo ,
,, Mas julgue-o quem não póde experimentallo.)

” parece-se mais com hum alcoice
” de Amsterdam , que com outra
” qualquer coiza decente , e hones-
” ta. ”

Hugo Blair em suas lições de Rhetorica se explica desta maneira :

” O maravilhoso das Lusiadas he
” huma perfeita extravagancia ; não
” sómente se compõe de huma mui-
” to extraordinaria mistura de idéas
” Christãs , e da Mythologia Pagã ,
” mas vai de tal arte disposto , que
” os Deoses do Paganismo represen-
” tãõ o papel de verdadeiras Divin-
” dades , a quem J. C. e a Virgem
” Maria estão como agentes subor-
” dinados. Hum dos objectos prin-
” cipaes da navegação dos Portu-
” guezes , era , segundo Camões ,

” propagar a Fé de Christo , e ex-
 ” tirar , e abolir na India a Reli-
 ” gião de Mafoma. Venus he a pro-
 ” tectora desta piedosa empreza , e
 ” o grande inimigo dos Portugue-
 ” zes he Baccho. O motivo do odio ,
 ” e rancor desta Divindade , he a
 ” lembrança de que Vasco da Ga-
 ” ma será hum rival da sua gloria.
 ” Fazem os Deoses hum conselho ,
 ” e *Jupiter da Fabula* he quem de-
 ” creta a queda do Mahometismo ,
 ” e a propagação do *Evangelho*. —
 ” Hum maravilhoso tão estranho , e
 ” tão completamente absurdo , pro-
 ” va bem quanto se enganão cer-
 ” tos Autores com o falso princi-
 ” pio de que a Epopéa exige a in-
 ” tervenção da Mythologia de Ho-
 ” mero. ” —

Isto basta para noção preliminar , e
 vamos ás *Lusiadas* nas mesmas *Lu-
 siadas*. São os Deoses convocados por
 Mercurio da parte do *Tonante* , e vem
 todos pela *Via lactea* ; mas não nos
 diz o Poeta para onde forão. Oit. 21.^a:

„ Deixão dos sete Ceos o regimento. „

Se todos deixão o regimento (o governo) dos sete Ceos, segue-se que também o *Tonante* deixou o seu Ceo, pois também tem o regimento de hum dos sete. Senta o Padre sublime, e digno (Padre digno he expressão de Claustro) em huma cadeira de estrelas, quando na Oit. 23.^a o introduz a fallar:

„ Quando Jupiter alto, assi dizendo,
„ C'hum tom de voz começa grave, e *horrendo*.

Epitheto verdadeiramente desgraçado. O tom da voz de hum Numen superior será magestoso, grave, compassado, divino, mas nunca *horrendo*. Se fallasse do ecco da voz de Plutão teria desculpa esta propriedade de *horrendo*, mas de Jupiter!! Será sempre muito defeituoso, e máo Poeta, quem sacrifica a razão, e a natureza, ou propriedade das coizas, a huma rima, que com mais algum trabalho pode, e deve ser escrava da mesma razão. Veja-

mos o que com tom horrendo nos annuncia este Jupiter; — Oit. 24:

„ Deveis de ter sabido , claramente ,
 „ Como he dos *Fados grandes* certo intento ,
 „ Que por ella se esqueção os humanos
 „ De Assirios , Persas , Gregos , e Romanos. „

Fados grandes he huma especie de termo comparativo que denota , que os ha maiores , e menores. A idéa que a Mythologia nos dá de *Fado* he a de huma eterna , e suprema Lei , a quem o mesmo Jupiter em suas acções estava irremissivelmente sujeito , e a cujos decretos , ou determinações não podião resistir os mesmos Deoses de ordem superior ou primaria ; em huma palavra o mesmo Poeta nos dá a justa idéa do Fado mythologico quando diz logo , em termos expressivos , na Oit. 28 :

„ Cuja alta lei não pode ser quebrada. „

Por este Fado , que não he grande nem pequeno , (he o Fado) se tinha dado aos Portuguezes , diz Jupiter , que ven-

cessem os Mouros , expulsando-os de todos os limites da Lusitania , assim como se lhes tinha dado , que com Viriato , e Sertorio vencessem os Romanos ; agora tambem se lhes concede por este mesmo Fado eterno , e immudavel ,

„ Cuja alta lei *não pode ser quebrada* ,
 „ Que tenham longos tempos o governo
 „ Do mar que vê do Sol a roxa entrada. „

Isto he o que o Fado tem determinado , e o que Jupiter como seu orgão subordinado , e subalterno annuncia , intima , e declara aos outros Deoses. Ora se Jupiter declara em pleno Consistorio , e com todas as formalidades de hum Capitulo geral dos Deoses , que o Descobrimento da India era huma lei , ou disposição do immobil Fado , que não pode ser quebrada , violada , suspensa , ou interpretada , e que infallivelmente se deve cumprir ; e se este conhecimento da immutabilidade do *Fado Grande* era patente , e conhecida a todos os Deoses , e ainda que o não soubessem todos , agora o ficavão

conhecendo porque Jupiter assim o declarava ; porque razão intenta Baccho o contrario , e resolve oppor-se áquillo mesmo a que o mesmo Tonante não podia resistir ? Ou he fazer de Baccho hum mentecapto , pois busca aquillo mesmo que sabia não poderia executar , ou mostra entãe , no que daqui a rada vai executar , que Jupiter mentia , ou não sabia o que dizia quando lhes declarava que a lei do Eterno Fado era inviolavel , e que necessariamente se devia cumprir , realizando-se o intentado Descobrimto da India. Se Jupiter , que he o primeiro dos Deoses , como mostra na convocação dos Estados Geraes de todos os outros Deoses obrigando-os a comparecer , e a deixarem o regimento dos sete Ceos , não pode contrastar este Fado , como poderia oppor-se á sua eterna lei Baccho ; que he hum subalterno ? Jupiter , obrigado por esa immudavel vontade do Fado , que lhe he superior , determina na Oit. 29,

„ Que sejam , determino , agasalhadôs

„ Nesta Costa Africana como amigos ;

„ E tendo guarnecida a lassa frota ,
 „ *Começarão a seguir sua longa rota.*

Antes que expendamos o essencial, ponderemos o accessorio. *Nesta costc*; parece que alli mesmo se celebrava a sessão primeira das Cortes extraordinarias dos Deoses: e o

„ *Começarão a seguir sua longa rota* „

he hum erro de metro indisculpave. em tão grande Poeta, que consumindo tantos annos no polimento do seu Poema não advertia que muitas vezes errava os versos; seja qual for o modo porque se queira ler para lhe fazer favor, falta a sua rigorosa accentuação.

A esta declaração de Jupiter, ainda que se procedesse a votos secrets, correndo-se depois o escrutinio se cevião achar uniformes, porque nenhum dos Deoses podia discordar naquilo que hum Fado declarado immudavel por Jupiter tinha huma vez determinado. Não diz o Poeta qual fora o parecer dos outros Deoses, só diz que —

„ O Padre Baccho alli não consentia
„ No que Jupiter disse, conhecendo ,
„ Que esquecerão seus feitos no Oriente
„ Se lá passar a Lusitana gente. „

Creio que estes feitos estavam de todo esquecidos em 1497. Os Mouros na Índia não fallavão em Baccho, porque o não conhecem, e se o conhecem, são seus declarados inimigos, pois no Alcorão se lhes prohibe o uso de vinho, e o mesmo Alcorão he opposto á Idolatria, e ao Polytheismo, pois não conhece mais que a Unidade, e a pessoa do Profeta. Em todas as Theogonias Gentilicas da Asia, escritas como existem, não se falla hum a palavra em Baccho. Se nos tempos fabulosos foi lá conhecido, então em 1497 o não era por certo, e sem que os Portuguezes a offuscassem, já ha muito que estava obscurecida, e anniquilada a sua gloria, e ignorado seu nome. Eu não sei o que Camões, que escreve para os Portuguezes, quer que os Portuguezes entendão quando lem isto! Ora nesta pueril razão do quimerico Baccho se estriba toda a maquina do Poema. Fa-

ça-nos Idolatras Camões, queira que acreditemos a existencia, e poder do Deos Baccho; ainda neste caso absurdo, he pueril a razão para o seu odio, e irrisorio o motivo das suas perseguições; enganos, e tramoias. Levárão suas conquistas e victorias até á mesma India Sesostris, Alexandre Magno, e Trajano: assolárão povos, e levantarão suas bandeiras nas mesmas margens do Indo, e com o estrondo de suas armas ganhárão aquella immortalidade de nome que ainda hoje permanece; forão estas victorias e conquistas muito posteriores ás de Baccho, e nunca esta Divindade teve ciumes; ou receou que a sua gloria, e fama ficassem offuscadas; só tem estes medos e estes receios com a navegação trabalhosa, e incerta de Vasco da Gama! Porque será isto? He Vasco da Gama, mero explorador, mais guerreiro, e será mais triunfador que Sesostris, ou Alexandre? Depois disso as accções de hum homem, por grandes que sejam, e estrondosas que pareçam, nunca podem ser iguaes, nem semelhantes

ás acções de hum Deos. Não vai huma infinita distancia da natureza humana á natureza divina! Que receio, ou que ciume pode ter hum Deos de ser vencido por hum homem? Isto he degradar muito a Divindade, equiparalla, e assimilhalla a hum simples mortal. Se o mesmo Baccho, como diz o Poeta, tinha ouvido aos Fados que viria da Hespanha huma gente fortissima, como quer elle contrastar os Fados, sabendo que nada conseguiria do que intentasse contra a sua disposição?

„ Altamente lhe dóe perder a gloria
„ De que Niza conserva inda a memoria. „

Torna enfadonhamente a reproduzir esta idéa na Oit. 32 :

„ Teme agora que seja sepultado
„ Seu tão celebre nome em negro vaso. „

Não se pode imaginar maior erro contra a boa razão que suppor medo em huma Divindade, tratando-se de hum

mortal. Onde está aqui sustentado o verdadeiro character de hum Deos? Baccho he hum Numen na quimerica supposição mythologica. Camões o faz obrar como hum Deos, que verdadeiramente existe, porque a acção presuppõe hum agente; e que medo pode ter hum Numen, ou que temor pode cahir na Divindade quando se trata de hum homem? Isto não só he falta de gosto, mas falta de sizo. Os Poetas antigos não se imitão nos seus agentes sobrenaturaes, imitão-se nas formulas Poeticas, na disposição da fabula, na transportação dos factos historicos para o maravilhoso verosimil relativamente á Religião, e crença do Povo para quem se escreve. Porque Juno se oppõe á navegação dos Troianos, e a seu estabelecimento no Lacio, segue-se que Baccho se ha de oppor á navegação dos Portuguezes, e ao seu estabelecimento na India, porque tem medo que os Portuguezes com suas futuras cavallarias fação esquecer seu nome, como Juno se vinga da antiga injuria do juizo ou sentença de Páris,

que adjudicou a maçã a Venus? O Povo para quem Virgilio escrevia cria em Juno; e os Portuguezes crem a existencia de Baccho? Virgilio usava do maravilhoso da sua Religião como Idólatra; e os Christãos devem usar do mesmo que não acreditão?

Na Oit. 33 começa o arrezoado de Venus, que se decide a favor dos Portuguezs, por quem se devia decidir Baccho, visto que o primeiro povoador da Lusitania foi Luso seu companheiro, e visto ter favorecido tão largamente com os seus dons o fertil clima da mesma Lusitania. Ora eu não sei decidir qual dos motivos seja mais frivolo, pueril, e irrisorio, se o motivo da perseguição, se o motivo da proteccão. Baccho persegue porque tem medo de alguma quebra na sua antiga gloria, Venus defende, e protege os Portuguezes, porque acha na Lingua Latina a etymologia da Portugueza, que não difere da Latina senão na pequena, ou pouca corrupção de alguns vocabulos. Em Baccho o motivo he hum temor improprio da Divindade, em Venus o

motivo he hum gostinho grammatical. Que propria era Venus para huma Grammatica Filosofica! *Imaginar* a Deosa dos prazeres sensuaes na indole, e analogia de ambas as Linguas, e decidir-se pelo bom exito da navegação de Vasco da Gama, pelos visos da Lingua Latina, que acha na Portugueza! A imaginação esquentada do Ariosto inventou muita patranha, mas similhante absurdo não podia vir senão á cabeça de Camões desorientada com a servil imitação de Virgilio.

Não se pode saber da Oit. 34 quem seja a *clára Déa*, cujo culto os Portuguezes devião dilatar, e engrandecer na India. Querem alguns Commentadores, que seja Maria Santissima; se assim se devesse entender, ainda he mais absurdo, mais ímpio, mais sacrilego o pensamento de Camões. Como he possivel que este santo motivo decidisse Venus? Se he a mesma Venus, onde consta que hum dos fins do descobrimento da India era a propagação do Culto desta Divindade pro-

fana? Nenhuma allegoria pode salvar semelhante absurdo. Segue-se na Oit. 35 huma comparação que não he de Camões, mas trasladada de Virgilio Liv. 2.^o da En. v. 216, e com esta emprestada comparação nos pretende representar o tumulto que andava no Olympo com os discordantes pareceres dos Numes, que em oppostos partidos se combatião em seus Estados Geraes: coiza tão impropria dos Deoses, depois de terem ouvido a Jupiter quaes erão os immudaveis Decretos dos *Fados grandes*; e Jupiter tão indolente, que lhes não impõe silencio, e os reprehende. A' vista destas escandalosas incoherências, quem deixará de exclamar com o judicioso Horacio:

Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.

O que assim oigo, incredulo aborreço.

Temos na Oit. 36, e 37 a pintura de Marte, que se resolve a favor dos Portuguezes por hum motivo que se não sabe qual seja, pois o Poeta

o não determina, deixando-nos em dúvida sobre esta materia:

„ Ou porque amor antigo o obrigava ,
 „ Ou porque a gente forte o merecia. „

Fosse lá pelo que fosse, he certo que Marte se pôz em pé:

„ Dentre os Deoses em pé se levantava. „

Circunstancia bem escusada, porque podia dar o seu voto assentado; mas

„ Por dar o seu parecer se pôz diante
 „ De Jupiter armado forte, e duro. „

A sua primeira acção he huma descortezia. Seja embora Marte hum guerreiro, está em casa de seu pai, e na sua presença, não devia bater o pé na casa, e para dar o seu voto, sem que Jupiter o pedisse a nenhum dos Deoses; porque elle não os consultava, juntou-os unicamente para lhes declarar qual era a lei dos Fados grandes, que não podia ser quebrada; neste

caso não tinham os Deoses que deliberar, a sua unica funcção era obedecer, e Jupiter devia reprehender, e até castigar a desattenção de Marte; porém o Poeta assentou que neste ridiculo Consistorio não devia Jupiter dar mais huma palavra, como com effeito não deo. Depois da grande pancada que Marte deo no ethereo sobrado, que fez tremer tudo, disse que se não devia estar pelas razões de Baccho,

„ Porque em fim vem de estomago danado. „

Baccho, arguido de indigestão, não replicou, nem rebateo a invectiva. Jupiter não decide coiza alguma; fez na Oit. 41 inclinação de cabeça, e tomando o hyssope na mão, fez sobre todos huma aspersão de nectar, e os mandou para sua casa:

„ E nectar sobre todos esparzio . . .
 „ Logo cada hum dos Deoses se partio ,
 „ Fazendo seus reaes acatamentos ,
 „ Para os determinados aposentos.

Com esta prosa baixa e trivial se acaba nas *Divinas Lusíadas* o Concilio dos Deoses, sem que para rebater as razões de Baccho, e approvar as investivas de Marte, quizesse Jupiter proferir huma palavra sobre o cumprimento da lei dos Fados grandes; nem mesmo a hida de Mercurio proposta por Marte aqui se determina, pois nem a minuta deste Decreto sahio do Conselho de Estado.

Na Cit. 42 lembra-se o Poeta dos Portuguezes navegantes, e diz:

„ Cortava o mar a gente bellicosa,
„ Já lá da banda do Austro, e do Oriente. „

E porque era tempo de se saber quem era o Heroe do Poema, que devia executar a grande acção do Descobrimento da India, sem nos haver preparado para isto, nos diz repentinamente na Cit. 44:

„ Vasco da Gama, o forte Capitão,
„ Que a tamanhas empresas se offerece,
„ De soberbo, e altivo coração
„ A quem fortuna sempre favorece;

„ Para se aqui deter não vê razão ,
„ Que inhabitada a terra lhe parece ;
„ Por diante passar determinava ,
„ Mas não lhe succedeo como cuidava. „

Nesta arrastrada prosa se nos dá a idéa , se nos pinta o character , e se nos fazem conhecer as qualidades do Heróe que deve levar ao fim tão grande feito. As qualidades que o distinguem no coração vem a ser a soberba , e altivez :

„ De soberbo , e de altivo coração. „

Quem poderá constituir na classe de virtudes heroicas a soberba , e a altivez ? São dois vicios , e mui reprehensíveis ; he a soberba a raiz de todos os males , e a altivez , ou o orgulho he huma verdadeira cegueira , que quasi sempre faz despenhar o homem. A magnanimidade , a fortaleza , a clemencia , o valor , a prudencia , estes são os predicados do verdadeiro heroismo. Muitas destas virtudes se descobrem em Enéas , todas em Gofredo , e o character de Henrique 4.^o he muito apro-

ximado a esta perfeição. A soberba e altivez degrádo o verdadeiro Heroe. Para nos dar a conhecer as qualidades, ou tempera do espirito de Vasco da Gama, Camões o destitue daquella prevista intelligencia que se antecipa aos casos duvidosos, e que conclue das circumstancias presentes o que pode acontecer futuro. Vasco da Gama, na primeira situação em que se apresenta nas Lusiadas, he de hum espirito limitado, que se engana no que ajuiza:

„ Mas não lhe succedeo como cuidava. „

Se áciente o quizesse degrádar, e abater, não podia fazer de hum homem de máo coração, e de curto entendimento, huma pintura mais ao natural. E póde interessar, ou respeitar-se hum homem deste character? He assim o Heroe de huma Epopéa? Deixemo-nos de regras de Poeticas, regras arbitrarías, e de mera convenção; bastaria que o Poeta consultasse a razão, e a Natureza, para lhe dizerem ambas,

que não devia assim representar o seu Heroe. Na parte dos caracteres, he miseravel Luiz de Camões. Nem hum só nos representa como o devia representar. Desde a Oit. 45 até á Oit. 50 nos pinta, com miudeza indigna da Epopéa, o encontro das embarcações, ou almadias de Mouros entre a Ilha de Madagascar, e a Costa da Ethyopia Oriental; para fallar a esta gente derão fundo as Náos:

„ Tomão vélas, amaina-se a verga alta. „

Não se póde achar torneio algum poetico em tão rasteiras expressões, e mal accentuado verso.

Na Oit. 50, e 51 dão os navegantes a saber aos Mouros quem sejam, donde vinhão, e a que vinhão:

„ Os Portuguezes somos do Occidente,
„ Imos buscando as terras do Oriente. „

Até alli não sei que houvessem outros Portuguezes que não fossem os do Occidente. Na Oit. 51 ha huma

grande impropriedade, e huma grande mentira, expressas ambas em muito bons versos: —

- „ Do mar temos corrido , e navegado ,
 „ Toda a parte do Antartico , e Callisto ,
 „ Toda a costa Africana rodeado ,
 „ Diversos Ceos , e terras temos visto . „

Ha primeiro huma impropriedade notavel , porque não he verosimil que huns barbaros pescadores Mouros da costa da Cafraria soubessem que coiza era Antartico , e muito menos conhecessem as Metamorfoses de Ovidio , para saberem que Callisto foi mudada em Ursa , e depois em Estrela ou constellação do Hemisferio Boreal. A linguagem deve-se adaptar aos tempos , aos lugares , e aos sujeitos ; não he Poeta o que não guarda este dictame , ou esta lei da boa razão. Ha huma grande mentira , porque Vasco da Gama , e seus companheiros não havião navegado *toda* a parte do Sul , e do Norte do Oceano , nem havião rigorosamente *rodeado toda* a costa Africana. Quanto lhes faltava desde alli

até ao Cabo Guardafú, e bocas do Mar roxo? Nos dois ultimos versos desta Oit. ha a mesma impropriedade de expressões, porque tanto sabião aquelles barbaros Mouros quem era Callisto, como o que era o Lago de Acheronte, para dizer que os Portuguezes são tão obedientes ao seu Rei que não só emprehenderão longas navegações, se elle os mandar, mas até hirão ao Inferno: exaggeração, ou hyperbole monstruosa. Na Oit. 53 respondem os Mouros quem sejam, desta maneira: —

„ Somos (hum dos das Ilhas lhe tornou)
 „ Estrangeiros na terra, lei, e Nação;
 „ Que os proprios são aquelles que criou
 „ A Natura sem lei, e sem razão. „

O primeiro verso não tem tintura de Poesia, e o segundo pecca contra as leis do metro, pois não dirá o mais cégo Idolatra da nova seita Camonianna que seja isto hum verso regular:

„ Estrangeiros na terra, lei, e Nação. „

Nos outros dois versos ha huma ma-

nifesta falta de conhecimentos philosophicos. Nenhum Ente humano, ainda que saia immediatamente das mãos da Natureza para o estado selvagem e inculto, sendo, como he, hum individuo da especie humana, he creado sem lei, e sem razão. O homem, qualquer que seja o seu estado primitivo, he hum animal racional; nem se pode dizer que he da classe dos brutos porque não está policiado; ao bruto falta a natureza, ao homem selvagem a educação. Pelo que pertence á lei, todos trazem gravados no coração os principios da lei natural, desenvolvem-se com a cultura, e aperfeiçoão-se com a Revelação. Na Oit. 54 se declara o nome da pequena Ilha defronte da qual as Nãos havião ancorado, e não só se diz em hum prosaico, mas notavelmente errado verso:

„ Chama-se a pequena Ilha, Moçambique. „

São estes defeitos tão sensiveis, e estranhos, que a titulo nenhum se podem ou desculpar, ou dissimular. Na Oit. 60

se nos declara que o Regedor de Moçambique se determinára a ir a bordo de Náo de Vasco da Gama, e que era Mouro; e nesta Oitava encontro hum dos mais notaveis erros ou extravagancias de Camões. Descubre-nos o Poeta quaes fossem os interiores pensamentos de que hia occupado este Regedor na visita que fazia á Armada Portugueza. Pela deposição dos seus, que lhe derão a primeira noticia, já sabia que erão os Portuguezes do Occidente:

„ Em si cuidando
„ Que são aquellas gentes inhumanas,
„ Que, os aposentos Caspios habitando,
„ A conquistar as terras Asianas,
„ Vierão, e por ordem do Destino
„ O Imperio tomárão a Constantino. „

Temos hum Mouro de Moçambique com hum pleno conhecimento da Historia da Europa: suppõe-se que os Turcos sejam huma Nação vinda das margens do mar Caspio, e já lá sabia este nome hum Mouro de Moçambique; sabia mais que esta Nação invasora, depois das suas conquistas na Asia,

passára o Hellesponto, e tomára Constantinopla; que isto queria entender o sabio, e entendido Mouro, quando em sua alma dizia que os Turcos tomá-rão o Imperio a Constantino; porque Constantino transferio a séde do Imperio Romano de Roma para Constantinopla. Chama-se a isto guardar bem os costumes, pintando os homens como elles são, e attribuindo a hum Mouro de Moçambique em 1497 coizas que, ditas no Poema, precisão de commentario para se entenderem! A regra em que se encerra este delicado conceito do Imperio de Constantino he hum dos mais errados versos das Lusíadas:

„ O Imperio tomárão a Constantino. „

Quiz pôr o verbo — tomar — no preterito plusquam perfeito do indicativo, e deitou o verso a perder. A Oit. 61 he igual á prosa, e a prosa em verso he igual a zero:

„ Recebe o Capitão alegremente

„ O Mouro , e toda a sua companhia ;
 „ Dá-lhe de ricas peças hum presente ,
 „ Que só para este effeito já trazia.
 „ Dá-lhe *conserva doce* , e dá-lhe o ardente
 „ *Não usado* licor que dá alegria :
 „ Tudo o Mouro contente bem recebe ,
 „ E muito mais contente come e bebe. „

Declara o Poeta que o Gama dá hum presente áquelle Regedor — ” *Que só para este effeito já trazia.* ” Como he possível que fosse só para *este* effeito , se este encontro era fortuito , e não esperado , nem no roteiro da viagem do Gama hia esta chegada a Moçambique? Dá-lhe , dá-lhe , dá-lhe trez vezes em huma só Oit. ! Na Oit. 62 pergunta o Mouro ao Gama ,

„ E perguntando tudo , lhe dizia ,
 „ Se por ventura vinhão da Turquia ? „

Em primeiro lugar , o Gama já lhe tinha dito que erão os Portuguezes do Occidente , e era escusada semelhante pergunta depois de saber quem erão , e o que querião. Se o Mouro mostra ter idéa da Turquia , tambem devia ter

idéa da gente Turca, pois esta gente Turca deo seu nome ao paiz que conquistára, chamando-lhe Turquia, e se conhecia a gente Turca para que pergunta se erão de Turquia; quando no trage, e figura via que não erão Turcos? E se tinha idéa dos Turcos por terem hido já Turcos a Moçambique em 1497, como pergunta se erão Turcos? Responde-lhe o Gama que não era —

„ Das gentes *enojosas* da Turquia. „

Isto não se devia dizer a hum Mouro que tinha a mesma lei dos Turcos, e venerava como Profeta aquelle mesmo que por tal conhecião, e conhecem os Turcos. Chama-se tambem isto a infracção da lei suprema da boa razão na pintura dos Caracteres, ou costumes. Depois disto em duas unicas Oit. 65 e 66 dá tão succinta idéa da Religião Christã, que he impossivel que o Mouro a comprehendesse. Seja o que for, o que eu noto de contrario á boa razão he a miudeza com que em huma

Epopea se contão circumstancias tão pequenas, que hum Historiador judicioso regeitaria, ou omittiria como fastidiosas em sua mesma prosa. Nas Oit. 69, 70, 71, 72 pinta com prolixa, e demasiada particularisação os sentimentos do Mouro á vista do que se lhe tinha dito, e mostrado; nisto nada ha de sobrenatural, e maravilhoso; porque nada ha tão proprio dos Musulmanos como terem odio aos Christãos: huma vez que por taes os conheção, e maquinarem contra elles todo o mal se lho podem fazer. Vai-se o Mouro para terra, com aquella má tenção que he tão propria ainda hoje dos barbaros Ilheos, quando vem aportar em suas terras gentes desconhecidas. Maquinão o roubo e a morte; assim tem acontecido com muitos navegantes, e aconteceu vinte e tres annos depois a Fernando de Magalhães em huma das Ilhas do Mar do Sul. Neste momento começa o grande maravilhoso das Lusíadas nos Agentes sobrenaturaes. Baccho se aproveita das disposições do animo do Mouro para empecer os Portuguezes:

„ E recebido
 „ Na terra do *obsequente* ajuntamento
 „ Se foi o Mouro ao cognito aposento. „

Que coiza seja o *obsequente* ajuntamento nem o Poeta o diz, nem nós o sabemos, talvez que este *ajuntamento* seja, na acceção Castelhana, a Camera de Moçambique. Baccho apparece pela primeira vez a obrar contra os Portuguezes na Oit. 73.

„ No pensamento cuida hum falso engano,
 „ Com que seja de todo destruido. „

Se he engano he huma falsidade, e isto he hum pleonasmio; embora. Baccho he huma Divindade, e quando o Poeta o põe em acção nas Lusiadas nunca jámais deixou de fazer o papel de hum vil intrigante. Tem o poder que he proprio de hum Numen; mas tratando-se de homens, nunca obra senão com enganos, e traições, e não com força descoberta. Os Deoses de Homero tem mais dignidade, e Baccho em Camões he hum bebado cobarde, sem honra, e sem valor.

Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus.

„ Se o caso o não pedir, não venha hum Numen. „

Isto he hum dictame da boa razão de Horacio, e de todos os homens. O que Baccho faz pela intervenção dos Mouros, podião muito bem os Mouros fazer sem a intervenção de Baccho, e era escusado hum Deos, onde as circumstancias o não pedião. Intenta Baccho perder alli os Portuguezes; isso farião os Mouros sem Baccho, porque, ou para queimar as Náos, ou para os accommetter em terra á traição, e ou pela cilada, ou pela superioridade do numero dar cabo dos Portuguezes, não era coiza que exigisse forças sobrenaturaes, bastavão as naturaes paixões dos homens, a cobiça, a avareza, o odio, e a antipathia natural entre Mouros, e Christãos. Vamos por miudo ver os destemperos de Baccho, ou os do Poeta.

— Oit. 74:

„ Está de Fado já determinado,
„ Que tamanhas victorias, tão famosas,
„ Hajão os Portuguezes alcançado
„ Das Indiannas gentes bellicosas:

- „ E eu filho do Padre sublimado ,
 „ Com tantas qualidades generosas ,
 „ Heide soffrer que o Fado favoreça
 „ Outrem por quem meu nome se escureça ?

Oit. 75.

- „ Já quizerão os Deoses que tivesse
 „ O filho de Filippo nesta parte
 „ Tanto poder , que tudo submettesse
 „ Debaixo de seu jugo o féro Marte :
 „ Mas ha se de soffrer que o Fado desse
 „ A tão poucos tamanho esforço , e arte ,
 „ Que eu co'o grão Macedonio , e co'o Romano
 „ Demos lugar ao nome Lusitano ? „

Tudo isto não he mais que huma tirada de contradicções , absurdos , e puerilidades. Em primeiro lugar , se o mesmo Baccho tinha ouvido da propria boca do irresistivel Fado , que os Portuguezes devião ser victoriosos na India (até os deitarem de lá fora) , he tolo duas vezes ; a primeira porque mostra ignorar que a lei do Fado não torna atraz , e se deve cumprir , a segunda por não conhecer que contra o Fado erão baldados seus esforços , e que por força devia sahir mal de tudo aquillo em que se mettesse , e ficar como envergonhado. He huma Divindade , e

ignora tudo isto? Que mais razão tinha Alexandre para se lhe conceder a conquista da India, do que tinham os Portuguezes para fazerem o mesmo? Baccho dá a razão, que he porque os Macedonios são muitos, e os Portuguezs são poucos. Ainda se nos não deo o mappa exacto das forças *disponiveis* de Alexandre. Se a gloria de Baccho fica com estas victorias alcançadas offuscada, e deprimida, que importa o maior ou o menor numero dos combatentes? Tudo isto he pueril, e póde-se chamar em boa frase Portugueza, huma razão de Cabo de esquadra. Demais, por maior que seja hum Heroe, nunca deixa de ser hum individuo da especie humana, e não póde em suas acções, por illustres que sejam, entrar em concorrência com hum Deos; Baccho se declara tal quando diz:

„ E eu só filho do Padre Sublimado. „

Isto he faltar á lei dos costumes dictada pela boa razão. Baccho se abate a si mesmo, e se faz menos que Alexan-

dre , pois sendo hum Deos recorre a enganos , e falsidades , a dolos , e malicias para perder hum mortal. Oicamol-o a elle ; Oit. 76. :

„ Antes que chegado
 „ Seja este Capitão , astutamente .
 „ Lhe será tanto engano fabricado ,
 „ Que nunca veja as partes do Oriente. „

Tem Baccho resolvido , e vai executar a primeira parvoice ; Oit. 77 :

„ Isto dizendo , irado , e quasi insano
 „ Sobre a terra Africana *descendeo* ,
 „ Onde vestindo a fórma , e gesto humano
 „ Para o Prasso sabido se moveo :
 „ E por melhor tecer o *astuto engano*
 „ No gesto natural se converteo
 „ De hum Mouro em Moçambique conhecido ,
 „ Velho sabio , e com o Xequé mui valido. „

E onde estava mettido este Mouro ? Era preciso que estivesse mui longe de Moçambique ; porque se alli estivesse como se mostra estar , tinhamos a scena dos Anfiriões no caso de ir naquelle comenos ao Palacio do Xequé. Baccho he desobediente ao Pai , que tinha annuciado a lei dos Fados grandes.

Baccho he hum Deos, e sabe que lhe está mal fazer-se Mouro por amor de hum homem. Baccho não ignora que tudo fazia em vão pelo que estava decretado; e Baccho ateima? Baccho mostra que não he hum Deos; pois não antevê o futuro, e se o antevê não deve obrar, porque sabe que nada aproveitaria. Oit. 78:

„ E entrando a fallar-lhe a tempo, e horas
 „ A sua falsidade accommodadas. „

Isto he o ultimo excesso de ridiculas extravagancias! Talvez esperasse para depois de jantar, porque, apanhando-o esquentado, mais facilmente lhe metia em cabeça as mentiras, e aleives que levantava aos Portuguezes, que tão seus devotos são, e os Mouros não. As Oit. 80, 81, 82 são de baixissima prosa, e o tracto mais tedioso que tem o Poema: —

„ E tambem sei que tem determinado
 „ De vir por *agua á terra* muito cedo;
 „ Tu debes hir tambem com os teus armado
 „ Esperallo em *cilada* occulto, e quèdo;

„ Porque sahindo a gente descuidada
 „ Cahiráo facilmente na cilada. „

Na Oit. 82 ha estes *sublimes* versos :

„ Os braços pelo collo lhe lançou
 „ Agradecendo muito o *tal* conselho.

Que ridicula contradicção, ou que pueril extravagancia! Baccho como hum Deos sabe os futuros contingentes, pois conhece, e declara as futuras intenções dos Portuguezes, que são no dia seguinte fazer aguada; pois se elle sabe isto que ainda não tinha acontecido, porque não sabe tambem que os Mouros se havião de sahir mal da cilada, e que os Portuguezes os devião esbandalhar, ferir, matar, tambem no dia seguinte, e que por isto ficaria frustrado o seu estratagemma; he Deos para saber da aguada futura, não he Deos para saber da derrota, e pancadaria imminente? Devemos dizer que ou Baccho he velhaco, porque os Mouros forão os que cahirão na cilada, e não os Portuguezes, ou

que Luiz de Camões não tem juízo em suas ficções, e no irrisorio maquinismo ou maravilhoso do tão teimosamente decantado Poema. De proposito quer Baccho dar cabo dos Mouros, e não dos Portuguezes, porque além do conselho da *cilada* onde os Mouros forão escalavrados, tambem lhe mette em cabeça que dem aos Portuguezes hum Piloto que os desencaminhe: então sabia Baccho que a função da *cilada* não devia aproveitar. E para que a fez?

„ Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
 „ Por taes costas, e mares com elle ande;
 „ Que se daqui escapar, que *Lá* adiante
 „ Vá cahir onde nunca se levante!

E se o Piloto fosse com esta instrução, e a quizesse pôr por obra, quem lhe dava a certeza de que só elle devia escapar?

Oit 84. Aqui ha huma vergonhosa degradação do Heroe, e huma infracção daquelle Regimento que ElRei D. Manoel lhe dera, segundo elle disse depois a ElRei de Melinde, no qual

se lhe mandava que não saltasse em terra até não acabar o descobrimento; oíçamo-lo:

„ Quando o Gama com os seus determinava,
 „ De vir por agua á terra apercebido. „

Reduzir hum Heroé a hir fazer aguada a terra mettido na lancha com a turba dos marinheiros peões, he huma funcção em que até agora não entrou nem o mais ignoto Commandante de huma Sumaca. E se temia huma cilada, como o coração presago lhe annunciava, menos o devia fazer desembarcar; porque era pôr em risco a sua pessoa, coiza tão necessaria, e indispensavel para o bom exito da expedição; que esta era a mente do Rei quando lhe ordenou que não saltasse em terra senão na India. Na Oit. 85 nada temos de notavel ou muito contraditorio: o tom prosaico, ainda que seja ordinario em quasi todo o Poema, com mui poucas excepções, nesta oitava salta mais aos olhos, ou aos ouyidos:

„ E mais tambem mandado tinha á terra
 „ De antes pelo Piloto necessario
 „ Apercebido vai como podia ,
 „ Em tres batéis sómente que trazia. „

Temos pois o Gama a fazer aguada com os marinheiros hindo á terra em hum dos tres batéis; nestes batéis devião hir tambem os toneis, ou as pipas em que a agua viesse para bordo, parece que nos batéis nada mais caberia, porque além do vazilhame, hia a marinhagem e soldadesca aventureira, que isso quer dizer — hir apercebido, — E como he possivel, ou verosimil que nos mesmos batéis assim empachados fosse artilharia? O Poeta o diz, porque depois que na Oit. 87 com a mais vulgar e baixa expressão, indigna da Epopéa, disse —

„ Não soffre muito a' gente generosa
 „ Andar-lhe os cães os dentes amostrando ;

Porque em fim, nós não estamos nos tempos Homericos, e depois da Oit. 88 onde está a comparação do Tou-

ro, que lhe emprestou Bernado Tasso, diz na Oit. 89:

„ Eis nos *batéis* o fogo se levanta
 „ Na furiosa, e dura artilharia: „

Por certo o Gama não levava consigo lanchas canhoeriras, e isto, que parece huma miudeza inattendivel, são erros, e imperfeições indesculpaveis, e accusação tanto a mingoa do Poeta, como a céga pertinacia dos que neste seculo derão na mania não só de o levantarem acima de todos, mas de o julgarem absolutamente irreprehensivel; louvo o zelo da gloria nacional, ninguem a deseja tanto como eu; mas não posso approvar a parcialidade, e a contumacia contra os brados da razão, e depoimentos da experiencia. Nesta mesma Oit., e na Oit. 90, e 91 continúa o Poeta a contar o desbarato que a artilharia dos *batéis* fizera nos Mouros:

„ Não se contenta a gente Portugueza,
 „ Mas seguindo a victoria, *estruê*, e mata.

E onde está Baccho autor da cilada, e do engano? Não acode aos Mouros? Parece que este Numen conservando a fôrma que tinha assumido do Mouro velho, e combatendo como hum Deos que conquistára a India, e que tão illesa, e intacta queria manter a gloria de seus triunfos, e a fama de seu nome, devia nesta occasião combater á frente da Brigada Mourisca de Moçambique, e não deixar Portuguez vivo. Nada disto succede, e parece pelo resultado de todas as acções, que Baccho he mais amigo dos Portuguezes, que dos Mouros, pois sempre ficão mal os seus protegidos em quantas acções intentão, levados, e instigados, como o Poeta nos diz, do mesmo Baccho, que se transforma em Mouro para persuadir o Xequê que dê cabo dos navegantes. Se o auxilio de hum Deos aqui não aproveita, e se deixa tudo aos meios, e forças naturaes dos homens, para que ha intervenção de hum Deos que de nada serve, e de nada aproveita? Nem Baccho he Deos para soccorrer, nem he

Deos para prever. Se elle combate pelos Mouros, combata outro Deos pelos Portuguezes, venha Venus, venha Marte, que no Consistorio do Olympo tanta bulha fizerão para defender os Portuguezes; neste caso, seria menor desdouro para Baccho ficar vencido por outro Deos, como diante das muralhas de Troia acontecia aos Deoses de Homero. Em Camões os projectos de hum filho do Padre sublimado, são contrastados pelos homens; mas este Baccho de Camões nem tem poder, nem tem previsão: não tem poder, pois fica vencido, não tem previsão pois não conhece que hade ficar mal; e se o conhece, porque não evita o seu vilipendio não se mettendo em accções cujo exito sempre se lhe torna desfavoravel?

Na Oit. 92 se declara a victoria dos Portuguezes:

„ Desta arte o Portuguez em fim castiga
 „ A vil malicia pérvida, e inimiga.

Não se faz menção de Baccho, que

não serve senão para instigar os Mouros, e deitar-se de fóra. Continúa na Oit. 95 a manifestar a vileza, e cóbardia deste Numen, que sendo o Conquistador de tantas Nações da Asia, o fundador de tantas Cidades, e de tantos Imperios não tem força para atacar á cara descoberta hum punhado de Portuguezes, e tudo isto para justificar a sentença de Racine filho, que em o Prefacio da Traducção de Milton, diz: *O Poema das Lusíadas he a relação de huma viagem em que as Divindades do Paganismo fazem personagens ridiculas.*

„ E vendo sem vingança tanto damno,
 „ Sómente estriba no segundo engano. „

As armas do conquistador da India, filho do Padre sublimado, são a intriga, e o engano, meios sempre infructuosos, e nos quaes elle he tão pertinaz, que nem a mesma experiencia o desengana. Na Oit. 95 conduz Camões o seu Heroe ao ultimo ponto de degradação, pois até o deixa ver, e o

representa desprovido daquelles dictames da natural prudencia, que he como o resultado do sizo commum de todos os homens. Sem se lembrar do ressentimento dos Mouros na derrota que padecêrão, e que lhes devia accender os desejos da vingança, acceita hum presente das mãos dos mesmos Mouros, que devia suspeitar funesto, e dizer comsigo o que disserão os Troyanos:

Timeo Danaos, et dona ferentes.

Temo nas mesmas dadas os Gregos.

Acceita hum Piloto, sem se lembrar, que os que buscárão a sua ruina na terra, tambem a buscarião no mar:

„ O Capitão, que já lhe então convinha
 „ Tornar a seu caminho acostumado,
 „ Que tempo concertado, e ventos tinha,
 „ Para hir buscar o Indo desejado;
 „ Recebendo o Piloto que lhe vinha,
 „ Foi d'elle alegremente agazalhado. „

O Gama devia ter huma prudente cautella, ainda que a situação em que es-

tava o obrigasse a aproveitar, e lançar mão de todos os meios que as circumstancias lhe offerecião para ultimar a expedição já tão adiantada; devia desconfiar do Piloto, e muito mais dos Mouros que devia suppôr tão resentidos como maltratados. Nada disto acontece, e o Camões, que he absolutamente nullo na sustentação dos caracteres, nos representa o Gama em tal estado de demencia, que ninguem o póde dizer melhor que o mesmo Camões na Oit. 96, Verso 5.^o

„ O Capitão, que não cahia em nada. „

Não se póde mais vivamente representar hum mentecapto. He o Descobridor da India, que nada comprehende, em nada cahe do que lhe fazem:

„ Do enganoso ardil que o Mouro urdia. „

Nem ao menos os dois Pilotos da expedição Pero de Alemquer, e João de Coimbra, poderião conhecer, por huma estimativa de aproximação, que o pér-

ro do Mouro os desviava do rumo? E tão pouco poderião dizer os roteiros de Bartholomeo Dias, que tanto ávan-te tinha chegado pela costa Oriental d'Africa? Temos pois hum Heroe sem conhecimentos, cahindo em todos os engan-os; de tão bom natural, que nem nos mesmos inimigos suspeita desejos de vingança, continuando na Oit. 97:

„ Mas o Mouro, instruido nos engan-os
 „ Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
 „ De morte, e cativoiro, novos damnos,
 „ Antes que á India chegue, lhe prepára, „

Temos outra vez, e ridiculamente, Baccho em scena. Se este Baccho sabe com clareza que Vasco da Gama deve chegar á India — *antes que á India chegue*, para que são estas infructuosas tramoias? Parece que está Baccho dizendo comsigo: He verdade que eu não posso evitar (já que os Fados grandes assim o querem) que este Vasco da Gama chegue á India, mas ao menos — *Antes que á India chegue*, o heide fazer rabi-ar para traz, e para diante, hei de azoinallo, ator-

mentallo, e causar-lhe mil amargores de boca! Parece isto teima, e vingança de mulheres, que ainda que saibão que nada aproveitão, ou conseguem, satisfazem a raiva em hir com a sua por diante. E póde ser este o caracter de hum Deos? Sempre se serve do engano vil, e baixo, e tão infructuosamente, que o resultado destas tramas pueris, he o seu vilipendio, e vergonha. Parece que pedia a boa razão que se tivesse já realizado a lembrança do Consistorio do Olympo, que Mercurio tivesse apparecido a Vasco da Gama, não só para o acautelar contra os enganos do *malévolo* filho do Padre sublimado, mas para lhe mostrar a carreira da India, ou encaminhallo desde aquellas aguas e paragens para Melinde, onde no Consistorio se havia disposto que elle fosse agazalhado; porém Mercurio não apparece, e anda Vasco da Gama como apatetado daqui para alli, segundo o capricho, ou arbitrio dos Pilotos Mahometanos, enganado sempre com a esperança que estes lhe davão de achar

tambem, ora aqui, ora alli, gente que em Christo cria. E devia Vasco da Gama esperar de hum Mouro que o levasse seguramente a terras de Christãos? Assim se diz na Oit. 98:

„ Que perto está huma Ilha, cujo assento
„ Povo antigo Christão sempre habitou. „

Esta Ilha habitada de hum povo antigo Christão, chama-se — Quilóa — Oit. 99:

„ Quilóa, mui conhecida pela fama. „

Este erradissimo verso, que se não póde accentuar por mais tratos que se dê á lingua quando se intenta pronunciar, encerra em si huma contradicção manifesta. Se esta Quilóa era tão conhecida pela fama, e se era pública a fama do estado, população, e Religião dos habitantes desta Ilha, quaes erão os limites desta publicidade? Parece que só se circunscrevia aos Mouros, porque Vasco da Gama nenhuma noticia tinha della: e se a igno-

rava, como era tão conhecida pela Fama? Apparece finalmente na Oit. 100 a bella Venus, que até alli não tinha apparecido, nem dado mostras ou sinais alguns da sua paixão pelos Portuguezes, e o grande motivo da similhaça da etymologia, e syntaxe das Linguas Latina, e Portugueza, ainda a não tinha obrigado a mostrar o que podia, e quanto se interessava na prosperidade, e ventura da navegação dos seus Portuguezes. E para que apparece a Deosa em Cythéra celebrada? Isto he, não a Venus celestè, mas a Venus impura, a Cytheréa? Para livrar os Portuguezes dos perigos, e ciladas que os esperavão em Quilóa, urdidos, e inspirados por Baccho, e executados pelos Mouros, agentes subalternos dos destemperos, e parvoices de Baccho. Parece que em casos identicos se necessitava do mesmo auxilio, e se hum Deos tinha formado o nó, ou a laçada, outro Deos a devia desatar. Assim o mostra a boa razão; porque pelas mesmas causas porque as coizas se fazem, por essas se dissol-

vem. Pois se Baccho tinha urdido os enganos em Moçambique, se alli estiverão os Portuguezes a ponto de se perder, e mallograr-se a expedição, na passagem da aguada, porque não veio alli Venus Cytheréa acudir-lhe, e livrallos daquelle tão perigoso transe em que se virão, como agora vem acudir-lhes no que se lhes prepará em Quilóá? Tem menos poder a Lingua Portugueza pela sua similhaça com a Latina em Moçambique, do que tem em Quilóá? Não he o sitio, he a Lingua quem faz a amizade de Venus! Talvez que tivessem já chegado as Traducções modernas de Francez a Moçambique, e que Venus alli se enfadasse pela ver tão adulterada, que nem se parece com a Portugueza, nem com a Latina. Tão necessaria no maquinismo do Poema era Venus em Quilóá, como o tinha sido em Moçambique, e não ha outra razão para tão grande differença, senão a falta de sizo, ou de a attenção do Poeta, que perdendo o tempo em miudezas, prosaicamente expostas, nem se lembra

do que disse , nem sabe o que hade dizer. Hum Deos estava por Troya , outro contra Troya , em Homero ; pois se isto acontece na Iliada , veja-se tambem nas Lusiadas. Juno em a Eneida persegue os Troyanos por amor da maçã de Páris , pois persiga Baccho os Portuguezes porque teme , que o seu nome fique esquecido na India entre o estrépito das façanhas dos Portuguezes. Nos Originaes Grego , e Latino obrão estes mesmos contrarios Deoses com dignidade ; nas Lusiadas , ou com indecencia , ou com parvoíce.

Em a Oit. 100. Venus sem apparecer ao Heroe , sem se dar a conhecer , obra de mão coberta , e de tal geito faz os ventos ponteiros , que as Náos de Vasco da Gama não podem abicar á barra de Quilóa. Póde-se dizer que Venus tinha particular tentação contra Quilóa , porque não desviando as Náos de Moçambique , tambem as não desviará de Mombaça , sabendo , como Deosa , que os riscos que corrêra em Moçambique , e se lhes preparavão em Quilóa , erão

os mesmos que os esperavão em Mombaça. Os Ventos nas Lusiadas são homens de duas caras; huma vez obedecem a Venus contra Baccho, outra vez obedecem a Baccho contra Venus. Quando o Rei do vinho for ao Reino da agua, ver-se-ha como os ventos lhe obedecem em huma furiosa tempestade; agora que Baccho quer levar os Portuguezes a Quilóa, não lhe obedecem os ventos, e fazem unicamente a vontade a Venus:

„ Mas *não* querendo a Deosa guardadora,
 „ *Não* entra pela barra, e surge fóra. „

Temos pois na Oit. 104 a Vasco da Gama em Mombaça, sem que Venus o queira desviar desta inimiga Cidade, como o tinha desviado da inimiga Quilóa.

„ E sendo a ella o Capitão chegado
 „ Estranhamente ledó, porque espera
 „ De poder ver o povo baptizado
 „ Como o falso Piloto lhe dissera;
 „ Eis vem batéis da terra com recado
 „ Do Rei que já sabia a gente que era:

„ Que Baccho muito d'antes o avisára
„ Na fórma de outro Mouro que tomára. „

Não nos lembremos da baixeza, e humildade desta prosa, admiremos a oscitancia do Poeta, e a parvoice de Baccho. Desceo do Ceo para se andar mascarando de Mouro pela costa de Africa sem fazer coiza nenhuma. Esta mascarada, ou esta transformação foi repentina, não estavamos preparados para ella. Baccho vai continuando a representar seu papel de intrigante, e enredador, com tanta inutilidade, e tão infructuosamente como até agora temos visto. São tão ordinarios, e tão naturaes estes transes em que o Gama se vê, tão naturaes, e ordinarios os meios porque delles sahe, que tornão ao juizo desapaixonado, cada vez mais ridiculo, e monstruoso o maquinismo das Lusíadas. Para lhes podermos dar alguma força, e valor, seria precizo, que nos transportassemos ao seio do Paganismo, que nos fizessemos Idólatras, que intimamente nos persuadissemos da

real existencia destas Divindades Pagãs, então he que nos poderião interessar os seus odios, e os seus favores. Como he possivel, que o que he quimérico, esteja em contacto com o que he real, e existente? Isto está tantas vezes dito, e repetido, que já enfada e aborrece! Suppormos que em 1497 Baccho, e Venus influissem em huma navegação de Christãos Catholicos Romanos, he renunciar todos os principios da humana razão. Que interesse nos podem causar as acções de Entes, cuja existencia he para nós huma verdadeira Comedia fantastica, e irrisoria? Déoses que nada podem, que não conseguem o que querem, que obrão, contra o que entendem, e que por fim não existem; nenhum delles se mostra ao Heroe, o mesmo Heroe os não acredita: eis-aqui o grande maravilhoso das Lusidas, que se começa a desenvolver, e obrar no primeiro Canto. Hum Conselho de Deoses, que não he Conselho, pois o *Jupiter alto* nada propõe para deliberar nem pede os pareceres dos conyocados, apenas lhes de-

clara o que se vai a executar por ordem dos *Fados grandes* com quem os Conselheiros nada tinhamo, e a quem o mesmo *Jupiter alto* se não podia oppor.

Depois disto, todas as manobras de Baccho, sempre escondido, sempre disfarçado, são inuteis, tudo o que os Mouros fazem com Baccho podião fazer sem Baccho, assim como o Gama no encontro da aguada se livra do que lhe fazem os Mouros sem ser ajudado por Venus, que, se vem huma vez soccorrer Vasco da Gama, não he a ella a quem Vasco da Gama pedia soccorro, mas a Deos Omnipotente; porque Vasco da Gama só a este conhecia, e não os Deoses do Paganismo; que, se na frase da Escriptura são verdadeiros Demonios, quando Vasco da Gama pede a Deos que o ajude, o Diabo he quem lhe acode. Os Mouros podião fazer muito bem sem auxilio, instigação, e intervenção de Baccho o que fizerão com elle. Que fizerão os Mouros a Vasco da Gama? Esperarão-no armados, e postos em

cilada para cahirem sobre elle quando
 mais descuidado estivesse enchendo as
 pipas na fonte. Para esta acção de
 cobardia, e barbaridade, não he pre-
 ciso hum Deos, basta hum homem. Os
 Mouros de Moçambique, não fizeram
 mais a Vasco da Gama do que fize-
 rão os Negros da Angra de Santa Hele-
 na; apparecêrão de repente de trás de
 hum oiteiro; fizeram descer este oitei-
 ro mais depressa do que o subíra o
 valentão Velloso, fazem cahir sobre
 os Portuguezes huma nuvem de settas,
 e pedradas, o mesmo Heroe que aco-
 de á briga, traz dalli huma perna mal
 ferida com huma fréchada; e tudo isto
 fizeram os Negros sem o auxilio de
 Baccho; tudo isto, e muito mais po-
 dião fazer sem Baccho os Mouros de
 Moçambique, e ainda mais á sua von-
 tade, pois apanhavão os Portuguezes
 em cilada, depois da negaça que al-
 guns daquelles cães lhes fizeram, andan-
 do como diz o Poeta a amostrar-lhe
 os dentes pela praia; e para isto que
 hum homem faz, e de que outro ho-
 mem se livra, vai Luiz de Camões

transformar Baccho em Mouro , para o fazer depois Clerigo no 2.º Canto!

Tenho mostrado, sem outras armas mais que as da Dialectica, e sem os inuteis soccorros dos preceitos dos Pedantes, que não he mais que huma puerilidade indecente, o que a estúpida admiração tem até agora julgado sobrehumano, e divino. Não me misturo, nem me confronto como Poeta Epico, porque os defeitos dos outros não são, nem podem ser, a minha justificação.

CENSURA
 DAS
 LUSIADAS.

SEGUNDO CANTO.

COMEÇA este segundo Canto com hum escurissima descripção do Sol posto, tempo em que o Gama se fez com a barra de Mombaça, dizendo do Sol na 1.^a Oit.:

„ E da *casa maritima secreta*

„ Lhe estava o *Deos nocturno* a porta abrindo. „

São dois termos bem equívocos. Hum Poeta Pagão diria, e diz que o Sol entra no Oceano a repouzar nos braços de Thetis. Na *casa maritima secreta* só

até agora o fez entrar Luiz de Camões ;
 e he hum *Deos nocturno* quem lhe abre
 a porta. Acho a Noite como Deosa sen-
 tada em hum carro d'Ebano , e moven-
 do-se lentamente entre as sombras ;
 acho Morfeo , Deos do somno ; mas não
 sei quem seja o *Deos nocturno*. Oit. 2.^a

Chegão os Mouros de noute a bor-
 do da Náo Almiranta :

„ D'entre elles hum que traz encommendado
 „ O mortífero engano , assi dizia :
 „ Capitão valoroso , que cortado ,
 „ Tens de *Neptuno o Reino , e salsa via* ,
 „ O Rei que manda esta Ilha , alvoroçado
 „ Da vinda tua tem tanta alegria ,
 „ Que não deseja mais *qu' agaxalhar-te* ,
 „ Vêr-te , e do necessario reformar-te. ,,

Em primeiro lugar *Reino de Neptuno* ,
e salsa via he o mesmo que mar , e he
 hum reprehensivel pleonasma. Depois
 he huma impropriedade , ou hum pec-
 cado contra os caracteres (costumes)
 introduzir hum barbaro Mouro da cos-
 ta da Cafraria tão instruido na Mytho-
 logia que conheça (o que os Mouros
 ignorão) que Neptuno he o Deos do
 mar , e que o nome deste Deos se to-

ma pela congerie das aguas que se chamão o Oceano. O *qu' agazalhar-te* he huma das ordinarias cacofonias de que formiga o Poema; e o —

„ Vêr-te , e do necessario reformar-te „

he verdadeira , mas baixissima prosa ; mas este he o tom ordinario , que domina , como se irá vendo , em quasi todas as Lusiadas. Oit. 3.^a

„ E porque está em extremo desejoso
„ De te vêr como *coiza nomeada.* „

Como podia ser o Gama coiza nomeada, se até áquelle momento era incognita a sua ida áquellas paragens? Nenhuma noticia podia lá ter chegado ainda. He verdade que Baccho vendo frustrados seus intentos , e desejos em Moçambique , e Quilóa , tinha corrido a diante a transformar-se n'outro Mouro em Mombaça , para dizer ao Rei de Mombaça o mesmo que tinha dito ao Xequê de Moçambique ; mas além de Baccho dever saber que os mesmos meios pro-

duzirião os mesmos resultados, e que assim como nada tinha feito em Moçambique, o mesmo faria em Mombaça, não nos diz o Príncipe dos Poetas como isto foi, nem nos prepara para a scena de Mombaça, e faz repentinamente apparecer Mouros em a *frôta le-da* Portugueza, que lhe offerecem tudo quanto o Gama podia desejar, e quanto lhe podia escusar a ida ao Malabar. Oit. 4.^a:

„ E se buscando vás mercadoria ,
 „ Que prodnz o aurífero Levante ,
 „ Canella , cravo. „

A' vista dos offerecimentos tão generosos dos Mouros, e Mouros como os de Moçambique e Quilóa, parece que o Gama devia desconfiar alguma coiza; mas nada, o Poeta assentou de fazer do seu Heroe o homem mais crédulo, e simples do Mundo, de todos se fiava, e *em nada cahia*. Oit. 6.

„ Por onde o Capitão seguramente
 „ Se fia da infiel, e falsa gente. „

E isto ainda em cima de lhe haver feito na Oit. 5.^a hum cumprimento digno da singelleza daquelles bons tempos; mas muito indigno da magestade da Epopéa, e grande eloquencia de seu estylo:

„ Cumprirá sem receio seu mandado,
 „ Que á mais por tal Senhor está obrigado.

He assim que Gofredo responde a Ismeno, e Argante? E são desta sorte duras as Orelhas dos fanaticos da seita Camoniana?

„ O mensageiro astuto que não erra,
 „ Lhe diz que a mais da gente em Christo cria. „

Esta resposta vaga, e indeterminada devia fazer conhecer a Vasco da Gama, que o procuravão illudir; o Principe dos Poetas muito bem conhecia isto, mas quiz desta maneira preparar os seus Leitores, para a mais ridicula, monstruosa, irrisória, e ímpia scena que até agora se tem apresentado aos olhos dos homens, desde que na terra que habitamos ha isto que se

chama Poesia. Os Hypogrifos, a subida de Astolfo ao concavo da Lua, as furias do Paladino Orlando, que arranca arvores, derroca muralhas, leva diante de si montanhas que despéga de suas bases, em o fantasioso Ariosto, não tem tanta extravagancia, nem repugnão tanto aos dictames da boa razão como a ridicula Cavalcata que o Principe dos Poetas vai armar neste segundo Canto de seu immortal Poema. Vem Baccho á scena, porém com que tramoia, para dar cabo dos Portuguezes? Este Numen impotentissimo, podia ter mais summariamente levado ao fim seu gratuito odio contra os Portuguezes, que lho não merecião, porque ao menos são mais devotos dos seus dons, que òs seus tão favorecidos Mouros, a quem hum artigo de Fé de seu Alcorão prohibe o uso delles; podia Baccho tomar a fórmula de hum Mouro Piloto; e, como Deos que tudo conhece, enganar Vasco da Gama com hum roteiro, ou descripção da viagem, ou passagem da Africa ao Indostão, dar com as Náos, a través, afogar

os Portuguezes, e elle com a mesma facilidade com que depois vai ao Palacio de vidro em que mora Neptuno, refugiar-se lá, ou, despindo a fórma de Mouro, subir ao Olympo a casa do Padre sublimado, e deixar-se lá estar como estava, quando á costa Africana *descendeo*. Nada disto. Tramoias, momos, visagens, enganos, embustes, patifarias; parece que não he Baccho Deos, mas Baccho bebado, que tem perdido a vergonha. O Principe dos Poetas para que nos não enganassemos, e soubessemos que era com effeito o Baccho mythologico, que formava o maravilhoso nesta Epopéa, o descreve ao natural desta maneira; Oit. 10:

„ Mas aquelle que sempre a mocidade
 „ Tem no rosto perpétua, e foi nascido
 „ De duas mãos; que ordia a falsidade
 „ Por vêr o Navegante destruido;
 „ Estava em huma casa da Cidade
 „ Com rosto humano, e habito fingido
 „ *Mostrando-se Christão*, e fabricava
 „ Hum altar sumptuoso que adorava. „

Ora façamos a primeira, e mais obvia reflexão; esta casa, este altar, este

Christão que apparecia , por certo não era ás escondidas , e se elle se fazia visivel aos dois Condemnados que Vasco da Gama tinha mandado como prévios exploradores á terra , tambem devia ser visivel aos Mouros , que os acompanhavam , e que lhes hião mostrando o mais notavel da Cidade ; e para se não espantarem de tão desusada vista , e nova scena , era precizo que Baccho se tivesse ajustado com todos os moradores de Mombaça , e estarem todos certos que era huma negaça armada ; ou então dizermos , que , por hum milagre digno do poder de Baccho , só se tornava visivel o espectaculo do altar sumptuoso aos olhos dos dois Portuguezes , e de nenhuma maneira aos dos Mouros. Tudo isto são absurdos , que apenas podem mover o riso , e nunca prender a attenção do homem de sizo.

Na Oit. 11 nos descreve o Principe dos Poetas o painel do Pentecostes , a vinda do Espirito Santo , pintado primorosamente pelo Thyoneo , pelo filho de duas mãis , pelo Padre Baccho :

„ Alli tinha em retrato affigurada
 „ Do alto, e Santo Espirito a pintura. „

Esta Oit. 11 do 2.º Canto devia então, e ainda hoje devêra, fazer supprimir o Poema, pois se não devia consentir, que por huma extravagancia de imaginação, e pelo abuso de engrançar palavras que produzão máos versos, se misturasse tão sacrilegamente o Sagrado com o profano, e que huma ridicula, e infame Divindade do Paganismo pozesse em hum Poema Christão em scena os mais augustos mysterios da Fé. E isto para que? Para enganar dois miseraveis degradados, que viessem dizer a Vasco da Gama: podeis entrar a barra de Mombaça, porque vimos em o oratorio particular de huma casa —

(,, Estava em huma casa da Cidade ,,)

hum painel da vinda do Espirito Santo. Os Commentadores, para salvarem aqui o Principe dos Poetas, dizem que este Baccho era o Diabo: Isto ainda he peor.

„ O Thyoneo; e assim por derradeiro
„ O falso Deos adora o verdadeiro. „

Se he o filho de Semelle, parido da coxa de Jupiter, he ridiculo, que este Numen adore o Espirito Santo; e se he o Diabo, então he hum absurdo ainda mais escandaloso na ordem da Religião; o Diabo nega a sua adoração a Deos, e este foi o seu delicto.

Não era este achado irrisorio hum motivo sufficiente para que Vasco da Gama se aventurasse a entrar huma barra, e ancorar em hum rio desconhecido; porque dos Mouros que vinhão a bordo, ou por força, ou por vontade, podia elle tomar conhecimento do lugar, e paragens em que se achava, nem ignorarião os Pilotos da expedição que ainda estavam na costa d'Africa; porém o Poeta em tudo deve degradar, e abater o seu Heroe, pois o deixa levar de illusorias apparencias:

„ Que levemente hum animo se fia
„ De mostras que tão certas parecião. „

Contemplemos a Oit. 17 que he notavel.

„ Na terra cautamente aparelhavão
 „ Armas, e munições, que como vissem,
 „ Que no rio os navios ancoravão,
 „ Nelles ousadamente se sobissem;
 „ E com esta traição determinavão,
 „ Que os de Luso de todo destruissem. „

Pois se isto he obra de Baccho, e intervinha hum Deos como agente sobrenatural nesta acção, porque não executa na barra o que queria executar no rio? Tem menos poder na barra do que tinha no rio? Não estavam tambem ancorados na barra os Navios? Trama-se esta inutil laçada, para se introduzir Venus que a dezate, que sendo hum Numen como Baccho, e filha do mesmo pai, não se sabe porque tenha maior poder, pois tudo quanto Baccho faz, ella desmancha. Isto devia Baccho ter conhecido, e desistir da empreza em que sempre ficava mal, ou então usar de outra força, que não fosse o engano, e a intriga, tão improprios de huma Divindade, que pa-

rece que se empenha nas coizas para
as não conseguir. Oit. 18:

„ Mas a linda Erycina , que guardando ,
„ Andava sempre a gente assignalada ,
„ Vendo a cilada grande , e tão secreta ,
„ Voa do Ceo ao mar como huma seta „

Oit. 19.

„ Convôça as alvas filhas de Nereo ,
„ Com toda a mais cerulea companhia ,
„ E propondo-lhe a *causa a que desceo* ,
„ Com todas juntamente se partia ,
„ Para estorvar que a Armada não chegasse
„ Aonde para sempre se acabasse. „

Baccho he hum Numen , e por si só ,
sem o socorro de outros Numes , ou
Seminumes , faz as visagens , momos ,
e transfigurações , que temos visto ; e
Venus que he outro Nume , para que
vai buscar o auxilio das alvas filhas de
Nereo ! Não podia ella por hum sim-
ples aviso acautelar Vasco da Gama ,
e advirtir-lhe que se desviasse daquel-
le sitio para evitar o laço que o Padre
Baccho lhe tinha armado ? Isto assim
parece á boa razão , porque era oppor-

a hum meio outro meio identico. Mas perdia-se assim a galhofa das Nereidas, que o Poeta queria descrever. Oit 20 :

„ Salta Nise, Nerine se arremessa. —

E na Oit. 21.

„ Já chegão perto donde o vento *tezo*
„ Enche as vélas da Frota *bellicosa*. „

Não sei se o adjectivo = *tezo* = compete bem a vento; o que sei he, que o epitheto — *bellicosa* — não competia bem á conserva de tres Navios em que o explorador Vasco da Gama hia buscando o Indostão. Transformão-se as Nereidas em Rémoras que impedem o curso dos Navios empurrando-os para traz, e encostando os alvos, e delicados peitos aos duros madeiros da prôa das Náos; e isto de hum modo invisivel, porque se o Mestre, e Contramestre de cada huma dellas, visse as Nereidas, não gritarião tanto. Oit. 24.

„ O Mestre astuto em yão da pôpa brada. „

Esta gritaria dos Marujos descobre os enganos dos Mouros, porque, temendo que os ralhos não fossem com elles, atirão comsigo ao mar. Pois se hum meio tão natural basta para desviar o perigo que ameaçava o Gama, para que he a muito escusada intervenção de huma Divindade? Para que estão as Nereidas tão occupadas em empurrar as Naos? Para que o Principe dos Poetas aproveite huma comparação tirada a Virgilio no 4.º Liv. da Eneida. E para que faz saltar ao mar tão arrebatadamente os Mouros, que mui bem conhecião que os gritos do Mestre astuto não erão com elles, mas com a Maruja que devia manobrar? Para aproveitar huma comparação tomada a Ariosto da Oit. 62 do Canto 5.º do additamento, na Oit. 27:

„ Assim como em selvatica alagoa,

E na Oit. 28.

„ Assi fogem os Mouros, e o Piloto,

„ Que ao perigo grande as Náos guiára,

„ Crendo que seu engano estava nóto,

„ Tambem foge, saltando na agoa amára. „

Deixemos o — *nòto* — e o *amara*, porque em minucias de linguagem não perco o tempo, ainda que he mui escusado o Latim puro, onde se póde fallar Portuguez claro. A Oit. 29 começa:

- „ Vendo o Gama attentado a estranheza,
- „ Dos Mouros não cuidada, e juntamente
- „ O Piloto fogir-lhe com presteza,
- „ Entende o que ordenava a bruta gente. „

Sem nenhuma advertencia de agente sobrenatural feita immediatamente ao Gama conhece o perigo para o evitar, pois era bem natural que vendo os Mouros a precipitar-se no mar, suspeitasse, que elles o fazião por se lhe haver descoberto algum stratagemma com que lhe pretendião fazer mal. Não era precisa huma advertencia sobrenatural. He de admirar que esta Venus tão apaixonada de Vasco da Gama, nunca lhe diga huma palavra, nunca lhe appareça; e he tão generosa, que esconde sempre a mão com que faz o beneficio. Se Vasco da Gama o soubera, por certo não daria os agradecimentos a quem os devia dar, que era a Deos, que pelo seu

Anjo da Guarda o defendia de todos os perigos de huma tão longa, incerta, e arriscada navegação : isto declara elle com bem força na Oit. 31 :

„ Bem nos mostra a Divina Providencia
 „ Destes portos a pouca segurança. . . .

„ O' tu, Guarda Divina, tem cuidado,
 „ De quem sem ti não póde ser guardado. „

Aqui invoca como Christão o Anjo da Guarda; e quem vai ser a sua Advogada diante do Padre Eterno he a Deosa Venus; porque a Deosa Venus lhe ouve as palavras piedosas. Isto não só he o excesso da extravagancia, mas o summo da impiedade. Trata-se da Divina Providencia, trata-se do prompto soccorro do Anjo da Guarda, e diz o Poeta na Oit. 33 :

„ Ouvio-lhe estas palavras piedosas,
 „ *A formosa Dione*, e commovida,
 „ D'entre as Ninfas se vai, que saudosas
 „ Ficarão desta subita partida:
 „ Já penetra as estrellas luminosas,
 „ Já na terceira esfera recebida,

„ Avante passa, e lá no sexto Ceo,
 „ Para onde estava o Padre se moveo „

A súpplia: do Gama he verdadeiramente Christã, e o soccorro he profanamente pagão. Oit. 34:

„ E como hia affrontada do caminho. „

Que hum fraco humano se affronte de andar muito, e se estafe em huma longa caminhada, póde ser, e muito bem se entende como isto aconteça; mas huma Divindade cançada? Quem tinha vindo do Ceo ao mar como huma setta, não podia ir como a mesma setta do mar ao Ceo? Eu passo em silencio as Oit. 35, 36, e 37 porque nos apresentam o quadro mais lascivo, e voluptuoso que a imaginação lúbrica de hum Poeta nos póde pintar, e em nenhum dos Epicos antigos, e modernos se verá hum semelhante exemplo, mas não posso ommittir os dois ultimos versos da Oit. 37:

„ Já se sentem no Ceo por toda a parte,
 „ Ciumes em Vulcano, Amor em Marte. „

Temos pois a Venus no Ceo Mythologico , para trazer hum soccorro que hum homem Catholico tinha implorado. Segue-se a Oração de Venus em quatro Oitavas , boas em si , e consideradas fóra da marcha de huma Epopéa , cujo assumpto he grave , mas muito fóra de proposito quando se considera a súplica que fez Vasco da Gama , e a quem a dirige ; e depois desta Oração a Oit. 42 , onde se nos offerece a imagem mais torpe , que entre muitas , por toda a parte espalhadas , tem em si as Divinas Lusíadas. O Grão Tonante fica tão enternecido , e commovido com a Oração da filha , que

„ Na face a beija , e abraça o collo puro ,
 „ De modo , que dalli se só se achára
 „ Outro novo Cupido se gerára. „

O Grão Tonante , incestuoso , e que não commette no mesmo Ceo o mais vergonhoso , e nefando delicto , porque estava alli gente de fóra ; que o presenciasse

(„ De modo que dalli , se só se achára ! .)

he quem deve soccorrer Vasco da Gama que pede a Deos o auxilio , e assistencia do Anjo da Guarda ! Huma edição das Lusiadas em letras de Ouro , hum Mausoléo para as suas cinzas que fizesse esquecer o de Artemisia para seu Marido Mausolo , não salvavão as Lusiadas desta turpitude , e desta parvoice. E será possível , que este edificio das Lusiadas se sustenha no conceito de nacionaes , e estrangeiros prevenidos , ou pouco assizados , em o discurso deliberativo de D. Ignez de Castro , e nos dentes amarellos do Gigante Adamastor ? Na Oit. 44 começaõ a resposta , e as promessas do Grão Tonante :

„ Eu vos prometto , filha , que *vejais*
 „ Esquecerem-se Gregos , e Romanos
 „ Pelos illustres feitos , que esta gente
 „ Ha de fazer nas partes do Oriente „

E aqui começaõ os enfadonhos , e repetidos — *Vejais* , e *Vereis* que hiremos contando. Se Jupiter , ou o Grão Tonante sabe , pois o diz a sua filha , tudo quanto os Portuguezes devião fa-

zer, e que tudo quanto fizessem era huma consequencia da feliz viagem do Gama, assim ordenado pelos Fados grandes, porque o não diz tambem a Baccho, que he seu filho? Com esta declaração lhe poupava duas coizas, trabalho, e vergonha; trabalho nas viagens que andava fazendo, transformando-se tantas vezes em Mouro; e vergonha, em não aproveitar, ou tirar fructo de tantos projectos que emprendia. Nada disto faz, podendo com huma palavra desenganar o filho, e livrar Vasco da Gama das molestias, e incommodos que elle lhe andava causando. Ou Jupiter não póde, ou Jupiter não quer; se não póde ter mão em Baccho, ao menos para não fazer o papel de tolo, então nem he o Grão Tonante, nem o Pai dos Deoses; e se póde, e não quer, he hum injusto, e hum malicioso, pois tambem concorre para as puerís pirraças que se fazem a Vasco da Gama, que ha de chegar felizmente á India, e ser o principio das futuras grandezas, que elle mesmo annuncia dos Portuguezes.

Na Oit. 46 começa os — Vereis: aqui tem dois. *Vereis* filha, e *vereis* o Rei. Na Oit. 47, que começa com o terceiro — *vereis*, se degrada Jupiter dizendo que seu irmão Neptuno haverá medo de Vasco da Gama, e que não só seu irmão haverá medo de hum homem, mas da gente Portugueza os mesmos elementos :

„ Que tambem della hão medo os Elementos? „

A Oit. 48 começa com o quarto — *vereis*; e lhe diz que Moçambique, que lhe tolhia a agua, virá a ser hum porto — *decente* —; não sei que *indecencia* possa haver n'hum porto; porque dá aqui a entender, que ha portos *indecentes*, e que fica mal aos navios entrarem nelles. Nisto de epithetos he o Principe dos Poetas miseravel, porque em o obrigando a rima, diz a primeira coiza que lhe lembra; isto se vê no ultimo verso desta Oitava:

„ Não poder resistir ao Luso *horrendo*.

Não sei como quadre esta proprieda-

dê de *horrendo* ao homem Portuguez. Quinto, sexto, e setimo — *vereis* na Oit. 49, e lhe declara que quem vai contra os *seus*, que erão os Portuguezes, *contra si peleja*. Logo Baccho, que com tão ridiculas escaramuças hia contra os Portuguezes, *contra si pelejava*; o que he improprio do pai que o diz, e do filho que o soffre. A Oit. 50 começa com o oitavo — *vereis* —; e no quinto verso o nono — *vereis* —: aqui ha hum degradação sensivel, e de hum Deos que no Conselho do Olympo advogou a causa dos Portuguezes; verdade seja que por todo o decurso das Lusiadas não deo mais hum passo a seu favor, nem disse mais hum palavra:

„ *Invejoso vereis o grão Mavorte*
 „ Do peito Lusitano féro, e *horrendo*. „ :

Ao Grão Tonante falta a copia dos termos para variar o estylo. Na Oit. 48 chama *horrendo* ao Portuguez, logo na Oit. 50 lho torna a chamar, ficando o Portuguez *horrendo*, e Marte invejoso

de hum simples mortal. Se Marte lho ouvisse, que pancada não daria com a bengalla no sobrado do Olympo!! No ultimo verso desta Oit. chama o Grão Tonante, Pai de Venus, *falso* a Mafamede. A muito obriga a verdade! Na Oit. 51 apparece o decimo — *vereis* —, e huma grande mentira, pois affirma o Tonante que a Cidade de Goa tomada pelos Portuguezes virá a ser senhora — *De todo o Oriente.* — Isto he huma daquellas hyperboles proprias do ordinario modo de fallar, e eu chamaria para aqui os antigos repetidores de — todas as Logicas —; mas hum Deos deve ser escrupulosamente correcto quando falla. Na Oit. 52 vem o undecimo, duodecimo, e decimo terceiro — *vereis.* — A Oit. 53 não he do Principe dos Poetas, he de Virgilio toda inteira:

*Instructo Marte videres,
Fervere Leucáten bello*

E como não he sua, não lhe podemos recommendar senão a restituição a seu

dono legitimo, e senhor natural. Na Oit. 54 vem o decimo quarto — *vereis* —, e se mais fallasse Tonante mais — *vereis* — vierão, acabando com huma hyperbole, que pela sua repetição he indesculpavel, e em hum verso muito estirado segundo o costume:

„ Ser-lhe-ha *todo* o Oceano obediente. „

Quem diz *todo* não exclúe a mais pequena porção. A Oit. 55 he notavel por hum enigma, é por hum destempero. Como nos criárão com o Principe dos Poetas, desde a minha mais tenra idade que leio este verso de Camões, e não o entendo e creio que succederá o mesmo a quantos o forem lendo até ao fim do Mundo: —

„ De modo, filha minha, que de geito „

Não me darão hum exemplo desta frase em Autor nenhum Portuguez, salvo se áciente quizesse fallar de modo que o não entendessem. Ou Jupiter não sabe Grammatica, e toma o preteri-

to pelo futuro , ou Jupiter mente ; vejamos como.

„ Amostrarão esforço mais que humano ,
 „ Que nunca se verá tão forte peito
 „ Do Gangetico mar ao Gaditano ;
 „ *Nem das Boreaes ondas ao estreito ,*
 „ *Que mostrou o aggravado Lusitano. ,*

Este Estreito he o de Magalhães , e este Lusitano aggravado he Fernando de Magalhães , natural de Braga , que se desnaturalizou deste Reino pela injuria que á sua honra , nobreza , e serviços fizeram , negando-lhe hum tostão mais na sua moradia , augmento que o igualava a outra classe que se julgava superior a elle , classe que talvez encanecesse no ocio , e nas delicias de Palacio , sem fazer huma viagem ás regiões austraes. Com Francisco Faleiro , tambem natural de Braga , bom Astronomo daquelle tempo , se foi á Cidade de Saragoça , e se offereceo ao Imperador Carlos V. para lhe achar huma passagem pelo Sul ás Ilhas do Oceano pacífico. De Fernando de Magalhães não se faz menção na Historia senão

em a tomada de Malaca por Affonso de Albuquerque , e onde elle militou nos ultimos annos do Reinado d'ElRei D. Manoel; e como podia ter sido já descoberto , no tempo em que Vasco da Gama hia no caminho da India , o Estreito de Magalhães na ultima ponta austral da America?

„ Que mostrou o aggravado Lusitano. „

Os Deoses das Lusiadas são muito tolos. Jupiter Tonante dá o Estreito de Magalhães anterior a Vasco da Gama em o 2.º Canto; e Thetis em o 10.º Canto dá o Estreito de Magalhães coevo ao mesmo Gama: —

„ O Estreito que se arrea
„ Com o nome d'elle agora !!

Errão os tempos dos verbos , e são Deoses que não conhecem nem o presente , nem o passado , nem o futuro. Mais bonita ficaria a Edição rica das Lusiadas se lhe tirassem esta Oitava.

Temos na Oit. 56 a missão de Mer-

curio por hum verso onde se encontra o epitheto mais ocioso:

„ Como isto disse , manda o *consagrado*
 „ Filho de Maia. —

Ora este filho de Maia , que devia avisar primeiro Vasco da Gama , e retirallo dos perigos de Mombaça ,

„ E para que em Mombaça *aventurado*
 „ O forte Capitão se não detenha , ,

dá comsigo em Melinde acompanhado da Fama para preparar como Viador a hospedagem aos navegantes :

„ Comsigo a fama leva porque diga
 „ Do Lusitano o preço grande , e raro ;
 „ Que o nome illustre a hum certo amor obriga ,
 „ E faz a quem o tem amado , e *charo* : , ,

Charo , e amado , querem dizer a mesma coiza , e he huma redundancia pueril , ou hum pleonasmio reprehensivel. Nada deslustra tanto hum Poeta desta magnitude , como a pobreza de rima. De Melinde , depois de fazer pela Fa-

ma o que elle podia fazer por si como Mensageiro dos Deoses, torna para trás a Mombaça, onde estava Vasco da Gama; e chama-se a isto fazer de huma via dois mandados. A Oit. 59 começa com huma baixeza, e trivialidade de expressão, que lança por terra toda a máquina da grande eloquencia Poetica:

„ Dalli para Mombaça logo parte
 „ Aonde as Náos estão *temerosas*,
 „ Para que á gente mande que se aparte
 „ Da barra imiga, e terras suspeitosas:

Eu lhe perdôo a Synedoché das náos temerosas — *Continens*, *pro contento*. Mas se Vasco da Gama pelo prodigio que víra quando invocou o Anjo da Guarda, e lhe acudio Venus, já se tinha apartado daquellas aguas, e desistido da entrada da barra, que vem cá Mercurio fazer a Mombaça onde já não está Vasco da Gama? Não sei. Só vejo que se introduz aqui o bordão do — *lá* — do costume.

„ Se *lá* dos Ceos não vem celeste aviso. „

Na Oit. 60 dorme o Gama, que sendo o General da Armada, para dar bom exemplo, tambem mettia o seu quarto de vigia:

„ A outra gente a quartos vigiava. „

Finalmente na Oit. 61 apparece Mercurio em sonhos a Vasco da Gama, que por certo havia de estranhar o figurão, e he preciso que transportemos Vasco da Gama ao seio do Paganismo para que nem estranhasse a figura e escutasse seriamente o que lhe dizia Mercurio conhecido pelo Gama, tanto pela Vara com que as almas *revocava* (Oit. 57) como pelo — *gallero costumado*. — Isto he tão ridiculo que excede a paciencia humana. Mercurio diz ao Gama, em 1497, o mesmo que tinha dito a Eneas tantos mil annos antes:

Heu! fuge crudeles terras, fuge litus avarum
„ Fuge, fuge; Lusitano. „

Mercurio, como Deos da Eloquencia,

enfeita o seu Discurso com passagens da Historia antiga, e a pressa com que o manda fugir, escusava bem estas erudições, e estes exemplos. Os Deoses não são tão falladores. Foge... e basta. E não lhe demorar a fugida com a memoria, ou relação das crueldades dos antigos Heroes: —

„ O hospicio que o crú Diomedes dava
 „ Fazendo ser manjar acostumado
 „ De cavallos a gente que hospedava:
 „ As aras de Busiris infamado,
 „ Onde os hospedes tristes immolava. „

Assim se perde o tempo com tão comprida arenga até que na Oit. 64 o Gama acorda:

„ Com novo esp'rito ao Mestre seu mandava,
 „ Que as vélas desse ao vento que assoprava. „

E o motivo desta pressa elle o declara na Oit. 65:

„ Dai vélas, disse, dai ao largo vento,
 „ Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda. „

Devemos crer que o Gama entende aqui por Deos a Deos verdadeiro, e então tambem o Gama acreditava que o enviado de Deos verdadeiro era Mercurio, que lhe tinha apparecido de *galero* costumado, e azas nos artelhos? Ou o Gama era hum Idolatra, ou o Poeta hum mentecapto. Mas nem o Poeta era mentecapto, nem o Gama Idólatra. Estes absurdos nascem da ridicula mistura do Paganismo com o Christianismo em hum Poema Christão.

Na Oit. 66 ha huma trama de meios humanos, que tambem pelos mesmos meios se evita, e se mallogra:

„ Neste tempo, que as ancoras levavão „
 „ Na sombra escura os Mouros escondidos „
 „ Mansamente as amarras lhe cortavão „
 „ Por serem, dando á costa, destruidos : „
 „ Elles como acordados os sentirão „
 „ Voando, e não remando, lhe fugirão. „

Para os Mouros commetterem esta acção, não era preciso serem instigados por Baccho; que coiza mais propria de Mouros contra Christãos, que

virem de voga surda picarem-lhe as amarras , e que coiza mais propria de Marujos Portuguezes , que darem fé dos Mouros ? Hum homem faz a laçada , outro homem a desata , e neste caso he inutil , e desnecessaria a intervenção de hum Numen , quando por meios humanos se remedeia , o que por meios humanos se faz. A coiza mais absurda , e ociosa que se tem visto he o Maquinismo das Lusiadas.

Temos na Oit. 68 huma acção heroica. O Gama dá caça a dois Navios , que o Poeta faz repentinamente apparecer depois do aviso de Mercurio : hum varou na costa , e salvou a gente , mas , na Oit. 69 ,

„ Não he o outro que fica tão *manhozo* ,
 „ Mas nas mãos vai cahir do Lusitano. „

Não sei que *manha* seja dar á costa , perder a embarcação , e arriscar a gente ; mas em fim o Gama fez huma preza , que se entrega sem resistencia , onde não se enxerga muita gloria do vencedor ; e na Oit. 70 ha huma enumera-

ção de circumstancias tão miuda , que hum Piloto , que fizesse o roteiro da viagem não seria mais escrupuloso , e hum Poeta não he hum Diarista minucioso , enfadonho , e proluxo em tão ras-teira prosa como a da Oit. 70.

„ E como o Gama muito desejasse
 „ Piloto para a India que buscava ,
 „ Cuidou que entre estes Mouros o tomasse ,
 „ Mas não lhe succedeo como cuidava :
 „ Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
 „ A que parte dos Ceos a India estava ;
 „ Porém dizem-lhe todos que tem perto
 „ Melinde , onde achará Piloto certo. „

E por certo este estylo he mais que familiar , e nelle lhe dizem os Mouros tomados , que ElRei de Melinde era hum grande Monarca , e Oit. 71 :

„ O Capitão o assella por verdade ,
 „ Porque já lho dissera *deste geito*
 „ O Cyleneo em sonhos

Toma o Gama por testemunho de verdade do que os Mouros lhe dizião , o que já lhe tinha dito Mercurio em so-

nhos; e neste caso como se tratava de hum facto, devemos nós acreditar o que nos diz Vasco da Gama, ou o Poeta por elle, que lhe apparecêra em sonhos o Deos Mercurio: *O Cyleneo em sonhos.* Vasco da Gama, e Eneas avisados pelo mesmo Mercurio são a mesma coiza! *Ægri somnia vana!!*

Na Oit. 72 depois de nos fallar em Febo, no roubador de Europa, em Flora, e Amalthéa, nos diz que era dia de Pascoa, ou simplesmente Domingo.

Chega Vasco da Gama ao Reino Melinde, como lhe chama o Poeta, accrescentando na Oit. 79 que Melinde era

„ Porto mui forte, e mui seguro,
„ *De todo o Oriente conhecido.* „

Quem diria isto a Vasco da Gama? Se elle ainda não tinha hido ao Oriente, se ainda estava na Costa de Zanguebar, como podia affirmar que aquelle porto era mui conhecido em todo o Oriente? Na Oit. 76 vem a bordo hum presente mandado pelo Rei:

„ Manda-lhe mais lanigeros Carneiros,
 „ E gallinhas domesticas cevadas. „

Esta circumstancia de gallinhas gordas he mais propria de hum vendilhão da Praça, que da magestade da Epopéa. *Gallinhas*, e bastava. Na Oit. 78 ha hum frase para mim a mais estranha. Vasco da Gama manda hum mensageiro a ElRei de Melinde:

„ Como na terra ao Rei se apresentasse
 „ Com estylo que Pallas lhe ensinava,
 „ *Estas palavras taes fallando orava.* „

Orar fallando palavras, não se sabe o que seja, a não ser a frase mais impropria de todo o Poema das Lusiadas. Estas incorrecções indesculpaveis até em hum Escolar que começasse a escrever, são devoradas pela estúpida admiração, que decreta Arcos, Pyramides, Mausoleos, Estatuas, monumentos ao Principe dos Poetas, que não póde ter igual, nem segundo: — *Par nemo, nemo secundus erit.* Na Oit. 82 reconheceo Vasco da Gama a Divindade da

mensagem de Mercurio chamando-lhe
sem cerimonia ,

„ Conduzidos do *Interprete Divino.* „

Isto na boca de hum homem Christão
he a mais escandalosa monstruosidade,
o que vai sendo hum derivado da mis-
tura das Divindades do Paganismo com
os mysterios da Religião Christã. Na
Oit. 83 faz o Poeta a seu Heroe hum
grande, e solemne mentiroso; vejamos
isto por extenso:

„ E não cuides, ó Rei, que não sahisse
„ O *nosso Capitão* esclarecido
„ A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
„ Ou suspeitasse em ti peito fingido;
„ Mas saberás que o fez porque cumprisse
„ O regimento em *tudo obedecido*
„ Do seu Rei, que lhe manda que não saia
„ *Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.* „

Isto acabando de saltar em terra em
Moçambique: *A vir por agua a terra.*
Mentira esta que o mesmo Gama fará
mais calva, quando na Oit. 26 do Can-
to 5.º elle mesmo disser ao Rei de
Melinde que tinha saltado em terra na

Costa occidental da Africa, onde os Negros lhe escalavrão huma perna. Culpemos mais o Poeta de pouca memoria em suas contradicções, que o Gama de mentiroso. Na Oit. 85 vem a plebéa frase de estomago máo, ou bom, de que o Poeta nunca se esquece para dar a ver o character, e estado da pessoa de quem falla:

„ Assi dizia, e todos juntamente
 „ Huns com os outros em pratica fallando,
 „ Louvão muito o *estomago* da gente,
 „ Que tantos Ceos, e mares vai passando. „

Na Oit. 88 temos os usados Latins, tão escusados, quando em a Lingua Portugueza não falhão as palavras:

„ Porém como a luz *crastina* chegada. „

Aqui não ha ao menos o — *parcè de-tarta* — de que falla Horacio, quando era preciso alatinar alguma palavra Grega, quando faltava a correspondente Romana: entre os festejos da Oit. 91 vem hum verso tão mingoado, que aleija tudo:

„ Estoura o pó sulfureo escondido. „

Se houvesse mais ouvido harmonico em os Grandes admiradores, e Editores de Camões, talvez fizessem melhor uso, e melhor applicação de seus cabedaes, em dar esmola aos pobres. Na Oit. 102, v. 1.^o não ha falta de metrô, porém ha manifesta falta de Sintaxe:

„ Mas já o Ceo inquieto revolvendo. „

O que, e a quem? Não podem ser — as gentes — como accusativo, porque para este ha o verbo — excitar —

„ As gentes excitava a seu trabalho „

Na Oit. 96 apparece hum daquelles versos para que não ha ouvidos:

„ N'huma alta, e dourada hastea enxerido. „

Na Oit. 102 ha huma notavel falta de Grammatica, e tanto mais reprehensivel, quanto mais se considerão as Lusíadas como hum Livro Classico, que

deve ensinar a pureza da linguagem á mocidade em as Aulas :

„ Que já ouviu dizer , que n'outra terra
„ Com gente de sua Lei tivesse guerra. „

O verbo — Ter — não devia aqui estar no preterito plusquam perfeito do conjunctivo , e não he este o caso em que se deve dizer com Horacio :

Non ego paucis offendar maculis ;

porque he huma grande nodoa huma falta de Grammatica em hum autor tão classico , e de tão bom seculo. O primeiro verso da Oit. 103 , além de mal soante , não faz bom sentido :

„ E como por toda a Africa se sóa. „

Se dizem , se acclamão ; se annuncião os feitos dos Portuguezes ; este he o sentido , que por certo não se declara em o termo — *se sóa.* — Na Oit. 104 a falla do Gama a ElRei de Melinde começa baixamente , e dá áquelle Mou-

ro huma idéa de perfeita abjecção na
Gente Portugueza:

„ O' tu , que só tiveste piedade ,
„ Rei benigno , da Gente Lusitana ,
„ Que com tanta miseria , e adversidade . . . „

E acaba com hum — Deos lho pague,
seja tudo pelo amor de Deos:

„ Aquella alta , e Divina Eternidade ,
„ Que o Ceo revolve , e rege a gente humana ,
„ Pois que de ti taes obras recebemos ,
„ Te pague o que nós outros não podêmos. „

Deos pague ao Poeta introduzir o seu
Heroe diante de hum Rei Mouro, co-
mo hum pobre e miseravel mendigo,
que pede a Deos pague as esmolas
que recebe; e isto para que? Para os-
tentar depois tanta grandeza e magnifi-
cencia, valor e poder na gente Portu-
gueza. Igualdade de character, não sa-
be o Camões sustentar: — *Medio ne dis-
crepet imum* —: he preciso igualdade,
e não abater o Heroe em circunstan-
cia alguma, e em huma, e outra for-
tuna mostrallo sempre grande, e sem-

pre igual a si mesmo. A Oit. 108 nos apresenta quatro *agoras* que fazem arripiar os ouvidos mais benignos, e pacientes. Na Oit. 109 com a infima baixeza da prosa, de que não usaria o antiquissimo Castanheda, diz o Rei:

„ Mas antes, valeroso Capitão,
 „ Nos conta, lhe dizia, diligente,
 „ Da terra tua o clima, e região
 „ Do Mundo onde *morais* distinctamente,
 „ E assim de vossa antiga geração,
 „ E o principio do Reino tão potente,
 „ Com o successo das guerras do começo,
 „ Que *sem sabellas*, sei que são de preço. „

Se elle as não sabia, como confessa, como sabe que são de preço? Pois sabe huma coiza que absolutamente ignora? As tres ultimas Oitavas deste 2.^o Canto, onde temos visto tantas incoherencias, erros, e imperfeições, são verdadeiramente tres grandes parvoices, que nascem da invencivel mania do Poeta em ostentar vastissima erudição quasi sempre deslocada, que suspende o fio da narração, e diverte o pensamento a mil objectos.

Notandi sunt tibi mores.

Esta suprema Lei da boa razão, de quem he tão seguro interprete Horacio, declara aos Poetas qual seja o seu dever na igualdade, e conservação dos Caracteres. Quando se introduz a fallar hum homem, he preciso que o Poeta se lembre se este homem nasceo em Colcos, ou em Argos: *Davus ne loquatur an Heros*. Se falla hum Lacaio de Comedia, se hum Heroe guerreiro. Isto nunca soube fazer Luiz de Camões, e o Artifice que ignora a sua arte, não he bom Artifice. Oit. 111:

„ Não tanto desviado resplandece
„ De nós o claro Sol para julgares,
„ Que os Melindanos tem tão rude peito,
„ Que não estimem muito hum grande feito. „

A parallaxe solar, ou abertura do angulo, he mui pouco sensivel nos dois pontos da base — Portugal, e Melinde, para vir como causa da pouca instrucção historica, politica, e militar em que se deve suppôr, e realmente existe hum Tribu barbara, e inculta de Mouros na Costa de Zanguebar, na Costa da Africa Oriental. Quem lhe levou lá

noticia dos Portuguezes? Ainda tinham menos do que nós tínhamos dos Melindanos depois das viagens de Affonso de Paiva, e Pero da Covilhã, ambos Judeos, hum de Castello-Branco, outro da terra de seu nome. E se este Rei barbaro não tinha noticia dos Portuguezes, pois foi preciso que Mercurio fosse adiante com a Fama para lhe dar alguns vislumbres desta nova gente, que se lhe devia apresentar, menos noticia tinha da recondita Mythologia Pagã, para dizer ao Gama:

„ Commettêrão soberbos os Gigantes
 „ Com guerra vã o Olympo claro, e puro,
 „ Tentou Peritoo, e Theseo de ignorantes,
 „ O Reino de Plutão horrendo, e escuro:
 „ Se houve feitos no Mundo tão possantes,
 „ Não menos he trabalho illustre, e duro
 „ Quanto foi commetter o Inferno, e Ceo,
 „ Que outrem commetta a furia de Nereo. „

Isto na boca de hum Mouro inculto, e barbaro! E então a navegação de Vasco da Gama era o mesmo que a guerra dos Gigantes, e a descida de Theseo ao Inferno? Entre coizas tão dessimi-

lhantes póde haver comparação alguma?

Para a Oit. 113 ha os mesmos motivos. Tão instruido estava ElRei na Historia antiga, que sabia muito bem quem fora o Architecto do Templo de Diana em Efeso, e como se chamava aquelle que lhe pozera o fogo para ser nomeado por este insigne delicto!

Tenho concluido a Censura do 2.º Canto das Lusiadas, sem acrimonia, e sem paixão, e sem me apartar jámais dos dictames do sizo commum; o que tudo prova, que ha erros successivos, e preocupações tão arreigadas, que não cedem nem á voz da evidencia. Devemos amar Camões, porque he Nacional; porém muito mais que Camões devemos amar a verdade, e não seguirmos como hum rebanho de carneiros. o primeiro passo do primeiro que o admirou.

C E N S U R A
D A S
L U S I A D A S.

TERCEIRO CANTO.

NESTE terceiro Canto começa o Principe dos Poetas a ser Historiador, começando, como mandão as regras da Historia, a fazer huma prévia descripção Geografica daquelles Paizes que são, ou forão o theatro daquelles acontecimentos, que vai a contar. Chamo Historiador ao Principe dos Poetas, porque se esquece aqui do seu mister, contando as coizas como realmente forão, e acontecêrão, sem transferir os factos Historicos para o verosimil Poetico; e se Quintiliano em attenção ao

estyllo levantado constitue a Lucano na classe dos Oradores, porque conta as guerras civis entre o sogro, e genro da mesma sorte que as contaria Tacito, se estas descrevesse, nós devemos classificar o Principe dos Poetas em o numero e cathegoria dos Historiadores, porque com a mais escrupolosa miudeza nos conta o succedido no Reino de Portugal. Se as conta como Historiador, como Poeta excede os limites do verosimil, porque he impossivel, que sentado no paneiro de hum barco debaixo de hum sol ardentissimo se prendesse a attenção de hum Rei barbaro, a quem não podião ser interessantes objectos para elle absolutamente desconhecidos, não havendo nelles aquelle maravilhoso que, por exemplo, tem os Quadros da Religião; porque o sobrenatural prende naturalmente a attenção do Ente racional, em quanto ás idéas geraes, e transcendentas, o que não succede com a historia particular de hum Povo., ainda mesmo quando este Povo nos he conhecido, ou temos Leis, e costumes semelhantes aos seus.

A historia que o Gama vai contar leva 333 Oitavas, relação prodigiosa, que excede a que Eneas faz no Palacio de Carthago á Rainha Dido da destruição de Troia, e viagem até áquelle porto.

Apenas coméço a contemplar este longo tracto da Historia Portugueza, vejo saltar aos olhos a primeira incoherencia. No principio do Poema, invóca o Poeta as Tagides:

„ E vós, Tagides minhas, pois creado. „

Por estas Tagides entende Manoel de Faria e Sousa, e com elle a fuz os Commentadores, as Damas de Lisboa, que tanto influíão na alma do Poeta, e isto para levar ao fim hum Poema onde era preciso crear, e imaginar. Este he o uso dos Poetas em suas invocações, no vestibulo de seus Cantos, pedir soccorro a hum Ente sobrenatural, e Divino: o mesmo Tasso invoca huma Musa Celestial:

„ O' Musa, tu, que de Celestes Louros. „

E o Príncipe dos Poetas invoca as Tagides, ou as Damas de Lisboa; e quando trata de contar em hum Episodio particular a Historia deste Reino que elle conta com o rigor historico, onde não faz mais que repetir o que os Historiadores disserão, para esta empreza de menos trabalho, e menos custo, invoca então Calliope, Musa da Epopéa:

„ Agora, tu Calliope, me ensina
„ O que contou ao Rei o illustre Gama. „

Rogando-lhe o bem do amor de Apollo para com ella, e revelando o que talvez a casta Musa quizera escondido, ou ao menos que se lhe não deitasse em rosto, este defeito:

„ De quem Orfeo pariste, ó linda Dama. „

Nem com a lembrança do furtivo parto, nem com o titulo de Dama creio que penhoraria muito a benevolencia de Calliope para a inspiração que lhe supplicava, pedindo ao Ceo que a livras-

se da vaga incontinencia do seu amante com Dafne, Clicie, e Leucothoe.

Na Oit. 2.^a nos diz o Poeta que já vê a Apollo que o banha na agua soberana, e que se elle se illude, e Apollo lhe não faz isto, então dirá que Calliope tem sua inveja:

„ Então direi que tens algum receo
„ Que se escureça o teu querido Orfêo. „

Bom he não deixar o proprio credito em mãos alheas, porque não está seguro; mas dar a entender Luiz de Camões que seus cantos farião escurecer, e esquecer os divinos cantos de Orfêo, filho de Apollo e de Calliope,

„ De quem Orfêo pariste, „

isto he muito apertar com os amigos, e presumir mui claramente de si, depois de se haver chamado — Engenho ardente. —

Na Oit. 4 diz o Gama ao Rei, que lhe mandava contar

„ Da minha gente a grão *Genealogia*. „

Não nos consta que o Rei de Melinde pedisse ao Gama , que lhe apresentasse a arvore da geração com seus costados dos Grandes de Portugal , que a isto se chama Genealogiã. Acaba o seu exordio como o de discurso de Prégador :

„ Hirei contra o que devo , e screi breve. „

Não sei que se possa chamar breve hum discurso que vai levar 333 Oitavas ! Porém eu estou certo que , ainda a risco de perder o Reino , se Vasco da Gama dissesse ao Rei Mouro a grandeza enorme do panal que lhe hia arrumar , o Barbaro mandava aos da sua Almadia que remassem para a terra , e hia-se embora. He boa brevidade a da recitação de 333 Oit. , apezar das promessas que faz de omittir muitos factos !

„ Porque de feitos taes , por mais que diga ,
„ Mais me hade ficar ainda que dizer. „

E continúa a fazer huma Oratoria divisão do seu discurso em duas partes :

„ Primeiro tratarei da larga terra ,
„ Depoia direi da sanguinosa guerra. „

A Poesia, que considera as coizas em grande, e que generalisa, não deve descer, sem deixar de ser Poesia, a estas miudezas. Aqui farei huma reflexão verdadeiramente crítica, e que destrua de todo os acintosos prestigios com que a seita Camoniana pretende illudir, ou fascinar o Mundo. Este longo e minucioso quadro da Historia Portugueza inserido em tres Cantos he hum recurso de acanhada imaginação, ou huma prova de natural esterilidade da Acção, que o Principe dos Poetas não podia fecundar. Este longo Episodio não tem proporção alguma com a Fábula Poetica architectada por Luiz de Camões. Tirem-se as visagens, as transformações, as sugestões escusadas de Baccho, que para as começar deixou que o Gama de quem era inimigo dobrasse o Cabo da Boa Esperança, e chegasse muito ávante pela costa Oriental da Africa á Ilha de Momçambique, para as continuar até Mombaça, e

prosequillas depois em Calecut , não á cara descoberta , mas acirrando em sonhos os Mouros como costumava ; que fica da acção em si ? Que retarda , ou que apressa a sua conclusão ? Coiza nenhuma. O Heroe nas Lusiadas , depois da sua chegada á India , apenas excita o dó , e a compaixão , pelo estado miseravel a que o reduz prezo como suspeito de corso , e piratagem em Calecut , e alcançando a ordem de soltura pelo soborno , e peitas ao Catual. Não tinha outro recurso para estender a têa da fabula , senão o da Historia de Portugal ; mas enganou-se neste recurso , porque esta Historia não devia ser contada ao Rei de Melinde , que era hum accessorio , e não o objecto , ou termo principal a quem o Gama como explorador se dirigia. A idéa da grandeza do Reino , o seu estado politico , e militar , devia ser dada em Calecut , e não em Melinde. Com o Monarca Indiano , e não com o Monarca Africano era o negocio ; do Indiano exigia-se a alliança , do Africano hum Piloto práctico , inculcado pelos Mouros prizicneiros que o

Gama levava. Este grande, e indesculpavel defeito das Lusiadas, este Episodio fóra de lugar, pois o seu verdadeiro, e necessario lugar era a India, e não a Africa, tem por motivo, como todos os defeitos do mesmo Poema, a servil imitação de Virgilio; em tudo, e por tudo seguido pelo Principe dos Poetas. O fim da peregrinação, e navegações de Eneas era a sua chegada á Italia, *Laviniaque Regna*, como o fim da viagem de Vasco da Gama, (que para si de Eneas toma a fama,) era o descobrimento da India, chegando lá como Eneas devia chegar á Italia; porém como Eneas foi ter a Carthago, tambem Vasco da Gama vai ter a Melinde, e como Eneas conta muitas historias a Dido, tambem Vasco da Gama as deve contar no caminho a ElRei de Melinde; porém Eneas vinha para estar, e demorar-se, pois não sabia dos companheiros, do forte Gyas, do forte Cloantho, e tinha chegado náufrago áquellas praias sem outra coisa mais que seu corpo gentil. Devia alli cuidar de transportes para a Italia, isto não era obra

de dias, pedia tempo; foi hospedado por Dido, vivia no seu Palacio, hião caçar á coutada, lá houve o que houve; em fim era hum hospede demorado, e era preciso que fallassem em alguma coiza, contou-lhe tudo o que lhe tinha succedido em Troia, e fóra de Troia na sua viagem até o momento do naufragio. Nada disto acontecia a Vasco da Gama, que não aporta a Melinde, senão para haver hum Piloto práctico, e apenas apanha o Rei, que veio de curiosidade vêr as Náos, lhe embute no mesmo batel em que vinha toda a historia de Portugal; o que excede os limites, primeiro da verosimilhança, e depois da paciencia humana. A relação de Eneas em Carthago era huma necessidade, a relação de Vasco da Gama dentro do batel d'ElRei de Melinde, era huma ociosidade fóra de todo o proposito, mas o furor da imitação traz consigo huma manifesta cegueira com que se atropelão todas as leis, e todos os dictames da boa razão.

Começa pois Vasco da Gama pela descripção Geografica da Europa, des-

cripção a todas as luzes boa, e grande, e com effeito o seu original he muito grande, e devia produzir huma boa copia; Sanazzaro em o perfectissimo Poema — *De Partu Virginis* — traz esta parte da descripção da Europa no Livro segundo, quando se trata do Edicto de Cesar: — *ut describeretur universus orbis.* — Mas esta descripção nas Lusiadas he cheia de tantas alluções, de tantas erudições historicas, que se torna a sua intelligencia impossivel a hum Mouro, ainda que Monarca, inculto, e rude, como realmente são todos os da Africa por aquella barbara Costa da Cafraria, e Ethyopia oriental; e não pode hum homem dar attenção a coizas que não entende, e o Poeta deve fallar com propriedade, adaptando o discurso á indole, estado, ou condição das pessoas a quem o dirige. O Principe dos Poetas não fez mais que huma boa copia do Original de Sanazzaro. Esquece-se muitas vezes da pessoa a quem está fallando, dizendo mal dos Mahometanos a hum Rei tambem Mahometano, como se vê na Oit. 12:

„ Ao Ottomano está , que submettida ,
 „ Byzancio tem a seu serviço *indigno.* „

A Lei dos Turcos he a mesma que a Lei dos Mouros , e poucos Mouros ha que não sejam , ou vassallos , ou feudatarios do Grão Senhor. A Oit. 15 he notavel , e muito notavel por duas coizas que em si contém , e por tudo passam os Commentadores como cegos , e obstinados Idólatras do merito , e preço dos seus commentados : falla o Poeta da Italia , e diz —

„ Mas depois que o *Porteiro tem divino*
 „ Perdendo o esforço veio , e bellica arte ,
 „ Pobre está já da antiga potestade ;
 „ Tanto Deos se contenta da humildade !

He por ventura propria a Periphraze de — *Porteiro Divino* — para dar a hum Rei barbaro , e Mouro , a idéa do Papa , e de seu poder espirital , designado nas palavras de Christo a S. Pedro — *Et tibi dabo claves Regni Cælorum?* — Eu te darei as chaves do Reino dos Ceos ? Ficava por ventura o Rei sabendo quem era o Papa ao

escutar a frase de — Porteiro Divino? Mas eu não vejo diante de mim senão Idólatras de Camões, ajoelhados com as mãos levantadas na presença da Grande Edição de Firmin Didot, como se em letras de ouro se não podessem imprimir parvoices! O Epifonema que fecha a Oit. ainda he mais notavel, pela notavel equivocação do Poeta:

„ Tanto Deos se contenta da humildade !!

A humildade he huma virtude da moral Christã, e esta virtude está no coração, e não no estado, ou condição. He certo que o Imperio Romano decahira de sua antiga grandeza, não só depois da divisão de Oriental, e Occidental, porém na invasão dos Barbaros do Norte que o retalhárão, e dividirão, ou verdadeiramente anniquilárão, e desappareceo de todo quando Mahomed segundo tomou Constantino-*pla*. Nem o Imperio Romano, nem mesmo a dominação temporal do Papa depois das doações de Constantino, de

Pepino, e de Carlos Magno, erão coiza que avultasse ; e toma o Poeta o abatimento temporal do Imperio Romano, e a servidão da Italia dividida entre tantos Soberanos, e dominações pequenas, pela virtude moral ensinada no Evangelho como base da perfeição Christã, a humildade, que só existe no coração, e póde hum mendigo ser muito soberbo, e hum Rei com tantos dominios como ElRei D. João 3.º póde ser muito humilde de coração, que he a humildade de que Deos se paga, e de que Deos se contenta:

„ Tanto Deos se contenta da humildade!! „

que por certo não he, nem o abatimento do Imperio Romano, nem a servidão da Italia. A Oit. 20 tambem nos revela hum daquelles esquecimentos do Principe dos Poetas, que o fazem transgredir as Leis da chamada *conveniencia*, ou constante propriedade dos costumes: falla de Portugal como Reino, que he o ápice da cabeça da Europa

„ Eis-aqui quasi cume da cabeça
 „ Da Europa toda „

e diz —

„ Este quiz o Ceo justo , que floreça
 „ Nas armas contra o *torpe Mauritano* ,
 „ Deitando-o de si fóra ; e *lá* na ardente
 „ Africa , estar quieto não consente. „

Ora , chamar *torpe* a hum Mouro , fallando com hum Rei Mouro , de quem o mesmo Gama se mostrava dependente , he o ultimo dos destemperos ; e se o Rei de Melinde não entendia a força do termo — *torpe* — então não entendia nada do que o Gama lhe dizia , e era escusado estar-lhe fallando.

„ E *lá* na ardente Africa ? „

Que quer dizer a palavra — *lá* ? Pois elle não está na Africa ? Pois eu heide estar em Portugal , e heide dizer — *lá* em Portugal ? Isso he se estiveira no Brazil , ou em outra região que não fosse Portugal.

Na Oit 21 confirma o Principe dos

Poetas a idéa que tinha dado a hum Rei Mouro da indole, e character da sua Nação, que vinha ser, perseguir os Mouros, porque começára a estabelecer-se em corpo de Nação pela expulsão dos Mouros, que pelo Direito de conquista erão Senhores da Lusitania Góthica havia mais de trezentos annos; e que não satisfeita com esta expulsão, lá mesmo na Africa onde os havia arrojado, os perseguia, e acoçava sem os deixar ter socego em seus mesmos lares:

„ E lá na ardente
„ Africa, estar quieto o não consente. „

Coiza esta muito propria para penhorar a boa vontade de hum Rei Mouro, que podia dizer comsigo: — Que taes são os hospedes? O mesmo que fizerão aos Mouros na Africa *lá* também farão na Africa *cá*: chama-se a isto conservar, e sustentar bem os caracteres! Mas he nada para que o Poeta hirá deitando em rosto aos tristes Mouros.

Começa na Oit. 22 a dar pelo miúdo conta ao Rei de Melinde dos Heroes mais distinctos da Lusitania antiga, e contenta-se com Viriato, individuo incognito ao Mouro, assim como todos, e tudo de que lhe falla; mas na pintura de Viriato ha tanta ambiguidade, e tanta obscuridade, que he preciso estar bem visto na Historia, e nas etymologias, para se saber que he elle:

„ Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
 „ Se vê que de homem forte os feitos teve. „

Se o Rei de Melinde não souber que — *Vir* — em Latim, quer dizer homem, fica em jejum a respeito do nome do Pastor que nasceo *desta Nação*:
 ” Desta, o Pastor nasceo. ” Que sacrilegio he emendar Camões! Seção embora nitidas, nitidissimas as Edições, em todas ellas se verá, que não ha maior impropriedade de termos, nem maior inverosimilhança de imagens, e isto não he ser Poeta.

Deixa huma *lacuna* na Historia de

Portugal, e passa repentinamente do tempo dos Romanos á vinda do Conde D. Henrique, e dá ao Mouro hum idéa do Magno Affonso, Rei de Hespanha, jurado inimigo dos Mouros, e o Mouro de Melinde calado levando-as a pé firme:

„ Que fez aos Sarracenos tanta guerra ,
„ Que por armas sanguinas , força , e mauha ,
„ A muitos fez perder a vida , e a terra . „

Daqui á manhã fazem-me o mesmo, diria o Rei de Melinde, e o Principe dos Poetas esquecido de que se fallava a hum Mouro, cuja hospedagem se buscava, e de quem se dependia no caso do Piloto. Remata esta Oit. 23 com este verso errado, que os da seita Camoniana (se algum delles souber fazer bons versos) não deixarão de confessar, que he hum grande defeito em hum grande Poeta

„ Vinhão a elle , e á morte offerecer-se. „

Os que vinhão são Campeões da Fé

e por consequencia inimigos natos dos Mouros, e falla-se com hum Mouro, mas prudente, e calado, porque em toda a comprida arenga de Vasco da Gama, não disse huma palavra.

Torna a affirmar na Oit. 26 que em Portugal desde a sua origem politica, não se tratava senão de fazer guerra aos Mouros, que elle pretende aviltar, lembrando-lhes que erão descendentes de huma Escrava:

Contra os descendentes
„ *Da escrava Agar, victorias grandes teve.* „

Na Oit. 29 começa o Poeta, pela primeira vez no Poema a serie de improprios contra as Soberanas de Portugal, e contra alguns dos Monarcas de cuja grandeza queria dar huma idéa ao Rei Mouro. Morreo o Conde D. Henrique, fosse Hungaro, fosse Borgonhez, ainda o Juiz não sentenciou a final este pleito; (*) era hum Conde, e

(*) Já hoje parece indubitavel que o Conde D. Henrique era filho de Henrique, neto de Roberto Duque de Borgonha, chamado o Velho, e bisneto

com este titulo lhe foi dado em dote por Affonso Rei de Hespanha, quando o casou com sua filha D. Tereza, ou bastarda, ou legitima, o que possuia em Portugal na Provincia do Minho. Passou a Rainha D. Tereza a segundas nupcias (no que discordão os Historiadores) com o Conde de Trastamara, tambem Conde; não ha erro de condição, e nisto não ha nenhum delicto, mas logo veremos como o Poeta o trata de sensualidade, e brutal incontinencia. Tambem não he nenhum delicto administrar o seu dote na minoridade de seu filho, pois não consta que ella intentasse usurpar-lhe para sempre o direito de herança, e successão, e nós não sabemos qual era naquelles escuros, e barbaros tempos o espirito das Leis testamentarias. Isto era questão para os Juristas, e materia para os seus importantes Provarás; e já que

de *Roberto II.* Rei de França. A origem do Conde *D. Henrique* provém por tanto de *Hugo Capeto*, como provou *Theodoro Godeffroy* no seu tratado da *Origem dos Reis de Portugal*; impresso em París em 1612.

o Poeta se mette nisto ao menos não fizesse versos duros, que offenderião os ouvidos de hum homem tão instruido como o Mouro de Melinde em 1497!

„ Do senhorio todo só sua era. „

Na Oit. 30 ha coizas muito ridiculas, e muito baixas.

„ Mas o Principe Affonso, que *desta arte*
 „ Se chamava, do Avô tomando o nome,
 „ Vendo-se em suas terras não ter parte,
 „ Que a mãe com seu marido as manda, e *come.* „

Eu não sei que D. Affonso Henriques queria que a mãe lhe fizesse! O Condado do Minho era seu, a casa era sua; em a mãe morrendo, como elle era primogenito do primeiro matrimonio, e as terras dote da mãe, entravão na herança, e o Conde de Trastamara se vivesse, hia com Deos, e levaria a sua terça, ou o que quer que fosse. Affonso Henriques não quiz esperar por isto; chegou á idade sufficiente; fez hum partido, levantou-se em Guimarães, prendeo a mãe, e fez-

se independente, e o mesmo Poeta dirá depois, quando elle quebrou as pernas no ferrolho da porta de Badajoz, e ficou prisioneiro de ElRei de Leão, que fora castigo do que fizera a sua mãe. E o Mouro calado. He mui notavel a Oit. 31!

„ De Guimarães o campo se tingia
 „ Co' o sangue proprio da intestina guerra,
 „ Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
 „ A seu filho negava o amor, e a terra. „

Menos, e muito menos o parecia o filho, em fazer guerra a sua mãe, e em desapossalla antes de tempo do que era seu dote, e sua propriedade.

„ Contra Deos, contra o maternal amor;
 „ Mas nella o *sensual* era maior. „

Não he prova de sensualidade o passar huma viuva a segundas nupcias. He hum erro indesculpavel dar tão ruim idéa da primeira Soberana de Portugal com o titulo de Condessa (ou antes geralmente intitulado Rainha), nem estas segundas nupcias defrauda-

vão da herança o filho do primeiro matrimonio. Não satisfeito Camões de a injuriar, criminando-a de incontinente, e sensual, passa a igualalla com os monstros da antiguidade na, entre todas, memoravel Oit. 32 do Canto terceiro das *Divinas Lusiadas*. Eu a transcrevo toda, esperando pela desculpa, ou sahida que lhe dá a seita Canoniana:—

„ Oh Progne crua! Oh Magica Medea!
 „ Se em vossos proprios filhos vos vingais
 „ Da maldade dos pais, da culpa alhéa,
 „ *Olhai, que inda Tereza peccu mais:*
 „ Incontinencia má, cobiça fêa
 „ São as causas deste erro principaes;
 „ Scylla, por huma, mata o velho pai,
 „ Esta por ambas contra o filho vai. „

Esta Oit. 32 devêra desde logo fazer supprimir todo o Poema. Ainda em Portuguez se não escreveo coiza mais indigna. Tereza he peor que Medéa, peor que Progne, peor que Scylla, que matarão os pais, e os filhos!

„ Olhai, que ainda Tereza pecca mais! „

E porque? Porque huma viuva de hum Conde casou com outro Conde. O pequeno dote de D. Tereza não era huma soberania dada ao Conde D. Henrique seu Marido, nem o direito de succeder neste Estado, se tinha ainda estabelecido de pai a filho primogenito. Nas Cortes de Lamego se estabeleceu depois. Fosse isto como fosse, nada disto desculpa, ou justifica os erros do Poeta. Na Oit. 33 torna a atacar com affrontosos nomes D. Tereza, chamando-lhe *mãe iniqua*, e declara finalmente que o filho a põe em huma prizão, e a ferros:

„ A mãe em ferros asperos atava. „

Tudo isto he indigno, e muito principalmente dito a hum Rei, querendo dar-lhe idéa da grandeza, e perfeição de outro Rei. Depois de o representar desobediente a sua mãe, armando-se contra ella, e prendendo-a, para acabar o retrato de hum homem abominavel, a quem chama Santo, e Cavalleiro, o imprudentissimo Poeta, tam-

bem o representa infiel aos tratados, e infractor de artigos de Capitulação; porque, promettendo obediencia a El-Rei de Castella por intervenção do Aio,

(„ O fiel Egas amo , foi livrado. . . .)
 „ Que elle faria dar-lhe obediencia; „

como com esta boa prosa diz na Oit. 36 , lha negou apenas o Castelhana levantou o cerco de Guimãres, e se foi para a sua terra:

„ Fiado na promessa , e consciencia ,
 „ De Egas Moniz

E isto dito com o verdadeiro tom da Epopéa, que he o que me cumpre notar, porque como a impeccabilidade de Camões se annuncia absoluta, he preciso mostrar a cada passo se tem alguma coiza que emendar, e até agora se tem visto, e se hirá vendo, que não ha hum Poema mais defeituoso em tudo: nas quebras da Poesia do estylo ainda he mais notavel, pelo vicio

de particularisar os objectos , e de não omittir circumstancia alguma em hum Poema , o que até seria fastidioso , e insupportavel em huma Historia. Na Oit. 42 começa de representar ElRei D. Afonso como capital inimigo dos Mouros , formando todos huma Nação , e tendo todos huma lei , e as injúrias communs , que o Poeta lhes diz , toção a todos , e por isto pecca contra a lei da justa conveniencia , e não sabe sustentar , e conservar os caracteres. Quanto o Gama diz a ElRei de Melinde o devia seriamente offender. Oit. 42 :

„ Mas já o Principe Affonso aparelhava
 „ O Lusitano exercito ditoso
 „ Contra o Mouro , que as terras habitava
 „ D'além do claro Téjo deleitoso. „

Estes , diria o Mouro de Melinde , estes que me estão contando estas historias , que me não importão , são descendentes dos perseguidores , e exterminadores da minha Nação. Que direito tinham elles para esbulharem os Mouros da posse pacífica de hum Reino que possuião desde que o exerci-

to de Muça invadio, e conquistou a Hespanha? Na Oit. 44 aponta o Principe dos Poetas huma circumstancia que por certo escapou aos Historiadores da batalha de Castro-verde: as Damas guerreiras que acompanhavão os Mouros, que nem á rua as deixão sahir, quanto mais ao campo da batalha! Alega o Poeta exemplos absolutamente desconhecidos ao velho Melindano, e tambem aos que não estiverem muito ensopados nos factos da Historia antiga. Não saberia qual fosse a Dama de que os Troianos se ajudárão, e as que gostarão do Thermodonte; Penthesiléa, e as Amazonas. He bom ter erudição, mas he melhor saber usar della a tempo; e neste e em muitos passos das Lusiadas, podemos dizer com o bom Horacio:

Sed non erat hic locus.

Não vinhão, nem devião aqui apparecer simillhantes coizas. Na continuação das outras Oit. não se vê mais que a continuação das injúrias dire-

ctas, e indirectas que se dizem aos pobres Mouros, cuja hospitalidade merecia mais contemplação. Na Oit. 45 falla em J. C. sem idéa alguma prévia da Revelação, o que he huma monstruosidade fallando com hum Mouro:

„ Quando na Cruz o Filho de Maria. „

E chamando aos Mouros infiéis, que he o que tambem os Mouros nos chamão a nós:

„ Aos infiéis, Senhor, aos infiéis. „

Não devia ficar muito contente o Rei de Melinde com este titulo dado aos Mouros. Na Oit. 46 com erro notavel põe a acclamação de ElRei D. Affonso Henriques anterior á batalha, e á victoria do Campo de Ourique. Que cargo farião disto os da seita Camoniana a outro qualquer Poeta que agora apparecesse! Na Oit. 47 ha huma comparação emprestada (como todas), o que já se mostrou, e o que não he

pequeno desdouro do Poeta pois de-
põe contra a sua originalidade. Na Oit.
48 continúa a usar do termo — *Esto-
mago* — para dar a conhecer as dis-
posições do animo: *Estomago danado*,
estomago accendido.

„ Tai o Rei novo , o *estomago* accendido
„ Por Deos

Parece esta expressão mais propria da
Tactica Medical , do que do sentido
moral , ou da accepção que lhe dá o
Poeta , e quer que nós lhe demos :
aqui parece que se deve tomar por
molestia que Deos déra ao Rei , pois
parece a inflammação desta viscera , *es-
tomago accendido*. Chamar aos Mouros
infieis , seria pagar-lhes na mesma moe-
da , porém chamar-lhes — *Perros* , as-
sim como he huma injúria atroz , he
hum erro no *Divino Camões* , porque
mostra esquecer-se do character das pes-
soas a quem fallava.

„ Levantão nisto os *Perros* o alarido. „

Tinha desculpa o Rei de Melinde se dêsse huma bofetada em Vasco da Gama, ou, se vivesse, em Luiz de Camões se por lá passasse. Na Oit. 49 continúa o empréstimo das comparações, o que já está demonstrado, e continuão as provas da mingoa de originalidade. Na Oit. 50 vai por diante o fio das injúrias:

„ Huns cahem meios mortos, outros vão
„ A ajuda *convocando do Alcorão.* „

Isto he hum sutaque á falsidade, e á inefficacia da falsa Lei de Mafoma, — o Alcorão —, coiza sacratissima, e adoravel para todos os Musulmanos; e ainda que os Mouros Melindanos fossem tão distantes dos Mouros da Lusitania, e Andaluzia, para todos era igualmente veneravel o Alcorão, como (em sentido verdadeiro) para todos os Christãos espalhados pela Terra he veneravel a Sagrada Biblia. Na Oit. 52 ha outra incoherencia, e se lhe não quizermos chamar assim, diremos que he manifesta pobreza de rima:

„ Já perde o campo o exercito nefando. „

A mil coizas applica impropriamente este epitheto *nefando*, e elle, e o *horrendo*, vem, e tornão a vir a cada instante, e quasi sempre mal applicados: e continúa a ser impeccavel o *Divino* Camões, dizem os da seita; tudo são bellezas; e eu direi que são incorrecções de estylo, o maior defeito de hum Poeta depois da falta de invenção. Na Oit. 53 ha huma passagem notavel nos ultimos versos da Oit.

„ Cinco escudos azues esclarccidos,

„ Em sinal destes cinco Reis vencidos. „

O que destroe a pia tradição dos Portuguezes, que naquelles cinco sinaes, ou symbolos, reconhecem as cinco chagas. Os Sebastianistas, que a seu modo, e para seus fins, interpretão, e applicão isto, não ficarão muito obrigados a Luiz de Camões, que de todo destróe esta piedosa illusão. Costumavão os Guerreiros no seculo das Cavallarias andantes, e nas expedições das Cruzadas, trazer hum Escudo em branco, e

quando se assignalavão com algum feito de armas, então conservavão, com algum symbolo allusivo, a memoria das suas façanhas; daqui vem o que se chama Armaria, e a sciencia do Brazão, pois tudo quanto vemos nos escudos de armas dos Grandes, e dos Nobres allude a alguma coiza. D. Afonso Henriques, foi com o escudo em branco para o Campo de Ourique, venceu os cinco Régulos Mouros, e designou por cinco escudos a victoria, que alcançára destes cinco Potentados, assim como Affonso 3.º augmentou o Escudo de Portugal com os Castellos que rodeão os cinco Escudos pequenos, para symbolo da Conquista do Algarve, donde por ultimo forão expulsos os Mouros, que até a esta época, possuirão aquelle Reino. A memoria das cinco Chagas, he huma piedosa, e popular tradição.

Na Oit. 55 ha hum daquelles trocadilhos e contrapostos, que tanto nota Ignacio Garcez Ferreira, e antes d'elle, e depois d'elle, notará sempre a boa razão:

„ *Passado* já algum tempo , que *passada*
 „ Era esta grão victoria , o Rei sobido
 „ A tomar vai Leiria , que *tomada* . . .

„ Com esta a forte Arronches subjugada
 „ Foi juntamente , e o sempre ennobrecido
 „ Scalabicaastro cujo campo ameno
 „ Tu , claro Téjo , regas tão sereno ! „

Erão accaso estas miudezas para hum Rei Mouro , que pela primeira vez na sua vida via os Portuguezes , e ignorava absoluta , e invencivelmente a Geografia do Reino? Isto occupa a maior parte do Poema ; porque tirada esta longa , e somnifera narração historica núa e crúa , sem maravilhoso algum , tirado tambem o additamento ao mesmo Poema , que he tudo o que se contém no 9.º e 10.º Canto , depois de acabada , e inteiramente concluida a acção , que fica das Lusiadas ? Nada mais que as tramoias de Baccho em Moçambique , e Mombaça , e alguma pequena intriga do mesmo Baccho na vergonhosa demora do Gama em Calcut.

„ Tu , claro Tejo , regas tão sereno ! „

Esta apóstrofe ao Téjo lá de tão longe, e no meio de huma tão animada e miuda narração, devia enternecer muito o Rei de Melinde, e fazer-lhe lembrar o bom tempo que passára passando nas Onias! Na Oit. 56 outra apóstrofe a Cintra, que devia enternecer o Rei, que a conhecia tambem desde o tempo em que alli esteve tomando ares!

„ Cintra, onde as Naiádas escondidas
 „ Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
 „ Onde Amor as enreda brandamente,
 „ Nas aguas accendendo o fogo ardente. „

Que não fujão tanto as Naiadas de Cintra, nem as queijadas, sabemos nós; mas ElRei de Melinde! Grande arte tinha o Poeta, e muito bem punha as coizas em seu lugar, sabendo apropriar os discursos ás pessoas, e aos tempos! Na Oit. 57 ha huma frase bem equívoca, e bem impropria de hum Poeta que se annuncia correctamente!

„ E tu, nobre Lisboa, que no Mundo
 „ Facilmente das outras és Princesa. „

Parece que quer dizer Princeza das *outras Lisboas*, e assim ficamos tendo muitas Lisboas, porque o Poeta nos não diz que *outras* são estas, e este relativo *outras* não tem referencia mais proxima que as Lisboas — *outras* — Lisboas.

„ Que edificada foste do facundo
 „ Por cujo engano foi Dardania acceza. „

ElRei de Melinde sabia mui bem que este — *facundo* — era Ulysses, e nós sabemos tambem, que *acceza* não quer dizer rigorosamente queimada, ou incendiada. Na Oit. 58 vem vasta, e profunda erudição apoiada no bordão lá:

„ Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
 „ E da fria Bretanha conduzidos,
 „ A destruir o Povo Sarraceno. „

Não trata com hum Rei Mouro senão da destruição, e universal exterminio dos Mouros.

„ Muitos com tenção santa erão partidos
 „ Entrando a boca já do Téjo ameno. „

Apparece aqui hum — *cajado* — que com effeito mata mais de hum coelho, porque offende a eufonia, primeira Lei do verso, e que até deve ser guardada escrupolosamente na prosa. E não são isto erros do inemendavel Camões? Oit. 60.

„ Desta arte em fim tomada se rendeo,
 „ Aquella, que nos tempos já passados
 „ A' grande força nunca obedeceo
 „ Dos frios povos Scythicos ousados. „

Não nos consta que em século algum os Povos da Scythia viessem directamente tomar, ou sitiar Lisboa: mas aqui ha hum erro Historico, e não póde deixar de ser emendado o impeccavel Camões. Se pelos *Povos Scythicos ousados* entende os Godos, e os Vandalos, os Suevos, e os Alanos, estes forão senhores da Lusitania, e Lisboa passou do dominio dos Romanos ao dos Godos, do dominio dos Godos ao dos Sarracenos, o que se conhece pela His-

toria de suas antiguidades, pelos monumentos achados, e pelas medalhas conservadas. Na Oit. 61 ha huma notavel falta de Grammatica, grande erro em hum Classico Portuguez, como já dissemos:

„ Obidos, Alemquer, por onde soa
 „ O tom das frescas aguas entre as pedras
 „ Que murmurando *lava*, e Torres Vedras.

As aguas são as que lavão, o tom, ou murmurio das aguas, não he o que lava, e nós vemos *aguas* no plural, e *lava* no singular. Pois tambem o Principe dos Poetas commette hum solecismo na Lingua Portugueza! Na edição de J. T. Barreto e outras lê-se: ” Que murmurando *lavão*, e Torres Vedras. ” Porém assim, se he melhor Grammatica, he errado o verso. Ora Camões não póde errar, isto he falta de intelligencia nossa! Torres Vedras, a triste Torres Vedras, vai aqui metida não sei como, e se não fallasse em pedras, por certo não lhe lembrava a mais melancolica, e tediosa povoação

do Reino. Na Oit. 62 ha huma das costumadas apóstrofes ao Alemtejo. Para onde se viraria o Gama para exclamar desta maneira? Para onde estava o batel virado? Quem conta huma historia a hum homem, interrompe acaso o fio da narração, apostrofando de continuo? *Sint proxima vero.* Aproximem-se á natural verdade, ao natural modo de contar, as coizas que se contão, e he ridiculo deixar o ouvinte, e virar-se, ora para aqui, ora para alli, oom apóstrofes, e movimentos oratorios.

„ E tu, Lavrador Mouro „

Onde estava alli o Lavrador Mouro? He bom gritar de Melinde para o Alemtejo; para Elvas, para Moura, para Serpa, para Alcacere do Sal! O Gama he feito Prégador de bote. Na Oit. 63 dá tanto a conhecer Giraldo sem pavor, como déra a conhecer Viriato:

„ De Geraldo, que medos não temia. „

Não *temer medos* não me parece mui claro, ou mui Portuguez, não dá a conhecer a tomada da Torre de vigia dos Mouros de Evora. Oit. 66:

„ O Rei de Badajoz *era alto Mouro.* „

E isto dá a conhecer a grandeza moral, a estatura daquelle Musulmano? *Era alto Mouro* — Era hum Mouro alto. A comparação do Touro matreiro, que em o mez do cio vem ao caminho esperar os passageiros para lhes marrar, não convem, nem quadra muito á dignidade, e nobreza de hum Rei guerreiro, e generoso, pois o faz hum atraçoado, e hum matreiro, que accommette os descuidados:

„ Saltêa o descuidado caminhante. „

Isto dá mais huma idéa de cobardia que de valor. Na Oit. 67 ha esta regra que a fecha:

„ Não mais que só sessenta de cavallo. „

A grande edição não dá por certo a isto a mais ligeira tintura de Poesia. Onde estão os rodeios, *ambages*, de Petronio? Onde está aquella differença que se deve sentir, e conhecer entre a Poesia, e a prosa semelhante á que se conhece entre a Musica, e o ordinario modo de fallar? He sacrilegio emendar Camões! A Oit. 69 abate sobre maneira aquelle mesmo Rei, que o Poeta tanto acabava de exaltar, declarando-o infeliz como por castigo da culpa que commettêra, pondo a ferros sua propria mãe.

„ Agora lhe não deixa ter defeza,
 „ Da maldição da mãe que estava preza. „

E na Oit. 70 :

„ Que estando na Cidade que *cercára*,
 „ *Cercado* nella foi dos Leonezes.

„ A pertinacia aqui lhe custa cara
 „ Assim como acontece muitas vezes;
 „ Que em ferros quebra as pernas, indo accezo
 „ A' batalha onde foi *vencido*, e *prezo*. „

He indecorosa para o Rei esta verdade ; o Gama não escrevia a Historia de Portugal, quæria dar ao Rei de Melinde a idéa da grandeza, e poder deste Reino, para isto devia omittir certas particularidades não interessantes. Declarar hum Rei amaldiçoado de sua mãe, com as pernas quebradas em castigo deste attentado, vencido elle mesmo, e prezo na Cidade por ElRei de Leão, que só lhe deo a liberdade pelo feudo que lhe prometteo pagar, e depois se lhe negou nas Cortes de Lamego, erão coizas indignas, e sem receio de faltar á verdade elle as podia omittir na relação que fazia ao Rei Mouro, que o não podia arguir de mentiroso, porque absolutamente ignorava a nossa Historia, e estava ouvindo o que não entendia. Não são precizos os Canones das Poeticas para vermos os erros do Principe dos Poetas, basta que escutemos os brados da boa razão para se patentear em toda a sua luz tantas incoherencias. Chama ao Rei — *pertinaz* : —

„ A pertinacia aqui lhe custa cára. „

A pertinacia he hum grande vicio, nem se equivoca, nem se póde compadecer com a prudencia, porque esta deve ceder ao tempo, e amoldar-se ás circumstancias. Na Oit. 71 ha humma impropriedade escandalosa. Tornão as costumadas apóstrofes do Contador Gama. Estende-se por tres Oitavas esta grande apóstrofe, que contém a vida, as acções, as victorias, as conquistas, e a morte do Grande Pompeo. Como era possivel, torno, e tornarei sempre a dizer, que o Rei de Melinde estivesse tão visto em hum dos maiores quadros que na Historia Romana se offereceo aos olhos do Mundo, que entendesse o que o Gama, apartando-se do seu conto, estava dizendo, apostrofando as cinzas do Grande Pompeo? E a desgraça de D. Afonso, momentaneo prizioneiro em Badajoz por hum punhado de Leonezes, era o mesmo que as grandes derrotas de Farsalia, que mudárão os destinos do Mundo, e derão nova fórma ao

Imperio de Roma? Quer consolar Pompeio com o desastre passageiro de D. Affonso em Badajoz;

„ Porque Affonso verás soberbo, e ovante
 „ Tudo render, e ser depois rendido. „

Seja embora tudo isto assim, sejam semelhantes, sejam identicos os comparados, era isto para o Rei Mouro de Melinde? — *Convenientia finge.* —

Tudo o que fingires, e inventares, convenha ao verosimil, ás circumstancias do tempo, do lugar, e das Personagens, que se introduzem a fallar, e escutar.

A vinda milagrosa do corpo de S. Vicente Martyr para Lisboa, he tambem hum objecto não só conhecido, porém muito interessante para ElRei de Melinde, pois não esqueceo este facto na Oit. 74, e na 75 começa de entroncar em sua relação os feitos do Infante D. Sancho:

„ Porque levasse ávante seu desejo ,
 „ Ao forte filho manda o *lasso velho* ,
 „ Que ás terras se passasse do Alemtejo. „

Ainda não tinha dito quem era este *forte filho* que apparece de repente, e apparece tambem o *lasso purissimo* Latim, que bem escusado era quando em Portuguez ha tantas palavras com que se dêsse a conhecer a decrepitude, cançasso, e abatimento de forças do velho Monarca. No ultimo verso vem outra injúria a hum Mouro, dita na cára de hum Mouro:

„ Co' o sangue Mouro, barbaro, e *nefando*. „

Com o repizado epitheto — *nefando* — se augmenta ainda mais a atrocidade da injúria, sempre pizadas as Leis da conveniencia dos caracteres, em que he infelicissimo o Principe dos Poetas. Na Oit. 77 vem huma torrente de erudição, e Mythologia, perdida nas orelhas do Rei Mouro:

„ Já se ajuntão do Monte a quem Medusa
 „ O corpo fez perder, que teve o Ceo. „

E podia conhecer o Rei de Melinde,
que era Atlante convertido por Medusa
em monte do seu nome?

„ O corpo fez perder que teve o Ceo. „

Custa a entender nisto a transformação de Atlante, porque quem não entender a força da palavra — teve — parece que he o verbo ter, por possuir, e não pelo verbo *suster* ou sustentar; porque, segundo diz a Fabula, Atlante sustinha o Ceo nos hombros; e aqui parece que o corpo que se perdeu era o corpo que o Ceo tinha:

„ O corpo fez perder, que teve o Ceo. „

Se huma incorrecção tão sensivel não he hum erro, e se a fanatica seita Camoniana lhe chama, como costuma, huma belleza, então *cum animalibus non est luctandum*. Oit. 78:

„ Entrava com toda esta companhia

„ O Miralmuminim em Portugal. „

E como se dirá isto em prosa, e prosa baixa?

„ E assim fazendo quanto mal podia,
„ O que em partes podia fazer mal,
„ Dom Sancho vai cercar em Santarem,
„ Porém não lhe succede muito bem. „

Se aos voluptuosos não agradasse tanto a pintura das pernas de Venus, e dos desejos alli enrolados, e a minuciosa descripção das turpitudes da Ilha que Venus levou pelo mar aos empurões, vendo-se tanta baixeza de estylo, tantas incoherencias, quem se lembraria das Lusiadas? Não se desculpão estes erros com a bellissima tirada da morte de D. Affonso Henriques, e algumas victorias alcançadas por seu filho D. Sancho, ainda que em todas as bellas Oitavas se não interrompe a impropriedade de estar dizendo mal dos Mouros, que não fazião mais que defender-se, a hum Rei Mouro que com elles tinha commum a estirpe, ou a Lei.

Na Oit. 89 se admirão estes dois sonoros versos:

„ Da soberba Tuí que a mesma sorte
 „ Vio ter a muitas Villas suas visinhas. „

Tui se pronuncia sempre, e não Tuí com accento agudo no *i*. Na Oit. 91 se começa a injuriar hum dos melho- res Monarcas que subirão ao Throno Portuguez, quero dizer, o infeliz D. Sancho 2.^o, que tanto nas artes da paz engrandeceo o Reino, tantas obras boas, e grandes emprehendeo, proje- ctou, e executou, murou Cidades, e Villas, edificou grandes Templos, e Hospitaes, promoveo a Agricultura, e podemos dizer que em seu Reina- do sahio das sombras Gothicas para o perfeito estado de civilisação o Reino de Portugal até alli occupado na ex- pulsão, e total exterminio dos Mouros até ao Algarve. Elle era o primoge- nito de Affonso 2.^o, porque D. Affon- so 3.^o, que era hum segundo na or- dem do nascimento, tinha hido casar a Bolonha de França, e a destronação de Sancho 2.^o foi huma obra de fãc- ções, de intrigas, e deslealdade, que fez interromper a linha da Primoge-

nitura na successão ao solio Portuguez. Vejamos , e admiremos a audacia do Poeta, e nella a mania Camoniana :

„ Morto depois Affonso , lhe succede
„ Sancho segundo , manso , e *descuidado* ;
„ Que tanto em *seus descuidos se desmede* ,
„ Que de outrem , quem mandava , *era mandado* :
„ De governar o Reino , que outro pede ,
„ Por causa dos *privados foi privado* :
„ Porque como por elles se regia ,
„ Em todos os seus vicios consentia. „

Ainda não houve Portuguez que dissesse mais injúrias a hum Rei Portuguez , e que peor o maltratasse. O equívoco , ou trocadilho ridiculo — Por causa dos privados foi privado — he huma das chocarrices escandalosas do Poema. Não se póde saber quem pedia o Reino ; se he o Conde de Bolonha , este não devia pertender sem crime o que por direito de successão lhe não pertencia. Na Oit. 92 mostra o Poeta com exemplos , e comparações que D. Sancho 2.^o era hum *bom* Monarca , com hum grande chorro de erudições perdidas com o Rei de Melinde , que as não entendia. Diz que não

fora *tão deshonesto* como Nero, nem *tão cruel* como o mesmo Nero, nem *tão máo* como Heliogabalo, nem como o molle Rei Sardanapalo. Este termo — *tão* — denota medida e quantidade, senão foi *tanto*, foi deshonesto, foi cruel, foi máo, foi molle, ainda que não tanto, como aquelles monstros da antiguidade. Continúa na Oit. 93 os termos comparativos para nos dar a conhecer que não foi abominavel em gráo supremo, porque o povo não era tyrannizado do modo que foi o povo de Siciliano dominio de seus Tyrannos; que ElRei D. Sancho não tinha inventado tormentos tão cruéis como os de Fálaris; finalmente que as suas maldades não igualavão em crueza as daquelles Tigres. Então se não era tanto quanto aquelles forão, porque razão o destronárão, e chamarão á successão o Conde de Bolonha? O Poeta o diz tambem nos ultimos versos da Oit.

„ Mas o Reino de altivo, e costumado
 „ A Senhores em tudo Soberanos,

„ A Rei não obedece , nem consente
 „ Quem não for mais que todos excellente. „

Aqui temos nas *Divinas Lusíadas* claros principios de huma Doutrina revolucionaria. Sem consideração aos direitos de herança , e de legitimidade , ao acto de acclamação , ao preito , e homenagem que se lhe jurou , á inviolabilidade dos Direitos da Soberania , o povo em liberdade de excluir hum Monarca , porque arbitrariamente o julga menos excellente que os outros , dando ao povo a liberdade deste acto judicatorio ! Eu não sei que outra seja a Doutrina dos facciosos , e dos revolucionarios , que o povo não se fez para o Rei , porém o Rei por amor do povo. Não digamos que isto fora principio anti-Monarquico em Luiz de Camões , foi ignorancia. E terão as *Lusíadas* que emendar ?

A Oit. 94 he escrita em prosa daquelle tempo , e nella ha hum erro que não sei como por elle tem passado os Commentadores.

„ Por esta causa o Reino governou
 „ O Conde Bolonhez , depois alçado
 „ Por Rei , quando da vida se apartou
 „ Seu irmão Sancho , sempre ao ocio dado.
 „ Este , que Affonso o Bravo se chamou. . . „

Que Poesia , e Poesia Epica , reine nos quatro versos , todo o Mundo ouve , e oiça tambem o erro do quinto verso. He preciso ser mui hospede na Historia Portugueza para não saber que o titulo de — Bravo — se déra ao Quarto , e não ao Terceiro Affonso. Deo-se ao neto , e não se deo ao avô. A' vista deste innegavel testemunho , creio que os mesmos Supremos Directores do corpo Camoniano não deixarão de confessar que será aqui licito emendar Camões. Torna a ateimar no mesmo erro no segundo verso da Oit. 96 :

„ Do Bravo Affonso estirpe nobre , e digna. „

Quando falla de ElRei D. Diniz , e dizendo que fizera transferir para Coimbra a Universidade a que déra principio em Lisboa nas Escolas Geraes , diz que levára

„ A pizar do Mondego a fertil herva
„ Quanto póde de Athenas desejar-se. „

Ora com effeito aquelles estudos não chegarão logo a tão subida perfeição, que nelles em tempo de ElRei D. Diniz se visse quanto de Athenas se podia desejar; talvez que o nome — Athenas — fosse ainda então em Portugal ignorado. Demócrito, Epicuro, Platão, Theofrasto, e Aristoteles ainda não tinham apparecido a pizar aquella fertil herva Coimbrã, e na verdade, ainda agora Coimbra tem bons pastos á roda de si. Na Oit. 100 entre huma erudição deslocada vejo huma assersão mentirosa; trata da batalha do Salado, quando Affonso 4.^o, o Bravo, foi soccorrer com o seu Contingente a seu Genro Rei de Castella:

„ Nunca com Semiramis gente tanta
„ Veio os campos Hydaspicos enchendo,
„ Nem Attila, que Italia toda espanta
„ Chamando-se de Deos açoute horrendo,
„ Gothica gente trouxe tanta quanta
„ Do Sarraceno barbaro *estupendo*
„ Co' o poder excessivo de Granada
„ Foi nos campos Tarteziés ajuntada. „

Pois os Mouros de Fez, juntos aos do pequeno Reino de Granada formavão maior exercito que o de Attila Rei dos Hunos, povos da Hungria, e da Transylvania, quando invadio a Italia? (por que Attila não trouxe os Godos, e o Principe dos Poetas estava mal visto neste passo da Historia do baixo Imperio.) He ridicula esta exageração. E que podia Portugal então pôr em pé de guerra, que resistisse a hum exercito maior que o de Semiramis Rainha de Babilonia, e o de Attila Rei dos Hunos? Aqui parece que sem offensa da *Divindade* das Lusiadas póde entrar alguma emendazinha. Na Oit. 102 que descreve a entrada da formosissima Maria pelos Paços Paternaes ha no 7.º verso com cinco aaaaa humá grossa cacofonia:

„ Diante do pai ledo — qu' a agazalha. „

Isto são pequenos erros, mas já que os notão sem razão, sejam notados com ella. Olhem que não são tão *Divinas* as Lusiadas como se julgava.

Na Oit. 103 começa a arenga da

formosissima Maria , e ha o que se vai a lêr :

„ Quantos povos a terra produzio
„ *De Africa toda* , gente fêra , e estranha ,
„ O Grão Rei de Marrocos conduzio
„ Para vir possuir a nobre Hespanha : „

A Rainha vinha cançada , e muito assustada não attentava para o que dizia. Pois á batalha do Salado vierão quantos povos produzio *toda a Africa* ?

„ Poder tamanho junto não se vio
„ Desde que o salso mar a terra banha. „

E então os Exercitos de Xerxes ? E as Legiões de Cesar nas Gallias , e as de Varo , e depois as de Germanico na Alemanha ? E as invasões dos Barbaros do Norte no Imperio do Occidente ? E a invasão dos mesmos Sarracenos na Hespanha no tempo de Rodrigo , ultimo Rei dos Godos ? E a de França no Reinado de Carlos Martel ? E a dos Longobardos na Italia ? E a de Gense-rico na Africa ? — A Oit. 105 acaba baixamente , e com má Sintaxe :

„ Acode, e corre pai, que se não corres
„ Póde ser que não aches quem soccorres. „

Pedia a Grammatica que dissesse —
Quem soccorras. Assim tambem acaba
a Oit. 106 :

„ Tudo o Clemente Padre lhe concede
„ Pezando-lhe do pouco que lhe pede. „

O Padre Clemente não se exprime com
Real dignidade, mas em fim era pacto
de familia, e ficava tudo de portas a
dentro. Oit. 108 :

„ Assim entra nas terras de Castella
„ Com a filha gentil, *Rainha della.* „

Tudo o que he incorrecção de estylo,
deslustra muito hum homem Principe
dos Poetas. Na Oit. 110 ha duas coizas
importantes :

„ Antemão entre o exercito Agareno,
„ Que com titulo falso possuindo,
„ Está o famoso nome Sarraceno: „

Chamão-se os Mouros Agarenos, por-

que vem de Ismael filho de Abrahão, e Agar, e por isto são da mesma raça, do mesmo tronco, e da mesma estirpe que os Judeos. Estes Mouros descendo das montanhas de *Sarraca* com Mahomet, e outros Conquistadores, se derramarão desde a Arabia Petrea, e planices de Suez, até onde os vemos, isto he, até ás raizes do Atlante, chamando-se *Sarracenos* do lugar donde tinham vindo; logo não tem este famoso nome com hum titulo falso:

„ Assim tambem com falsa conta, e *núa*,
 „ A' nobre terra alhêa chama sua. „

Que huma conta se chame certa, errada, falsa, enganada, e o que quizerem, póde ser, excepto conta *núa*. Como póde convir á conta o attributo de *núa*? Se he despida de verdade, então he falsa, e isso já está dito; porém conta *núa*! Nús de Poesia vejo eu tantos versos nas *Divinas Lusiadas*!

Nunca o *Divino Camões* se lembrou que o seu Heroe estava fallando com hum Mouro honrado para não insultar atrómente os Mouros! Oit. 112:

„ Dest'arte o Mouro *pérfido* despreza
 „ O poder dos Christãos. „

Os Mouros , por serem Mouros , não são pérfidos , podem ser fiéis a seus tratados , e alianças , e apresentar huma batalha aos Christãos não he huma perfidia , tambem os Christãos lha apresentavão , e tanto que na peleja — Oit. 113 :

„ Chamão , segundo as Leis que alli seguião ,
 „ Huns Mafamede , outros Santiago. „

Este verso será huma grita , mas por certo não he huma harmonia ! bem como nenhuma tem o da Oit. 114 :

„ Com esforço tamanho estrúe , e mata. „

Diogo Camacho em suas viagens ás Cortes do Parnaso , fallando do Principe dos Poetas , por este , e por outros versos de igual metro , e harmonia , diz desta maneira :

„ Hum Luiz de Camões , Poeta torto ,
 „ Poeta até o embigo , os baixos , prosa. „

Não he muito facil a intelligencia da
Oit. 115 :

„ Já se hia o Sol ardente recolhendo
„ Para a casa de Thetis, e inclinado
„ Para o Ponente o Vespero

Tudo isto são symptomas da proximidade da noite : o Sol hia para casa de Thetis, onde devia dormir aquella noite, o Vespero hia tambem para o Ponente : assim parece, mas o Poeta diz o contrario, e em tudo isto não descobre mais que os annuncios do nascer do dia

„ trazendo

„ Estava o claro dia memorado. „

Quando se põe o Sol, por certo para os do Hemisferio que o vêem pôr não nasce o dia ; he preciso que o Poeta quanto mais sublime for, mais claro seja, porque se falta esta qualidade ao seu estylo falta-lhe a primeira das virtudes. Se falta a clareza falta tambem a verdade.

„ Foi pelos fortes Reis desbaratado

„ Com tanta mortandade , que a memoria
 „ Nunca no Mundo vio tão grão victoria. „

Isto he huma daquellas exagerações , ou hyperboles que podem passar entre gente rude , ou vulgo ignorante ; porém em hum Poema para homens instruidos , vistos , e lidos nas Historias do Mundo , he huma especie de insulto. O Rei de Granada , e o Rei de Fez juntarão grandes forças no Salado contra ElRei D. Affonso de Castella , ajudado , ou soccorrido por seu Sogro D. Affonso 4.º o Bravo. Em Evora , na Igreja da Victoria , existião duas bandeiras Mouriscas ganhadas por D. Affonso 4.º Os Mouros recolhêrão-se a Granada , onde continuarão a existir até o tempo dos Reis Catholicos , outros embarcárão em Tarifa , e se forão para Fez , e Marrocos. E nesta batalha , diz o Poeta , houve maior mortandade que em todas aquellas de que a memoria humana se lembra !! A historia mesmo o contradiz.

„ Nunca no Mundo vio tão grão victoria. „

E deixa ficar para todos os seculos o verem no *Divino Poema*, que a mortandade que em suas victorias fizera o feroz Mario aos Cimbroz, e Teutões, nações pugnacissimas de Alemanha, fora menor que a mortandade do Salado!!! Eu não quero allegar outros exemplos senão os que o Poeta allega, senão tambem me lembraria da mortandade dos Sarracenos junto a Poitiers em França, e da mortandade dos Longobardos nos montes Fesulanos junto a Florença. Lembra-se o Poeta com huma apóstrofe, que deixaria espantado ElRei de Melinde, da mortandade dos Judeos no cerco de Jerusalem por Tito. Aqui morreo hum milhão e cem mil Judeos: *Undecies centena millia Judeorum periere*, diz hum grave Historiador Ecclesiastico. Ou morressem por permissão Divina, ou pelo esforço dos Romanos, morrêrão, morreo hum milhão, e cem mil homens; isto he mais alguma coiza que a mortandade do Salado, e he hum erro emendavel no Grande Camões. Não nos deve cegar tanto o amor Nacional, que faltemos á verdade, ou procuremos

contradizer os testemunhos, e os factos da Historia.

Chegámos em fim ao grande Episodio

„ Da misera, e mesquinha,
„ Que depois de ser morta foi Rainha. „

Este Episodio he hum dos mais firmes, e seguros sustentáculos da fama, e da grandeza das Divinas Lusiadas, e he a coiza mais deslocada, e incoherente, que tem apparecido. Huma preocupação, ainda que seja successiva, he hum fantasma, que ao mais ligeiro assopro da razão se desfaz, e se desvanece. He onde mais improprio, mais desconhecedor dos caracteres, ou costumes, eu contemplo este Poeta, sem escutar os preceitos dos Rhetoricos, mas sim os dictames da boa razão, como até aqui tenho feito, e hirei fazendo por todo o largo decurso desta Censura. Se os Nacionaes, e Estrangeiros tem collocado no Parnaso Luiz de Camões, eu não pretendo derruballo; mas ninguem me póde tirar o direito de examinar os titulos desta collocação. Repentinamente,

sem preparação ou transição alguma, na Oit. 119 interrompe o Principe dos Poetas a sua longa historia, que o pacientissimo, e insomne Rei de Melinde lhe escutava, volta-se o Poeta sem se saber para onde, creio que para Alcobaca onde está, ou estava enterrada D. Ignez de Castro, e começa por duas apóstrofes, huma ao amor, e outra á mesma D. Ignez: Oit. 120:

„ Estavas, linda Ignez, posta em socego. „

e acaba:

„ Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
„ O nome que no peito escrito tinhas. „

Entre montes, e hervinhas não ha mais nada, nem arvores, nem bosques, nem rochedos, nem fontes, nem oiteiros: ficarão com ensino só montes, e hervinhas. Devemos comtudo confessar, que entre todos os tractos do Poema este he o melhor, pelo que pertence á versificação, ou metrificação; os versos são harmoniosos, correntes, patheticos, e mui-

to bem feitos. He tão bello aqui o Camões como he em quasi todas as suas Poesias soltas, ou Rimas; mas o — *servandi sunt tibi mores* — está aqui para sempre esquecido, e desprezado. D. Ignez he condemnada á morte porque

„ O velho pai sizudo, que respeita
 „ O murmurar do povo, e a fantasia
 „ Do filho, que casar-se não queria. . . „

He constante pelos melhores testemunhos da Historia que ElRei D. Pedro, sendo ainda Principe se recebêra em Bragança com D. Ignez de Castro, e como havia casar, se elle estava casado? Se assim não fosse, não a mandaria coroar Rainha, e reconhecella por tal depois de morta, não daria o titulo de Rainha a huma mulher, ainda que tão illustre, que não fosse sua mulher. Isto devia saber, ou conhecer o Poeta; mas não deixa de o ser por ignorar hum ou outro factó Historico.

He conduzida D. Ignez de Castro com as mãos prezas diante de Affonso 4.º, vai rodeada de assassinos, e de algozes, tem a morte proxima; e póde

huma fraca mulher neste estado , neste transe tão fatal pronunciar hum discurso tão erudito , e tão concertado ? Que derrame lagrimas , que diga huma ou outra palavra solta , que pronuncie alguma sentença que fique em memoria , e ainda mesmo que encare com intrepidez o cadafalço , e a morte , isto pôde ser , e muitas vezes se tem visto neste , e nos passados seculos ; porém tanta erudição , tantos exemplos , tanto conhecimento da Historia natural , e da Historia antiga , fallando em a mãe de Nino , em Romulo , e Remo , criados por huma loba , o que por certo nem a mesma Madama Rolland , reputada o Tacito da França , fez na Guilhotina , he coiza tão fóra de proposito , e tão opposta á verosimilhança dos caracteres , que o Poeta deve conservar ; que podemos dizer , que he o maior erro das *Divinas Lusíadas* , porque não havia lugar para isto , e vai fóra de todos os limites da verosimilhança. Volta-se o Poeta na Oit. 133 para o Sol , e com assombro do Rei de Melinde , que não conhecia D. Ignéz de Castro , e

nunca ouvira fallar nella , e faz huma apóstrofe , em que lhe pede que se retirasse da vista dos algozes , como se tinha apartado da vista da cêa de Thiestes. Baccho sendo , como tem mostrado , tão amigo dos Mouros , devia aqui excitar huma tempestade no mar , para fazer recolher á terra o Rei no seu batel , e livrallo de huma secatura , que o matava , ouvindo coizas de que não podia fazer idéa , pois erão para elle absolutamente desconhecidas. Aqui temos pois o Episodio de D. Ignez de Castro fóra de todo o proposito , cheio de todas as incoherencias , e opposto a todas as Leis da verosimilhança. Se o destacarem do Poema , se não fizer huma parte delle será sempre bom , e será sempre admirado , mas pelos dictames da boa razão , está alli muito fóra do seu lugar. Na Oit. 136 diz o Poeta desta maneira :

- „ De outro Pedro cruissimo os alcança ;
 „ Que ambos *imigos das humanas vidas* ,
 „ O concerto fizerão duro , e injusto ,
 „ Que com Lépido , e Antonio fez Augusto. „

Ha huma certa disposição em Luiz de Camões para insultar os Monarcas Portuguezes. Dizer-se de hum Rei Portuguez, que he inimigo da vida humana, e comparar o acto de justiça em castigar tres delinquentes atrozes com as proscipções Romanas no governo do Triumvirato, he injuriallo devéras, e El-Rei D. Pedro o 1.º, ainda que Justiceiro, não merecia tão escandalosa invectiva, nem o odioso titulo de — *inimigo da vida humana*. — E na Oit. 137:

„ Fazer nos máos cruezas féro, e iroso
 „ Erão os seus mais certos refrigerios. „

Hum Monarca por ser Justiceiro, não se segue que seja cruel, porque a justiça não he huma vingança, nem huma crueldade, e não he coiza decorosa dizer-se a hum Rei, quando exercita hum acto de justiça no castigo de hum delinquente, que se diverte, e refrigera no derramamento do sangue humano. As Divinas Lusiadas são muito injuriosas aos Reis, e ás Rainhas de Portugal. E se isto não he erro em Ca-

mões como Poeta , he hum grande erro como Politico. Vem na Oit. 138 outra invectiva a outro Rei Portuguez , D. Fernando :

„ Remisso , e sem cuidado algum Fernando. „

As muralhas de Lisboa forão obra de ElRei D. Fernando , parte das de Evora tambem são obra sua ; estabeleceo proveitosas Leis , cuidou na Agricultura ; no seu Reinado se descobrem vestigios de Marinha regular , de que tanto se aproveitou D. João 1.º na tomada de Ceuta. Deo optimos Foraes a muitas Cidades , e Villas. Não era hum Monarca guerreiro , mas não se póde sem suprema injúria chamar remisso , e frouxo nas artes da paz. Continuemos a vêr a baixa prosa com que o Poeta prosegue no começado insulto :

„ Que *todo o Reino* pôz em muito aperto :
 „ Que vindo o Castelhana devastando
 „ As terras sem defeza , esteve perto ,
 „ De destruir-se o Reino totalmente. „

Eu não sei que se possa insultar mais!

Na Oit. 139 continuão os insultos : e será isto huma belleza das Divinas Lusíadas ?

„ Ou foi castigo claro do peccado
 „ De tirar Leonor a seu marido,
 „ E casar-se com ella, de enlevado
 „ N'hum falso parecer mal entendido :
 „ Ou foi que o coração sugeito, e dado
 „ *Ao ocio vil*, de quem se vio rendido
 „ Molle se fez, e fraco, etc. . . . „

Em tão rasteiras expressões, e onde não reluz o mais ligeiro vislumbre de Poesia, está a mais superior injúria á Rainha D. Leonor Telles. Se he verdade o que o Poeta diz, elle o devia occultar fallando de hum Monarca a outro Monarca. Na Oit. 140 se interrompe, e corta o interessante fio desta narração, tão interessante para o Rei de Melinde, que não queria perder huma palavra, e começa o Poeta hum daquelles sermões com que costuma ou principiar, ou acabar seus Cantos, e que nenhuma relação ou ligação tem com a acção principal, erro que nasceo em Camões da servil imitação de Ariosto. Nun-

ca , ou rarissimas vezes deve o Poeta na Epopéa ou fallar de si , ou misturar , como suas , reflexões ao que vai representando. Virgilio foi muito parco , e apenas em dois lugares introduzio estas reflexões , o Epifonema

Tantæ molis erat Romanam condere gentem !

E a profecia , ou vaticinio contra a ufanía de Turno.

*Nescia mens hominum fati sortis que futurae
Turno tempus erit. —*

O Principe dos Poetas se dispensou desta Lei , he profuso , he prodigo em sermões , reflexões , e digressões.

„ Do peccado tiverão sempre a pena
„ Muitos que Deos o quiz , e o permittio. „

Que ouvidos se não arripiarão com este segundo verso? O tom da prosa tem elle , o méτρο por certo lhe falta. Segue-se o Catálogo dos que se perdêrão por amores :

„ Os que forão roubar a bella Helena. „

Depois Apio, Tarquinio, David, Benjamin, Faraó, Sichem, Hercules, Marco Antonio, o Penno prospero, etc. O verso de Marco Antonio, ainda não he verso:

„ Com ser tanto a Cleopatra affeçoado. „

O verso errado emenda-se, o verso he de Camões, logo Camões póde ser emendado. Continuação nas duas ultimas Oit. 142, e 143 as mesmas reflexões, e podia o Rei de Melinde dizer que não lhe esquecesse o que hia dizendo, porém que lhe acabasse de contar o que se seguía dos descuidos de Fernando, pois lhe dava isso cuidado. E assim se conclúe o terceiro Canto com a narração interrompida, hum dos maiores defeitos das Divinas Lusiadas.

CENSURA
DAS
LUSIADAS.

QUARTO CANTO.

ACABOU o terceiro Canto com hum sermão , e começa o quarto com huma mentira. O Poeta não sei porque motivo nos diz , que as perturbações acabárão com a morte de Fernando , e que com ella veio a paz ao Reino , como costuma vir a bonança depois da tempestade :

„ Assim no Reino forte aconteceu ,
„ Depois que o Rei Fernando falleceo. „

E isto para nos começar de contar as

horriveis guerras da successão, e a batalha de Aljubarrota, com os bandos, e facções, que tanto assolárão este Reino muito depois da acclamação de El-Rei D. João o 1.º; e a isto, pela mais estranha das contradicções, chama o Principe dos Poetas vir a bonança:

„ Depois da procellosa tempestade. „

Na Oit. 2, e 3, conta a milagrosa acclamação do Rei pela voz de huma menina que estava em o berço:

„ No berço o corpo, e a voz alevantou,
„ Portugal, Portugal, alçando a mão,
„ Disse pelo Rei novo Dom João. „

A Oit. 4 he a mais escandalosa de todo o Poema. E póde ter desculpa o Principe dos Poetas em fazer revelar a hum Rei Mouro em tão remotas regiões semelhantes turpitudes, e indecencias?

„ Alteradas então do Reino as gentes,
„ Co' o odio que occupado os peitos tinha,
„ Absolutas cruezas, e evidentes,
„ Fez do povo o furor por onde vinha:
„ Matando vão *amigos*, e *parentes*

„ *Do adultero Conde , e da Rainha*
 „ *Com quem sua incontinencia deshonesto*
 „ *Mais depois de viuva manifesta. „*

E sabia o Rei de Melinde quem era o Conde João Fernandes Andeiro ? *Do adultero Conde.* Tanta certeza tinha Camões deste caso ? A murmuração , ou os ditos do vulgo , são bastantes provas para se infamar huma Rainha tão clara , e desavergonhadamente ? Fosse embora assim , o que nunca se poderia provar , porque a Rainha D. Leonor até se offereceo á prova do fogo , devia Camões ser hum infame delator de tão horrendo crime ? Na Oit. 5 ha huma inutil narração das cruezas do povo na morte do Arcebispo de Lisboa D. Martinho , precipitado da torre da Sé , e isto annuciado de hum modo , que ElRei de Melinde podia muito bem entender !

„ Quem como Astianax precipitado
 „ (Sem lhe valerem ordens) d'alta torre ,
 „ A quem ordens , nem aras , nem respeito ,
 „ Quem nu por ruas , e em pedaços feito. „

Sem lhe valerem ordens. Queria o Poeta que o Arcebispo allegasse os Sagra-

dos Canones aos que atirárão com elle da torre abaixo? Tinha acaso o Mouro algum conhecimento das disposições dos Canones sobre a sentença de morte proferida contra o Clerigo *in sacris*? Este parenthesis (*sem lhe valerem ordens*) he das coizas mais ridiculas das Lusiadas; e a expressão mais antipoetica que se podia pronunciar. Na Oit. 6 levanta Camões hum novo testemunho á Rainha D. Leonor.

„ Por isso Leonor, que o sentimento
„ Do morto Conde ao Mundo descobrio,
„ Faz contra Lusitania vir Castella,
„ Dizendo ser sua filha herdeira della. „

Nem da Rainha era herdeira D. Beatriz, nem de Castella. Em quanto a D. Leonor, apenas o Mestre de Aviz matou o Conde, e o povo de Lisboa o acclamou Regente, vestida de pezado luto, como andava, se foi para Alemquer, e continuando as desordens, e os bandos no Reino, se passou a Castella, e se sepultou no Convento de Tordezilhas, onde morreo, sem influir coiza alguma nas pertencções de seu gen-

ro o Rei de Castella, pois allegava o direito da herança de sua mulher,

„ Por filha de Fernando reputada. „

Outra injúria a ElRei D. Fernando. As Oit. 8, 9, 10, e 11 com o bordão *lá* fazem a descripção dos povos de Hespanha, que formavão o exercito com que D. João invadió este Reino. Estas gentes, seus diversos costumes, a posição Geografica das suas respectivas regiões, erão mysterios indecifráveis para o paciente Rei de Melinde, a quem o Gama embute quanto podemos agora lêr na Monarquia Lusitana, e quanto nos custa a entender a nós. E erão estas miudezas para hum Mouro de Zanguebar, como tenho tantas vezes repetido?

Na Oit. 12 ha huma particularidade bem curiosa, e que até aqui ninguem sabia de ElRei D. João 1.º:

„ Joanne a quem do peito o esforço cresce,
„ Como a Sansão Hebrêo da gadelha. „

Para nos soar este verso, he preciso es-

tirar muito as syllabas da palavra — Hebrêo — aliàs coxêa como innumeraveis ; porém ainda que isto seja huma miudeza , he hum defeito em Camões , que , como tão grande Poeta que mereceo o Principado , devia conhecer melhor o mecanismo da sua arte. Não seja isto do caso. A Sansão Hebrêo crescião-lhe as forças fysicas em proporção do crescimento de seus cabellos ; se estes se cortavão, diminuia a elasticidade de seus musculos , e por consequencia a sua força fysica. E será isto huma imagem do heroico esforço moral de ElRei D. João o 1.º ? Eisaqui a miseravel incoherencia para que se não tem advertido. Então o esforço , e valentia de animo crescia no Monarca em proporção do volume do peito que se lhe augmentava , como a força do corpo em Sansão se augmentava com o accrescimo dos cabellos da sua cabeça , que Dálila cortou , e com que aquelle Hercules Judeo ficou enervado ?

„ Como a Sansão Hebrêo da gadelha ? „

A Oit. 13 não he menos notavel. To-
Tom. I. o

dos sabem os partidos em que estava dividido o Reino sobre a successão; os mesmos Irmãos do Condestavel seguirão as partes de Castella, e hum delles morreo na batalha de Aljubarrota. Cada hum interpretava a seu modo, ou segundo seu individual interesse, os direitos da Rainha D. Brites. E que motivo tem o Poeta para dizer affirmativamente, que os que seguirão o partido da Hespanha reconhecendo os direitos da herança, e a legitimidade (ainda que supposta) da pretensão de El-Rei D. João de Castella, tambem negarão a Deos?

„ Negão o Rei, e a Patria, e se convém,
 „ Negarão como Pedro o Deos que tem? „

São isto exagerações importunas, e oppostas aos dictames da boa razão. A Oit. 14 contém a gabada pintura do Condestavel, defendendo em conselho, onde se devia tomar a deliberação de se oppôr o Reino ás pretensões do Monarca Hespanhol, e eu nella não des-
 eubro mais que huma reprehensivel Ro-

domontada, e fóra do character de hum homem que delibera em hum Conselho de Estado :

„ Mas nunca foi que este erro se sentisse
 „ No forte Dom Nuno Alvares, mas antes, etc.

„ A mão na espada irado, e não facundo
 „ *Ameaçando a terra, o mar, e o Mundo.* „

Em hum conselho opina-se, e delibera-se com razões, e não com ameaças, pois elle não estava entre inimigos. Chama ao Condestavel *não facundo*, e põe em sua boca hum grande oração no genero deliberativo em cinco consecutivas Oitavas com todos os movimentos oratorios. Vejão se fosse facundo quando acabaria a oração! E Vasco da Gama a levava bem decorada para a repetir a fio a ElRei de Melinde, que devia gostar muito. Na Oit. 16, fallando dos Hespanhoes a quem se devia resistir, diz que ElRei D. Affonso Henriques os vencêra:

„ Como! Não sois vós inda os descendentes
 „ Daquelles que debaixo da bandeira

„ Do Grande Henriques , féros , e valentes ,
 „ Vencestes esta gente tão guerreira ?

ElRei D. Affonso Henriques foi vencido pelos Hespanhoes Leonezes em Guimarães , e só o deixárão pelas promessas do Aio. Foi vencido , e feito prizioneiro pelos mesmos Hespanhoes em Badajoz , e solto depois da estipulação do feudo a ElRei de Leão. Eis-aqui como os Castelhanos forão vencidos. As guerras de D. Affonso Henriques , e as suas victorias , forão sempre contra os Mouros. Os Hespanhoes não lhe disputárão a posse do Reino , que hia ganhando , só querião o reconhecimento da dependencia , o que ficou solememente abrogado nas Cortes de Lamego. Luiz de Camões conhecia pouco da Historia do Reino , e creio que o Cenotafio preparado não o salva deste erro.

O resultado da oração do Condestavel , foi que todos — (Oit. 21 :)

„ Vão correndo , e gritando á boca aberta. „

Ora eu não sei como se possa gritar

com a boca fechada! Não sei como se possa chamar Poeta quem falla impropria, e incorrectamente! Compara na Oit. 24 o Condestavel com Attila, Rei ferocissimo dos Hunos, e diz que fora para os Castelhanos o que foi aquelle Barbaro, denominado o flággello de Deos, para os Francezes, e para os Italianos. Ora a victoria de Valverde, dos Atoleiros, e de Tui não forão como as subversões de França, e de Italia, na invasão daquelle formidavel assolador. Dá conta na mesma Oit. do Commandante da ala direita do Exercito na batalha de Aljubarrota, e como se fosse mui conhecido de ElRei de Melinde:

„ Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos. „

Isto excede toda a verosimilhança! Vasco da Gama feito em Melinde o Chronista Mór do Reino, Fr. Bernardo de Brito! Como se nada mais tivera que fazer, e isto mettido n'hum barco! Dois individuos me fazem dó nesta proluxa, e interminavel arenga,

hum he o Rei de Melinde a ouvir calado o que não podia entender, e se o Gama não soubesse a Lingua do paiz, e usasse de Interprete, levava dobrado tempo, porque era preciso repetir o que elle dissesse como aconteceu em Calecut por intervenção de Monçaide; o outro he o Camarista que levou a função de pé, com o chapeo de Sol na mão por detrás do Rei, como nos disse o Poeta; tinha os braços deitados a baixo, e pedia a Deos que anoitecesse, para se lhe acabar aquelle tormento; e Vasco da Gama a contar sem tomar o folgo!! Na Oit. 25 aponta o outro Commandante:

„ E da outra ala, que a esta corresponde,
 „ Antão Vasques de Almada he Capitão. „

Antão, Capitão — *tão* no principio, e *tão* no fim não soa bem. Que sacrilegio! Notar hum defeitinho em Luiz de Camões, que não he homem, he Divino! — *O Divino Camões póde errar!* — Nunca se disputou esta infallibilidade Poetica!!

„ Das gentes vai regendo a *séstra mão.* „

Não he a ala esquerda , ou o flanco esquerdo do Exercito , he a mão esquerda das gentes que Antão Vasques vai regendo — *A séstra mão.* — As miudezas da Oit. 26 devião ser mui curiosas , e agradaveis , e até edificantes para ElRei de Melinde :

„ Estavão pelos muros temerosas ,
„ E de hum alegre medo quasi frias ,
„ Rezando as mãis , irmãs , Damas , esposas ,
„ *Promettendo jejuns , e romarias.* „

Esta puerilidade he irrisoria na magestade de huma Epopéa. O que he para admirar he o cabal conhecimento que o Mouro tinha destas coizas , pois não pôz huma dúvida , nem pediu huma explicação. Deixou fallar o Gama até cançar. A mesma narração de Henrique 4.º á Rainha Isabel de Inglaterra , não he tão fastidiosa na Gazetal Henriade. Seguem-se quatros Oit. no verdadeiro tom Epico , que são as 28 , 29 , 30 , e 31 , porém apparecem talvez que para lastimarmos ain-

da mais as frequentes quédas, e as baixezas verdadeiramente puerís. Vejamos a Oit. 32:

- „ Destes arrenegados muitos são . . .
 „ No primeiro esquadrão, que se adianta
 „ Contra irmãos, e parentes. . . . „

E estes irmãos, e parentes não hião contra os outros parentes, e irmãos. Só os de lá tem culpa, e merecem o nome de — arrenegados — porque se illudirão com a opinião da legitimidade dos direitos da Rainha D. Brites! Deixemos Luiz de Camões como politico, e consideremo-lo como Poeta. Eu não sei como se pronunciava no tempo de Camões a palavra — *Magno* — nós não eramos Italianos, quem quizesse agora rimar — *Estranho*, e *Magno* — seria sem dúvida apupado no Parnazo. Para que bordo do batel se viraria Vasco da Gama para apostrofar tão fóra de tempo Sertorio, e Coriolano? Julgo que para o mesmo bordo donde apostrofava Catilina. A Oit. 33 me obrigou a grandes reflexões. Este Sertorio, este Córíolano,

este Catilina apostrofados, que quere-
rão dizer? O Poeta os chama para
mandar por elles hum recado a Plu-
tão, chamado Sumano. Sem o Poeta
fallar, não nos podemos explicar:

„ O' tu Sertorio, ó nobre Coriolão,
„ Catilina, e vós outros dos antigos,
„ Que contra vossas Patrias com profano
„ Coração vos fizestes inimigos:
„ Se lá no Reino escuro de Sumano,
„ Receberdes gravissimos castigos,
„ Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
„ Alguns traidores houve algumas vezes. „

A intenção deste recado mandado pe-
los tres famosos Romanos era pedir a
Sumano que quando lá apparecessem
no Inferno Portuguezes, que lhe car-
regasse a mão devéras. Suppõe o Poe-
ta traidores a Coriolano, e Sertorio;
quero conceder-lhe que este fosse o
crime de Catilina; julga-os condemna-
dos ao Tartaro, e Cocito, grita-lhe de
cá, que digão a Sumano o que por
cá vai com os que seguirão as partes
de Castella; e porque não faz o Poe-
ta directamente a queixá a Sumano?
Tão pouco tinhamo que fazer os tres

condemnados , que fossem metter tudo no bico a Sumano? Vivos não hião lá, e mortos, não as perdião; nem he de presumir que Sumano deixasse de fazer a sua obrigação quando lá os apanhasse, e lhe cahissem nas unhas. Isto não seria huma nõvidade para Sumano; que já lá terião apparecido os traidores, que tanto promovêrão a deposição de D. Sancho 2.º, os que se conspirarão contra ElRei D. Diniz nas revoltas do Infante D. Affonso. Se o Sumano já sabia, porque por vezes lhe tinhão sido feitas de cá essas remessas, se já o sabia, era muito inutil o recado mandado pelos tres condemnados acima referidos.

Vejo na Oit. 34 hum aleijão do costume :

„ Rompem-se aqui dos nossos os primeiros
 „ *Tantos dos inimigos a elles vão.* „

Quando hum verso está errado, emenda-se, este segundo verso está errado, logo póde emendar-se; o verso he de Camões, logo Camões póde emen-

dar-se, porque faz versos errados, e emendar os que errão he huma obra de misericordia, e não hum sacrilegio. Huma vez podia escapar, mas já são tantas! Logo na Oit. seguinte 35 vem outro verso errado, e virão outros muitos.

„ Ferina, e a ira, não lhe compadecem. „

Se nisto se acharem observadas as rigorosas leis do méτρο, eu me retractarei em público. Na Oit. 36 vem huma comparação emprestada de Estacio, como já está demonstrado.

„ Qual parida Leoa féra, e brava. „

Não sei que sahida dará a seita Camoniana a esta infecundidade. Na Oit. 40, temos o terceiro verso desta amphibológica maneira:

„ O mestre morre alli de Santiago. „

Parece que morre de doença assim chamada. O mestre não morreo de se-

zões, morreo de Santiago, e se ha mal de S. Lazaro, tambem o haverá de Santiago. A primeira virtude do estylo he a perspicuidade. No sexto verso ha hum epitheto sem motivo:

„ Outro Mestre *cruel* de Calatrava. „

Não se diz que Mestre era, nem as razões porque tinha merecido este horroroso, ou vilipendioso titulo de *cruel*: não se deve dar huma idéa má de hum individuo sem dar a razão deste dito. Muita gente morre!

„ Os Pereiras tambem arrenegados. „

Em prosa não se diz melhor, e he bem de presumir que se arrenegarião com a morte. Morrem arrenegados, e

„ Morrem *arrenegando o Ceo, e os Fados.* „

Não ha motivo nenhum para dizer que estes illustres guerreiros, irmãos de D. Nuno, morrendo na batalha, o que aconteceo a muitos de ambos os exer-

citos, vencedor, e vencido, sendo, como erão, Christãos, morressem *arrenegando o Ceo, e os Fados*. Assim o quiz dizer Luiz de Camões, e assim commetteo hum grande erro. A Oit. 41 he digna de reparo por este verso: —

„ Muitos tambem do vulgo *vil* sem nome „

(Não ha razão para chamar *vís* aos soldados, ainda que não conhecidos por seu nome, o exercito compõe-se de soldados, e ser soldado, ainda que razo, e razo do chão, não he ser *vil*.)

„ Vão, e tambem dos nobres, ao profundo,
 „ Onde o trifauce Cão perpetua fome
 „ Tem das almas que paixão deste Mundo. „

Tanto os Castelhanos, como os Portuguezes da batalha de Aljubarrota, erão baptizados, e Christãos velhos, Catholicos Romanos, e misturar huma idéa tão gentilica como he a do *trifauce Cão*, que tem fome das almas que vão deste Mundo, que devem apparecer diante de hum Deos Julgador, he hu-

ma parvoice, quando lhe não queirão chamar huma impiedade. Apparece na Oit. 42 outro verso errado, objecto sobre o qual não deve recahir, nem desculpa, nem indulgencia:

„ Se vê, e de seu proposito mudado. „

Tão grande mestre, e tantos versos aleijados! He ridiculo o verso da Oit. 46:

„ E de varios senhores n'hum momento!! „

Varios senhores he hum grande rasgo de Poesia Epica! Na Oit. 47 ha outro ainda peor. *Serpiit humi*: arrastra-se em baixissima prosa!

„ Destas, e outras victorias longamente. „

Versus inopæ rerum, nugæ que canoræ!

De coizas versos nús, chutas canoras!

Podia aqui dizer Horacio a Camões, se acaso Camões póde ser emendado por Horacio, sem que a seita grite, sacrilegio! sacrilegio! Na Oit. 48 vem huma das notaveis injúrias que ocul-

pavel esquecimento do Poeta faz dizer ao Rei Mouro. Trata da conquista de Ceuta por ElRei D. João 1.º

„ Este he o primeiro Rei que se desterra
 „ Da Patria por fazer que o Africano
 „ Conheça pelas armas quanto excede
 „ A Lei de Christo á Lei de Mafamede. „

Ora isto dito na cara a hum Rei Mouro, e tambem Africano! He huma incoherencia, e huma falta de conservação, e igualdade de caracteres. Parece que o Gamá não conta huma nova historia, que não seja para injuriar aquelle bom homem do Rei de Melinde; Oit. 49.

„ O monte Abila, e o nobre fundamento
 „ De *Ceuta* tóma, e o *torpe* Mahometa
 „ Deita fóra, e segura *toda a Hespanha*
 „ Da Julianna má, e desleal *manha.* „

Torna a injuriar o Rei Mouro, chamando *torpes* aos Mahometanos, e diz huma mentira, porque a Hespanha não ficou *toda* livre de Mouros com a tomada de Ceuta. O Reino Mourisco de Granada, e sua galantissima Corte se

conservou na Hespanha até ao Reinado de Fernando, e Isabel, reinando em Portugal D. João o 2.º ;, então forão os Mouros de todo expulsos da Peninsula. Por certo Camões, quando compunha isto, não tinha á mão a Historia do Reino. A Oit. 50 prosa começa, e prosa acaba:

„ Deixou *quem* o levou *quem* governasse ,
 „ E *augmentasse* a terra mais que dantes. „

Neste cáhos de éccos, custa a achar hum sentido, e de todo incognito, quando nos lembramos que ElRei D. Duarte não augmentou mais o Reino do que o havia augmentado seu antecessor, e pai D. João 1.º Nem podemos chamar augmento, e dilatação do Reino ao casamento da Infanta D. Leonor, filha de ElRei D. Duarte com o Imperador de Alemanha. Pouco tinha que augmentar hum Reino atribulado, e devastado pela peste de que o Rei morreo em Thomar, e de pouca idade. Julgo que por esta razão diz o Poeta na Oit. 51 que

„ Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 „ O tempo , que ficou na summa alteza. „

Na Oit. 52 dá ao Mouro o nome de *Sarraceno*, tendo já dito, que se lhe não devia, porque o Mouro usurpava este illustre nome; tem o Principe dos Poetas suas faltas de memoria.

Concedamos-lhe ao amor nacional preferir o cativoiro do Infante D. Fernando ao voluntario sacrificio de Códro, e de Régulo; diga embora, que nem Curcio, nem Décio fizeram tanto. Fallando na Oit. 54 de ElRei D. Affonso 5.º acaba com estes dois versos:

„ Mas Africa dirá ser impossibil ,
 „ Poder ninguem vencer o Rei *terribil.* „

Não sei que o titulo de *terribil* se dê-se já mais a ElRei D. Affonso o 5.º, e só sim o de *Africano* pelas suas proezas na Africa, o qual não foi tão *impossibil* de vencer, que se não visse obrigado de hir em pessoa a França implorar algum soccorro, que não al-

cançou , e tanto se abateo o animo do Rei , que destinou abdicar a coroa , e acabar a vida em huma peregrinação a Jerusalem ; não sei porque lhe chama o Rei *terribil* : por pobreza de rima. Os quatro primeiros versos da Oit. 55 são verdadeiramente anfibológicos.

„ Este póde colher as maçãs de ouro
 „ Que sómente o Tyrinthio colher pôde ;
 „ Do jugo que lhe pôz o bravo Mouro
 „ Da cerviz inda agora não sacode. „

Não se sabe a quem o Mouro impo-
 sera o jugo , se a *este* , se ás *maçãs* ,
 se ao *Tyrinthio* ; toda esta obscurida-
 de nasce da nimia , e affectada erudi-
 ção , que em toda a parte apparece
 sem causa , e sem motivo. Como era
 possivel que o Mouro de Melinde sou-
 besse , que o Tyrinthio era Hercules ,
 e que este Hercules fora ao jardim das
 Hesperides roubar as maçãs , ou as
 laranjas , ou o que quer que foi. ? No
 terceiro verso chama-se o Mouro — *bra-*
vo — , no sexto verso chama-se o mes-
 mo Mouro — *barbaro*.

Louvando até aqui ElRei D. Affonso 5.º começa na Oit. 57 a invectivar ElRei D. Affonso 5.º

„ Porém depois tocado de ambição,
 „ E gloria de mandar *amára*, e *bella*,
 „ Vai commetter Fernando de Aragão. „

Deixemo-nos dos contradictorios epithetos dados á gloria *amára*, e *bella*. Na Oit. 58 torna a invectivar Affonso 5.º chamando-lhe *ambicioso*, e *sanguinolento*:

„ De ir ajudar o pai *ambicioso*
 „ Desbaratado o pai *sanguinolento*. „

Venha agora em corpo de Tribunal toda a Seita Camoniana dizer-nos que a gloria da Patria está de tal arte identificada com a gloria de Camões, que não se póde offender huma sem ultrajar a outra. Para gloria de ElRei D: Affonso 5.º declara que ficou vencido por ElRei de Aragão:

„ Dest'arte foi vencido Octaviano,
 „ E Antonio vencedor seu companheiro. „

Na Oit. 61 depois do bordão *lá* chama aos Hespanhoes *incllytos*:

„ Com o senhorio de incllytos Hispanos : „

tendo acabado de lhes chamar huns patifes. Na Oit. 62 vem outro bordão — *lá* : —

„ Que de Christo *lá* guarda o santo rito. „

E saberia o Mouro que coiza era o santo rito de Christo? Trata o Principe dos Poetas , e o mais comprido dos contadores , da viagem intentada por Affonso de Paiva , e Pero da Covilhã , mandados por ElRei D. João o 2.º á India por terra : e assim remata a Oit. 65 :

„ *Lá* morrêrão em fim , e *lá* ficárão
„ Que á desejada Patria não tornárão. „

Hum morreo , e outro tornou a Portugal , e he para admirar que o Poeta , tão proximo áquelles tempos , ignorasse hum factó tão público ; porque

depois da chegada deste viajante se determinou ElRei D. João 2.^o a mandar Bartholomeu Dias dobrar o Cabo da Boa Esperança, e chegar como chegou ao Padrão de S. Filippe, e Ilhéu da Cruz. Na Oit. 66 vem hum dos costumados peccadinhos contra as leis do méτρο:

„ Para Manoel, e seus merecimentos. „

O merecimento que isto tenha em Poesia conhecem bem os que não se alistarão nas bandeiras da Seita Camonianna. São estes erros indesculpaveis até em hum principiante. Segue-se a enigmatica Oit. 67, que em si, e consigo nada conclúe, e passa para a seguinte; he preciso copialla:

„ O qual, como do nobre pensamento
„ Daquella obrigação, que lhe ficára
„ De seus antepassados, cujo intento
„ Foi sempre accrescentar a terra chara,
„ Não deixasse de ser hum só momento
„ Conquistado, no tempo que á luz clara
„ Foge, e as estrellas nitidas que sahem
„ A repouso convidão quando cahem. . . „

Aqui não ha sentido algum, nem ordem de idéas entre si ligadas. Seja á prima noite, seja á meia noite, seja de madrugada, o Poeta nenhum destes tres tempos quiz designar em particular. O sonho, e a visão de ElRei D. Manoel foi de noite, e o Principe dos Poetas quiz fazer huma perifraseda noite a seu modo. O verbo deste nominativo — *O qual* — passa para a Oit. seguinte 68 na primeira palavra:

„ *Estando já deitado no aureo leito.* „

Era de presumir que o Rei se deitasse quando naquelle tempo se deitava a outra gente. Deitou-se na cama, e seria por certo antes da meia noite, começou quando pôz a cabeça no travesseiro a fazer o que costumão fazer os que trazem entre mãos algum negocio de importancia, meditarem nelle, occuparem-se d'elle quando se deitão, e adormecer nestas considerações; nestá occasião adormecendo ElRei D. Manoel, sonhou então: e assim sem o discurso de João Franco Barreto, de

Manoel Pires de Almeida, e extaticas contemplações do Padre Thomás de Aquino, sobre a importancia do accento agudo posto em cima do — á — *á luz clara*, sabemos que foi de noite, porque o Rei: —

„ Estando já deitado no aureo leito ,
„ Onde imaginações mais certas são. „

Era de noite, que he o que se póde colligir da embrulhada de palavras que fórmão os versos da commentada, e recomentada Oit. 68.

„ Morfeo em varias fórmãs lhe apparece. „

Novo erro : Morfeo não he o sonho, Morfeo he o somno, ou o Deos do somno, que he o mesmo : os sonhos são os que apparecem em varias fórmãs, e não o somno. Não se sabe o que o Poeta entenda pela — prima esfera — da Oit. 69. Se entende (no systema de Astronomia antigo) que era o primeiro movel, não era necessario subir tão alto para vêr varios

Mundos , bastava-lhe só vêr a terra ,
 e vejão os da Seita Camoniana se lhe
 era precizo boa vista , como já notá-
 rão em outro sonho , e outras imagens.
 Vem pois o bordão *lá* :

„ E *lá* bem junto donde nasce o dia ,
 „ Depois que os olhos longos estendêra ,
 „ Vio de antigos , longiquos , e altos montes
 „ Nascerem duas claras , e altas fontes. „

Vio pois ElRei naquellas *scenas adver-
 sarias de mais conversação* rebentarem
 duas fontes , e sahirem logo das fontes
 dois homens velhos :

„ Dois homens que mui velhos parecião ,
 „ A côr da pelle , baça , e denegrada ,
 „ A barba irsuta , intonsa mas comprida. „

Se a barba era — não cortada , *inton-
 sa* — , claro está que era comprida. Na
 Oit. 72 ha huma circumstancia notavel ,
 que he a differença que se descobre nos
 dois velhos , que sahem das duas fontes
 que nascem na mesma montanha *adver-
 saria de mais conversação* , e se apre-
 sentão aos olhos do Rei ; hum delles vi-
 nha mais cançado do caminho que ou-

tro. Onde foi este velho primeiro que viesse, pois sahem ambos do mesmo lugar, isto he das mesmas fontes huma ao pé da outra? Se antes de sahir da fonte vinha de mais longe, porque não descansou hum bocado, dizendo ao companheiro que esperasse? Hum rio não começa a andar senão da fonte donde nasce. Vir, ou não vir, como Alfeo, ou o Guadiana, por baixo, ou por cima da terra, esta vinda, visivel, ou não visivel, não torna o seu curso mais dilatado, sempre sahe da fonte donde começa, a carreira alli tem o seu principio, e tanto cança o rio por cima, como por baixo, porque o seu curso he o mesmo. Ora se ha coiza ridicula he esta circumstancia do rio cançado. A figura de hum rio, representada em hum velho venerando, he puramente allegorica, o cançado só póde dizer-se de hum animal organico, a quem a agitação dos musculos, e dos nervos cause depois abatimento; e hum rio ainda que se mova, e agite, nada póde sentir, porque lhe falta a constituição organica, irritavel, e sensivel. Oit. 73:

„ Este que era o mais grave na pessoa. „

Depois de huma pintura idéntica , vem a differença da gravidade da pessoa. Declara depois quem seja , e antes disso diz ao Rei :

„ Te avisamos que he tempo que já mandes.
„ A receber de nós tributos grandes. „

Na Oit. 74 logo declara ao Rei que

„ Custar-te-hemos comtudo dura guerra. „

Não he hum annuncio proprio de quem vinha offerecer voluntarios tributos , e tributos grandes ; era mais huma declaração de guerra que hum convite , e como o Rei cuidava , e meditava no descobrimento da India , o rio velho e cansado do caminho lhe veio declarar , que o tal descobrimento que intentava fazer-lhe devia custar caro , isto era mais assustar , que venerar o Monarca. Oit. 75 :

„ Não disse mais o rio illustre , e santo ,
„ Mas ambos *desparecem* n'hum momento. „

Este annúncio de guerra determina o Monarca, quando parece que se devêra suspender para ponderar mais a empreza, pois não era hum pequeno objecto a guerra que devia custar o descobrimento da India. Oit. 76 :

„ Chama o Rei os Senhores a conselho. „

Com maior baixeza de estylo não se podia annunciar tão augusta cerimonia; se o primeiro he assim, o segundo não lhe he inferior em elevação, e harmonia :

„ E propõe-lhe as figuras da visão. „

Ora póde caber no entendimento humano, que ElRei D. Manoel, quando propõe em Conselho a expedição de Vasco da Gama, dissesse aos Conselheiros de Estado, que víra em sonhos dois velhos, hum mais cançado que o outro :

„ E propõe-lhe as figuras da visão? „

E que estes velhos, *as figuras da visão*;

erão o Rio Indo., e o Rio Ganges? O peor he o que se segue na mesma Oit.:

„ As palavras lhe diz do *santo velho* ,
 „ Que a todos forão grande admiração. „

E com effeito, todos se devião admirar de similhante patranha, e assentarem por primeira resolução de Conselho, que ElRei não estava em seu juizo perfeito. Este maravilhoso dos dois Rios he muito deslocado, porque fazendo o Gamma huma narração rigorosamente historica, e na presença de hum Monarca, faria muito bem, sem infringir as Leis da Epopéa, cujo maravilhoso he sempre sonhado nas Lusiadas, se expoesse os motivos politicos, e religiosos, que obrigavão o Rei de Portugal a commetter, ou tentar similhante empreza.

„ Determinão o nautico apparelho ,
 „ Para que com sublime coração ,
 „ Vá a gente que mandar cortando os mares. . . „

Nada se disse em Conselho, todos a eito se callarão, admirados dos dois fi-

gurdões velhos que tinham apparecido ao Rei , que acreditou logo as palavras. Na Oit. 79 trata-se da escolha , e recae esta na pessoa de Vasco da Gama , e sem se ter fallado nelle , lhe diz o Rei estas palavras (agora sabemos que Vasco da Gama estava no Conselho) :

„ Eu vos tenho entre todos escolhido. „

O Gama deve responder a isto , e agradecer ao Rei a mercê , e honra que lhe fazia , e apparece hum Gentio , hum Pagaão , hum Idólatra a fallar , para acabar com a allusão a humas palavras do Evangelho. Entre todas as incoherencias das Lusiadas , esta resposta de Vasco da Gama a ElRei D. Manoel he a maior : Oit. 80 : —

„ Imaginai tamanhas aventuras ,
 „ Quaes Eurystheo a Alcides inventava ;
 „ O Leão Cleoneo , Harpias duras ,
 „ O Porco de Erymanto , a Hydra brava ;
 „ Descer em fim , ás sombras vãs , e escuras ,
 „ Onde os campos de Dite a Estyge lava ;
 „ Porque a maior perigo , e mór affronta
 „ Por vós , ó Rei , o espirito , e a carne he prompta. „

Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma: elle emenda o *infirma*, e diz *prompta*. Póde haver coiza mais pueril? Pois era mais o Leão, o Porco, a Hydra, as Harpias, do que era surcar o Oceano do Téjo a Calecut? E estas fantasias da delirante Grecia erão acções que allegasse por exemplo de maior para menor hum homem Christão em huma acção politica, e religiosa? E inverter no fim, ainda que em parte, o Oraculo do Evangelho que chama a carne enferma, e fraca, chamando-lhe *prompta*! Em nenhum dos lances do Poema, he mais escandalosa a mistura do sagrado com o profano. O ultimo verso da Oit. 81, e o primeiro da 82 são dignos de memoria:

„ O charo meu irmão Paulo da Gama. „
 „ Mais se me ajunta Nicoláo Coelho. „

He tão familiar, e até meigo este modo de contar:

„ Mais se me ajunta Nicoláo Coelho, „

que nos está parecendo que ElRei de

Melinde conhecia pessoalmente Nicoláo Coelho, e até que era amigo íntimo de Nicoláo Coelho, coiza tão propria da magestade da Épopéa que ainda que as *Divinas Lusíadas* não tivessem bases tão seguras da perpetuidade da Fama, para se fazerem immortaes bastaria este verso:

„ Mais se me ajunta Nicoláo Coelho. „

A Oit. 83 tambem começa com o ordinario ímpeto, e furor Épico:

„ Forão de Manoel remunerados. „

Diz Horacio, ou diz a boa razão, que quando o Poeta vê coizas, que ditas, e tratadas em Poesia não podem brilhar, que as deve prudentemente omitir. A Oit. 86 he recomendavel pela circumstancia de que o Gama dá parte a ElRei Mouro de Melinde, que a gente da tripulação se disposera para a longa, e incerta viagem, como quem se dispõe para a morte, isto he, com os Sacramentos:

„ Apparelhamos a alma para a morte. „

Coiza de que o Mouro se edificaria muito, pois via que erão bons Christãos:

„ Implorámos favor que nos guiasse,
„ E que nossos começos *aspirasse*. „

O verbo — *Aspirar* — nunca póde dizer, favorecer, ajudar, prosperar, e se querem alatinar a coiza, diga-se — *secundar* — mas aspirar não corresponde a idéa que o Gama quer annunciar. Tomar-se-ha por *bafejasse*? Oit. 87:

„ Partimo-nos assim do santo Templo,
„ Que nas praias do mar está assentado. „

Era preciso que o Rei Mouro soubesse como se chamava o Templo, isto he, qual era a sua invocação; mas de hum modo que lhe fosse comprehensivel: pelo contrario, usa o Poeta da perifrasede que aos Christãos dá a conhecer o maior mysterio:

„ Que o nome tem da terra para exemplo,
„ Onde Deos foi em carne ao Mundo dado. „

Nós sabemos que he — *Belem* — e o Mouro podia saber que assim se chamava huma Cidade da Judéa, onde nasceu feito homem o filho de Deos? São coizas tão improprias, e tão alhêas das pessoas a quem se falla, tão oppostas aos dictames da razão, que me parece hum problema irresolvivel o motivo porque se tem lido, e traduzido este Poema.

Seguem-se os prantos da gente até á Oit. 93, onde se notão estes dois tocantes, e sublimes versos! —

„ Determinei de assim nos embarcarmos
 „ Sem o despedimento costumado. „

Depois de haver dito em igual prosa, que mãis, esposas, filhos, parentes, tudo viera com os navegantes á praia despedir-se entre prantos, e alaridos:

„ Agente da Cidade aquelle dia,
 „ (Huns por amigos, outros por parentes,
 „ Outros por vêr sómente) concorria
 „ Saudosos na vista, e descontentes:
 „ E nós co' a virtuosa companhia
 „ De mil Religiosos diligentes,
 „ Em procissão solemne a Deos orando,
 „ Para os batéis viemos caminhando. „

Tom. I.

Q

Finalmente na Oit. 94 começa a decantada Prosopopéa do velho de Belem, que bem considerada devia ter feito supprimir o Poema desde o seu primeiro apparecimento. He pena que se descubra tantas, e tão indesculpaveis faltas de juizo em Luiz de Camões! No momento do embarque, na presença, e na cara do mesmo Rei, que desde a Ermita da Senhora de Belem acompanhou Vasco da Gama até á praia de Rastello, onde embarcou, introduz hum velho, não só a agoirar mal, e a vociferar contra a expedição com as mais descomedidas, e insultantes expressões, sendo a expedição mandada pelo Rei, e de tanto tempo disposta para engrandecimento do Reino, mas a invectivar com audacia o mesmo Monarca na sua presença, reprehendendo-o pela acção que fazia, porque despovoava o Reino, deixava engrossar inimigos proximos, só com o fim de se lizongear com a propria fama. Convém trasladar aqui tão insolente invectiva, e com ella fazer emudecer a pertinaz Seita Camoniana, se á pertinacia não juntar tambem a impudencia: Oit. 101:

,, Deixás criar ás portas o inimigo
 ,, Por ir a buscar outro de tão *longe*,
 ,, Por quem se despovoe o Reino antigo,
 ,, Se enfraqueça, e se vá deitando a *longe*:
 ,, Buscás o incerto, e incógnito perigo
 ,, Porque a fama te exalte, e te lisonge,
 ,, Chamando-te Senhor com larga cópia
 ,, Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia. ,,

Reprehenda embora, como máo politico, a intentada empreza do descobrimento, sirva-se, como máo Poeta, de termos identicos para diversos consoantes — *Longe*, e *Longe*, que não são rimas; porém que Luiz de Camões perdesse de todo o juizo, e a reflexão, e se não lembrasse que no momento em que introduz o velho a vociferar, era aquelle em que se dava o primeiro passo para o descobrimento da India!.. Por ventura tinha já ElRei D. Manoel assumido estes gloriosos titulos de Senhor do Commercio, Navegação, e Conquista da India, Arabia, Persia, e Ethiopia? Pois se a India não estava descoberta, como estava já conquistada? Quantos annos depois apparecerão estes titulos? O velho era Profeta? Donde consta isso? E se era Profeta devia conhecer os

bens, e vantagens, que não só para este Reino, mas para muitos povos, devião resultar daquella empreza. He indesculpavel esta parvoíce. O velho era Catholico, e queria que se peleijasse pela Lei de Christo, como se vê na Oit. 100 :

„ Não tens junto contigo o Ismaelita,
 „ Com quem sempre terás guerras sobejas?
 „ Não segue elle do Arabio a *Lei maldita*,
 „ Se tu pela de Christo só peijas? „

E isto contado a hum Rei Mouro, que seguia a Lei de Mafoma, e chamar a esta *Lei maldita* na cara deste petrificado Mouro!.. Pois este Catholico, mistura a toda esta grande invectiva as fabulas do Paganismo: Oit. 103 :

„ Trouxe o filho de Jápeto do Ceo. „

Que vem aqui fazer Prometheo da Ode de Horacio, com a fabula de Dedalo, e Icaro? Vem findar o Canto 4.º com a mais intempestiva erudição, comparando a acção do denodo, pericia, e politica dos Portuguezes no descobrimen-

to da India com a temeridade de Dedalo, e Icaro, que voárão com azas enceradas, e com o sacrilegio de Prometheo em roubar o fogo celeste; de maneira que descobrir a India, he huma temeridade, e hum sacrilegio, e aquelle mesmo Gama que conseguiu este fim, he o mesmo que lhe dá este nome na presença de hum Rei a quem pedia auxilio para ultimar este projecto.

C E N S U R A
 D A S
 L U S I A D A S.

QUINTO CANTO.

CRESCE o Poema das Lusiadas , e crescem as incoherencias , e inverosimilhanças , e entre as que nos outros Cantos se devisão , as do quinto são as maiores , e as mais escandalosas aos singellos dictames da boa razão. Logo na primeira Oit. , e no primeiro verso em que continúa a nojoza , e interminavel narração vemos este verso :

„ Estas sentenças taes o velho honrado
 „ Vociferando estava . . . „

Foi manifesta a honra do velho em re-

provar a expedição, praguejando-a com infamia, e insultando de vão, e ambicioso o Monarca que a mandava executar, e tudo isto na sua mesma cara, e até motejando-o sobre os titulos que ainda não tinha assumido, nem podia então assumir: eis aqui a honra do velho! *Estas sentenças taes* he huma frase incorrecta, e *vociferar sentenças* não se sabe o que he, porque he imprópriamente dito; proferir, e até mesmo assoalhar sentenças póde dizer-se, mas de *vociferar sentenças* em nenhuma das épocas da Lingua se assignalará hum exemplo em qualquer dos classicos Portuguezes.

„ A véla desfraldando, o Ceo ferimos
„ Dizendo *boa viagem* . . .

O *Ceo ferimos* he frase de Virgilio, porém n'outras circumstancias,

Ferit altera sidera clamor.

Dizendo, boa viagem. Se nos não trasladarmos aos tempos Homericos, em que

tudo se dizia pelo seu nome, e nada se omittia, de necessidade nos havemos rir da singeleza desta expressão — *boa viagem*, — na levantada Poesia Epica:

„ Nos troncos fez o usado movimento. „

Custa muito a entender que — *troncos* — queira dizer mastros de navio: duro translato, porque não se sabe que troncos sejam aquelles em que o vento faz o usado movimento, porque o primeiro e mais usado movimento he o das vélas. Se as metáforas fazem o sentido escuro, são viciosas. Oit. 2.^a:

„ Entrava neste tempo o eterno lume

„ No animal Nemeo truculento

„ E o Mundo que co' o tempo se consume. „

Se he eterno o Sol, — *eterno lume* — e o Sol he huma parte do Mundo, não póde ser eterna a parte, e caduco, e consumivel o todo, chegando a ser, enfermo, e lento. Na 3.^a Oit. temos huma descripção geographica dos lugares que se vão perdendo de vista em proporção do espaço que a armada vai cor-

rendo como se ElRei de Melinde os conhecesse, e sobre tudo a qualidade da frescura da Serra de Cintra, que nos ardores da costa oriental da Africa excitaria no Monarca desejos de hir lá passar o verão. As impropriedades são tantas, que seria eterno o commentario se as quizesse notar todas. A mentira do verso segundo da Oit. 4.^a já está confutada quando se tratou dos mares nunca dantes navegados:

„ *Que geração alguma não abriu.* „

Até ao sitio em que o Gama dizia isto, como já se mostrou, Bartholomeu Dias chegou ao Ilheo da Cruz, e Padrão de S. Filippe, e daqui para cima até Mombaça, diz Barros que o Gama encontrára — *Gentes que navegarão ao nosso modo.* — Ora, de Melinde até Calecut, se o Piloto Arabe, Moalem Caná, não fosse práctico em a navegação, não levaria lá Vasco da Gama. Só podião dizer isto Fernando de Magalhães, e Pedro Fernandes de Queirós lutando com os gêlos, e cerrações do Polo austral. Oit. 5.^a:

„ Passámos a grande Ilha da Madeira ,
 „ Que do muito arvoredo assim se chama ;
 „ Das que nós povoamos a primeira. „

Então que Ilhas tinham que passar antes da Madeira ?

„ Mas nem por ser do Mundo a derradeira ,
 „ Se lhe avantajão quantas Venus ama. „

Não sei porque se hade chamar a Madeira a ultima Ilha do Mundo. E as Antilhas não são já descobertas no tempo do Gama, e as Canarias não são muito mais ao Oeste presuppondo que não existia a America, porque ainda no tempo do Gama não estava o seu continente descoberto? Deixemos isto. A posição da Madeira como a ultima Ilha do Mundo não a faz avantajár ás que Venus amou, porque podia ser a ultima do Mundo, e ser hum rochedo quasi esteril como a de Santa Helena, ou a despovoada Ilha da Ascensão. A posição geografica não a fazia nem melhor, nem peor. Na Oit. 6 nos dá a conhecer o Poeta huma qualidade de gente bem rara, gente que nunca bebe agua; esta gente são os *Azeneques*:

„ Gente que as frescas aguas nunca gosta. „

O animal bipede, e implume, que he o homem de Platão, não póde viver sem beber agua, ou coiza que o valha, mas os Azenegues não tem vinho; e ainda quando se supposesse huma nação de bebados, tal he a occasião, e a composição dos vinhos engarrafados, que ao menos os devotos sempre refrigerão pela manhã a boca alastrada de sarro com hum pucaro de agua. No verso 6 vem outro prodigio, que se perdoa ao Poeta pela preocupação popular; que vem a ser o succo digestivo das Emas, que esmoe o ferro:

„ Onde as Aves no ventre o ferro gästão. „

Engolir espadas temos nós visto pelo nosso dinheiro, mas digerir ferro he huma fabula. Estão expostas as qualidades da gente Azenega, que vem a ser não beberem agua, habitarem huma terra que nem hervas produz, porque até as Aves comem ferro por não terem outra coiza, em fim he gente de extrema pobreza: —

„ Padecendo de tudo extrema inopia ,
 „ Que aparta a Barbaria da Ethiopia. „

Ora aqui temos a raia , ou a extrema de duas regiões diferentes. A Ethiopia separa-se da Barbaria pela inopia. Não he isto o que se chama *chicana* da crítica , são construcções anfibologicas , que transtornão todo o sentido , ou o fazem equívoco , e hum bom Poeta não deve ser preguiçoso ; — *sudet multum* , diz o arrazoado Horacio , e não deixe hir a palavra da mesma sorte que se apresenta.

Se na Oit. 6 foi o Poeta máo Grammatico , na Oit. 7 pelo escuro modo com que se explica , figura de máo Geografo , e hum homem que tinha passado á India devia rectificar esta idéa , e explicar-se sem anfibologia , pois nestes dois versos mais se entende o tropico de Capricornio que o de Cancer , porque de lá he que o Sol guia o carro para o Norte :

„ Passámos o limite aonde chega
 „ O Sol , que para o Norte os carros guia. „

Muito bem ; oiçamos o verso 5 , e 6 :

„ Aqui gentes estranhas lava, e rega
„ Do negro Senegá a corrente fria. „

Deixemos o erro do segundo destes versos. Se o Gama tinha já passado o tropico de Capricornio, como he possivel que neste ponto lavasse, e regasse o Senegal estranhas gentes, se o Senegal desembóca no Oceano áquem da Equinocial? Nem o rio Senegal, nem o Cabo Arsinario, ou Cabo verde ficão além do tropico de Capricornio.

Na Oit. 8 faz andar o Gama para trás só para fallar nas Ilhas Canarias, nas Hesperides, ou Fortunadas:

„ Terras por onde novas maravilhas
„ Andarão vendo já nossas armadas. „

Pois não tinha elle dito na Oit. 4 que navegáráo mares:

„ Que geração alguma não abrio? „

Isto he ser falto de memoria. Torna outra vez ás Ilhas de Cabo Verde, e dá ao Rei Mouro huma idéa da Ilha de S. Thiago desta guiza: —

„ A'quella Ilha aportámos que tomou
„ O nome do guerreiro S. Thiago, „

„ Santo que os Hespanhoes tanto ajudou
 „ *A fazerem nos Mouros bravo estrago.* „

Olhem com que devoção ficaria o Rei
 Mouro ao Apóstolo S. Thiago!

Notandi sunt tibi mores,

diz o atilado Horaciô, e se o Poeta não olha para isto, não faz senão parvoices. Na Oit. 11 vem (como he erudição Mythologica, vem por força), a fabula das tres irmãs Dorçadas, que vião todas tres por hum só olho, e caminhando na Oit. 12 para o Austro, tornar a andar para trás, vem de novo á Serra Leoa, e ao Cabo das Palmas. Na Oit. 13 diz que passára a linha, onde o meio do Mundo he limitado, e isto depois de haver passado o limite onde o Sol chega para virar para o Norte. Isto não se entende. Na Oit. 18 vem o fenómeno electrico que deixa luminosas por alguns instantes as pontas dos mastros. Os nossos marujos lhe chamão S. Telmô, e Vasco da Gama para fazer conhecer ao Mouro o que isto era lhe diz: —

„ Vi claramente visto o lume vivo
„ Que a maritima gente tem por Santo. „

Que idéa podia o Mouro formar com isto do prodigio que o Gama lhe contava! Nesta mesma Oit., e na 19, e 20 lhe conta o ordinario fenomeno que se chama tromba, que he a acção do vapor aquoso que sóbe, e se incorpora em a nuvem perpendicular para se desatar depois em hum grosso chuveiro:

„ No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
„ E do vento trazido, rodear-se. „

Rodear-se de que? Que quer isto dizer? Estender-se em roda não se exprime pelo termo rodear-se.

„ Estava-se com as nuvens ondeando. „

Ondear-se com as nuvens não se sabe o que he:

„ Em cima delle huma nuvem se espessava. „

He comprido de mais. Em se extin-

guindo a columna de vapor, acabou-se a representação da tromba, ou manga (como lhe chamão os marujos) que leva, ou eleva a agua.

„ Porque com a agua a jacente agua molhe. „

He hum verso errado, *jacente* não he Portuguez, e molhar agua com agua, he chover no molhado, ou he trocadiho de Freiras velhas. Na Oit. 25 fica o sentido truncado, ou suspenso por falta de grammatica, e senão re-jão-se conforme as regras estes quatro ultimos versos da mesma Oit.:

„ E para que mais certas se conheção
 „ As partes tão remotas onde estamos,
 „ Pelo novo instrumento do Astrolabio
 „ Invenção de subtil juizo, e sabio. . . . „

O que? Que fizerão? Isto he o que falta na oração. Na Oit. 26 não falta senão memoria no Poeta para não fazer mentiroso o seu Heróe. Disse elle na Oit. 83 do Canto 2.º que levava em regimento do seu Rei que não devia saltar em terra senão na India,

e que por isso não hia visitar pessoalmente em seu Palacio a S. Magestade Moura, e a esta mesma Moura Magestade diz nesta Oit. 26 do Canto 5.º :

„ Desembarcámos logo na espaçosa
„ Parte por onde a gente se espalhou. „

E para provar que era verdade o que dizia de ter alli desembarcado, como mais depressa se apanha hum mentiroso que hum coxo, lhe dá hum sinal certo de que com effeito fora á terra, dizendo na Oit. 33 :

„ Que esta perna trouxe eu dalli ferida. „

Não se fora lá metter, que ninguem o mandava, antes pelo contrario não devia hir, porque lhe ordenára o seu Rei que não desembarcasse. Isto he verdadeiramente enjoativo, abater tanto o Heróe que o mette em huma brigada de negros, nos quaes saltarão os da lancha com os croques, e lambazes, a ponto de sahir da brigada, como

elle diz , com huma perna escalavrada ; se isto não entendia o Mouro , devião entendello os leitores , e julgallo a Posteridade. Na Oit. 34 ha huma grande incoherencia , inadvertida até agora , porque a mania Camoniana tem feito olhar para o Poema não com os olhos do exame , mas com o extase da estúpida , e irreflexiva admiração.

„ Da gente bestial , bruta , e malvada ,
 „ De quem nenhum melhor conhecimento ,
 „ Podemos ter da India desejada
 „ Que estarmos inda muito longe della. „

Pois era preciso perguntar isto aos negros da Angra de Santa Helena ? O Gama não sabia que ainda não tinha dobrado o Cabo da Boa Esperança ? E os Pilotos não conhecião pelos roteiros já formados , e que elles levavam consigo , que não tinham chegado onde chegara Bartholomeu Dias ? Devia o Gama perguntar pela India além do termo onde os precedentes navegadores tinham chegado. A Oit. 35 apresenta hum daquelles quadros de que diz o profundo Horacio:

Sed non erat his locus.

He hum sotaque , e hum motejo da gente da prôa , e que se deve ouvir , porque nem os ditos dos arrieiros , nem os dos marujos Portuguezes são para perder ; eu os oiço com reflexão , e observo alli hum singularissimo rasgo do character do miudo povo Portuguez. Nem arrieiros Coimbrões , nem marujos se virão ainda melancolicos , sempre gracejão , ou estoirados de coices , e estafados de andar , ou abraçados com huma taboa em hum naufragio , e he grande aquelle animo , que nunca se impacienta.

„ O' lá Velloso amigo , aquelle oiteiro
 „ He melhor de descer , que de subir !
 „ Si he , (responde o ousado aventureiro) ;
 „ Mas quando eu para cá vi tantos vir
 „ Daquelles cães , depressa hum pouco vim
 „ Por me lembrar , que estaveis cá sem mim. ,;

He bello porque he verdadeiramente epigrammatico o sotaque :

„ He melhor de descer , que de subir !

E não he inenós epigrammatico o contra-sotaque :

„ Por me lembrar que estaveis cá sem mim. ,

Mas isto he bonito ouvido a bordo ,
e não mettido na sustentada magestade de hum Epopéa de assumpto tão grave. Huma tremenda *cunha* vem no segundo verso da Oit. 36 :

„ Contão então , que tanto que passárão
„ Aquelle monte , os negros de quem fallo. „

Isto he o mesmo que dizer — como lhe vou contando ; — he digna de se notar esta notavel Oit. em hum Poema Epico :

„ Contou então , que tanto que *passárão*
„ Aquelle monte , os negros de quem fallo ,
„ Avante mais *passar* o não deixárão ,
„ Querendo , se não *torna* , alli matallo ,
„ E *tornando-se* , logo se emboseárão ,
„ Porque sahindo nós para tomallo
„ Nos podessem mandar ao Reino escuro
„ Por nos roubarem mais a seu seguro. „

Não se póde comprehender como isto se diria em prosa mais baixamente , ou como o contaria hum marujo grumete a outro grumete marujo ! *Mandar-nos ao Reino escuro !* Pois elle Gamma , e todos a eito devião hir para o

Inferno? Que outra coiza he o Reino escuro? Na Oit. 37, além da teimosa repetição dos — *Mares nunca d'outrem navegados*, vem huma notavel contradição:

„ Quando huma noite estando *descuidados*
„ Na cortadora prôa *vigiando.* „

Como póde vigiar quem está descuidado? E como póde estar descuidado quem vigia? Mas começa a apparecer o tamanhão do Adamastor: sobre esta insensata Fantasmagoria existe impressa huma Dissertação minha, e sería bastante remetter os Leitores á contemplação daquelle Opusculo, porém como esta mina he tão fecunda que nunca será bastantemente explorada, hirão neste commentario occorrendo mais algumas reflexões. A Oit. 38 he bella, e tem, e terá sempre o sabor da boa Poesia; porém na Oit. 39 começa a formigar as incoherencias do costume. Fez o Poeta huma grande pintura da noite, a nuvem que tolda o Ceo, e que se estende por todo o Ho-

risonte do mar, he negra, he temerosa, he carregada, por tanto augmentava, ou duplicava a obscuridade natural da noite, não se poderião vêr huns aos outros no convez, e tolda do navio; e como nos não diz que a figura vinha illuminada, he não só inverosimil, mas impossivel que se podesse devisar o Gigante ainda que maior que o estranhissimo colosso de Rhodes, envolto como se nos diz, na mesma escura, e carregada nuvem, e se o total da figura não se podia devisar, a que luz vio o Gama tanta miudeza? Só se dissermos que á luz do farol da Náo, como reflecte o Commentador Ignacio Garcez Ferreira. Se tão grande medo se assentou no coração de todos, que o Gama tremendo implora a Potestade sublimada, como he possivel que ficasse com o animo tão seguro, e olhos tão resolutos que podesse vêr que os cabellos do Gigante erão crespos, e além de crespos cheios de terra? E sem abrir ainda a bocca para fallar como he possivel que visse que era negra, e que

os dentes são amarellos , ou por estarem cariados , ou por incuria do mesmo Gigante , que sendo tão namorado das bellas tinha tão pouca curiosidade no asseio da boca? Se o Gama dissesse que daquella obscuridade sahia huma voz sem saber de quem , porque não via quem lhe fallava , e bradava espantosamente , e que esta voz lhe dizia o que o Poeta põe na bocca do Gigante , salvava-se a inverosimilhança , e conservava mais a illusão que se destróe de todo , e deita a perder o effeito da visagem ; a vista , e as miudezas da figura tirada por feições fazem ridiculo o que muito bem se podia aproveitar. O Poeta morre por descripções , e erudições. O Rei , que nem idéa teria de Colosso , quanto mais do Colosso de Rhodes , ficaria formando o justo conceito da estatura da criança. Sem preparo algum , o Prégador da nuvem começa a formidavel arenga. Oit. 41 :

„ Pois os vedados terminos quebrantas ,
„ E navegar meus longos mares ousas ,

„ Que eu tanto tempo ha que guardo , e tenho ,
 „ Nunca arados de estranho , ou *proprio lenho.* „

De quem seria esta propriedade , ou que Nação havia no Cabo da Boa Esperança , que navegasse sem licença do Gigante? A quem se referia este — *proprio lenho?* — Isto ainda he pouco. Creio que o Gigante Adamastor ou dormia longos somnos , ou se distrahia com o estudo dos Geografos antigos , a cuja lição se dava , como logo veremos.

„ Nunca arados de estranho , ou *proprio lenho.* „

Onde estava mettido o Gigante Adamastor quando passou Bartholomeu Dias? Não só passou , e tornou a passar , mas deo nome ao Cabo , que , julgado , ou dito até alli das Tormentas , ficou chamado o Cabo da Boa Esperança , que assim quiz ElRei D. João o segundo que se chamasse. Primeira mentira ; ou primeiro descuido do Gigante Adamastor. Que mór injuria lhe fazia agora Vasco da Gama , do que lhe tinha

feito Bartholomeu Dias? Todo o seu enfado he contra o Gama, como se a primeira desfeita não fosse maior que a segunda. Oit. 42:

„ Ouve os damnos de mi que apercebidos ,
 „ Estão a teu sobejo atrevimento
 „ Por todo o largo mar, e pela terra,
 „ Que inda has de subjugar com dura guerra. „

Quando o Gama lhe ouvisse estas palavras devia alegrar-se, e dizer com os seus botões, ou alamares: — Falla para ahi quanto quizeres, alardêa ahi todos os ameaços, e féros que te parecerem, como eu hei de subjugar o mar, e a terra, que me importa a mim o que tu dizes, ou para que o dizes tu, se sabes que eu hei de hir com a minha por diante? Oit. 43:

„ E da primeira armada que passagem
 „ Fizer por estas ondas insoffridas,
 „ Eu farei de improviso tal castigo
 „ Que seja mór o damno que o perigo. „

Já sabemos que faltaria sempre á sua palavra, e que quem muito ameaça pouco executa; pois não sendo a do

Gama a primeira armada que por alli passava, mas sim a de Bartholomeu Dias, deixou-a passar sem lhe fazer mal nenhum. Sabemos que faz allusão ás treze vélas com que devia passar em 1500 Pedro Alvares Cabral; mas essa não he a primeira armada, he a terceira. Mas embora se entenda a primeira depois da do Gama. Na Oit. 45 dá a entender, que D. Francisco de Almeida soffreria muito na volta da India para Portugal, assim como se lembra do naufragio de Manoel de Sousa de Sepulveda na Costa da Cafraria; mas que tem isto com a primeira armada? Se se ha de vingar destes que vierão depois, porque se não vinga do Gama, que vinha primeiro, e o tinha alli quieto, e parado, porque se não deixa cahir em cima delle, e o mette no fundo? Estava tudo acabado. Nada. Deixa passar Bartholomeu Dias, deixa passar Vasco da Gama; e os que hão de vir depois devem pagar a ousadia destes? Que me dizem á incoherencia, ou á belleza do Episodio Adamastor?

Tão cruéis, e sinistros agouros en-
fadarão o Gama, e vendo, que a coi-
za não era tão medonha, ou vendo, co-
mo homem forte, que sem perigo po-
dia fallar a coizas más, que lhe ap-
parecessem, como a conversa devia ser
dilatada, mareando as vélas se pôz á
capa, e lhe disse:

„ Lhe disse eu, quem és tu, que esse estupendo
„ Corpo, certo me tem maravilhado? „

O Gigante estava mais macio, e, co-
mo quem seus males conta os alivia,
responde: Oit. 50:

„ Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo
„ A quem chamais vós outros Tormentorio,
„ Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
„ Plinio, e a quantos passarão, fui notorio. „

Que diria o Gama consigo, ou que
dirião os da armada ouvindo estas pa-
lavras ao da boca negra, e dentes ama-
rellos? Então o Cabo das Tormentas,
e da Boa Esperança anda pelos ares?
Nós devíamos passar á roda, e agora
passamos por baixo! Os Deoses tinhamo,

assim he , transformado este Gigante em Cabo , como daqui a pouco elle dirá , e contará ; logo só por força e poder dos mesmos Deoses podia elle deixar de ser Cabo , e passar para seu antigo estado , e fallar ; porque se elle por sua vontade podesse deixar de ser Cabo para ser outra vez Gigante ha muito que o tinha feito. A mesma Mythologia que nos conta estas transformações , não nos lembra , ou aponta hum só exemplo desta tornada para a antiga fórma ; hum Loureiro não tornou mais a ser Dafne , nenhuma cana foi Siringa (excepto no Entrudo em mãos de rapazes) , nenhum Cypreste tornou a ser Cyparisso , etc. Só o Cabo da Boa Esperança tornou a ser Adamastor , para papaguear , e compôr a historia ternissima , e *sentimental* dos seus amores ; e assim por algumas horas ficou a Africa sem o seu Cabo austral , para hir ser outra vez o que tinha sido , hum Gigante.

A esta grande , e pasmosa incoherencia , se segue outra de não menor calibre , ou inferior quilate. A vasta

instrucção deste Gigante transformado em monte no tempo da guerra dos Titanes, e a sua Leitura dos Geógrafos antigos, mas por certo muito posteriores á sua transformação, Ptolomeo, Pomponio Mela, Estrabão, e Plinio o Naturalista: quando os lêo, antes, ou depois de ser Cabo da Boa Esperança? Se os lêo antes, elles não existião, se os lêo depois, quem vio hum monte a lêr? Era função que eu não perdia! No monte de Santa Catharina vi eu muitos a lêr as Profecias do Preto do Japão, mas o monte a lêr, isso ninguem vio. O Poeta quer parecer erudito, e com effeito era erudito, e sabia tudo quanto de Humanidades em seu tempo se podia saber, mas devia ser mais parco, e ecónomo de erudições, ao menos collocallas onde as devia collocar. Na Oit. 51 diz Adamastor quem era antes de ser Cabo:

- „ Fui dos filhos asperrimos da terra,
- „ Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
- „ Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
- „ Contra o que vibra os raios de Vulcano;

276 CENSURA DAS LUSIADAS.

„ Não que pozesse serra sobre serra ,
 „ Mas conquistando as ondas do Oceano ,
 „ Fui Capitão do mar , por onde andava
 „ A armada de Neptuno que eu buscava. „

Este Officio de Adamastor , esta Patente de Capitão Mór , ou Almirante , he a mais ridicula coiza que podia lembrar aos miolos poeticos de Luiz de Camões. Que armadas teria Neptuno , que construcção naval seria a sua , que gente guarneceria as suas Náos ? Se usaria já da artilharia ? Neptuno mettido nas conchas em seu Palacio de vidro , onde depois foi Baccho fazer com elle hum Tratado offensivo contra o Gaiña , vindo de vez em quando no seu carro com seu Tridente na mão accommodar ás ondas quando ha barulho , apparecendo , e desapparecendo em qualquer ponto de seu dilatado Imperio , o Oceano , que necessidade tinha de armada , para que , e contra quem ? E a Náo grande em que devia hir Adamastor como Capitão do mar , de que tamanho seria ? Por certo tinha maior quilha que dez Náos *Hibernias* , ou *Cidades de Paris* redu-

zidas a huma! Vejão se apanhasse lá *La Trinidad*, ou *El medio Mundo*, que nós aqui vimos, onde hiria a armada de Neptuno que elle buscava! Pois se elle pilhassê para Contra-Mestre Mazarredo, e Arribas, e Cabarruz para Sobre-Cargas?...

Risum teneatis, amici?

Como não era hum Deos marinho, por força havia andar embarcado, e o que he mais de admirar, he que Neptuno se retirasse, e não buscasse occasião de lhe offerêcer o costado, e alcançar de Adamastor huma victoria no mar, como seu irmão Jupiter a tinha alcançado no Olympto contra os irmãos de Adamastor, que era dos filhos asperrimos da terra, e teve sempre propensão para o corpo da Marinha. Ah! que se elle apanha huma Patente de Corso assignada pelo Artigas, a Deos Commercio, quem tomaria chá, porque nã volta de Macáo tudo lhe vinha cahir nas unhas, e tudo seria reputado boa preza no Almi-

rantado dos Gigantes. Deixemos ironias, e tratemos da historia amorosa deste tamanhão, já que nem elle se envergonhou de a contar, nem Vasco da Gama de a repetir. Oit. 52:

„ Amores da alta esposa de Pileo
 „ Me fizerão tomar tamanha empreza:
 „ Todas as Deosas desprezei do Ceo,
 „ Só por amar das aguas a Princeza:
 „ Hum dia a vi co' as filhas de Nereo,
 „ Sahir nua na praia „

Todas as mulheres se vestem para sahir fóra, Thetis não seguia esta moda, mas eu creio que ella não andaria vestida pelo fundo do mar, porque se molhava toda, era mais natural que andasse por lá núa, e que quando quizesse dar o seu passeio, e sentar-se

„ *N'hum penedo na praia de Caxias* „

possesse ao menos hum chale de cachemira pelos hombros. Vasco da Gama por certo era hum Gentio, pois ouvia, e assoalhava depois todas estas patranhas. Oit. 53:

„ Como fosse impossibil alcançalla
 „ Pela grandexa feia do meu gesto. „

Pois hum Gigante que chega a confessar de si mesmo que era hum vivo Diabo de figura, e como tal o representa, e o tinha visto Vasco da Gama,

„ Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 „ A boca-negra, os dentes amarellos. „

chega a dizer com tanta bazofia na Oit. precedente

„ Todas as Deosas desprezei do Ceo „

Logo morrião ellas de amores por este Adonis; por este Ganimedes; só Thetis o despreza a elle! Para dizermos que era por ser casada com Peleo,

„ Amores d'alta Esposa de Peleo „

e que queria ser fiel a seu marido, como o devem ser todas as mulheres

casadas, esta razão não vale, porque não constando que lhe tivesse morrido o marido, passa a segundas nupcias com Vasco da Gama

„ Com palavras formaes, e estipulantes. „

E isto ainda he mais criminoso, que o furtivo galanteio com Adamastor, que podia passar em silencio com a boa alcoviteira que tinha na sua amiga Doris:

„ Huma noite de Doris promettida. „

Esta mesma Oit. 53 acaba com hum tom epigrammatico, que não exclúe por certo as nossas maliciosas intelligencias, porque em fim, nós somos máos, e o seculo em, que existimos he de muita penetração, e sobeja viveza, e a coiza não he muito propria de hum Poema Epico:

„ Respondeo; qual será o amor bastante
„ De Ninfa, que sustente o d'hum Gigante? „

Ora a desproporção era muito grande;

vamos adiante. Esta Thetis tinha suas respostas prenhes, este desdem do fim da Oit. 53, e a resposta da Oit. 54 tem seu sabor de Madama Stael, e outras, que nós conhecemos, grandes Doutoradas:

„ Comtudo, por livrarmos o Oceano
 „ De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 „ Com que com minha honra escuse o damno. „

Ora o Gigante Adamastor, que antevia os casos futuros, e contingentes para os annunciar ao Gama, não teve intelligencia, e penetração para conhecer o equívoco da resposta, e o mono que as duas lhê tinham destinado pregar? As mulheres são capazes de enganar hum Santo, quanto mais o Brutamontes do delambido Adamastor:

„ Eu que cahir não pude neste engano,
 „ Enchêrão-me com grandes abundanças
 „ O peito de desejos, e esperanças. „

A Oit. 55 tem hum ar de torpeza improprio da decencia de huma Epopea.

„ Huma noite de Doris promettida
 „ Me apparece de longe o gesto lindo
 „ Da branca Thetis, unica, despida. „

Se Thetis, esta mesma Thetis, era a Sabedoria Divina, como sacrilegamente querem alguns dos Commentadores do Poeta, e todos os Confrades da grande, e espalhada Congregação Camoniana; como podia apparecer ao Gigante em tal figura, a taes horas, em tal estado, e para tal fim? Descobresse neste tracto lascivo alguma sombra de Allegoria, como querem encontrar em Thetis os Commentadores do Canto 9.º, e os Confrades da Conspiração Camoniana? A Oit. 56 ainda vem aformoseada com mais huma monstruosa incoherencia:

„ Oh! que não sei de nojo como o conte!
 „ Que crendo ter nos braços quem amava,
 „ Abraçado me achei c'hum duro monte,
 „ De aspero mato, e de espessura brava: „

Aqui temos outra transformação sem ser a de Adamastor. Thetis se transforma tambem[em] *duro monte de aspero mato*, e abraçou-se o asno com a

ameixieira. Que Adâmostor não ficou transformado ainda em Cabo, mas sim Thetis em monte, se collige da Oit.
57:

„ Daqui me aparto irado, e quasi insano
„ Da magoa, e da deshonra alli passada,
„ A buscar *outro Mundo* onde não visse
„ Quem de meu pranto, e de meu mal se risse. „

Foi Adamastor para o outro Mundo, e ainda tornou cá para apparecer ao Gama. Chega finalmente a hora minguada da transformação do Gigante em Cabo:

„ Em fim, minha grandissima estatura
„ Neste remoto Cabo convertêrão
„ Os Deoses. „

E quem o fez agora deixar de ser Cabo, para ser Gigante, e fallar nos ares, mettido nas cortinas de huma nuvem, a Vasco da Gama o forte Capitão? Vinhão a ser dois Adamastores, hum Cabo, figura que não falla, outro Gigante que tanto tem papagueado. Se na mão do Cabo estava fazer-se outra vez Gigante, porque razão o não tinha fei-

to até agora, até para evitar o insulto, e revindicta de Thetis em lhe andar molhando os pés;

„ Me anda Thetis cercando destas aguas ? „

Ora foi-se o Gigante metter outra vez no Cabo, sem ter vindo a outra coiza mais que a contar a Vasco da Gama o gatazio, ou surra que Thetis lhe tinha pregado; pois vemos que dahi a nada amanhece; e que Vasco da Gama se vai embora são, e escorreito. Porém o que ha de mais pasmoso, ridiculo, e extravagante em todas as Lusiadas, são os quatro ultimos versos da Oit. 60:

„ Eu, levantando as mãos ao Santo Coro
 „ Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
 „ A Deos pedi, que removesse os duros
 „ Casos que Adamastor contou futuros. „

Dirige-se Vasco da Gama a Deos verdadeiro, e implora o auxilio dos Anjos da Guarda, que até alli o haviam guiado. Logo o Gama cria verdadeiramente no apparecimento do Gigante, e reconhecia-lhe o dom de profecia em

o annúncio dos casos futuros ! E o Gama não era Christão? Invocar a Deos para remover os ameaços de huma fabula? He muito indecoroso a hum Heroe tal como este illustre navegador enganar desta maneira hum Rei Mourro, inimigo, por Lei, das fabulas do Paganismo, e mais indecoroso, ter dito que seguia a Lei de Christo, e mostrar que simultaneamente admittia as quiméras do gentilismo: Qualquer Agente em hum Poema, muito principalmente se he sobrenatural, deve obrar por algum fim, e apparecer em scena por alguma causa final, ou efficiente; para que veio aqui o Gigante Adamastor? Tudo o que obra em hum Poema, deve apressar, ou retardar a acção, e a conclusão do mesmo Poema: em que retarda, ou apressa Adamastor a conclusão do descobrimento? Falla hum pouco a Vasco da Gama, conta-lhe a historia de seus amores, e sem esperar pela resposta, desapparece ! Não só he inverosimil, mas absolutamente inutil, e ocioso o Episodio do Adamastor.

A Oit. 61 emprega-se em dizer que dobrarão o Cabo, sem que Adamastor curasse da vingança, ou punisse o atrevimento, e vão costa acima da Cafraria, e tomão terra segunda vez. Não póde ser mais miudo o roteiro de hum Piloto! Tiradas do Poema as Oit. inuteis ficava reduzido a coiza nenhuma. A alta Poesia considera as coizas em grande, e não desce a particularisações que o mesmo Historiador debaixo do depoimento de fiéis testemunhas deve omittir. A Oit. 62 tem o segundo verso tão errado que faz vergonha, e o Poeta não deve alterar o valor, breve, ou longo das syllabas:

- „ A gente que esta terra possuia,
 „ *Posto que todos Ethiopes erão . . .*
 „ Pela praia arenosa a nós vierão,
 „ As mulheres comsigo, e o manso gado,
 „ Que apascentavão, gordo, e bem criado. „

Esta circumstancia do gado gordo, e bem creado, he verdadeiramente Homérica! He preciso não deixar passar nada em objectos tão attendiveis. Que vem fazer na Epopéa a magreza, ou

a gordura do gado vaccum dos Hottentotes? A Oit. 63 he digna de memoria eterna :

„ As mulheres queimadas vem em cima
„ De vagarosos bois. . . . „

Mulheres queimadas! He verdade que isso merecia ser a maior parte dellas. A côr dos pretos provém não da acção do Sol ardentissimo sobre a cutis, mas de certa configuração do epiderme, como está demonstrado em Anatomia. Póde hum homem estar tostado, ou queimado do Sol, porém isso não o constitúe essencialmente preto, nem o constitúe na especie do homem nocturno, como se explica Linneo. Os Hottentotes são negros, não são queimados, e por mulher queimada nunca se entenderá huma Preta ainda que seja pingada.

„ Cantigas pastorís em prosa, cu rima
„ Na sua lingua cantão concertadas,
„ Co' o doce som de rusticas avenas
„ Imitando de Tytiro as Camenas. „

Com effeito nunca lembrou a Virgilão

que acharia entre os Poetas Hottentotes imitadores da sua Bucolica Poesia! E serão os Hottentotes da casta do ó *imitatores servum pecus* de Horacio? Não; aquillo erão imitações livres. Mas que idéa faria o Rei Mouro de Melinde das Camenas de Tytiro? Ainda que isto seja Latim, para elle era verdadeiramente Grego. O canto, ou vozzeria dos Hottentotes não passão de sons inarticulados, e chama Luiz de Camões a isto huma imitação das Eglogas de Virgilio!!! Ponderemos a Oit. 64:

„ Estes como na vista prazenteiros
 „ Fossem, *humanamente* nos tratárão,
 „ Trazendo-nos galinhas, e carneiros,
 „ A troco d'outras peças que levárão:
 „ Mas como nunca em fim meus companheiros,
 „ Palavra sua alguma lhe alcançárão
 „ Que désse algum sinal do que buscámos,
 „ As vélas, e as âncoras levámos. „

Depois desta prosa copiada de Castanheda, he bem de notar, que não entendendo os Portuguezes huma só palavra, ou uivo dos Hottentotes, como podião conhecer que o que elles dizião, ou cantavão era huma imitação das

Eglogas de Virgilio? Isto, que nós não entendemos, são as Camenas de Ty-tiro! A Oit. 65 descobre huma mentira do Gama:

„ Aquelle Ilheo deixámos aonde veio
 „ Outra armada primeira que buscava
 „ O Tormentorio Cabo. „

Pois não tem dito até aqui o Gama, que viera —

„ Por mares nunca d'outrem navegados?

Agora diz que já tinha vindo outro Navegador. As Oit. 66, e 67 são em boa prosa roteiro de viagem. Ora descahia a armada a ré, ora hia ávante com vento fresco, empôpa, á bolina, ou a huma larga. Na Oit. 68 se dizem coizas da ultima obscuridade para o Rei a quem se contavão. Transcrevamos:

„ Trazia o Sol o dia celebrado
 „ Em que tres Reis das partes do Oriente
 „ Forão buscar hum Rei de pouco nado;
 „ No qual Rei outros tres ha juntamente. „

Então erão quatro, porque tres, e mais

hum , em todas as Taboadas são quatro :

„ No qual Rei outros tres ha juntamente. „

Porque se elle quer aqui entender , e explicar ao Mouro as Pessoas da Santissima Trindade , não são mais do que tres , nem nunca forão ; o Pai que gerou o Filho , e o Espirito Santo que procede do Pai , e do Filho , como nos diz o artigo do symbolo de *Nicéa* : *Qui a Patre , Filioque procedit*. O Rei recém nascido era o Filho de Deos , e no filho de Deos pela unidade da Essencia Divina que he só huma em trez Pessoas distinctas , estava o Pai , e o Espirito Santo que erão dois , e não erão trez os que estavam *no Rei de pouco nada*. O Poeta , ainda que Principe de Poetas , era muito fraquinho Theologo !

Os escrupulosos em *cacofonias* tem muito com que se divertir , e consolar na Oit. 69 , que não precisa de mais commentarios , que a leitura do segundo verso :

„ Desta gente refresco algum tomámos ,
 „ E do rio *fresca agua* , mas comtudo . . . „

Podem refrigerar a sede da admiração, e dos applausos com esta pinga de agua fresca, e molhando a palavra continuar na salmodia do costume: = Louvores sejam dados ao Divino Camões! = Nas Oit. 70, 71, 72 nada ha notavel, porque são de classe dos Roteiros de viagem, o ultimo verso da Oit. 73 me fez pasmar, porque em fim chegou o tempo de lêr as Lusíadas com a attenção que dá o despique, e a desforra de tantas injurias com que freneticos insipientes me tem atacado com tanta vileza, quanta era a mingoa de razão em tão despreziveis vermes, que confundidos, e espezinhadados no lodo em que vivem, qualquer luz que appareça os deslumbra, e dezespera.

„ *Que a costa faz alli daquella banda*
 „ *Donde a rica Sofála o ouro manda.* „

A quem mandava Sofála o ouro neste momento em que Vasco da Gama dava conta de sua viagem ao Rei de Melinde? Ao Rei de Melinde não, porque isso não sabia o Gama; nem Sofála era

tributaria, nem conquista de Melinde. Além disto que demora teve Vasco da Gama em Sofála, onde não entrou para conhecer que aquelle paiz, assim como os rios de Sena são abundantes em minas de ouro? Este mandado ouro de Sofála, não se refere, nem póde referir senão a Portugal; e quantos annos depois do descobrimento, e estabelecimento na India se estabelecêrão, e firmárão as conquistas naquella porção da costa oriental da Africa? Com as páreas de Ormuz, conquistada por Affonso de Albuquerque, veio a este Reino o primeiro ouro de que ElRei D. Manoel mandou fazer a coroa da Senhora do Espinheiro, que está em Evora, e a custodia que ainda se conserva no Mosteiro de Belem; e Vasco da Gama, que chega a Melinde em demanda da India já diz que a *rica Sofála* manda ouro a Portugal! Estes descuidos, destemperos, ou parvoices divinizam bem as Lusiadas, e o seu Autor! Oit. 74:

„ Esta passada, logo o leve leme

„ Encomendando ao sacro Nicoláo. „

Seja embora isto da mais alta Poesia, tenha mais que a magestade Estaciana, e a polidez Virgiliana; por ventura este louvavel costume dos nossos antigos marujos era conhecido do Rei Mouro de Melinde? Com que edificação do Monarca se lembra aqui o nome de S. Nicoláo! E com que devoção lhe ficaria elle para o bom successo dos seus navios, se os tivesse! A Oit. 77 apresenta hum daquelles versos, que com tanta frequencia de espaço a espaço vão pespontando, e aformoseando as Lusíadas.

„ Dizem, que por náos que em grandeza igualão. „

Que orelhas acharáõ aqui cumpridas, e desempenhadas as severas Leis do méτρο? Na edição de J. F. Barreto lê-se: = Nos dizem que por náos que estás igualão. = Nas Oit. 81, e 82 vem a molestia de escorbuto; sem cuja relação miuda se não podia passar em hum Poema Epico de assumpto tão grave! Na Oit. 85 o Leitor vê terra, e alguma coiza descança, porque he o rema-

te, e o passo para a peroração da comprida, ou interminavel arenga em que o Rei por certo teria dormido, e roncado a somno solto:

„ Nos déste; e vêz aqui, se attento ouviste,
„ Te contei tudo quanto me pediste. „

Por certo que se elle soubesse! que lhe havia dar tão bom mercado, não lhe pediria tanto. He muito sincera, e ao mesmo tempo muita erudita, e são mui bem allegados os exemplos da Oit. 86!

„ Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
„ Ulysses pelo Mundo s'estendessem?
„ Ousou algum a vêr do mar profundo,
„ Por mais versos que delle se escrevessem,
„ Do que eu vi, a poder d'esforço, e arte,
„ E do que inda hei de vêr, a oitava parte? „

A conta he boa de fazer, mas quem deo idéa ao Rei de Melinde das navegações de Eneas, e de Ulysses pelo Mediterraneo para as cotejar, e comparar com as de Vasco da Gama, e conhecêr; que as deste erão muito mais dilatadas?

„ Por mais versos que delle se escrevessem. „

Pois escrever muitos versos de hum homem he motivo para suas longas navegações? Em fim assevera o Gama que nem a oitava parte do que elle andou, e vio, andára, e víra algum mortal que o precedesse, quando elle só víra de novo o que vai do Ilhéu da Cruz até Melinde, porque o mais já tinha sido visto até este ponto, pelos que começarão os descobrimentos ao longo da costa occidental da Africa desde os dias do Infante D. Henrique até Bartholomeo Dias, que avançou mais que todos, e só menos que o Gama, porque em fim estava, e fallava em Melinde. As Oit. 87, 88, e 89, erão para acabar de cançar, e moer a paciencia do Rei de Melinde com as para elle incognitas fabulas da Odysséa. Oit. 90:

„ Da boca do facundo Capitão
 „ Pendendo estavam todos embebidos,
 „ Quando deo fim a longa narração. „

Sempre a verdade obrigou o Poeta a confessar que era longa. E com effeito, 333 Oit. de Embaixada. e para que? Para haver hum Piloto que o levasse á

costa do Malabar. E o peor era não ser aquelle o Rei que buscavão, nem este o fim da viagem, mas hum mero accidente, e casual encôntro de hum porto na Africa que não era o objecto, nem o termo da expedição. A idéa da grandeza do Reino, e da sua Historia militar, é politica, só devia ser dada, e contada ao Monarca Indiano, com o qual se devia firmar a alliança, e não ao Régulo Africano, que por acaso encontrão, fallando-lhe apenas dentro de hum batel no meio do mar, onde era, e he inverosimil, que o Gama podesse repetir tão comprida arenga, e que o Rei sem a entender, tivesse a paciencia de a ouvir. Este he o maior erro das Lusiadas. Eneas repete a Historia da tomada de Troia a huma Rainha, que o recebia, e agazalhava, e tinha chegado alli naufrago, e desbaratado, e era preciso, que lhe dêsse conta de quem era.

As quatro Oit. desde 95 inclusivè até 98 não são proprias da Epopéa, não entra o seu conteúdo na marcha da acção, porque estão fóra della, e

muito menos a Oit. 97 que envergo-
nha a Nação:

„ Em fim , não houve forte Capitão ,
„ Que não fosse tambem douto , e sciente
„ Da Lacia , Grega , ou barbara Nação ,
„ Senão da Portugueza tão sómente. „

A Nação Portugueza não deixou de ter fortes Capitães , e doutos , e scientes ao mesmo tempo ; até o Principe dos Poetas mostra o contrario , e se contradiz , dando tanta sciencia , e erudição ao seu Heroe , quanta até agora tem assoalhado , não só na exposição da Historia de Portugal , mas na mistura contínua que com ella faz da Historia antiga , e Romana nos factos mais particulares , e sobre tudo no recondito conhecimento da Mythologia Pagã. Tão ignorante era o Infante D. Henrique ? O primeiro que na Europa applicou a Astronomia á Navegação , e instituiu , e abriu huma escola de Mathematica em Sagres , a que chamou os homens mais doutos daquelle tempo , entre outros os dois famosos Mathematicos Judeos , José , e

Rodrigo? Tão pouco instruido era na Cosmografia, Hydrografia, e Astronomia Fernando de Magalhães, e Francisco Faleiro! Affonso de Albuquerque, e D. João de Castro são ignorantes? Antonio Galvão era pouco instruido? Oicamos a Oit. 98:

„ *Mas o pior de tudo he que a ventura,*
 „ *Tão asperos os fez, e tão austeros,*
 „ *Tão duros, e de engenho tão remisso,*
 „ *Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso. „*

Não se póde injuriar mais huma Nação, nem dar de seu character huma idéa mais odiosa, e isto a hum homem a quem tanto se tinhamo exagerado as grandezas de Portugal!

As Oit. 99, e 100 vão descobrir hum arcano que fará emudecer a pertinacissima Seita, que julga as Lusíadas hum perfeitissimo Poema Epico:

„ *A's Musas agradeça o nosso Gama*
 „ *O muito amor da Patria que as obriga*
 „ *A dar aos seus na Lyra nome, e fama*
 „ *De toda a illustre, e bellica fadiga:*
 „ *Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,*

„ Calliope não tem por tão amiga ,
„ Nem as filhas do Téjo , que deixassem
„ As télas d'ouro fino , e que o cantassem. „

Logo o Principe dos Poetas aqui mesmo prova , que não quiz cantar o Gama , porém só os feitos dos Portuguezes. Tudo se encaminhava a tecer a Historia Poetico-Episodica das acções dos Portuguezes na India , a que era principio a navegação de Vasco da Gama , e esta penultima Oit. do Canto quinto , he o Commentario , e a exposição mais litteral , e mais ampla do primeiro verso do mesmo Poema : —

„ As armas , e os Varões assignalados. „

O que de nenhuma sorte compete a Vasco da Gama , ou d'elle se póde entender ; e para se conhecer , e acclarar isto ainda mais , e excluir do número das Epopéas o Poema das Lusíadas , basta que se leião os primeiros quatro versos da ultima Oit. deste Canto :

„ Porque o amor fraterno , e puro gosto
„ De dar a *todo o Lusitano feito*

„ Seu louvor , he sómente o presupposto
 „ Das Tagides gentis , e seu respeito. „

Não era puramente a expedição de Vasco da Gama, era *todo o Lusitano feito* o objecto em que destinou empregar-se a Musa de Luiz de Camões, que depois de lembrar a ElRei D. Sebastião os Heroes que devia cantar, accrescenta : —

„ Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
 „ Que para si de Eneas tóma a fama. „

Vindo por isto a ser como hum additamento, hum accessorio, e não o Heroe principal do Poema, a quem o Poeta na 1.^a, e 2.^a edição do anno de 1572 não deo o titulo nem de Epopéa, nem de Poema Epico, o que dá bem a conhecer a sua intenção. Os Commentadores, que vierão depois, lhe derão o titulo de Poema Epico, e a nova Seita Camoniana o classifica acima de tudo quanto a antiga, e moderna idade tem produzido mais perfeito.

Tenho concluido o primeiro Volume da Censura, que comprehende metade do Poema, isto he, cinco Cantos. Como aos dictames da boa razão se não póde oppôr mais do que o furor, e a cegueira da pertinacia, não se esperem mais do que latidos, que vem a ser manifestas injurias. - O que eu faço a Camões fizeram antes em França Freron, e Baumelle á célebre Henriada de Voltaire: existe a edição em 4.º que he o Commentario perpetuo ao texto que apresentão em cima das notas. Descobriráõ no meu Commentario maior acrimonia; mas em mim existe maior razão para o fazer.

Fim do primeiro Volume.

INDICE

Do Volume primeiro.

| | |
|---------------------|--------|
| Introdução. | Pag. 3 |
| Censura do Canto I. | 13 |
| ———— do Canto II. | 90 |
| ———— do Canto III. | 134 |
| ———— do Canto IV. | 204 |
| ———— do Canto V. | 248 |

CENSURA
DAS
LUSIADAS.
POR
JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

.....Tolluntur in altum,
Ut lapsu graviore ruant.

Claud.

TOMO II.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO DE 1820.

Com Licença.

1873
J. B. ...
...



LIBRARY

THE LIBRARY OF CONGRESS

Washington, D.C.

CENSURA
DAS
LUSIADAS.

SEXTO CANTO.

QUANDO se contempla a marcha progressiva do Poema das Lusiadas, se descobre huma tambem progressiva, e sensivel diminuição da faculdade imaginativa do Poeta. He verdade que em o 6.º, 7.º, e 8.º Cantos, pouco se aparta na parte narrativa do que tinham escrito Fernão Lopes, João de Barros, e Jeronymo Osorio, como notárão os tres mais espriados Commentadores do Poema, Manoel Corrêa, contemporaneo do Poeta, e Parroco da Freguezia de S. Sebastião da Mouraria, onde elle morou,

Manoel de Faria e Sousa, e Ignacio Garcez Ferreira; transcrevendo as passagens destes Historiadores que o Poeta trasladou tão escrupulosamente, que apenas differem nas similcandencias, ou simildesinencias que era preciso dar ao que se chama versos. Continúa com o mesmo maravilhoso, ou sobrenatural absurdo, mas com hum tom intercadente, e moribundo, e quanto mais se vai avançando, mais vão crescendo as impropriedades, os erros, e as incoherencias. Eu não intentei seguir nesta censura mais que os dictames da boa razão, na qual se fundão todas as regras, e todos os preceitos, ou documentos da arte, e por isso não se verá em meus discursos, e reparos, o amargo fel da Satyra, mas a severidade, e a gravidade da Critica, que só reprova o reprehensivel, e nota o defeituoso. He hum trabalho de grande momento, e ponderação, e ainda que eu lhe misture em alguns lances a desforra propria, em tudo se continuará a ver o cunho da imparcialidade; nem poderei ser taxado de injustiça, onde a razão he pública,

e a verdade manifesta. A mais propria funcção de hum Filosofo he destruir os erros populares, e as preocupações arreigadas, e successivas. He louvavel o amor da Patria, e da gloria nacional, mas he preciso que este seja discreto, e não cego e pertinaz. He hum Patriotismo mal entendido, e muito vicioso aquelle que suffoca os gritos, ou os clamores da verdade. Aristarco não deslustrou a Grecia, quando rectificou a opinião pública a respeito de Homero, nem nos nossos dias, como podemos dizer, o celebre Pedro Daniel Huet deslustrou a França, ou diminuiu alguma coiza do seu esplendor, quando tão severamente censurou a Filosofia de Descartes; e fazer desvanecer o systema dos Turbilhões como huma quimera, não he roubar á Fama, e á immortalidade o Tratado *de Methodo*, ou a engenhosa, e precisa applicação da Algebra á Geometria, que tanto engrandecêrão, e ainda conservão, e conservaráõ respeitavel na Republica das Letras o nome, e a memoria de tão abalizado Filosofo, que mostrou que as Sum-

mulas de Aristoteles não erão o Criterio da verdade, nem a sua adulterada Dialectica a verdadeira vereda, que devia seguir o Entendimento na inquirição, ou indagação da verdade. Luiz de Camões he muito digno de respeito, e de louvor, foi o primeiro que entre nós architectou hum Poema Heroico, aperfeiçoou, e adiantou muito a lingua, he o mais polido dos Escritores de seu tempo, e felizmente atrevido na introduccão de novos termos com que muito enriqueceo a lingua; mas tudo isto não tem mais poder que a verdade quando se trata de seus erros, e imperfeições; e não sei se he pertinacia, se he demencia em muitos quererem que todo o Mundo o julgue impeccavel. Que Escriptor o póde ser, se hum Escriptor he hum homem? Na classe dos Poemas Epicos, sempre se julgou o mais perfeito a Jerusalem de Tasso, e nem por isso deixou de o censurar a Academia da Crusca, e esta censura fez tanto pezo no juizo daquelle grande homem, e grande Poeta, que o obrigou a reformar o Poema. Ora qual dos dois Poe-

mas terá maiores defeitos, a Jerusalem, ou as Lusiadas? A censura os descobriu em os primeiros cinco Cantos, a censura os vai revelar em os cinco ultimos, e muito mais notaveis, pois me parece que o Poeta sentia huma especie de canção, quanto mais hia caminhando, e mais se aproximava a seu termo.

Começa o 6.º Canto com hum erro, e huma contradicção, a que eu chamarei huma confusão de idéas, pela inadvertencia do Poeta, que nunca se lembrava do que já tinha dito, nem advertia, ou attentava pelo que devia dizer. Oicamos a Oitava 1.^a

- „ Não sabia em que modo festejasse,
 „ *O Rei Pagão* os fortes navegantes,
 „ Para que as amizades alcançasse
 „ *Do Rei Christão* de gentes tão possantes.”

De sorte alguma póde convir o nome de Pagão, ou Genticio a hum Mouro, apezar das explicações mysticas de hum texto de Burio na vida dos Papas, e de outro de Paulo Osorio na Prefação da Historia de seu tempo, com que Igna-

cio Garcez Ferreira pretende desculpar este erro do Principe dos Poetas. Dá-se o nome de Pagãos a Idólatras, e tambem a Gentios sem Lei; e todos sabem que idéa corresponda a esta palavra *Paganismo*, que se não póde dizer de hum Mouro, que o mesmo Poeta sempre separa e distingue de Idólatras: „De Idólatras, e de Mouros”; elle mesmo diz que não são huma mesma coiza. Na Oitava 101.^a do Canto 2.^o tinha chamado Mouro a este mesmo Rei. Tudo sacrificava quando vê que póde usar de hum contraposto. O *Rei Pagão*, e o *Rei Christão*.

Este Rei Mouro, e não Pagão, nem interrompeo com huma só reflexão o longo fio da Historia que acabava de ouvir, nem disse huma só palavra a Vasco da Gama; só o Poeta he o interprete do que elle sente, e nos diz, que lhe pezava de estar tão longe de Portugal:

- „ Peza-lhe que tão longe o aposentasse
- „ Das Européas terras abundantes
- „ A ventura, que não o fez vizinho
- „ Donde Hercules ao mar abriu caminho.”

Dá a entender o Poeta que o Rei de Melinde queria existir em Cadiz, ou nas suas vizinhanças, e não nos diz para que; creio que para fazer com mais commodidade huma visita a El-Rei D. Manoel, porque para ser seu amigo, e alliado, nenhum embaraço tinha com a distancia do lugar; antes era mais para estimar, e era huma prova de maior amizade, conservar-se lá de tão longe em firme alliança com os Portuguezes: e assim ficamos ignorando o motivo porque o Rei Pagão queria existir junto ás Columnas de Hercules. Na Oitava 2.^a descreve o Poeta os festejos com que o Rei Mouro celebra o apparecimento dos Portuguezes naquellas paragens:

- „ Com jogos, *Danças*, e outras alegrias,
- „ A segundo a Policia Meliadana,
- „ Com usadas, e ledas pescarias,
- „ Com que a Lagéa a Antonio alegra, e engana;”

A parte destes festejos não assiste Vasco da Gama, porque como não desembarcava nem para visitar o Rei, menos desembarcaria para ver dançar, e as

danças devião ser em terra, e não no mar, onde ás vezes só as embarcações dançam contra vontade dos que vão nelas. Isto he ridiculo. A edição de Garcez traz assim o segundo verso:

„ Segundo a Policia Melindana, ”

e desta sorte, julgo que todos concordaráõ, que pecca contra as leis do metro, e está errado. O Padre Thomaz, que sabia pouco de versos, quiz emendar este erro, pondo-o na sua edição como eu o transcrevo:

„ A segundo a Policia Melindana. ”

Se não erra o metro, apresenta huma elocução barbara, porque a particula A, se serve para inteirar as syllabas do verso, nada faz ao sentido, e grammatica da frase, antes nos deixa sem sabermos o que quer dizer.

Chama a Cleópatra — Lagéa — porque o Avô desta Rainha se chamou Ptolomeo Lago, e he a primeira vez que se lhe dá este nome, o que lança sobre a imagem huma obscuridade tal, que se nos torna hum verdadeiro enig-

ma. E quem se ha de lembrar que Cleópatra mandava por Buzios, ou Mergulhadores, pendurar peixes fritos nos anzoes com que Marco Antonio, o Triumviro pescava quando com ella se divertia, e enganava? Torna na Oitava 3.^a a chamar *Pagão* ao Rei Mouro de Melinde:

„ Já do *Pagão* benigno se despede,
 „ Que a todos amizade longa pede. ”

Parece que devia o Poeta pôr na boca deste silencioso Monarca algum discurso, ainda que breve, com que mostrasse ao hospede a admiração que lhe causavão as proezas dos Reis Portuguezes; porque depois de ouvir tanto, parece que devia responder alguma cousa. Mas não fez mais que ouvir, e calar. Apenas transcreve o Poeta huma frase de Virgilio, e com isto se contenta:

Dum spiritus hos reget artus...

„ E que em quanto ao seu corpo o espirito reja
 „ Estará de contínuo aparelhado
 „ A pôr a vida, e o Reino *totalmente*
 „ Por tão bom Rei, por tão sublime gente. ”

Se ha cousa antipoetica, he com effeito o adverbio —*totalmente*— he huma perfeita cunha, e hum manifesto indicio de pobreza de idéas.

Já era tempo de apparecer o maravilhoso do Poema, pois por tres continuos Cantos tinha esquecido; e he de admirar que servindo-se Baccho dos Mouros de Moçambique, de Mombaça, e de Sofala para se oppôr á navegação dos Portuguezes, e para os perder, se não quizesse tambem servir dos Mouros de Melinde para o mesmo fim. Por si, já temos visto que nada podia fazer, não era hum Deos sem o ministerio dos homens, o que de todo degrada a sua jerarquia, e podendo n'outro tempo debellar, e subjugar a India, deixando alli hum deposito de gloria, que em todas as idades queria conservar intacta, não podesse obrar contra tres Navios, e sua trabalhada, e quasi consumida tripulação: nunca se atreueo á cara descoberta; e tendo-se até aqui servido do ministerio dos homens, busca e implora agora o auxilio, e o soccorro dos Deoses. Oitava 6.^a

„ Mas o máo Thyoneo que n'alma sente
 „ As venturas, que então se aparelhavão,
 „ A' gente Lusitana dellas dina,
 „ Arde, morre, blasfema, e desatina.”

Arder, morrer, blasfemar, e desatinar são coizas muito improprias da Divindade. Como se póde conceber que hum Numen, filho do Padre sublimado, morra, e blasfeme. Se Virgilio se espanta de que coubesse ira em hum animo celestial,

Tantæ ne animis Cælestibus iræ?

como se não assombraria de ver em hum Numen affectos tão baixos, que só se não poderião estranhar nos imperfeitissimos humanos?

Nesta Oitava representa o Poeta a Baccho como hum blasfemo, e delirante, na Oitava 7.^a o representa como hum mentecapto; por que só hum demente busca com afincó aquillo mesmo que sabe que não póde, nem ha de conseguir, porque se lhe oppõe huma força, que elle não póde contrastar. Oicamos o Poeta, porque na verdade ha

algumas passagens, em que elle não só se reprehende a si, porém se refuta; e se combate.

„ Via estar todo o Ceo determinado
 „ De fazer de Lisboa nova Roma;
 „ Não o *póde estorvar*; que destinado,
 „ Está d'outro poder, *que tudo dóma.*”

Antes de notarmos as incoherencias do Poeta neste procedimento do infeliz Baccho, não posso deixar de fazer huma reflexão sobre o cego furor dos Commentadores, que me confirma na aversão que tenho a escusadas notas de Livros, coiza absolutamente ignorada, ou desprezada dos antigos. Ignacio Garcez Ferreira commentando esta determinação de Jupiter sobre os futuros destinos de Lisboa depois do descobrimento da India,

„ De fazer de Lisboa nova Roma, ”

diz assim: — *Pois devendo dizer outra Roma, disse nova Roma; que entendemos a Catholica, com a qual vemos competir Lisboa na magnificencia da sua Patriarcal.* — Até Luiz de Camões profetizou a Patriarcal nas Lusiadas!!!

Ora pois, se Baccho sabe que não póde *estorvar* nem transtornar o fim da Empreza; se elle conhece, que está determinado de hum *Poder* que tudo vence, e doma, e ao qual se não podem oppôr nem os Deoses no Olympo, nem os homens na terra, e que Lisboa deve ser reputada, e conhecida outra Roma pela vasta extensão de seus dominios, e pela grandeza de seu poder; se tudo isto lhe he conhecido, e se elle como hum Numen sabe que a serie dos Fados he immudavel, porque razão intenta o que não ha de conseguir? Isto não he a accção de hum Deos, he a pertinacia de hum mentecapto; além de mentecapto he hum pusillanime, nada intenta por si sem a intervenção de força estranha. Não se deo bem com o ministerio dos Mouros, busca o auxilio dos Deoses, e não podendo achar favor no Pai, vai tentar o amor do Tio:

„ Do Olympo desce em fim *desesperado*. ”

Hum Deos desesperado he hum Deos ridiculo. Desce do Ceo sem esperança. Ora os que para salvarem do ridiculo o

Maquinismo, ou maravilhoso das Lusiadas, querem que se entenda por Baccho o Diabo, assim como por Thetis a Divina Sabedoria (blasfemia horrorosa) dirão que o Diabo fôra ao Ceo, e que viera de lá desesperado? Mas tempo virá em que Thetis diga, que ella, e Baccho são coiza nenhuma. Busca o Deos *desesperado* o Palacio de Neptuno no fundo do mar. Miseravel Baccho, que mettendo-se no fundo do mar não tem poder para levar consigo os tres Navios de Vasco da Gama! Nem consegue o que intenta, nem póde executar o que deseja!

Chega Baccho ao fundo do mar, e descreve o Poeta o Palacio de Neptuno, onde elle mora, e as Divindades *humidas*; Oit. 8.^a

„Que habitão estas *humidas* Deidades.”

Os Commentadores de Camões imaginão que lhe fazem hum grande favor, e o collocão na primeira jerarquia dos Poetas, quando lhe descobrem os originaes de que elle formára as suas copias servis nesta e outras partes, e não fazem

mais que dar a mingoa de invenção, ou a esterilidade de genio. Quasi nunca he seu o que nos parece grande no seu até aqui estupidamente admirado Poema. Não me assombro tanto da infecundidade do genio, como da falta de juizo. Trasladasse embora toda a tirada dos Authores Latinos, como aponta o Garcez Ferreira, mas descrevesse o Poeta este Palacio de vidro, e a escultura das suas portas de ouro. Assim fazem, e assim fizerão outros Poetas, assim o fez Ovidio na descripção do Palacio do Sol: e depois da descripção, dissesse que Baccho fòra, e entrára neste Palacio. Não faz isto, depois de nos dizer que Baccho hia desesperado, desatinado, e blasfemo implorar o soccorro de seu Tio para se vingar dos Portuguezes, o que suppõe hum movimento arrebatado, e incapaz de attender a outro qualquer objecto, demora, e suspende puerilmente o mesmo Baccho, fazendo-o contemplar com miudeza tudo quanto a arte tinha executado no feitio das portas. Oitava 10.^a

„ De escultura formosa estão lavradas,
 „ Na qual do irado Baccho a vista paze,
 „ E vê primeiro em cores variadas, &c.

Esta contemplação tão miuda, e tão curiosa, não se compadece com a pressa que levava, e com o fim a que elle hia, apascentando a vista em tantos, e tão diversos objectos. Quem disse a Camões que Baccho vio lá tudo isto? Dirão que Baccho não era cego, e que estando esculpidos os quatro Elementos separados entre si nas portas do Palacio, quando entrasse os devia ver. Sim, embora depois de conseguido o fim da sua missão se detivesse a descansar alguns dias, e então conhecesse as raridades do Palacio de vidro. He esta humma das incoherencias, ou puerilidades mais notaveis de todo o Poema.

Não póde a censura deixar de reprehender a Oitava 12.^a pelo vicio, ou imperfeição das suas rimas. *Revestida, Floridas, Vida*: a travação de *ida*, e *idas* dão o mesmo som, e isto he hum erro, e hum erro grande, e hum tão grande Poeta devia olhar mais pela correcção do seu estylo. Passa repentina-

mente da pintura dos quatro Elementos; á guerra dos Gigantes na Oitava 13.^a, e acabou-se a escultura das portas do Palacio de vidro. As Nynfas do Rio Penêo se admirão quando nelle vião entrar a Aristeo, mas admirão-se dignamente, como diz Virgilio:

*Vitreisque sedilibus omnes
Obstupuere—*

Camões quiz melhorar Virgilio, e disse:

„ Das Ninfas que se estão maravilhando
„ De ver que cometendo tal caminho,
„ Entre no Reino d'agua, o Rei do vinho.

Temos aqui claramente exposto, e declarado o Baccho da Fabula, o filho de duas mãis, Semelle, e a coxa de Jove, e com esta declaração se destroe todo o sentido allegorico que lhe queirão dar os da Seita Camoniana, tomando Baccho pelo Diabo, porque a este nunca se deo o titulo de Rei do vinho, nem por tal se conheceo, nem lembrou ao Poeta fazer de Satanaz hum Agente do Poema debaixo do nome do máo Tyo-

neo. Fica por huma vez destruido este frivolo subterfugio com que se tem procurado disfarçar o absurdo maquinismo das Lusiadas.

Acaba esta Oitava com huma verdadeira chocarrice propria de huma Comedia, e indigna de huma Epopéa.

„ Entre no Reino d'agoa o Rei do vinho.”

Devia causar admiração, porque o Poeta julga estes dois liquidos antipathicos. O odio devia ser reciproco, tanto devia fugir o vinho da agua, como a agua do vinho. Só não he de admirar que os nossos Taverneiros fação esta liga na razão inversa, obrigando o reino d'agua a entrar mais do que devia no Rei do vinho. A maior extravagancia do Poeta he querer que tomemos o vinho pelo seu inventor para o julgarmos huma substancia opposta a outra substancia, porque se a agua se não une bem com o vinho, nem o vinho com a agua, isso não podia vedar que o Sobrinho fosse ao Palacio do Tio, ainda que este fosse o Soberano das aguas, como aquelle era o inventor do vinho.

Sirvo-me para esta censura da cuidada edição do Padre Thomaz feita sobre a de Faria, e collacionada com os ms. originaes deste douto Commentador; por isso transcrevo os versos da mesma sorte que alli os vejo: começa a Oitava 15.³

„ O' Neptuno, lhe disse, não te espantes
 „ *De a Baccho* nos teus Reinos receberes.”

Parece por estas expressões, que continúa a fundamentar o espanto da hida de Baccho sobre a antipathia dos dois liquidos, agua, e vinho, porque não podia causar espanto a visita de hum parente tão proximo. A expressão ou fraze — *De a Baccho* — he tão plebea, e tão dissonante, que com effeito scandalisa a quem tiver a mais superficial idéa da correcção do estylo.

„ Manda chamar os Deoses do mar, antes
 „ *Que falle mais: se ouvirm' o mais quizeres:*
 „ Verão da desventura grandes modos:
 „ Oução todos, o mal que toca a todos.”

Nestas baixas expressões, e improprias de hum Deos, se descobrem notaveis

absurdos. Tão solitario vivia Neptuno em seu Palacio, que nenhum dos Deoses do mar lhe fizesse Corte, sendo preciso mandallos chamar; tão distantes estavam, que não vissem o Rei do vinho para o virem cumprimentar como hum Principe do sangue, e Sobrinho direito do seu Soberano?

„ Oução todos, o mal que toca a todos? ”

Como? A mesma navegação de Vasco da Gama se se não dirigisse á India não era hum mal para Baccho; porque até aqui não se queixou da navegação, e o motivo porque a pertende embarçar he o receio de que as futuras victorias e conquistas dos Portuguezes ofuscassem a gloria, e fizessem esquecer o nome que Baccho tinha deixado na India quando alli fôra o conquistador. Isto he só com elle, não he com os outros Deoses do mar, que não são conquistadores, nem se embarçavão com a navegação do Gama, pois até alli o tinham deixado passar sem opposição. Logo não era hum mal que a todos tocasse. Só Baccho se dava por offendido,

sem se lembrar que, por maior que fosse a gloria de hum homem, ainda que grande Guerreiro, nunca poderia, não digo eu igualar a gloria de hum Deos; mas nem de longe arremedalla.

Todos os Deoses de Camões são patétas, são ignorantes, nada sabem, tudo lhes he occulto, e escondido. Se assim representa hum Deos, como ha de representar hum homem? Oicamos o mesmo Camões:

- „ Julgando já Neptuno, que seria.
- „ Estranho caso aquelle, logo manda.
- „ Tritão, que chame os Deoses d'agua fria,
- „ Que o mar habitão d'huma, e d'outra banda.”

Pois Neptuno irmão de Jove, e Deos como elle, não sabia com certeza o motivo da vinda de Baccho para dizer indeterminadamente, e como quem ignora, que algum estranho caso obrigava o Rei do vinho a cometter tal caminho! Onde está a presciencia, ou omnisciencia de hum Numen supremo? Os caracteres são a coiza mais ignorada nas *Lusiadas*. Deixemos os *Deoses d'agua fria*:

*Neque enim concludere versum
Dixeris esse satis.*

A primeira palavra que lembra a Luiz de Camões para fechar hum verso, ou para rimar hum verso, he logo empregada sem escolha, venha ou não venha para alli; quando diz *agua fria* parece que ha Deoses d'outra agua ou quente, ou morna.

„Que o mar habitão d'huma, e d'outra banda.”

Se elles são d'agua fria, escusava dizer que habitavão o mar; chama-se a isto hum pleonasmio de idéas vicioso.

„Logo manda Tritão.”

Como já em Portuguez se sabe a que idéa corresponda a palavra —*bambuxata*— nenhuma outra exprime tambem a pintura de Tritão. Se os cabellos deste subalterno Numen marinho erão limos prenes d'agua não necessitavão de pente para se frizarem e pentearem.

„Que nuca brando pente conhecêrão”

Tudo he ridiculo nesta pintura. Nem

em Poeta, nem em Pintor se verá nunca hum Tritão, cujo cabello tenha por papelotes—mixilhões.—

„ Os negros mixilhões, que alli se gerão.”

Ninguém póde conter o rizo ao ver este Numen marinho, e mergulhador com hum escusado chapeo :

„ Na cabeça por gorra tinha posta
„ Huma mui grande casca de Lagosta.”

Mixilhões pendurados dos limos da cabeça, e isto coberto com a casca de hum marisco, que nenhum feitio tem de gorra, ou de chapeo, he com effeito a mais ridicula, e extravagante figura que a imaginação póde conceber! Para que he esta casca de lagosta? Pois Tritão só tinha medo de molhar a cabeça? Não tem fim a *bambuxata*. Depois de descrever a cabeça, descreve o corpo do Tritão; depois de dizer que todo o corpo era nú, tambem era escusado dizer que nenhuma cobertura tinham os *membros genitales*: Coiza infame, torpissima, e immunda em huma Epopéa:

não pareça isto encarniçamento; transcrevamos tão impertinentes versos:

„ O corpo nú, e os membros genitæes,
„ Por não ter ao nadar impedimento.”

Ninguém representou ainda vestidos os Tritões, e as Nereidas!!

„ Mas porém de pequenos animais,
„ Do mar, todos cobertos, cento e cento;
„ Camarões, cranguejos, e outros mais,
„ Que recebem de Febe crescimento,
„ Ostras, e bribigões de musgo sujos,
„ E ás costas com a casca os caramujos.”

Não sei o que seja aqui mais para censurar, se a ridícula imaginação do Poeta nesta extravagante pintura, se a incuria ou preguiça de Tritão, que deixa fazer de seu corpo ou hum rochedo, ou o costado de hum navio velho. Pois consentiria Tritão, hum Numen filho de Neptuno, e empregado por seu pai no officio de Trombeta, e de Correio, ou Postilhão, que está innumeravel, e incommoda multidão de mariscos testaceos, e não testaceos, se lhe apegasse ao corpo, e se alimentasse da sua mesma substancia sem se livrar jámais

de tão importunos hospedes! *A cento, e cento?* Muitas vezes se desordena a fantasia de *Ariosto*, mas nunca chegou a este ponto d'extravagancia que aos olhos da razão descobre o Quadro de Tritão,

„ A's costas com a casca 'os caramujos.”

Isto he huma expressão burlesca, porque o vulgo o diz do Caracol que traz a caza ás costas. A casca não he huma coiza estranha áquelle marisco para a trazer ás costas, fórma com elle hum todo, não he hum fardo, he huma parte, ou integrante porção do seu corpo. Oitava 19.^a

„ Já toda a companhia apercebida

„ Dos Deoses para os Paços caminhava

„ Do Deos que fez os muros de Dardania,

„ Destruídos depois da Grega insania.”

Deixemos a Neptuno com o officio de Pedreiro; porque são estes os que fazem os muros. Notemos a incorrecção do ultimo verso. Parece que nos diz que os muros de Troia forão destruídos depois da Grega insania, o termo—*depois*

—denota hum espaço de tempo—depois disto, depois daquillo; e não hum instrumento, ou hum motivo. A guerra que os Gregos fizeram aos Troianos não foi hum effeito de insania, ou loucura, foi hum acto de justiça para vingarem a injuria, e affronta que se lhes havia feito no roubo de huma Rainha; não sei como nisto haja loucura, ou insania, porém era precisa huma palavra que rimasse com Dardania, a primeira que occorreo ao Poeta foi—insania;—pois vá insania, o verso ha de rimar seja com que for, e como for. Na Oitava 20.^a

„Vem Nereo que com Doris foi casado.”

Aqui nos dá com este preterito—foi— a idéa de que Nereo ou estava naquelle viuvo, ou divorciado:—Foi casado.—

„ O Profeta Protheo, deixando o gado

„ Maritimo pascer pela agua amára,

„ Alli veio tambem, mas já sabia,

„ O que o Padre Lieo no mar queria.”

O termo —amára— parece que designa em Portuguez o preterito plusquam per-

feito do verbo —amar;— se não tivesse a lingua os termos , amarga , amargosa , obrigaria a penuria a usar do puro Latim , mas os versos de cima estavam feitos era preciso hum consante em *ára* pois vá *amára*. Nenhum Poeta interpretou mais amplamente as Leis da liberdade Poetica. Quando para o verso he preciso que Protheo tenha a primeira longa , tem a primeira longa , e quando he preciso que tenha a segunda , tambem fica longa. Tem Protheo huma faculdade negada ao Deos do mar , Neptuneo ; este ignora o motivo da vinda de seu Sobrinho , e só Protheo a sabe. Que Numen he este irmão de Jove , que não antevê , ou conhece o futuro ? Este congresso dos Deoses marinhos devia ser convocado depois da proposta de Baccho feita ao Tio , para deliberarem n'hum Conselho d'Estado maritimo sobre os meios de que se devião servir para alcançar o que Baccho desejava , que era a destruição dos Portuguezes , e tomando-se os votos , proceder á execução : não he assim ; porque o Principe dos Poetas ignora todas as Leis da convenien-

cia; sem que o mesmo Néptuno saiba para que, convoca com hum trombeta os moradores do mar *de huma, e d'outra banda*. Oitava 21.^a

„ Vinha por outra parte a linda esposa
„ De Neptuno, de Célo, e vesta filha.”

Pois nem a mesma esposa de Neptunó estava no Palacio? O miseravel Monarca do Oceano era hum perfeito Anacoreta. Só se quizermós dizer para salvar o Poeta que Thetis naquelle tempo era como algumas mulheres d'agora, que aonde estão ellas, não estão os maridos. Mas tratemos isto com a possivel serieidade. Thetis que he convocada, e que vem, Thetis que ha de opinar a favor de Baccho em o exterminio dos Portuguezes, que ha de impor silencio a quem opinar o contrario naquelle verso, (verso que nada mais he que a baixa prosa do vulgo):

„ Neptuno sabe bem o que mandou.”

he a mesma Thetis que depois deve ser tão propicia ao Gama, que execute tudo quanto se lerá, e annotará no Canto

9.º, a ponto de vir a cazar com o proprio Gama, cuja perda agora tanto approva, e favorece!! Character das mulheres! Ou mais depressa, ignorancia em Luiz de Camões, que não se lembra do que disse, nem do que havia de dizer, e que sobre a decencia, e igualdade de *costumes* tantos erros comette, quantas são as personagens que admitte.

Duas mulheres de hum só marido são naturalmente duas rivaes irreconciliaveis, e neste caso falta o Poeta a esta lei de costumes ou caracteres, pois faz tão amigas, e tão unidas Thetis, e Anfitrite, que as introduz ambas de braço dado, allegando para esta união aquelle mesmo motivo que as devera desunir. Oitava 22.^a

„ Ambas vem pela mão, igual partido,
„ Pois ambas são esposas de hum marido.”

E nem huma, nem outra estavam com elle, ou com elle fazião vida, sendo preciso que acudissem ao Paço ao som da trombeta de Tritão, o filho da Salacia *veneranda*. A' excepção do Profeta

Protheo ninguem sabe para que viera ao Reino d'agua o Rei do vinho; elle o dirá.

Oitava 23.^ª nesta Oitava apparece Ino, que, fugindo do marido louco furioso, se lançou ao mar, e foi convertida em Deosa, assim como o foi seu filho Melicerta, que depois se chamou Palemon. E vem pela praia!! Se o Paço de Neptuno fica nas mais profundas cavernas do Oceano, vá Ino lá ter, não saia do mar, para passear pela praia, e ir outra vez lá ter: este rodeio he escusado; porém a maior impropriedade desta pintura he vir ainda o filho em estado de menino, sendo preciso, que a Nereida Panopéa o tome ao collo quando cança de brincar pela arêa. Pois desde a fundação de Thebas até ao anno de 1497 não tinha este menino tido tempo de crescer? Ainda se conserva do tamanho em que a mãe abraçada com elle se lançou ao mar? A pintura he muito delicada, mas muito falsa, e muito impropria. Na Oitava 25.^ª se nos representa a antiga etiqueta da Corte de Neptuno. Os Deoses de cadeira, e as Deosas de

estrado. Isto está abolido. O ultimo nos offerece huma synedoche :

„Que no mar nasce, e a Arabia em cheiro passa.”

Mas della resulta hum extravagante sentido. Falla do ambar, e nos quer dar a entender que excede na intensidade da fragrancia o incenso que vem d'Arabia feliz. O incenso he o que cheira, e não he a Arabia; a exaltada mania da erudição faz os sentidos anfibologicos, e obscuros. Oitava 26.^a

„Estando socegado já o tumulto
„ Dos Deoses, e de seus recebimentos.”

Nenhuma idéa nos deo até aqui o Poeta deste tumulto, ou borbório, nem podemos conceber o modo porque houvesse esta desordem na entrada dos Deoses, e no acto dos seus recebimentos, pois nos pinta o Poeta a Neptuno tão só em seu Palacio, que se não póde saber quem fizesse os officios de Mestre-Sala, e Aposentador. Na Oitava 27 dá principio Baccho ao seu arzeoado, fundando-se em Direito :

„ Principe, que de *juro* senhoreas
 „ D'hum Polo a outro Polo o mar irado,
 „ Tu, que as gentes da terra toda enfrêas,
 „ Que não passem o termo limitado: ”

Sendo Neptuno *por Direito* o Monarca absoluto, e independente do mar irado, e do mar que corre de hum Polo a outro Polo, e como este mar não seja outro mais que o Oceano Atlantico, Pacifico, e Austral, parece que não devia dirigir a palavra ao Imperio depois de a haver dirigido ao Soberano, e se querem tomar o Oceano, que he o Imperio de Neptuno, por huma coiza separada, para que he o auxilio de hum Subalterno, quando se implora o do Monarca, e sendo este Monarca Tio do implorante? Com tudo, invoca-se este Oceano que he o Reino de Neptuno, e com o qual enfrêa as gentes da terra toda.

„ E tu, Padre Oceano, que rodeas
 „ O Mundo universal, e o tens cercado,
 „ E com justo decreto assim permites
 „ Que dentro vivão só de seus limites. ”

Temos tres coizas que censurar. A Terra não he o *Mundo universal*; a terra

he huma parte minima deste *Mundo universal*, que vem a ser a congerie de todos os seres. Rodear, e cercar, he o mesmo, e no mesmo sentido, ou accepção, aqui se deve tomar, e fica hum vicioso, e inutil pleonasma. *Vivão* he o plural de hum verbo, e não ha aqui hum nominativo do plural que reja este verbo: he preciso que se vá buscar a palavra gentes á Oração precedente.

Depois de fallar a Neptuno, e ao Oceano, dirige-se aos Numes mais somenos, porque de todos necessita hum Deos tão fraco, e pusillanime como Baccho, que, podendo conquistar a India, fundar cidades, domar o Oriente, não se atreve sem braços estranhos a suspender a navegação de Vasco da Gama, e assim falla na Oitava 28.^a

„ E vós, Deoses do mar, que não soffreis
 „ Injuria alguma em vosso Reino grande,
 „ Que com castigo igual vos não vingueis
 „ De quem quer que por elle corra, e ande:
 „ Que descuido foi este em que viveis?
 „ Quem póde ser que tanto vos abrande
 „ Os peitos, com razão endurecidos
 „ Contra os humanos fracos, e atrevidos?”

Isto não se sabe o que queira dizer; Vasco da Gama não era o primeiro Navegador; e se he injuria para os Deoses do mar o navegar, só este Vasco da Gama merece o castigo? Quantos apoz elle e antes d'elle tinhão navegado? Aqui não se trata da injuria feita a Baccho em o intentado descobrimento da India, trata-se da navegação absoluta, e indeterminada. Não constituirão os Deoses entre os Astros a Náo Argos? Em fim o ultimo excesso da demencia Poetica está encerrado nos dois ultimos versos da Oitava 29.^a

„ Que do mar, e do Ceo, em poucos annos,
„ Venhão Deoses a ser, e nós humanos.”

Esta mudança, esta troca, esta mutua passagem de essencia, de condição, e natureza, póde ser hum resultado, hum effeito de huma causa tão frivola, relativamente á Divindade, a navegação intentada, e aperfeiçoada pelos homens? Porque os bomens navegão, podem os Deoses passar para a natureza de homens?

„ Venhão Deoses a ser, e nós humanos?
Oh! tribus Anticyris caput insanabile!

Nos dois ultimos versos da Oitava 30.^a ha a mesma falta de juizo:

„ Vedes o vosso Reino devassando,
 „ Os vossos Estatutos vão quebrando.”

Até aqui não tinham os Deosos prohibido a navegação, nenhuma Lei se promulgou que vedasse tentar nos mares hum caminho para se communicarem as Nações humas com as outras. Depois disto, ainda agora attentão por isso? Não tinha já, como está dito tantas vezes, Bartholomeu Dias passado o Cabo da Boa Esperança? Onde estava Baccho, que o não sentio? Qual era o fim da navegação de Bartholomeu Dias? O mesmo que levava Vasco da Gama, descobrir a India. Pois só se escandaliza de Vasco da Gama, só se teme deste, e deixa passar os mais, tendo todos o mesmo fim, e sendo todos levados do mesmo motivo?

A Oitava 32.^a contém em si huma contradicção verdadeiramente pueril, e que cada vez me faz conhecer mais a

força, ou o Imperio das preocupações humanas, e a violencia da opinião huma vez estabelecida. Esta opinião tem feito os erros successivos, e hereditarios. Os Commentadores de Camões, os seus Editores, tem conservado, e augmentado esta Idolatria, porque em tudo encontram bellezas. Desce do Olympo este Baccho, filho do Padre sublimado; entra no Palacio de vidro de Neptuno, e parece, pelo que até agora tem dito, que vem animado de hum verdadeiro interesse, e de hum sincero zelo pela honra, e pela gloria das Divindades do Mar, ultrajadas pela audacia dos Navegadores Portuguezes:

„ Vedes o vosso Reino devassando,
 „ Os vossos Estatutos vão quebrando.”

Mostra que vem unicamente fazer esta advertencia.

„ Vós, a quem mais compete esta vingança,
 „ Que esperais, porque a pondeis em tardança?”

Até aqui he hum delator dos attentados dos Portuguezes contra a Soberania maritima de Neptuno; e parece que a

causa tocava só aos Deoses marinhos, porque sendo-lhe a injuria propria, só a elles competia a vingança. De repente muda Baccho de aspecto, e de sentimento, fazendo manifesta zombaria dos taes Deoses marinhos:

„ Eu não consinto, Deoses, que cuideis,
„ Que por amor de vós do Ceo desci;
„ Nem da magoa da injuria que soffreis,
„ Mas da que se me faz tambem a mi:”

Até aqui huma coiza, agora outra, declarando que o motivo da sua descida lhe era privativo, e nada tinha com os outros Deoses; isto os devia escandalisar tanto, que no mesmo instante devião pôr fóra do mar o impertinente Baccho. Dá a conhecer, que já lhe não importava a injuria que os Portuguezes lhe fazião. O caso era unicamente com elle. Oíçamos.

„ Que aquellas grandes honras, que sabeis
„ Que no Mundo ganhei quando venci
„ As terras Indianas d’Oriente,
„ Todas vejo abatidas desta gente.”

Pois, Baccho, (lhe devião dizer os

Deoses, escandalisados) esse caso não nos toca a nós, nada temos com isso, a tua honra foi adquirida na terra, e não no mar. Tu venceste *as terras Indianas do Oriente*, lá te avenhas, vai para lá, e se podeste vencer terras, e Nações inteiras, espera este punhado de gente na praia, e apenas desembarcar, diante dos mesmos Indios, que tanto admirão a tua gloria, e celebrão ainda o teu nome, posto que os não fizeste dignos de huma só pinga dos teus dons, dá cabo della. Podeste com exercitos inteiros, levando apenas hum Tyrso na mão, e não podes com a tripulação de tres Navios!

Depois de huma prova de tantas fraqueza em Baccho na sollicitação de estranho auxilio para coiza tão pequena, começa Baccho impoliticamente (ou começa Luiz de Camões a delirar) a invectivar com affronta os Deoses, o *Grão Senhor*, que he irmão de Neptuno, e pai do mesmo Baccho, diante de Neptuno seu tio, e dos outros Deoses seus parentes, degradando-os tanto, que até os representa consentidores do mal.

He digna dos olhos da severa critica a
Oitava 33.*

„ Que o grão Senhor, e Fados que destinão,
„ Como lhe hem parece, o baixo Mundo,
„ Fainas môres que nunca, determinão
„ De dar a estes Barões no mar profundo:
„ Aqui vereis, ó Deoses, *como ensinão*
„ *O mal tambem os Deoses*, que segundo
„ Se vê, ninguem já tem menos valia,
„ Que quem com mais razão valer devia.”

Assim infama hum Deos os Deoses, e os Fados; não se envergonha de se confessar desobediente a seus supremos decretos; quer que, assim como elle no Olympo lhe desobedecia, tambem no mar lhe desobedeção os outros. Chama-lhes injustos, porque diante delles ninguem tem menos valia do que aquelles que mais valem, que vem a ser que são regeitados, e condemnados aquelles que tem maiores meritos. Finalmente, com o verdadeiro espirito da rebellião, convida os outros a se opporem ás determinações do *grão Senhor*, e dos Fados, a quem o mesmo *grão Senhor* obedece. E tudo isto por hum motivo de soberba mal fundada, porque a fama

que hum homem adquiere ainda com as maiores acções, nunca poderá igualar a que hum Deos merece. Ainda me parece mais reprehensivel a seguinte Oitava 34.^a Oiçamos esta prosa.

- „ E por isso do Olympo já fugi,
 „ Buscando algum remedio a meus pezares;
 „ Por ver se o preço, que nos Ceos perdi,
 „ Por ventura acharei nos vossos mares.
 „ Mais quiz dizer, e não passou daqui,
 „ Porque as lagrimas já correndo a pares
 „ Lhe saltarão dos olhos, com que logo
 „ Se accendem as Deidades d'agua em fogo.”

Ainda não sabemos o motivo porque Baccho fugio do Ceo; a indeterminada opposição que lhe fez Marte, e que nenhum effeito produzio, porque Marte nunca mais tornou a apparecer no Poema, não estorvou Baccho de fazer o que fez em Moçambique, e em Mombaca, nem foi perseguido no Ceo para fugir d'elle. Jupiter, depois de expor o que determinavão os *Fados grandes*, calhou-se, e não disse mais huma palavra; e Baccho, como se fôra huma criança, e não hum Deos, se desata em choros, coiza tão indigna, que em tracto nenhum

do Poema os caracteres estão mais degradados, ou confundidos. Depois destas indignidades, calla-se Neptuno, nenhuma coiza resolve, e são os Deoses pequenos os que tomão o caso á sua conta. Parece que sendo a queixa, ou a proposta feita a Neptuno, se devia esperar pela sua determinação, e os Deoses, aqui mui abelhudos, sem que Neptuno diga huma palavra, mandão recado aos Ventos que se soltem, e formem huma furiosa tempestade. Oit. 35.*

- „ A ira, com que *subito* alterado
 „ O coração dos Deoses foi *n'hum ponto*,
 „ Não soffreo mais conselho bein cuidado,
 „ Nem dilação, nem outro algum desconto.
 „ Ao grande Eólo mandão já recado

(*Subito, e n'hum ponto* vem a ser a mesma coiza, e he hum pleonasma reprehensível)

- „ Da parte de Neptuno, que sem conto
 „ Solte as furias dos ventos repugnantes,
 „ Que não haja no mar mais navegantes.”

Conto, e desconto são más rimas, porém nisto era mui pouco escrupuloso o Poe-

ta, e nesta parte, e no metro são as Lusiadas o Poema mais defeituoso. Os Deoses do mar mentem muito. Depois da proposta, e lagrimas de Baccho, não houve mais do que tumulto, e aruido; Neptuno não disse huma palavra, não determinou coiza alguma, foi hum Ente nullo, e são muito atrevidos os Deoses em mandar recados da *sua parte* a Eólo, e he de admirar a bondade de Neptuno, que os deixa fazer quanto elles querem.

„ Que não haja no mar mais navegantes. ”

Se a navegação he huma injuria, e huma offensa dos Deoses marinhos, são acaso estes os primeiros navegantes? Ainda agora em 1497 se dão por offendidos?

A Oitava 36.^a começa com a costumada prosa:

„ Bem quizera primeiro alli Protheo
„ Dizer neste negocio o que sentia. ”

Sé nem deixárão fallar Neptuno, como deixarião fallar Protheo? O barulho, ou

tumulto foi tal, que o mesmo Baccho nem tempo nem lugar teve de lhe dar os agradecimentos; eclipsou-se de tal arte, que apenas em o Canto 8.º do Poema torna em Calecut a figurar alguma coiza, quando em sonhos se mostra ao Mouro que dormia.

„ Que Thetis indignada lhe bradou :

„ Neptuno sabe bem o que mandou ! ”

Deixemos esta trivial expressão de mulherinha raivosa, e lembremo-nos que Neptuno não mandou coiza nenhuma, nem ao menos com hum aceno de cabeça como fizera no Olympo o Padre sublimado. Esta mentira de Thetis nada he; esta Thetis, que a estupidez dos allegorizantes Commentadores tomão pela Sabedoria Divina, que toma, e segue aqui o partido de Baccho, e quer a perda da Armada, e o exterminio dos Portuguezes, deve ser a mesma Thetis, que proteja, defenda, e instrua Vasco da Gama até ao ponto de casar com elle na Ilha encantada, onde a mesma Thetis se introduz sem ser chamada por Venus. Parece na verdade hum Poema

escrito á tóa, não se correspondem entre si as partes, os caracteres, as situações. Os Agentes introduzidos são contradictorios. Thetis no Canto 6.º inimiga dos Portuguezes; Thetis no Canto 9.º amiga dos Portuguezes, e casada com Vasco da Gama. E tem escutado os seculos divinizar estas puerilidades? A reflexão he trabalhosa, e todo o exame presuppõe huma certa contensão de espirito, de que nem todos os homens são capazes, e julgão ter ajuizado muito bem quando se fazem écos huns dos outros. Oitava 37.^a

Começa com o nojento bordão—*Lá.*

„ Já lá o soberbo Hypothades soltava.”

E sem necessidade usa de duas palavras latinas, onde a penuria de lingua, ou falta de termos as não póde admittir, ou desculpar: *Audaces*, e *obumbrava*.

Chegamos, na Oitava 40.^a, e 41.^a, a hum passo agradavel do Poema, quando se considera separado d'elle, porém o mais digno da censura quando se considera como parte integrante do mesmo

Poema. Servem os Episodios em huma Epopéa ou de retardar, ou de accelerar a conclusão da acção: mas estes Episodios, não porque o digão as Artes Poeticas, mas porque o persuade a boa razão, devem dimanar immediatamente da mesma acção, e terem com ella não só referencia, porém intima ligação, e dependencia. Correm da acção, e referem-se á acção. Nesta parte he Luiz de Camões o mais imperfeito, e defeituoso de todos os Poetas Epicos. Não o digo só pelo que nos apresenta o 9.º e 10.º Canto, porque como já a acção tinha acabado, sendo o seu extremo ponto o instante em que leva ferro de Calecut na volta para este Reino, nenhuma relação tem com a acção principal, pois tinha acabado; mas pelo que pertence a outros Episodios, sem os quaes podia passar a acção, sem perder nada de sua grandeza e importancia. A Academia da Crusca, que fez em corpo a censura da *Jerusalem Libertada* do Grande Torcato Tasso, nota, e reprova como alheio da acção principal o Episodio admiravel do 2.º Canto, isto

he, o caso de Olindo, e Sofronia, condemnados á morte pelo imputado crime de haverem escondido a imagem com que o Mago Ismeno pretendia fazer os seus sortilegios para defensão da Cidade sitiada pelo exercito de Gofredo, e livres do supplicio pela intervenção, e authoridade de Clorinda que apparece em Jerusalem para ajudar os sitiados. Esta Clorindã, o Ente mais interessante que em todas as idades; e em todos os Livros tem creado, ou fingido a imaginação Poetica, deve figurar muito, e figurar sempre até ao fim do Canto 12.º do mesmo Poema, na acção principal; e convinha, (e isto não podia esconder-se ao grande juizo de Tasso), e era preciso que se desse huma idéa da grandeza, da preponderancia, e da authoridade deste ser extracrdinario quando, só a seu mandado, suspendem os Algozes o supplicio das duas amantes, e innocentes victimas, e pela sua influencia revoga o Rei de Jerusalem a sentença de morte. Tudo isto conserva relações com a acção, pois acontece depois della principiada, e com isto co-

meça a obrar hum dos mais maravilhosos agentes daquelle immortal Poema; por tanto não he escusado, nem ocioso o Episodio de Olindo, e Sofronia, nem teve razão a Academia da Crusca em o censurar, e reconhece-se na censura o grande espirito de partido que dominava, ou cegava aquelles illustres Academicos pela gloria de Ariosto, a quem intentavão dar a preferéncia comparando-o com o Tasso. Ora consideremos nas Lusiadas o Episodio dos doze de Inglaterra. Em quanto á versificação, ás imagens, ao andamento, á força icastica, ou representativa, nada ha mais perfeito, apontado, e acabado em todo o Poema; em quanto á indole de Episodio, e á relação que deve conservar com a acção principal, nada ha mais defeituoso, pois nem della dimana, nem a ella se refere. Não he coiza acontecida no tempo da acção, não foi executada por nenhum dos seus agentes principaes, ou accessorios; em huma palavra, assim como foi aquella historia a contada, podia ser outra, pois entre os contadores e os ouvintes houve sua de-

liberação; Leonardo Ribeiro queria huma coiza, Fernão Velloso queria outra, e prevaleceo o parecer de Fernão Velloso. Seja embora verdadeira, ou fabulosa esta Historia de andante Cavallaria, porque della nenhum vestigio apparece em nossas Historias, e apenas nos Annaes de Flandres escritos por Manoel Sueiro, àlias o infeliz Indio Manoel Fernandes de Villa Real, se acha alguma noticia desta aventura; isso não he do caso, e não ha razão que a possa unir, ou fazer depender da acção do Descobrimto da India. He huma parte absolutamente estranha inserida naquelle corpo; e mais desculpa tem as turpitudes da Ilha encantada, e os sentimentos magoados de Thetis no martyrio do Apostolo S. Thomé, porque em fim tudo isto se refere ao Heroe, e mais agentes subalternos da acção, do que a destacada Historia dos doze de Inglaterra. Camões infringe todos os dictames da boa razão, e falta á suprema Lei da unidade da acção, inserindo-lhe coizas, que com ella não tem, nem podem conservar relação alguma. Apezar

de ser o tracto do Poema mais correcto no estylo, e versificação, não está izento das interminaveis imperfeições de todo elle: na Oit. 46.^a tem estes versos:

„ A fazer que em soccorro os Deoses levem
 „ De todo o Ceo, por rostos de alabastro
 „ Se vão todas ao Duque d'Alencastro.”

Na Oitava 48.^a

„ Do Reino *lá* das terras Iberinas”

Na Oitava 54.^a

„ Fortissimos *Cónsocio*s eu desejo,”

Na Oitava 55.^a

„ Não for com vosco ao *prazo instituido*,”

que parece coiza de Prazo em fateosim pela sua instituição: a difficuldade de rimar torna em Luiz de Camões o sentido não só obscuro, mas equivoco: na Oitava 57.^a

„ Para Londres já fazem *todos vias*.”

Na Oitava 61.^a

„ Partido desigual, e *dissonante*. ”

Não sei que esta palavra possa exprimir alguma qualidade, ou propriedade inherente ao termo — *partido*, — ou sua rigorosa significação.

Na Oitava 66.^a ha hum solecismo notavel :

„ Basta por fim de tudo que *entendemos*. ”

Pela syntaxe do periodo este verbo devia estar no conjunctivo, e não no indicativo; a tudo obriga a força do consoante.

Na Oitava 67.^a ha huma cunha manifesta :

„ Banquetes mil cada hora, e *cada dia*. ”

Depois de dizer que os banquetes erão a toda a *hora*, não havia necessidade de dizer que erão *cada dia*.

No tempo que se gasta em contar esta estranha Historia, se preparão os

Ventos para soprarem, e não se sabe mais de Baccho: auzenta-se, deixa o caso aos Ventos, porque elle por si só nada faz; intriga, pede soccorros aos homens, e aos Deoses, e desapparece. A tempestade descrita até á Oitava 29.^a he huma copia da tempestade de Virgilio; e João Franco Barreto que traduzio a Eneida em oitava rima, para poupar trabalho transcreve os versos de Camões por serem huma rigorosa traducção. Na Oitava 75.^a ha este verso:

„ Sem aproveitar de homens força, e arte.”

Que eu não sei como se possa ler para dizermos que o verso não está duro.

Chegamos áquelle passo do Poema que tem dado lugar á censura mais amarga dos Estrangeiros, e entre elles á do atilado Blair, de que já fizemos menção, e que dá a conhecer quão monstruoso seja o absurdo da mistura das Divindades do Paganismo com as verdades augustas, e sagradas da Religião Christã. Na Oitava 80.^a degrada o Poeta o seu Heroe, porque o faz sos-

sobrar com huma coiza tão ordinária aos navegantes qual he huma tempestade, e não forão pequenas as do Cabo da Boa Esperança, onde o Gama se mostrou intrepido, e nesta, que não era a primeira que soffria, o representa

„ *Confuso de temor, da vida incerto.* ”

Como Christão invoca o divino auxilio, e pede a Deos que o livre de perecer naquella espantosa tempestade, assim como livrara a S. Paulo de hum naufragio, assim como seguramente tinha conduzido o Povo Hebreo por entre as ondas do Mar Vermelho, e assim como salvara em huma familia virtuosa, a especie humana em hum diluvio universal. A supplica he de hum Christão, porque Deos quer que lhe peçamos, e elle he o nosso adjutorio nas tribulações; até aqui vamos nós bem, porque conserva o Heroe no seu devido character, e desempenha a lei dos costumes, e a Oitava 81.^a he digna de hum Poeta Christão, que introduz a fallar, e a obrar hum Heroe Christão; porém

na Oitava 82.^a começa logo a desmandar-se, porque lembrando a Deos os exemplos de hum, e outro Testamento, lembra a Deos no resto da sua supplica objectos puramente profanos, e gentílicos :

„ Se tenho novos medos perigosos
„ De outro Scylla, e Caribdis já passados,
„ Outras syrtes, e baixos arenosos,
„ Outros Ároceraunios infamados;
„ No fim de tantos casos perigosos,
„ Porque sômos de ti desamparados? ”

Estas lembranças a Deos nem são proprias de hum Christão, nem podem estar presentes a hum homem — *Confuso de temor*, cuja alma perturbada em extremo não podia em sua supplica lembrar-se de objectos de erudição da Fabula, e Historia antiga. Só por isto he mui reprehensivel esta passagem; porém a monstruosidade he mais escandalosa, quando vemos, que sendo a supplica feita a Deos para obrar hum milagre semelhante áquelle que livrou S. Paulo do naufrago, ou que o salvou naufrago do seio dos mares, o auxilio he trazido

pela mais infame Divindade do Paganismo, isto he, a Venus Cytheréa, que com torpezas amansa as furias dos personalisados ventos conforme as idéas do Paganismo, dizendo na Oitava 86.^a:

„ Estas obras de Baccho são por certo: ”

E o meio de se lhes oppôr he mandar enfeitar as Nynfas, que deve entregar aos ventos para nunca mais assoprarem tão despropositadamente:

„ Em quanto manda ás Nynfas amorosas.
„ Capellas na cabeça pôr de rosas.”

E logo na Oitava 87.^a:

„ Abrandar determina por amores,
„ Dos ventos a nojosa companhia.”

Os ventos, enlevados cada hum em sua Nereida, não cuidão mais em cumprir com a sua commissão de assoprar rijamente; e ficou o Baccho illudido, e enganado, como sempre, sem ninguem fazer caso delle, pois nem á sua disposi-

ção, sendo filho do Padre sublimado, e Sobrinho do proprio Neptuno, tinha hum sopro de vento.

Chega pois o Gama felizmente a avistar a costa do Malabar pelo auxilio de Venus tendo pedido misericordia a Deos. Este he o absurdo que deo lugar e motivo a Blair para dizer, que o Maquinismo das Lusiadas era ridiculo, e extravagante, porque tal mistura só podia nascer de hum cerebro que necessitasse do helléboro, e de mais de huma Anticyra. Oitava 93.^a:

- „ Esta he por certo a terra que buscais,
- „ Da verdadeira India que apparece;
- „ E se do Mundo mais não desejas,
- „ Vosso trabalho longo aqui fenece:
- „ Soffrer aqui não pôde o *Gama mais*. ”

A India *verdadeira* presuppõe alguma India fingida; porém deixemos equivoocos de palavras, aliàs seria censura hum processo infinito. Com tudo não devo omittir o —*Gama mais*.— Se isto apparecesse em hum Poema moderno até como hum simples descuido, que dirião os da Seita Camoniana, que até as syllabas lhe divinisão?

„ Os gielhos no chão, e as mãos ao Ceo,
„ A mercê grande a Deos agradeceo.”

Parece que se deve dar o agradecimento áquelle de cujas mãos se recebe o beneficio. Venus acodio a Vasco da Gama, applacou a furia dos Ventos, desarmando-lhe a sanha vingativa com os agrados, e requebros das Nereidas; o Heroe evita o naufragio com os soccorros deste Numen tutelar; ou elle não fez o beneficio, ou a elle deve ser dado o agradecimento, e he huma incoherencia manifesta, ou huma mistura sacrilega do sagrado com o profano.

As cinco Oitavas que rematão este Canto formão huma das costumadas digressões fóra de proposito, que a cada passo interrompem o fio da Fabula Poética. Huma acção heroica proposta he por si mesmo hum exemplar que excita, e move os peitos generosos aprehenderem outras semelhantes, e huma tacita reprehensão daquelles que, devendo por sangue, e por condição pizar as ingremes veredas da virtude para chegarem ao Templo da Fama, e da

immortalidade, de si mesmos se esquecem, e buscão nas delicias e no ocio torpissimo passar huma vida ingloria, e obscura. São improprios, deslocados, e impertinentes estes sermões com que o Poeta vai entresachando seu Poema, de maneira que nos faz esquecer da acção principal, para nos entreter com reflexões moraes. Na Oitava 97.^a quiz deixar-nos os ouvidos, cujo juizo he soberbissimo, como diz Quintiliano, escandalisados com a rudeza deste Verso—

„Vigiando, e vestindo o forjado aço, ”

que com a elisão indispensavel das duas vogais —o, e a—fica *forjadaço*. Dizem que o Pretôr não faz caso de coizas pequenas; mas não são coizas pequenas, em hum tão grande Poeta, tão grandes imperfeições. He verosimil que nestas amargas invectivas tivesse o Poeta em seu tempo nos Cortezãos de ElRei D. Sebastião suas allusões que fazer; todos as podem ter em todos os tempos, por que os homens em todas as Epocas são os mesmos; ha a diversidade dos tem-

pos, mas ha a identidade dos vicios; porque as paixões são as mesmas, e onde vemos identidade de causas he preciso que vejamos tambem identidade de efeitos. He justa, e necessaria huma reflexão moral, aformosêa os versos, e anima o estylo, mas de tão intempestivos sermões digamos com Horacio, ou com a boa razão:

Sed nunc non erat his locus.

CENSURA

D A S

LUSIADAS.

SETIMO CANTO.

VISTA, e descoberta a costa do Malabar no fim do 6.º Canto, pedia a ordem, e o encadeamento dos successos que se dêsse conta do acontecido na chegada: o animo do Leitor está impaciente, isto deseja, e isto quer ver annuciado; assim succede, porque nos diz o Poeta na 1.ª Oitava:

„ Já se vião chegados junto á terra,
 „ Que desejada já de tantos fôra.

.....
 „ Ora sus gente forte, que na guerra
 „ Quereis levar a palma vencedora,
 „ Já sois chegados, já tendes diante
 „ A terra de riquezas abundante.”

Quatro — *jas* — tem esta Oitava, e parece que o Poeta *já* nos devia dizer o que aconteceu aos que *já* tinham chegado; mas não he assim: se o Canto 6.º acaba com huma imperfeição, com a mesma começa o Canto 7.º Se houve sermão á saída do Canto, tambem ha sermão á entrada, e temos segunda vez o fio da narração Poetica quebrado, e interrompido. Desáta-se o Poeta em invectivas contra todos os Reinos da Europa, coiza tão estranha, e tão alheia da acção; porque nem ao menos tem com ella a relação do tempo: como este he o maior erro, e o maior de todos os defeitos das Lusiadas, he preciso que mais de espaço, e mais claramente nos expliquemos. O estado em que o Poeta representa os Reinos da Europa, não he o estado em que elles estavam no tempo da viagem de Vasco da Gama, mas o estado em que se vião no tempo do Poeta, isto he nas vizinhanças do anno de 1572; e que tem huma coiza com a outra? Em 1497 não tinha começado a chamada Reforma. No Pontificado de Leão X começou a revolta

em Alemanha. E quantos annos depois se estendeo em França o Calvinismo? Não póde achar desculpa similhante extravagancia. He muito justo, e muito bem merecido o louvor que na 2.^a e 3.^a Oitava dá aos Portuguezes; porém he muito escuro o sentido dos quatro ultimos versos da 2.^a

„ Vós a quem não sómente algum perigo
„ Estorva conquistar o povo inimundo;
„ Mas nem cobiça ou pouca obediencia,
„ Da Madre que nos Ceos está em essencia.”

Não se entende como sobre estes annunciados possa continuar a regencia do verbo—Estorvar.—*A cobiça, ou pouca obediencia* tem huma attribuição no genitivo *da Madre*, o que torna o estylo anfibologico, e obscuro. Na Oitava 3.^a, onde ha tantas idéas da verdade, e santidade da Religião, e que fazem hum tão escandaloso contraste com as idéas do Paganismo, cuja Mythologia fórma o maravilhoso, ou sobrenatural do Poema, vem, e torna a respeito de Portugal o mesmo equivoco Epifonema que já tinha vindo a respeito da Italia;

„ Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!”

Quando fallou da Italia, subentendia a diminuição de seu poder, e Imperio; quando falla de Portugal, subentende a sua população numerica:

„ Que vós, por muito poucos que *sejais*,
 „ Muito *façais* na sancta Christandade;
 „ Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!”

Já se disse, que a humildade que Christo exalta, he a humildade do coração, como virtude moral ensinada pelo mesmo Christo em o Evangelho: — *Discite a me, quia mitis sum, et humilis corde.* Podem os Russos todos, que formão a população de tão vasto Imperio, ser muito humildes, e nós os Portuguezes a quem as conquistas fizerão o favor de reduzir a menos de dois milhões de almas constando sempre pouco mais, ou menos a nossa população de tres milhões de almas, sermos muito soberbos, e muito orgulhosos; porque a humildade que Christo exalta, não está em o numero dos individuos, ou no poder do Imperio, está no coração.

Começa pois o Principe dos Poetas a sua invectiva pelos Alemães em geral dizendo :

“ Vedes os Alemães , soberbo gado ,
“ Que por tão largos campos se apascenta ,
“ Do Successor de Pedro rebellado .”

Em primeiro lugar não sabemos a quem o Poeta se dirija no—*Vedes*—; creio que aos Portuguezes , porque neste passo falla o Poeta de si mesmo , e por si mesmo , sem introducção de Personagem alguma do Poema , cuja acção parece que acabou , pois della não ha , nem haverá tão cedo noticia. Eis-aqui hum exemplo raro de huma digressão no meio de hum Poema sobre coiza que com elle não conserva relação alguma , nem he delle remota consequencia. Depois disto , chama geralmente a todos os Alemães , não só gado soberbo , porém *rebellado do Successor de Pedro*. Na reforma de Luthero não entrárão todos os Alemães ; muitos Circulos deste vasto Imperio permanecêrão Catholicos Romanos. Mas estas Questões não são para aqui. Quem ler a Historia do Cal-

vinismo, e souber que coiza seja a confissão de Augsburgo, saberá que Reinos sahirão do gremio da Igreja Catholica Apostolica Romana. Mas que tem isto com o Descobrimento da India, para que o Poeta no momento em que o Piloto Moalen Caná chega á barra de Calecut, deixe lá o Heroe, e mais a acção, e salte nas Potencias Européas para lhes reprehender os vicios que se lhes notavão no tempo do Poeta? E onde deixou Vasco da Gama? lhe poderião ellas preguntar. Oitava 5.^a

- „ Vedes o duro Inglez que se nomêa
 „ Rei da velha, e Santissima Cidade;

 „ Nova maneira faz de Christandade;
 „ Para os de Christo tem a espada núa,
 „ Não por tomar a terra, que era sua.

Não só o Rei de Inglaterra assumio o titulo de Rei de Jerusalem, tambem o de Castella o tomou, e até de Chypre se intulárão Reis. Ainda que Henrique VIII se declarou cabeça da Igreja Anglicana, não nos consta que os Inglezes declarassem guerra ao Christianis-

mo. Dentro daquelle paiz se fez a guerra aos Catholicos, e muitas vezes se tem perseguido os de Irlanda; mas isto he huma coiza parcial, e não he huma guerra universal ao Christianismo. Oitava 6.^a

„ Guarda-lhe por entanto hum *falso Rei*
„ A Cidade Hierosolyma terrestre.”

Que razão tem o Principe dos Poetas para chamar *falso Rei* ao Grão Turco? Os Christãos no tempo da Cruzada se apossarão de Jerusalem por direito de conquista, tomando-a aos Sarracenos: vierão os Turcos, e com o mesmo direito, e com mais força se assenhorearão da Palestina, da Syria, e de todo o Levante. Se era legitimo o senhorio dos Christãos fundado neste direito, porque o não será tambem o dos Turcos? Aqui não se trata da Lei que professão, trata-se das conquistas que fazem. A Paulo Jovio, que escreveu os preciosos Livros da Historia do seu tempo, por ser afeiçoado aos Turcos, chamavão por mofa—Bispo Ottomano; chamem-me a mim o que quizerem, mas

não posso ouvir calumniar os Turcos como Conquistadores, e como Politicos; talvez seja huma das mais prodigiosas Nações que tem apparecido na Terra, mas elles não tem Historiadores. Tanto Heroe, tanto Heroe! Mas o seu Imperio ainda he quasi o maior, e a sua Côrte ainda he Constantinopla. Tomára que se vulgarisasse mais o Veneziano *Sagredi*; veja-se a sua Historia dos Turcos.

“ Pois de ti, Gallo indigno, que direi,
 „ Que o nome Christianissimo quizeste,
 „ Não para defendello, nem guardallo,
 „ Mas para ser contra elle, e derriballo? ”

Os Sebastianistas mettem no *Canon* dos seus Profetas Luiz de Camões, e encontram nestes quatro versos a profecia da Revolução, e as parvoices do Heroe Bonaparte; porque de outra sorte, como se póde entender isto do tempo dos Francezes Christãos, e Catholicos, quaes erão nos dias do Poeta? As guerras de Francisco I na Italia, onde foi vencido por Carlos V na batalha de Pavia, não tinham por objecto, ou por motivo o Christianismo, mas a

posse do Ducado de Milão; nem póde o Poeta entender por perseguição do Christianismo a matança dos Calvinistas ordenada por Carlos IX. Manda o Poeta na Oitava 7.^a aos mesmos Francezes que em lugar de perseguirem o nome Christão, e derriballo vão conquistar na Africa occidental o Rio *Cyniphio*, e na oriental o rio Nilo:

- „ E não contra o *Cyniphio*, e Nilo rios
 „ Inimigos do antigo nome santo?
 „ Alli se hão de provar da espada os fios;
 „ Em quem quer reprovár da Igreja o *Canto*.”

Isto necessita de explicação. Manda o Poeta aos Francezes, que vão ao rio *Cyniphio*, que he habitado pelos Mouros occidentaes, e ao Nilo que rega o Egypto habitado de Arabes, Mamelucos, Turcos, e Mouros. Agora; que quer dizer aqui a palavra—*Canto*?

- „ Em quem quer reprovár da Igreja o *Canto*.”

Tomando o *Canto* por pedra, he S. Pedro, e os seus Successores—*super hanc petram &c.*; tomando o *Canto* por en-

toação de voz e vozes, v.g. o *Canto-chão* de que usa a Igreja, e que eu sem ser Mouro, nem Indio reprovó ás vezes pela horrorosa desafinação das goelas *sarrentas* de certos Ministros; que tem com huma, e outra coiza os habitantes da Mauritania, e os do Egypto? O Primado da Igreja Romana, ou a Arte de Mafra, também he questão para os Mouros? E depois disto, que direito tem os Francezes á conquista do Egypto, e do Rio Cyniphio? Quer o Poeta fazer de Eremita Pedro prégando Cruzadas? Continuão as invectivas amargas, e assenta pezadamente a mão nos Italianos por toda a Estancia 8.^a; supponhamos que o merecem, pois no tempo do Poeta erão mui frescas as desordens na Italia; e porque me não compete fallar aqui do Papa Alexandre VI, veja-se o Inglez Alexandre Gordon na vida deste Pontifice, e de *seu Sobrinho César Borgia*. Mas que tem isto com o Descobrimento da India acontecido em 1497?

„ Contigo fallo, Italia, já submersa

„ Em vicios mil, e de ti mesma adversa.”

Oitava 9.^a

„ Oh miseros Christãos, *pela ventura*
 „ Sois os dentes de Cadmo desparzidos? ”

(Os dentes não são de Cadmo, são do Dragão que elle matou.)

„ Não vedes a divina Sepultura,
 „ *Possuida de Caens?*

Expressão baixa, repetida quando falla de Mouros:

„ Andar-lhe os *Caens* os dentes amostrando; ”

e que forma aqui hum contraste bem mal soante com a — *divina Sepultura*. — Estas incorrecções são tão frequentes, que parece que o Poeta, não só não imposera a ultima, mas nem a primeira lima em seu Poema.

Na Oitava 11.^a vem as mesmas idéas, e até os mesmos consoantes em que era pobrissimo Luiz de Camões, e despreza-se neste ponto o abundantissimo Vasco Mouzinho de Quebedo!

„ Se cobiça de grandes *senhorios*,
 „ Vos faz ir conquistar terras alhêas
 „ Não vedes que *Pactólo*, e *Hermo rios*
 „ Amboz volvem auríferas *areas?*

Oitava 7.^a o mesmo :

„ E não contra o *Cyniphio*, e *Nilo rios*. ”

E então o Pactolo, e Nilo rios, não são terras estranhas? Que direito dava Luiz de Camões a estas Potencias Europeas para irem conquistar o que não era seu? He deslocada, e fóra de proposito esta invectiva, corta pelo meio o fio da acção naquelle momento em que se mostrava mais interessante, pois se aproximava o Heroe ao termo tão desejado; porém ao menos fosse propria do Poeta; mas não he assim: a leitura do Ariosto lhe fez mal, gostou da satyra, e a copiou toda do Canto 17.^o do Furioso, Oitava 33.^a, e seguintes como adverte Ignacio Garcez Ferreira, contentando-se em trasladar estes versos:

*Pattolo, e Ermo, onde si tráe l'orfino
Migdonia, e Lidia, e quel paese buono.*

E para os dois versos da Oitava 9.^a servio-se do Mario Molza, Poeta pouco posterior ao mesmo Ariosto:

Che il sepolcro de Christo è in man de' cani.

Em fim 14 Oitavas se vão nisto. Fez esquecer a acção para prégar Cruzadas com pensamentos, e versos alheios. Na Oitava 12.^a vem humá redundancia pueril:

„ Nos muros de Bysancio, e de Turquia.”

Bysancio he Constantinopla, e Constantinopla he a Côrte da Turquia, pois não está fóra da Turquia Constantinopla. Chega finalmente a Oitava 15.^a para nos consolarmos da pena que nos causava o não sabermos mais de Vasco da Gama, nem o que lhe acontecêra na sua chegada a Calecut, e como quem está em mui baixa prosa contando humá Historia, que enfadado de folhagens diz desta maneira:

„ E vejamos em tanto o que acontece

„ A'quelles tão famosos navegantes.”

Avivou o nosso desejo, despertou, ou desafiou a nossa curiosidade, desejamos saber o que lhe aconteceu; mas o Poeta assenta que devemos ter paciencia,

porque ainda não he tempo. Não sabemos o que he feito delles.

- „ Depois que a larga terra lhe apparece,
- „ Fim das suas porfias tão constantes,
- „ Onde vem semear de Christo a Lei,
- „ E dar novo costume, e novo Rei.”

Antes que passemos a mais, cumpre fazer aqui huma ajustada reflexão. Se este era o fim do descobrimento, e da navegação de Vasco da Gama, devia o Poeta ter annuciado isto, e não dizer que o Gama era hum mero descobridor; mas se he mudar o culto público no Indostão, e dar novas Leis, e novos Monarcas áquella porção da Asia, porque o não faz Vasco da Gama? Qual he o fim da acção? Não se sabe, porque o Poeta em huma parte diz huma coiza, e n'outra diz o contrario. Onde está semeada a Lei de Christo por Vasco da Gama? Onde a mudança da Dynastia de Calecut? Escreve á toa, diz o que lhe lembra, e onde lhe lembra. Toda esta sementeira da Lei de Christo, toda estas mudanças de Monarcas executadas pelo Heroe, e seus compa-

nheiros, annunciadas pelo Poeta nesta Oitava, vem a dar na prizão do Gama, e no seu resgate por dois rollos de panno:

„ Pois o Gama soltou pela fazenda.”

Eis-aqui a acção, eis-aqui o Heroe, e eis-aqui as Divinas Lusíadas.

Vou trasladar como se escreve a prosa a Oitava 16.^a para vermos se della se distingue:

” Tanto que á nova terra se chegarão,
” leves embarcações de pescadores acha-
” rão, que o caminho lhe mostrarão de
” Calecut, onde erão moradores. Para
” lá logo as pròas se inclinárão, porque
” esta era a Cidade das melhores do
” Malabar melhor, onde vivia o Rei,
” que a terra toda possuia.”

Aqui não falta huma virgula, nem se altera a collocação e ordem das palavras em toda a Oitava. E qual he dos nossos Historiadores que em sua mesma prosa tão baixamente se explica? Não he preciso allegar o eloquente João de

Barros, exemplar da elegancia Portugueza, ou o florido Jacintho Freire, basta o pezado, e triste Damião de Goes. Tão baixamente deixados os navegantes; desaparece a acção, e começa huma miuda descripção Geografica do Indostão, cheia de impertinencia, e de versos errados. Oitava 18.^a Depois de vir no primeiro verso o bordão — *Lá* — diz o segundo:

„Tão larga terra toda a Asia discorre.”

Com hum hiato enorme nos dá hum verso errado. Na Oitava 19.^a vem outra vez *larga terra* para vir hum verso errado:

„Sahe da larga terra huma longa ponta.”

Na Oitava 20.^a vem a palavra—*Possança*, de que se não acharão muitos exemplos nos Classicos, e he gallicisimo; porém o Poeta escravo da rima, usa sempre da primeira que se lhe offerece, o ponto está que feche o verso, e dê o consoante. Na Oitava 21.^a vem o bordão—*Lá*.—

„Aqui se enxerga *lá* do mar undoso.”

Na Oitava 22.^a outro verso ou errado, ou estirado; eu chamarei sempre hum erro a falta sensivel de metrica harmonia :

„Se estende huma fralda estreita que combate.”

Começa a Oitava 23.^a com o que já tinha dito, e repizado na Oitava 16.^a

„Chegada a Frota ao rico senhorio,
 „Hum Portuguez mandado logo parte
 „A fazer sabedor o Rei gentio
 „Da vinda *sua* a tão remota parte.”

Parece que o Portuguez mandado não deve dizer ao Rei senão que elle tinha alli chëgado, pois só lhe dá parte da *sua* vinda, e não da expedição. *Parte*, e *parte* não são consoantes são *unisoantes*, porque ainda que hum signifique huma coiza, e outro outra, tem as mesmas letras, e as mesmas syllabas. Isto he hum grande defeito em hum grande Poeta. Na Oitava 24.^a vem em dois versos successivos dois—Fôra—, e hum *Lá* do bordão:—

„ *Fora* na Região da Barbaria,
 „ *Lá* onde *fora* Antheo obedecido.”

Huns se fazem escuros por breves; Luiz de Camões por difuso, minucioso, e affectadamente instruido. Na Oitava 25.^a vemos hum verso máo, e huma incoherencia, ou parvoice :

„ Lhe disse; quem te trouxe a estoutro Mundo,
 „ *Tão longe da tua Patria Lusitana?*

Que coiza se entenderá por estoutro Mundo? E quer dizer tua patria Lusitana? Dá a entender que tinha outra: depois de "tua patria" parece escusado o *Lusitana*, sendo Lusitano o mesmo Gama, e seus companheiros. A resposta a esta questão, he a mais impropria:

„ Vimos buscar do Indo a grão corrente,
 „ Por onde a Lei Divina se accrescente.”

Em primeiro lugar o rio Indo não desemboca em a Bahia de Calecut, não era alli; em segundo lugar, não sabendo quaes erãõ as disposições do animo daquelle Mouro, que conhecia Christão o Mensageiro, não devia fallar assim, porque sabendo os Mouros que nós cha-

mamos Divina a nossa Lei, porque o he, e falsa e terrena a sua, porque o he, não lhe devia dar a entender que vinhão abolir a Religião do paiz, porque era desta maneira indispor hum Mouro que não conhecia, quando necessitava delle, e he huma imprudencia dar esta resposta a hum Mouro, quem hia só para descobrir, e commerciar como depois se vio.

„ Pois o Gama soltou pela fazenda.”

Na Oitava 26.^a dissimula o Mouro o que lhe ouvia, e lhe dá noticia do Rei da terra com dois tão baixos, e tão prosaicos versos, que eu não sei como mais baixamente se explicarião dois Camponezes se se encontrassem:

„ Lhe diz que estava fóra da Cidade,
„ Mas de caminho pouca quantidade.”

As duas seguintes Oitavas conservão a ingenuidade Homérica, parecem coizas acontecidas nos tempos Heroicos em que tudo se dizia pelo seu nome, e os Marechaes Generaes dos Exercitos co-

zinhavão elles mesmos o seu jantar.— Para desculparmos Homero, dizem os Commentadores, he preciso que nos transportemos áquelles ditos tempos, é que nos consideremos com aquelles costumes; mas esta regra não pôde ter lugar nas Lusiadas, porque forão feitas em tempos mais macios, e polidos. Na Oitava 28.^a ficando o Portuguez em casa do Mouro:

- „ Com elle *come, e bebe*, e lhe obedece;
 „ Ambos se tornão logo da Cidade;
 „ Para a fróta, que o Mouro bem conhece;
 „ Sobem á Capitaina, e toda a gente
 „ Monçaide recebeo *benignamente.*”

He huma regra de Horacio, ou da boa razão, que se devem nos versos omittir aquellas coizas que nos mesmos versos não podem brilhar, e ha taes coizas, que não devem ser miudamente annunciadas em huma Epopéa, onde tudo deve ser magnificencia, e esta he incompativel com a baixeza relativa de certos objectos. Se o Portuguez ficava, e dormia em casa do Mouro, bem se pôde suppôr que tambem devia comér alguma coiza:

„ Com elle come, e bebe, e lhe *obedece.*”

Este *obedece* a não ser para acabar, e rimar o verso, bem se póde entender, que seria o nosso cumprimento Nacional—Estou á sua obediencia; para lhe dar gosto etc. Porque eu não posso descobrir que acto de obediencia fôra este do Portuguez para com o Mouro. Na Oitava 29.^a o primeiro verso he verdadeiramente enigmático pelo seu enfasi:

„ O Capitão o abraça em *Cabo ledo.*”

Cabo branco, *Cabo verde* sabemos nós o que he, que são dois cabos assim chamados, porém —*Cabo ledo*—não se sabe o que he, se não for palavra para rimar com —*arvoredo*— que ha de vir depois. *Cabo d’Horn*, *Cabo Bretão*, não cabião, veio *Cabo ledo*. Talvez quizesse dizer que o Gama o abraçára alegre depois que todos os outros o abraçárão. Isto não se póde entender com a frase—*em Cabo ledo*. A oração do Mouro começa, Oitava 30.^a, com a costumada impropriedade; porque não se encontra por todas

as Lusiadas hum só character bem sustentado:

„ Elle começa.... &c.

O 7.º verso he quasi o mesmo, ou reproduzido, da 1.ª Oitava do Poema:

„ Por mares nunca d'outro lenho arados.”

E na Oitava 31.ª o Mouro fóra de seu proprio character, e por isso impropriamente, entra nas vistas da Providencia do Deos dos Christãos sobre o estabelecimento do Christianismo na Asia, porque não podião os Portuguezas fazer outro serviço a Deos que não fosse dilatar a Religião Christã; e suppôr, ou introduzir hum Mouro, ainda no gremio do Mahometismo, persuadido disto, he huma impropriedade, porque he dar á conhecer que a Religião Christã era huma obra de Deos, o que os Mouros não acreditão.

„ Deos por certo vos traz, porque pretende

„ Algum serviço seu por vós obrado;

„ Por isso só vos guia, e vos defende.

„ Dos imigos, do mar, do vento irado :
 „ Sabei que estais na India onde s'estende
 „ Diverso povo, rico, e prosperado. . . ”

Estender-se hum povo não he frase propria para nos fazer entender, que o Indostão era habitado de diversos, ou differentes povos todos elles ricos, e abastados. Na Oitava 32.^a chama *Provincia* ao Malabar :

„ Esta Provincia cujo porto agora.”

Reduzir a estensissima região do Malabar, que he toda a costa do Indostão da parte do norte, ao nome de Provincia, havendo tantos, e tão diversos Reinos no mesmo Malabar, he huma incoherencia, ou huma impropriedade. E como póde ser huma Provincia de diversos Reis ?

„ De diversos Reis he—”

Conta nas Oitavas 33.^a, e 34.^a, e 35.^a o que aconteceu a Saramá Perimal quando se converteo á Lei de Mafoma pela

efficacia, e eloquencia de huns Missionarios que vierão da Arabia:

„ Fazem-lhe a Lei tomar com fervor tanto,
„ Que presuppoz de nella morrer santo.”

E continúa com a mesma baixeza na Oitava 34.^a:

„ Náos arma, e *nellas* mette curioso
„ Mercadoria que offereça rica
„ Para ir *nellas* a ser Religioso.”

Creio que ninguem deixará de sentir hum enjão invencivel ao ler estas baixezas, onde desaparece o ultimo vislumbre de Poesia, e muito mais cresce o enjão, quando na Oitava 35.^a encontra este verso errado:

„ A qual Chalé, a qual a Ilha da Pimenta.”

Ainda na Oitava 36.^a continúa a historia de Saramá Perimal; porque o Mouro em lugar de ir com o Mensageiro onde o Rei estava, que era em Panane, deixou-se disso, e veio com o mesmo Mensageiro para a Náo *Capitaina* onde se poz a cõntar a historia antiga do

Paiz, e a acção a retardar-se, ou inteiramente esquecer-se. Passa (atropelando todos os dictames da boa razão) da historia do Saramá a dar huma idéa da qualidade da gente Malabar, que elle divide em duas classes — Naires, e Poleás — contando com muita miudeza, que os Poleás conservão a successão dos officios; o filho do Çapateiro entre elles, por força ha de ser Çapateiro; e como diz isto em rasteira prosa, não importa que os versos vão errados.

„ Senão o de seus passados até á morte.”

Os da Seita Camoniana que reconhecerem aqui o metro, não tem orelhas. Isto he, ás avessas:

Asinus ad Lyram.

Oitava 39.^a

„ Desta sorte o Judaico povo antigo
„ Não tocava nas gentes de Samaria.”

Deixemo-nos da quantidade longa, ou breve deste nome Samaria, porque com

o i longo sempre o li, e ouvi. He possível que hum pobre Mouro d'Ourão tivesse noticia desta antipathia dos Judeos, e Samaritanos? Pela Historia o não conheceria, menos pela lição da Biblia, coiza incognita ao Mouro, e ainda muito menos pela experiencia o podia saber, porque ainda que subsista disperso o Povo Judaico, e se conheça e distinga o individuo Judeo, não se conhece agora o Samaritano, nação acabada, e abolida ou confundida com a Judaica na sua dispersão universal. Na Oit. 40.^a temos nova impropriedade, porque se Monçaide não podia ter noticia dos Samaritanos, menos a podia ter dos Filosofos da Grecia, e de suas opiniões, com tudo mostra-se instruido na Filosofia Pythagorica, pois dá a conhecer que Pythagoras deo primeiro o nome de Filosofia á Sciencia.

„ D'hum que primeiro poz nome á Sciencia,
 „ Não matão coiza viva.....”

Com effeito, até agora ainda ninguém vio matar coizas mortas.

„ Sómente no venereo ajuntamento
 „ Tem mais licença, e menos regimento.”

Podia, e devia mui bem omittir-se esta noticia dos costumes dos Religiosos Bramenes em huma Epopéa, mas parece que se empenhára o Principe dos Poetas em tornar fastidioso este 7.º Canto, porque a taes miudezas não chega o Historiador mais escrupuloso; e não satisfeito do que diz nesta Oitava sobre a infamia dos Religiosos Bramenes, tão imitadores do abstinente Pythagoras, continúa na Oit. 41.ª com a mais baixa prosa a revelar infames turpitudes:

„ Geraes são as mulheres, mas sómente
 „ Para os da geração de seus maridos”

Se os ouvidos castos se escandalisão com tão torpes idéas, e tão escusadas na magestade da acção das Lusiadas, os ouvidos poeticos não se escandalisão menos com estas prosaicas tiradas, porque com effeito, eu me persuado, que não haverá paixão tão cega que encon-

tre em taes regras accentuadas huma ligeira sombra de Poesia. O 5.º verso apparece livre das Leis do metro :

„ Estes, e outros costumes variamente”

A querermos dar ás syllabas o valor que ellas tem, isto não he hum verso, ao menos não tem aquella harmonia, que he a devisa de hum Poeta daquelle jerarquia em que a cega pertinacia quer constituir Luiz de Câmões.

Já era tempo de vermos o que aconteceo

„ A'quelles tão famosos navegantes.”

Devem desembarcar instruidos tão depressa por hum Mouro nas leis, e nos costumes dos Malabares. O Poeta diz na Oitava 43.^a que o Gama tinha licença para desembarcar, e não se póde annunciar em mais clara prosa :

„ Mas elle que do Rei já tem licença

„ Para desembarcar....”

Quem foi pedir esta licença, e quem a

trouxe? He miseravel o Poeta em descuidos!

O Portuguez mandado, a meio caminho voltou, porque o Rei não estava em Calecut, mas em Panane, ficou em casa do Mouro, e sem tratar de outra coiza veio para bordo da Capitaina, e até agora não se fez, nem se cuidou n'outra coiza mais que em ouvir as historias do Mouro. E não he isto hum erro? Não he isto huma falta de conveniencia na disposição dos Quadros Poeticos?

Hum Catual espera o Gama na praia, para o conduzir, e nesta Oitava 44.^a ha não só hum notavel erro de metro, mas huma indesculpavel cacafonia, que parece impossivel não ser isto hum erro de copista desde a 1.^a Edição de 1572.

„ E n'hum portatil Leito huma rica cama.”

Hum escolar com os primeiros rudimentos, ou regras da versificação não produzia hum semelhante disparate. E não tem que emendar Camões? O 2.^o verso da Oitava 45.^a sôa deste geito:

„Caminhão lá para aonde o Rei o espera”

Na Oitava 47.^a se conhece, que o Poeta se podia servir do maravilhoso da Religião, porque se aqui introduz o Demonio fingindo, ou figurando aos Malabares as imagens abominaveis de seus Idolos, tambem podia figurar como Agente e principio, ou causa do mal em a têa maravilhosa do Poema.

„Aqui estão das deidades as figuras,
 „Esculpidas em páo, e em pedra fria;
 „Varios de gestos, varios de pinturas,
 „A segundo o Demonio lhes fingia.”

Nesta Oitava está propriamente empregada a palavra —esculpida:—porque se póde esculpir figuras em páo, e em pedra, mas na Oitava 48.^a está empregada com notavel impropriedade. Toda a figura está esculpida na pedra, ou no páo, e aqui diz que a figura de Jupiter Ammon tinha os cornos esculpidos na cabeça, e o diz com huma syntaxe muito má.

„Hum na cabeça cornos esculpidos,
 „Qual Jupiter Ammon na Libia estava.”

Esta oração está completa, porque passa nos dois seguintes versos a huma idéa diferente, ou diverso objecto, e não está bem a hum tão grande Poeta tanta falta de correccão. O furor de ostentar erudição nunca o abandona. Nenhuma similhança tem os Idolos monstruosos dos Póvos da Asia com os Deoses da Mythologia Grega; mas o Poeta não perde occasião de se mostrar erudito; em huma só Oitava, Jupiter Ammon, Jano, Briareo, e Anubis. Seja isto o que for; porém o que mais custa he encontrar o estylo Poetico neste tão celebrado, e decantado Poema. Oit. 49.²

„ Aqui feita do barbaro Gentio

„ A supersticiosa adoração,

„ Direitos vão sem outro algum desvio,

„ Para onde estava o Rei do povo vão.”

Em quatro versos huma baixa prosa, huma cunha, hum epitheto ocioso, e huma dissonancia. *Direitos vão e povo vão* sôa isto muito mal. *Sem outro algum desvio* nada mais quer dizer, que acabar o verso. Porque razão mereça o povo de Calecut o sobrenome de *vão* não

se sabe; que fez este povo, que notícias havia d'elle, que provas tinha dado de ser *vão*, ou vaidoso? Não havia mais que a rima em *ão*, que lhe merecesse esta descompostura; não reconheço verdadeiro Poeta quem não faz da rima huma escrava. Nas Oitavas 50.^a, 51.^a, 52.^a, e 53.^a pinta, ou descreve o Poeta o que os Portuguezes virão esculpido nas portas da cerca do Palacio do Rei de Calecut. Podia a seu sabor fingir quanto podia ter alguma relação com a Historia, ou fabulosa; ou verdadeira daquelle paiz, mas com dignidade, e com modestia. Não se póde saber para que dá á testa de Baccho o epitheto de *liza*, creio que a necessidade de rimar, que o obriga a fazer o sacrificio da razão pela mingua de idéas:

„Rege-o hũm Capitão de *fronte liza.*”

E os outros Capitães terão a frente enrugada? Dir-me-ha que esta lizura era hum necessario attributo da perpetua mocidade conservada na cara de Baccho; mas o juizo attento não descobre

aqui mais que a necessidade imperiosa de rimar. Como se podia ver em huma peça de Escultura huma cidade que era edificada pelo Capitão de *fronte liza* que alli apparecia?

„ Por elle edificada estava Nisa.”

Reconhece-se isto em hum Capitão que vai commandando hum exercito? Estas incoherencias só podem ser desconhecidas á paixão, mas nunca escaparão ás indagações de huma Critica illustrada. Na Óitava 53.^a ha a pintura de Semiramis, que dizem levára suas armas victoriosas até ás margens do Indo; mas com culpavel indecencia sohum caso duvidoso; e quando a Historia não he clara não devia o Poeta offender a honestidade com hum quadro de tanta torpeza:

„ Alli tem junto ao lado *nunca frio*

„ Esculpido o feroz Ginete ardente,

„ Com quem teria o filho competencia:

„ Amor nefando, bruta incontinencia.”

Fallando de huma Guerreira, era escu-

sado dar a idéa de hum horrendo incesto, e de huma abominavel bestialidade. A mania de se mostrar erudito o obriga a quebrantar todas as Leis da decencia, e da honestidade em hum Poema cuja acção tinha por fim o estabelecimento do Christianismo na Asia.

Na Oitava 54.^a torna huma das costumadas indicações da pobreza de rima:

„ Que já não de Filippo, *mas sem falta*,
„ Da progenie de Jupiter se exalta.”

Este *exalta* trouxe a miseravel cunhado —*sem falta*— cuja nullidade, ou ociosidade não só he aqui patente, mas irrisoria.

Na Oitava 55.^a apparece huma syntaxe tão avessa que põe o ultimo cunho á incorrecção do estylo de tão grande Poeta:

„ Os Portuguezes vendo estas memorias,
„ Dizia o Catual ao Capitão;
„ Tempo cedo virá que outras victorias
„ Estas que agora olhais abaterão.”

Temos duas orações, mas a primeira

he incompleta no sentido, e não tem verbo, nós ficamos suspensos sem sabermos o que os Portuguezes *devem fazer, ou farão*, vendo estas victorias, ou *memorias*, como diz o Poeta; isto aqui acaba, e não ha mais que esperar senão que grammaticalmente se annunciasse o Poeta. O verbo *abaterão*, em a segunda oração he regido pelo nominativo — *outras victorias*; mas isto já não tem relação alguma com o que se disse acima. Isto não são argucias grammaticaes, são erros palpaveis nos primeiros conhecimentos que deve ter hum Poeta, que he annunciar-se correctamente em sua linguagem.

Na Oitava 57.^a temos outra notavel incorrecção grammatical:

„ Hum panno d'ouro cinge, e na cabeça
„ De preciosas gemmas se adereça.”

A cabeça he quem se adereça, e o que o Poeta põe em ablativo devia estar em nominativo, mas o verso ficava (como muitos) minguido, se lhe faltasse a particula — *na* —; mas primeiro está a boa

grammatica, que o verso sonoro, e corrente. Na Oitava 58.^a ainda o Poeta mostra huma ignorancia mais culpavel que a da Grammatica. Os dois versos pariados que fechão as Oitavas devem rimar mui diversamente; aqui se descobre esta infracção da invariavel Lei seguida por todos os Poetas que escreverão em Oitava rima, antes, e depois de Camões. O 1.^o verso, o 3.^o, e o 5.^o rimão —*ente*— o 7.^o, e 8.^o tambem rimão em —*ente*.— Não serão tão contumazes os Sectarios da infallibilidade Camonianna, que queirão, ou possão desculpar esta tão sensivel, e manifesta ignorancia. O verbo —*ruminar*— que o Poeta emprega no 4.^o verso, não exprime a acção do Rei mastigando a planta chamada —*Betel*—; diz-se *ruminar* daquelle animal, que por hum particular movimento do ventriculo traz outra vez á boca para o mastigar aquelle alimento que já tinha engolido. E *ruminar* não he simplesmente mastigar. Na Oitava 59.^a temos hum —*rico Leito*— e ainda mais rico de ignorancia o 7.^o verso, que he errado.

„ Na opinião do Rei , e do povo todo. ”

Na Oit. 60.^a ha tal obscuridade de construcção, que ainda he mais espessa, e mais densa que a obscuridade natural em que o Poeta diz que jaz esta porção da Europa que se chama Lusitania :

„ Hum grande Rei de lá das partes onde ,
 „ *O Ceo volubil com perpetua rôda ,*
 „ *Da terra a luz solar có, a terra esconde*
 „ *Fingindo a que deixou de escura nôda. ”*

Que Astronomia seja esta, não entendo eu, e creio que todos ficarão na mesma perplexidade, e confusão quando attentamente reflectirem no modo porque o Poeta se annuncia para dar ao Rei de Calecut a idéa de que Portugal era hum dos Reinos occidentaes da Europa. Esta — *escura nôda* — não he propriedade peculiar a Portugal; todas as porções do globo tem hum Oriente, e hum Occidente; todas ellas se acclarão quando o Sol lhes nasce; todas se obscurecem, quando se lhes põe. Começar de hum modo não

só escuro mas inintelligivel quando deve dar huma idéa clara do que quer dizer, e com huma perifraseda posição occidental da Lusitania, deixar os ouvintes ás escuras he hum grande erro! Tem nesta Oit. duas vezes a palavra *lá*. Na Oit. 61.^a vem outro *lá*, e huma das mais solemnes mentiras, que se não devia pôr na boca de tão assignalado Barão: Quer dar huma idéa da abundancia de Portugal, e dá idéa de huma hyperbolica, ou ençarecida opulencia, porque lhe diz que Portugal possúe todas as riquezas, e tudo aquillo que anda sobre o mar, e que anda sobre as terras, e tudo aquillo que ha desde o Téjo ao Nilo, e desde a Gelandia até á Linha equinocial, tudo quanto tem em si huma, e outra Ethiopia: melhor he que o Poeta o diga em verso, do que eu o exponha em prosa:

- „ Por te fazer saber que tudo aquillo,
 „ Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
 „ De riquezas de *lá* do Téjo ao Nilo;
 „ E desde a fria *plaga* de Gelanda,
 „ Até bem donde o Sol não muda o estilo

„ Nos dias sobre a gente da Ethiopia ,
 „ Tudo tem no seu Reino *em grande copia.* ”

Para dizer esta mentira he que ElRei
 D. Manóel mandou á India Vasco da
 Gama ?

„ E por longos rodeios a ti manda
 „ Por te fazer saber ”

Se esta escandalosa exaggeração pare-
 cesse huma verdade ao Rei de Cale-
 cut , parece tambem que devia respon-
 der ao Gama : — se os Portuguezes
 tem lá tanta coiza como tu dizes , pa-
 rece que era escusado cá vir ; se tem
 lá em tanta abundancia as producções
 de toda a terra , para que vem nave-
 gar todos os mares ? — Diz na Oit. 62.^a ,
 que quer hum Tratado de Commercio
 com o Rei de Calecut , de hum modo
 tão baixo como impróprio : —

„ É se queres com pactos , e lianças ,
 „ De paz , e de amizade *sacrã e nua* ,
 „ Commercio consentir das *abundanças*
 „ Das fazendas das terras *sua , e tua* ,
 „ Porque cresção as rendas , e abastanças. ”

He isto hum Heroe Descobridor

„ *A quem Neptuno , e Marte obedecerão ?* ”

Ou he hum sobre-carga do Navio tal? Teria Portugal no tempo de ElRei D. Manoel toda a opulencia, riquezas, e producções do Globo; por certo entre tanta fartura parece não tinha hum Poeta que fizesse os versos certos, pois Luiz de Camões nesta mesma Oit. nos apresenta este:

„ De vossos Reinos, será certamente. ”

A ultima Oit. da oração da Embaixada começa desta sorte:

„ E sendo assim que o nó desta amizade. ”

E finda:

„ E da vontade em ti sobre isto posta,
„ Me dês a mi certissima resposta. ”

O Rei he coherenté na baixeza da sua resposta, e enche-se hum verso com huma coiza despropositada, que de nenhum modo se póde omittir, ainda que omittão a razão, e a verdade, os que por huma céga pertinacia querem constituir as Lusiadas no ultimo fastigio da perfeição Poetica.

„ E que em tanto, podia do trabalho

„ Passado ir repousar , e em tempo breve ,
„ Daria a seu despacho hum *justo talho.* ”

Não podemos saber o que o Poeta nos queira annunciar pela frase *hum justo talho.* Não tenho á mão os Commentadores , porque não quiz ter ante os olhos nesta Censura mais do que o puro , e escarnado texto das *Lusiadas* , e conhecer á luz da boa razão (facho commum a todo o ente pensador) o que nellas se descobre de imperfeito , não para me desafrontar a mim , mas para desenganar os outros.

Quando lemos as magestosas narrações de muitos Poetas antigos , e modernos , especialmente as do Tasso , não podemos deixar de nos compadecer , por não dizer enjoar , da baixeza , e trivialidade a que desce , ou em que se precipita Luiz de Camões. Humma velha que contasse a outra velha no canto de humma chaminé o que succedeo a Vasco da Gama depois da embaixada mercantil ; que acabamos de ouvir , e admirar , não se exprimiria em mais rasteira prosa ; e eis-aqui o principio da Oit. 66.^a :

- „ Agazalhados forão juntamente
 „ O Gama, e os Portuguezes no aposento
 „ Do nobre Regedor ”

Não sei que se encontre nestas trovas o tom de huma Epopéa, que ainda em coizas pequenas deve apparecer qual he, grande; mas tal he a força do erro, e da preocupação successiva, que nem defeitos tão grandes conhece, e acclama por bellezas o que são verdadeiras monstruosidades. Na Oit. 68.^a continúa a mesma prosa, pois eu não sei como isto se possa lêr de outra maneira, ou que tom se deva dar a estas regras desiguaes.

- „ Que particularmente alli lhe dêsse
 „ Informação mui larga, pois fazia
 „ Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
 „ O que neste negocio se faria
 „ Monçaide torna: posto que eu quizesse
 „ Dizer-te nisto mais, não saberia;
 „ Sómente sei, que he gente *lá* da Hespanha
 „ Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha. ”

Então este Mouro, que tão baixamente se annuncia, era Hespanhol? Assim o devemos entender destas palavras = *Lá* de Hespanha *onde* o meu

ninho, etc. = Na célebre Oit. 69.^a explica o Mouro o mysterio da Encarnação do Verbo, e constituir isto na boca de hum Mouro he o ultimo excessos de demencia. Oiçamos este Theólogo de Ourão:

„ Tem a Lei de hum Profeta que gerado
 „ Foi sem fazer na carne detrimento
 „ Da mãe, que por bafos está approvedo,
 „ Do Deos que tem do Mundo o regimento;
 „ O que entre os meus antigos he vulgado
 „ Delles he que o valor sanguinolento etc. ”

Se desta maneira se explica o santissimo, e incomprehensivel mysterio da Encarnação, digamos que he com a maior indignidade. O Mouro nem he bom Theólogo, nem he bom Grammatico, porque os dois ultimos versos da Oit. não fazem sentido algum:

„ Das armas no seu braço resplandece,
 „ O que em nossos passados se parece. ”

Quem poderá dar a isto hum verdadeiro sentido grammatical? Parece que não devia dizer *em nossos* mas *a nossos*. Na Oit. 70.^a ha huma manifesta contradicção no caracter de Monçaide, tão

amigo, e apaixonado dos Portuguezes. Destróe esta conhecida amizade, dando dos mesmos Portuguezes huma idéa que os fizesse aborrecer, e mui sériamente recear. Vasco da Gama disse que elle era hum mero explorador, mandado pelo seu Rei a entabolar hum Tratado de Commercio com o de Calecut; e Monçaide dá a conhecer os Portuguezes por conquistadores, que expulsarão os Mouros

„ Do rico Téjo, e fresca Guadiana. ”

E não satisfeitos com esta expulsão, até na mesma Africa,

„ Nos não querem deixar viver seguros,
„ Tomando-nos Cidades, e altos muros. ”

” O mesmo nos virão fazer a nós, com o pé do Commercio, que nos propõem, “ podião dizer os Malabares, e desde este instante olhar de má fé para os Portuguezes, e podemos dizer que a má tenção com que os Malabares, e os mesmos Mouros de Calecut tratarão os Hospedes, nascêra desta deslocada idéa, que déra Monçaide do espirito de con-

quista, e proezas dos Portuguezes. Na Oit. 71.^a prosegue no mesmo, amplificando a idéa, fazendo-os vencedores dos Hespanhoes, e dos Francezes se lá do Pyrenne descem:

„ Ou lá de alguns que do Pyrene desção, ”

E para nos fazer rir a nós, os que não pertencemos á Seita pertinacissima, para nos desenganar, que não tinha a mais ligeira idéa da igualdade, e propriedade dos costumes, ou, como dizem, caracteres, põe na boca do Mouro Monçaide, e nos ouvidos do Catual o nome de Anibal, e de Marcello, dizendo, ou querendo dizer, que os Portuguezes são huns Anibaes, e que para elles ainda não houve hum Marcello, que os ensinasse a vencer, vencendo-os. Que os Portuguezes são muito valorosos sabemos nós, e até em não quereremos deixar o nosso crédito em mãos alhêas; mas por certo ainda que o Mouro soubesse do nosso valor, não era tão instruido na Leitura de Tito Livio que soubesse quem fora Anibal, e quem fora Marcello, e se

elle o não sabia, mais o ignorava ainda o Catual a quem elle o dizia. Aqui nos disserão ha annos as Gazetas que se achára em Marrocos o que falta nas Decadas de Tito Livio; mas o Mouro em Calecut não tinha noticia do Historiador Patavino, e isto, que parece huma pequena coiza, he em si hum grande erro, e huma manifesta ignorancia dos dictames da boa razão, que manda que se fação fallar os sujeitos conforme seu estado, profissão, jerarquia, e circumstancias. O que se conhece, diz Horacio (ou a boa razão, que he mais que Horacio) que não póde brilhar em Poesia, omitta-se; nesta cathegoria entrão miudezas de circumstancias, e o que se não póde dizer em tom Poetico, não se diz, porque fica então muito mais baixo, que a prosa: nisto he miseravel o Principe dos Poetas: oiça-se o principio da Oit. 72.^a:

„ E se esta informação não for inteira
 „ Tanto quanto convém, delles pretende
 „ Informar-te, que he gente verdadeira. ”

Dizem os da Seita pertinaz que isto he

da singeleza do seculo em que escreveo Camões; porém digo que a Poesia não tem seculo, que sempre deve ser o que he, Poesia. A Oit. 73^a he do mesmo jaez:

„ Ambos partem da praia, a quem seguia
 „ A *Naira geração*, que o mar coalhava,
 „ A' Capitaina sobem, *forte, e bella*,
 „ Onde Paulo os recebe a bordo della.”

Deixando a cunha — *forte, e bella*, devemos notar, que *Naira* não he adjectivo. Os Nobres de Calecut, e dados á milicia chamão-se Naires, e he hum nome substantivo, como entre nós — soldados —, e quem diria entre nós — *A geração soldada*? Isto he evidente; porém os Commentadores, e Sectarios amplião demasiadamente o favor de Horacio:

*Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
 Offendar maculis.*

Por certo quando a boa razão de Horacio lhe dictou este *Canon* não se lembrou de tantas incorrecções. Se a *Naira geração* tinha já subido á Capitaina,

era escusado dizer que Paulo a recebê-ra — *a bordo della*; mas alguma coiza devia apparecer que rimasse com *forte*, e *bella*.

A primeira coiza que se offerece (quer o Poeta que assim seja) aos olhos do Catual, são as bandeiras da Capitaina, que por certo devião ser innumeraveis; e esta arte de bandeiras perdeu-se; porque ao presente não tem outra coiza mais que as armas da Nação a que os Vasos pertencem; então com a arte de pintar em seda, como então havia a arte de pintar em vidro, se pintava a Historia geral, e particular da Nação, com as mais miudas attitudes dos individuos, coiza tão impropria, e inverosimil que passa a irrisoria. Fique isto para a Censura do Canto 8.º Consideremos a Oit: 75.^a, e veremos onde leva a mania de parecer erudito:

„ Pelo que vê pergunta, mas o Gama
 „ Lhe pedia primeiro, que se assente,
 „ E que aquelle deleite que tanto ama
 „ A Seita Epicurêa experimente. ”

Se em fim Epicuro era hum Glutão, ou

hum *Gargantão*, como diz Fr. Marcos de Lisboa, não he do nosso instituto elucidar; chame-se embora Epicureo hum homem dado a Gastronomia, que não quer senão comer, e beber; nada disto fazem os Canarins, todos da Seita Pythagorica, e não Epicurea, porque não comem senão vegetaes; parece que ha meio entre o refresco a bordo de huma Náo, e a Seita Epicurea, cujo deileite faz o Poeta consistir em comer, e beber muito. Na Oit. 77.^a ha huma daquellas confusões de idéas tão frequentes nas *Lusiadas*:

„ Alça-se em pé, com elle os Gamas junto,
„ Coelho d'outra parte. ”

E depois disto na Oit. 78 começa a mais indiscreta, e deslocada de todas as digressões, que he o Poeta fallar de si até ao fim deste Canto. Todas as vezes que diverge da acção principal sem se saber jámais a quem se dirige o discurso, ou se desmanda em queixas ou louvores proprios, ou em amargas invectivas contra o Rei, e contra os Ministros; censurando fóra de tempo os Grandes

do Reino, e os abusos do seculo, e mais que tudo os ordinarios vicios dos que presidem ao Povo. Por mais que destas diversões se busque hum exemplo nos Epicos antigos, e modernos, não se encontra, porque nenhum fóra de proposito truncando a acção se converteo ainda em Missionario. Ainda que aos versos misturasse huma, ou outra reflexão moral, rapida, e breve, não devia, sem manifesta infracção dos preceitos da arte, conservar por tanto tempo suspensa a attenção dos Leitores, que lhes fizesse esquecer o que até alli lhes contava; estes longos sermões são mais improprios que o Episodio dos doze de Inglaterra, que nenhuma relação, ou conexão conservava com a acção do Poema, nem a ella accessoriamente podia pertencer. E que se segue destas verdades? A maior cegueira do entendimento com que ao mais defeituoso de todos os Poetas se chama unico, Divino, e inimitavel, sendo só possivel o traduzillo, e impossivel igualallo, ou ainda mesmo existir em segundo lugar depois d'elle. — *Par nemo, nemo secundus, erit.*

C E N S U R A

D A S

L U S I A D A S.

OITAVO CANTO.

A HISTORIA geral, e particular do Reino enche de tal maneira o Poema das Lusiadas, que chega a formar a sua totalidade quando se compara com a extensão das outras partes do Poema que não são historia Portugueza; por isso diz assizadamente Ignacio Garcez Ferreiro no Apparato a seus Commentarios, que as Lusiadas se devem chamar — Historia Episodica composta em versos —, e que lhe compete mais este titulo que o de Poema Epico. Camões, aliàs grande Poeta, via-se obrigado a estender a têa de seu Poema,

cuja acção, considerada só como huma viagem de mar, he esteril, e essencialmente monótona. Na impossibilidade de architectar huma Fabula que nascesse do seio da mesma acção, como fez Tasso da acção, simplicissima em si, da tomada de Jerusalem, lançou mão do mais facil recurso, que era coiza que estava feita, a Historia da Nação; mas esta mesma devia ser entresachada com arte, lançando mão deste recurso naquelle momento em que parecesse emanar naturalmente do seio da acção principal. Infelizmente esta Historia de Portugal he trazida sempre fóra de tempo, e contada a quem não devia ser, ajuntando a este defeito essencial outro accesorio, e não de menos vulto pela sua inverosimilhança, pois consideradas bem as circumstancias, e sustentado com igualdade o character dos sujeitos, quando a contou pela primeira vez em 333 oitavas foi ao Rei de Melinde, a quem a Missão do Gama se não dirigia, e este Régulo da costa de Zanguebar não foi mais que hum caritativo aposentador de Vasco da Gama. Se a

elle fosse directamente enviado, justo era que lhe desse huma idéa da grandeza do Reino, e do poder do Monarca que o mandava, e esta idéa não podia ser dada senão apresentando a seus olhos o quadro dos Fastos da Nação Portugueza; mas sem ser este o Monarca do Malabar, e não devendo o Gama demorar sua viagem, conta toda a Historia Portugueza; e para augmentar os erros, e fazer que avultassem as inverosimilhanças, elle a conta sentado em hum batel no meio do mar, porque em Melinde não faz a hum Rei, que se mostrava amigo, aquella honra que faz a hum Ministro subalterno em Calecut, que foi recebello com ostentação a bordo da sua Náo. Se ha inverosimilhança em Melinde pelo lugar onde se conta a Historia Portugueza ao longo, e tão miudamente, ha ainda maior inverosimilhança em Calecut pelo modo de representar esta mesma Historia, que he mostralla tecida, ou bordada nas Bandeiras da pequena frota, pois constava de tres embarcações. Se ao menos a mostrasse em Quadros His-

toricos, e que estes enfeitassem, ou adornassem a Camara da Náo, seria huma impropriedade, mas não seria huma manifesta inverosimilhança; porém nas Bandeiras, he hum daquelles erros que não podião ter desculpa na desordenada fantasia do Ariosto. Donde podia vir tanta copia de Bandeiras, e tão grandes que podessem conter em si o que o Poeta finge?

*Qui variare cupit rem prodigialiter unam,
Delphinim Silvis apingit, fluctibus aprum.*

Toda a Frota devia estar embandeirada, mas estas Bandeiras devião estar arreadas, e postas ao alcance da vista do Catual que as contemplava, e de Paulo da Gama, que pela intervenção de Monçaide, que lhe servia de Interprete, lhas explicava. Lembrárão-se os Poetas de muitas pinturas, e esculturas; lembrou-se Virgilio de representar o Templo de Carthago adornado de Painéis, que representavão os principaes lanços da guerra, e da destruição de Troia:

Iliacas ex ordine pugnas.

Lembrou-se de effigiar na escultura das portas do Palacio d'ElRei Latino grandes imagens allusivas á futura grandeza do Imperio Romano. Lembrou-se o facundissimo Ovidio de representar as portas do Palacio do Sol, maravilhosamente entalhadas, com admiraveis allusões á marcha, e aos effeitos daquelle Astro na ordem da Natureza. Lembrou-se divinamente o grande Torcato Tasso, como lhe costumão lembrar todas as coizas, de esculpir nas portas do Palacio dos Jardins de Armida a historia dos amores de Marco Antonio, e Cleópatra. Mas a Historia de hum Reino bordada em Bandeiras, e nas Bandeiras de tres Navios, he coiza tão singular pela sua extravagancia, que dá bem a conhecer em Luiz de Camões, ou muita mingua de sizo, ou muita falta de gosto. Tudo vai mal, quando a razão não segue a Poesia.

Faz pois o Catual a primeira pergunta sobre a primeira figura em que

repára na primeira Bandeira. Era Luso.
Oitava 2.^a :

„ Este que vez, he Luso, donde a fama
„ Ao nosso Reino Lusitania chama.”

Lança-se aos tempos fabulosos para contar a Historia de Portugal; mas a Historia de Portugal assim chamada não começa com o filho de Baccho, e parece que se não devia lembrar de tal filho dando a conhecer que Baccho era o maior inimigo dos Portuguezes, e o mais empenhado em empecer aquella acção, pois não era verosimil que hum pai perseguisse hum Reino fundado por hum filho seu.

„ Foi filho, e companheiro de Thebano;”

Porque razão perseguiria Baccho hum Reino, que era coiza tão sua? Porque Luiz de Camões não se lembra do que diz, nem do que emprega no seu Poema. A razão da perseguição he frivola, não quer os Portuguezes grandes na Asia, e consente os Portuguezes, a quem dera principio por hum filho seu,

grandes na Europa? Parece que a gloria dos fundados, era a mesma gloria do Fundador.

Na oitava 4.^a se descobre Ulysses pintado na mesma Bandeira a par de Luso. Que intervallo entre a existencia de Baccho, e a existencia de Ulysses! Como se podia vêr na pintura que Ulysses tinha corrido longos mares? Que Symbolo podia dar a conhecer, e fazer alli sentir largas navegações?

„ Depois de ter tão longo mar arado.”

Isto que se não diz nem póde dizer em pintura, dá a conhecer a monstruosa inverosimilhança deste recurso de que o Poeta lança mão para se lhe não acabar o Poema, pois não tinha já que dizer. Na oitava 5.^a ha huma cacofonia, que he a mais saliente entre todas:

„ Quem será estoutro cá qu'o campo arraxa?”

O Gama lhe responde em prosa na Oitava 6.^a:

„ Assim o Gentió diz, responde o Gama.”

Outro intervallo immenso de Ulysses a Viriato. Tudo isto, reduzido a tantas particularisações, são outros tantos enigmas para o Catual, que ouvia, e para o Mouro, que interpretava, pela absoluta ignorancia em que ambos permanecião dos factos particulares da Historia Romana, e Portugueza. Seneca com toda a sua virtude chama ladrão a Viriato :

Non Lusitanus quateret cùm mænia Latro.

Com todos estes titulos era huma personagem desconhecida para aquelles a quem se mostrava ; e he impossivel, que lhe podesse prender a attenção o que lhe era por todos os aspectos incógnito. As mesmas reflexões temos que fazer sobre Sertório, e a Corsa, ou Cerva, sua devisa, e como se nada mais houvera que dizer des de Sertorio até ao Conde D. Henrique, vem este Principe, e a sua incerta, e controvertida origem na Oitava 9.^a pintado n'outra Bandeira.

„ Nós Hungaro o fazemos, porém *nado*
 „ Crem ser em Lotharingia os estrangeiros.”

Lotharingia he puro Latim, mas não viria, se no verso coubesse Lorena. Não me posso conformar com o abuso de usar, ou servir-se de palavras Latinas quando em Portuguez ha o termo proprio. Nesta mesma Oitava 9.^a vem outro termo Latina com a mudança de huma só letra, mas já este passou a consignar-se como Portuguez até na prosa:

„ Depois de ter os Mouros *superado*.”

A acção do Conde D. Henrique que fecha a Oitava devia ser não só muito intelligivel, mas muito edificativa para o Catual, e para o Mouro:

„ A' Caza sancta passa o sancto Henrique,
 „ Porque o tronco dos Reis se sanctifique.”

Como póde ser motivo da sanctificação dos Reis Portuguezes a hida deste Estrangeiro á Syria, e Palestina alistado nos exercitos dos Cruzados, cujas expedições forão tão funestas á Europa?

„ Porque o tronco dos Reis se sanctifique.”

Se a palavra póde rimar, leve embora o pensamento, ou o conceito onde quizer; huma vez que rimou está o verso acabado. A hida de hum Hungaro, ou de hum Francez á Palestina, não poderá nunca ser motivo da sanctificação de seus Descendentes. Que influencia póde huma coiza ter na outra? Na Oitava 11.^a falla o Poeta d'ElRei D. Affonso Henriques, e ainda que se saiba que as suas conquistas não s'estendêrão a tudo o que se chama Portugal, podemos aqui dizer, que se toma huma grande parte pelo todo. Nos quatro ultimos versos ha hum nominativo, que na ordem grammatical delles rege, e governa tudo.

- „ Este he aquelle zeloso a quem *Deos* ama,
- „ Com cujo braço o Mouro imigo dóma,
- „ Para quem de seu Reino abaixa oa muros,
- „ Nada deixando já para os futuros.”

O sentido obvio desta enunciação paparece que nos diz que *Deos*, que he o nominativo regente, abaixa os muros de seu Reino para Affonso. Isto não se entende se Affonso não deixou nada pa-

ra conquistar a seus successores futuros, ainda relativamente aos Mouros Senhores de Portugal, Sancho 1.º que fora cercado em Santarem em vida de seu Pai pelos Mouros, que possuíam ainda huma grande parte do Alemtejo, retomou Beja aos mesmos Mouros, e Affonso 2.º tomou aos Mouros o Algarve, e d'elle os expulsou de todo. Logo mente Luiz de Camões quando diz que D. Affonso Henriques nada deixa para conquistar aos futuros. Deixemos ao louvavel amor da Patria que dominava o Poeta o encarecimento de antepor D. Affonso Henriques á Cesar, e a Alexandre Rei, como se vê na Oitava 12.^a O exercito com que Alexandre passou o Hellesponto, conquistou a Persia, subjugou a Mesopotamia, e penetrou até ás ribeiras do Indo vencendo a Póro Rei soberbissimo de Cambaia, não era muito numeroso, pois elle não sahio com trinta mil homens da Macedonia, e á vista disto não se deve faltar á verdade nem para engrandecer os proprios Monarcas. Deixa estes, porque mais não apparecem nas Bandeiras, e passa

na Oitava 13.^a a fallar de Egas Moniz,
Aio deste Principe :

- „ Este que vêz olhar com gesto irado
- „ Para o *rompido* Alumno mal sofrido.
- „ *Dizendo-lhe* que o exercito espalhado
- „ Recolha. . . .”

Póde a pintura representar hum rosto em que se veja expressa a ira, e a indignação, e nisto temos exemplos até nos desenhos do immortal Le Brun; mas que na pintura se possa exprimir o que este homem irado está dizendo,

- „ *Dizendo-lhe* que o exercito espalhado
- „ Recolha. . . .”

he a maior impropriedade que se póde imaginar! Se o Catual perguntasse, que está fazendo este velho com huma cara irada e de arremeter, então responderia bem o Gama se dissesse: — Está dizendo ao Alumno, e este Alumno he este mancebo que está ao pé delle, que recolha o exercito espalhado. Na Oitava 14.^a vem a celebre pintura deste bom velho, quando se foi entregar a ElRei

de Leão, e offerecer-se ao castigo que merecia o perjurio do Alumno:

„ *Vello cá vai com os filhos a entragar-se,*
„ *A corda ao collo nú de seda, e panno.*”

Se não vestia ou seda, ou panno, então que levava vestido? Para não dizermos que hia inteiramente nú, digamos que hia vertido de linho, por tanto hia em camiza, isto he ridiculo. Entrar huma Villa acastellada como Porto de Moz, e obrigar os inimigos a levantar o cerco não he hum feito d'armas tão estremado, e singular, que seja só digno de Mavorte: Oitava 16.^a:

„ *Illustre feito digno de Mavorte.*”

E quem nos diz que Fuas Roupinho não levava forças superiores? O primeiro verso da Oitava 18.^a he dos mui frequentes, i. e. errados, nas Lusiadas.

„ *Não vez hum ajuntamento de estrangeiros. . . .*”

Na mesma Oit. 18.^a ha hum daquelles sentidos anfibologicos que a cada passo

olhos da boa razão descobrem nas Lusíadas,

- „ Não vêz hum ajuntamento de estrangeiro
- „ Trajo sahir da grande *Armada nova*,
- „ Que ajuda a combater o Rei primeiro
- „ Lisboa, de si dando sancta prova? ”

Que idéa podia formar o paciente, e estúpido Catual disto que se lhe mostrava? Que distinctivo, ou que sinal trazia em si a Armada para se conhecer que era nova? *A Armada nova*? Parece que esta ajuda Lisboa a combater o Rei *primeiro*, numero que não podia ter referencia nenhuma com idéa de Rei de Portugal que o Gentio tivesse, pois ainda se lhe não tinha dito que Affonso Henriques era o primeiro Rei de Portugal, e que tomara Lisboa aos Mouros. Cança o entendimento em notar tantas impropriedades, que ainda mais se devisão na Oitava 19.^a com o Theotónio Prior. No acto da chegada á India fallar a hum Gentio do Prior de Santa Cruz de Coimbra, na tomada de Arronches por despique da retomada de Leiria! Como se póde conhecer

pintado em huma Bandeira o que he Arronches, o que he Leiria, o que he Santarem?

Incredulus odi.

He tão fóra dos dictames da boa razão, quanto se nos diz nesta desdichada ficção das Bandeiras, que apenas merece o desprezo da Censura, e não os seus reparos. Tinha mil coizas com que encher este fastidioso Oitavo Canto, sem recorrer ao infeliz meio de huma Historia pintada.

Continúa o Catual na Oitava 21.^a a não vêr outra coiza a bordo da Náo mais do que pinturas, e Bandeiras, e a ouvir fallar de individuos que para elle erão mysterios indecifráveis. Depois de haver fallado na Oitava 20.^a d'ElRei D. Sancho 1.^o, que he posterior a Giraldo sem pavor, falla na acção de Giraldo com hum trocadilho que parece adiantar-se até a Epoca do seiscentismo:

„ Do Cavalleiro que as cabeças frias

„ Na mão levava, *feito nunca feito,*

„ Giraldo sem pavor he o forte peito.”

Feito que nunca foi feito, não se póde conceber que coiza seja, a não ser huma daquellas coizas que os Peripateticos, com cuja Filosofia me embalárão em moço, dizem que são impossiveis, porque *implicação nos termos*. Se elle está feito, foi feito, e se não foi feito, não está feito.

„ Giraldo sem pavor he o forte peito.”

Parece que o forte peito he Giraldo; porque Giraldo he o forte peito. A rima he para Luiz de Camões hum jugo de ferro, que o opprime e tirannisa. Fique embóra o sentido anfibologico, venha, ou não venha a coiza para alli, huma vez que rime, de nada mais se trata.

Na Oitava 22.^a pergunta o Gama ao Catual se não via hum Castelhana?

„ Não vez hum Castelhana, que agravado....”

Ora que resposta podia dar a esta per-

gunta o paciente Canarim? Pois elle sabia que coiza era hum Castelhanao, ou tinha já visto os Castelhanos para os conhecer pela montera, ou sombrero gacho? Estas pueris ficções, não merecem mais que o sorriso da compaixão. Se o Catual não conhecia o Castelhanao da Oitava 22.^a, menos conhecia Martim Lopes da Oitava 23.^a:

„ Martim Lopes se chama o Cavalleiro.”

Ainda descubro maiores, e mais monstruosas incoherencias na Oitava 24.^a: basta ler esta Oitava para conhecermos até que extremo leva a irreflexão hum grande genio.

„ Vez? Vão os Reis de Cordova, e Sevilha,
„ Rotos, com outros dous, e não de espaço
„ Rotos, mas antes mortos. . . .”

Em primeiro lugar, como os póde o Catual ver andar se elles estavam pintados? E como podem elles andar, se estão mortos?

„ Rotos, mas antes mortos?”

Na mesma Oitava vê o Catual a D. Mathéus Bispo de Lisboa tomando aos Mouros Alcacer do Sal. Como se pôde isto ver em pintura? Seja como for, tambem o Bispo estava pintado, mas o ultimo verso da Oitava he o mais ridiculo jogo de palavras:

„ Que a coroa de palma alli coroa.”

Pois a palma cobria só a coroa do Bispo? Assim parece, porque o Poeta diz que só a coroa era coroada.

Na Oitava 25.^a temos a mesma impropriedade, ou impossivel verosimilhança:

„ Olha hum Mestre que desce de Castella.”

Como se poderia ver esta accção de descida em hum pintura? Apenas em pintura se poderia fazer idéa de hum homem que desce, representando-o dependurado de alguma escadá. E que coiza he descer de Castella?

„ Vêz Tavilla tomada aos moradores

„ Em vingança dos sete Caçadores?”

He preciso ser mui visto, e lido nas

Historias antigas de Portugal para se entender o que significação estes dois versos. E poderia o Catual fazer idéa dos motivos que obrigarão D. Paio Peres a entrar de volta com os Mouros em Tavira? São isto coizas que se digão assim a hum Gentio ignorantissimo, e a primeira vez que com elle se falla? Não seria mais proprio tratar do Commercio que Portugal podia fazer com a India, e informar-se deste Malabar nobre do estado Politico, Militar, e Religioso daquella notavel porção do Globo que se chama do Indostão? Não era isto mais adaptado ás circumstancias do tempo, e do lugar, e aos motivos da mesma viagem, ou expedição de Vasco da Gama? Era, sim, mas Luiz de Camões não sabia fazer hum Poema Epico, ou lhe fez hum plano, ou planta, tão defeituoso, que não tinha com que o enchesse. Pelo que se passou em Melinde, pelo que se passa em Calecut, vemos, que Vasco da Gama não embarcou senão para hir contar á Africa, e á Asia o que os Portuguezes tinham feito na Europa.

Eu mesmo não sei quem sejam os tres de que se faz menção na Oit. 26.^a:

„Mas não passes os tres que em França e Hespanha
 „Se fazem conhecer perpetuamente,
 „Em dezaftos, justas, e torneos,
 „Nellas deixando públicos trofeos.”

E tres figuras pintadas em huma Bandeira, podem acaso dar a conhecer que erão Cavalleiros andantes, e saber-se quaes erão, os paizes theatros das suas cavallarias? Destas andantes cavallarias alguma noticia se acha na Chronica de D. Affonso 4.^o O Poeta diz que hum destes tres Justadores se chamava Gonçalo Ribeiro, mas nem pelo nome, nem pela pessoa podia ser conhecido do Catual, aquem estas figuras se mostravão, e he huma incoherencia estar fallando a hum homem de coizas que elle não conhece nem póde conhecer. Nas quatro Oitavas seguintes 28, 29, 30, e 31 parece que se descreve o Condestavel; e diz o Gama ao Catual que o veja — *tinto de ira.*

„Não o vês tinto de ira, que reprende?”

Não se póde saber que cores dê a pintura a esta perturbação de animo, que se chama ira; para se conhecer, que hum homem está *tinto de ira*; possuido de ira, arrebatado, inflammado de ira, póde ser, porque tudo isto são disposições de hum animo irado; mas tinto de ira, nunca se poderá dizer de hum homem tomado, ou agitado de hum sentimento moral. O segundo verso da Oitava 29.^a he notavel pelo seu tamanho e sentido.

„De Deos guiado só, e de santa Estrella.”

Santa Estrella parece santa que se chama assim, e he coiza inteiramente nova, se o Poeta queria mostrar que seguia a vulgar opinião sobre o influxo dos astros, dissesse propicia, favoravel, ou benigna Estrella; mas santa Estrella, ninguem saberá jámais o que quer dizer, nem mesmo os seus Commentadores, e menos o saberão os seus Editores. Na Oitava 30.^a falla o Poeta do augusto Mystério da Trindade em termos taes, que parece que o Catual está

conhecedor das formulas da Theologia Dogmatica. —

„Orando invoca a summa, e trina Essencia.”

Póde ser esta a linguagem que se tenha a hum Gentio, e Idolatra, a quem o Evangelho era desconhecido, e a Religião verdadeira absolutamente ignorada? Seja isto como for, porque me podem dizer, que o Gama era hum Christão, e que como tal fallava o que entendia, fosse, ou não fósse entendido daquelles que o escutavão, e que se gastava em vão palavras, a perda era sua. Seja isto assim; mas que responderão ao que se vái a seguir? Oitava 31.^a:

„Mas olha com que santa confiança,
„Que inda não era tempo *respondia*.”

Póde acaso conhecer-se, ou ouvir-se em huma figura pintada o que diz, e o que respondia? Isto não tem, nem póde achar desculpa no mais exaltado fanatismo dos adoradores das Lusiadas. Compara depois o Condestavel orando com

o Romano Pompilio sacrificando: — Assim Pompilio. — Pois então ambos são animados de hum mesmo espirito? Tão milagrosa foi a victoria de Pompilio, como a do Condestavel? Os quatro ultimos versos da Oitava 32.^a são por extremo bellos:

„Ditosa Patria que tal filho teve!”

Mas não era esta apóstrofe á Patria para o Catual a quem fallava. Na Oitava 33.^a continúa o catálogo das pessoas incognitas ao Catual, que por certo chamaria mofina á sua sorte na resolução que tomou de vir com o calado Mouro a bordo da tal Capitaina, pelo muito que vai sendo comprida, e intelligivel a tal arenga.

„O prezo amigo, prezo per leal,
„Pero Rodrigues he do Landroal.”

Com effeito será Pero Rodrigues hum mui fiel Vassallo de ElRei D. João o 1.^o, mas Pero Rodrigues não he hum nome para huma Epopéa, que não he huma rigorosa historia que diga as coizas de-

baixo do jurado depoimento de fieis testemunhas: — *Ut magis animi vaticinatio appareat, quam religiosæ orationis sub testibus fides.* Até agora ainda não descobrimos o mais passageiro vislumbre de hum tracto de boa Poesia neste esteril, e forçado oitavo Canto das Lusiadas. Tudo traz o cunho da rasteira prosa, e assim começa a Oitava 34.^a

„ Olha este desleal o como paga.”

Como se pôde ver em pintura a maneira porque Gil Fernandes pagou o que devia?

„ Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga.”

Tempo estragava o Poeta em tão somnifera relação! Como he possivel que os nomes de Pero Rodrigues, de Gil Fernandes, e de Rui Pereira prendão a attenção do Catual? Eneas he verdade conta á Rainha Dido, que o recebe naufrago, e o hospéda benigna, toda a historia (como já reflecti) do cerco, tomada, e incendio de Troia: mas a Rainha

Dido tinha vindo lá das vizinhanças de Troia, era hum facto do tempo, e occupava o conhecimento do Mundo. Mas Gil Fernandes, e o Governador de Calcut são antípodas que não tem contacto.

Não sou eu o primeiro, que censura Luiz de Camões, e reprehênde de usar de continuos contrapostos, e jogos de palavras. Ignacio Garcez Ferreira o tinha feito todas as vezes que a elles chega em seus Commentarios. Na Oitava 35.^a v. 6:

„Que não só se defendem mas offendem.”

Na Oitava 36, v. 3, e 5:

„No tempo que os *virís* atrevimentos

„De *Viriato*.”

Chega ao seu termo este cançasso das pintadas Bandeiras, e remata com o Infante D. Pedro, e D. Henrique filhos d'ElRei D. João 1.^o Falla da tomada, e entrada de Ceuta de hum modo indecoroso ao Mouro que estava presente, e do qual o Gama dependia para os bons officios que nelle experimentou depois,

e como se ainda o Catual não estivesse farto depois de fallar nos Infantes, falla no Conde de Vianna D. Pedro de Menezes, primeiro Governador de Ceuta. Até aqui tem enjoado o Catual, agora começa a scandalisallo com huma amarga invectiva contra os Grandes, e contra os Soberanos de Portugal, e nunca o Poeta perdeu occasião de se mostrar hum verdugo contra elles, talvez mais por algum ressentimento particular, que por hum sincero zelo da gloria, e da felicidade da Patria: mas fosse qual fosse o motivo, elle o devia dissimular fallando diante de Grandes, e de Soberanos:

- „ Culpa dos viciosos successores,
- „ Que degenerão, certo, e se desvião,
- „ Do lustre, e do valor de seus passados,
- „ Em gostos, e vaidades atolados.”

Não devia o Gama diante de hum Gento, e tão estranho, vilipendiar os seus nacionaes. Queria dispôr aquelles Barbaros a seu favor, e a favor da Nação Portugueza, não devia notar, nem reprehender seus vicios, e menos os de-

feitos dos Reis, e isto na presença de Ministros, e Monarcas Asiaticos, que são obedecidos, e respeitados como outros tantos Numes. He com effeito escandalosa a Oitava 41.^a :

„Outros tambem ha grandes, e abastados,
 „Sem nenhum tronco illustre donde venhão;
 „*Culpa de Reis*, que ás vezes a Privados
 „Dão mais que a mil que esforço, e saber tenhão.”

Isto he huma perfeita inconfidencia, e hum insulto ao procedimento dos Monarcas, que sem injuria de ninguem podem fazer Grandes aquelles que o servem e lhe aprazem, ainda que não venhão de longe, nem de huma estirpe illustre. Na Oitava 43.^a nos representa o Poeta a attitude do Catual ao escutar estas coizas, que não podia entender, nem lhe era possivel por mais largos commentarios, que o Gama lhe fizesse:

„Os olhos tinha prontos, e direitos
 „O Catual na historia bem distincta;
 „Mil vezes perguntava, e mil ouvia
 „As *gostasas* batalhas que alli via.”

Não sei como as batalhas podião ser

gostosas para o Catual d'olhos *direitos*, que com effeito nos dá a entender, que não tinha senão nos olhos. Fez-se noite, e foi-se embora o Catual sem dizer a que vinha, nada mais vio que as Bandeiras, está preenchida a sua missão, e satisfeita a sua curiosidade. He tempo de apparecer algum maravilhoso nas Lusiadas, porque o Gama des de que chegou a Melinde até ao presente momento da hida do Catual para terra, não fez mais do que fallar. Aparece este maravilhoso na Oitava 45.^a: veja-se com attenção.

- „ Entre tanto os Aurúspices famosos
- „ Na falsa opinião, que em sacrificios
- „ *Antevém sempre* os casos duvidosos
- „ Por sinaes Diabolicos, e indicios.”

O Poeta comette hum erro palmar, em dar a entender que accreditava os vaticinios dos Agoireiros Gentios, e Idolatras, que pela inspecção das entranchas das victimas nenhum conhecimento podem ter dos acontecimentos futuros, e duvidosos. Note-se o falso principio em que elle está sobre estas

infames superstições da Gentilidade. Oitava 46.^a

„ Sinal lhes mostra o *Demo* verdadeiro.”

O Diabo não tem conhecimento claro dos futuros contingentes, nem póde sobre elles dar hum *sinal verdadeiro*, como diz o Poeta: isto he hum absurdo nos infalliveis principios da Theologia Christã. Depois deste rasgo em que o Poeta introduzindo o Diabo, que isso quer dizer *Demo*, se serve do maravilhoso da Religião Christã, vem a ridicula, e infame mistura do Paganismo, nas mais baixas expressões, que huma desleixada prosa póde ordenar.

„ A isto mais se ajunta, que a hum devoto
 „ Sacerdote da Lei de Mafamede,
 „ Dos odios concebidos não remoto
 „ Contra a Divina Fé, que tudo excede;
 „ Em forma de Profeta *falso e noto*,
 „ Que do filho da escrava Agar procede;
 „ Baccho odioso, em senhos lhe apparece,
 „ Que de seus odios inda se não dece.”

Pois parecia, e dava a entender, que se tinha descido, porque ha muito tem-

po que se não deixa ver. Verdade seja que elle não quer apparecer senão em sonhos. Apparece em sonhos em Moçambique, em sonhos em Mombaça, em sonhos em Calecut. Des de que o Gama chegou a Melinde, nunca mais foi perseguido por Baccho; talvez fosse cortezia neste Numen, que não quiz interromper a longa narração do Gama, porque só agora se calou. Mas isto merece hum tom serio. Toma Baccho a figura de Mafoma, que foi hum jurado inimigo, e perseguidor do Polytheismo. Parece que o Thyoneo devia antes cuidar na expulsão dos Mahometanos da India, que erão seus inimigos por principio de Religião, e não em vedar o estabelecimento dos Portuguezes, só com o medo de que assombrarião aquella gloria, que elle tinha adquirido quando foi conquistador. He aqui bem ociosa a intervenção do filho de duas mãis! Se o *Demo* já tinha manifestado *com sinais verdadeiros* aos *Auruspices* que esta gente novamente vinda trazia á Asia

- „Jugo perpetuo, eterno cativoiro,”

e se isto era mais que sufficiente para indispor o Rei, pois o escutava da boca dos mesmos Ministros da sua Religião a quem elle dava inteiro credito; que necessidade havia das visagens de Thyoneo, ou Bassareo, tomando a figura de Mafoma, e apparecendo em sonhos *a hum devoto Sacerdote da Lei de Mafamede* como diz o Poeta, e que devia ser menos acreditado do Rei que seus proprios Agoireiros? O Mourò Sacerdote acorda com o sonho, mas não crendo em sonhos torna a dormir, diz o Poeta na Oitava 47.^a:

„Cuida que não he mais que sonho usado,
„Torna a dormir quieto, e socegado.”

Devia fazer mais caso da vista, e das vozes do Legislador, e Profeta, não foi assim, deixou-se dormir. Não sei para que he esta coiza feita por duas vezes podendo só de huma vez concluir-se! Hum agente sobrenatural não tem estes vagares. Nem Baccho feito Mafoma devia deixar dormir outra vez o Mourò, huma vez que o acordou, e se lhe manifestou, devia dizer a que vi-

nha, e não esperar que o Mouro tornasse a dormir para lhe dizer o que se segue na Oitava 49.^a

- „Torna Baccho dizendo, não conheces
- „O Grão Legislador que a teus passados
- „Tem mostrado o preceito a que obedeces,
- „Sem o qual foreis muitos baptizados?”

Não pedia a modestia de homem tal como Mafamede, que se chamasse a si mesmo Grande. *Que a teus passados tem mostrado o preceito a que obedeces*, tem huma construcção muito dura, e mal se entende que he huma perifraseda publicação da Lei Mahometana; porque por hum só preceito não se póde entender toda huma Lei.

- „Sem o qual foreis muitos baptizados?”

Nem os mesmos Mouros se persuadirião que isto era huma desgraça, nem era huma consequencia immediata de não ser Mouro, o ser Christão, podião ser outra coiza, porque não são estas as duas unicas Religiões conhecidas no Mundo; que só neste caso, he que se

ria de huma o que deixasse de ser de outra. He hum grande erro em tão grande Poeta o não se saber annunciar bem!

„ Eu por ti, rudo, vélo, e tu adorméces ? ”

Esta arguição, além de ser pueril, parece-me injusta; o Mouro não merecia a descompostura de *rudo* por se deixar dormir, isto faria o homem de maior talento, dormir, e não fazer caso de sonho; e como elle ainda lhe não tinha dito a que vinha, não o devia arguir pelo não attender, e querer antes roncar, que escutallo. — *E tu adormeces?* — Se Mafoma queria velar, o Mouro queria dormir, e não tem Mafoma de que se queixar. Mas oicamos o que lhe diz Mafoma, ou o Nictileu por elle, que he hum Deos de tão pouca monta e de tão limitado poder que não dá hum passo nas Lusiadas que não seja por interposta pessoa.

„ Pois saberás que aquelles que chegados
 „ De novo *são serão* mui grande dano
 „ Da Lei que eu dei ao nescio povo humano.”

E para isto vem acordar o Mouro *devoto sacerdote* o impertinente Mafoma? O *são serão* he coiza dignissima em Poesia! E o *nescio povo humano*? Tem razão, pois elle merecia lá a lei de Mafoma? Povo humano não se póde dizer em sentido natural, diz-se genero humano, especie humana. Em sentido moral póde dizer-se, em quanto se dá a conhecer que conserva, ou pratica a virtude da humanidade. —Mostrou-se— o povo humano, nisto, ou naquillo; foi humano o povo para com este, ou para com aquelle.

O recado de Mafoma com que o Padre Lyeo faz huma figura ridicula, continúa o insipido, e moribundo recado na Oitava 50.^a

- „ Em quanto he fraca a força desta gente,
- „ Ordena como em tudo se resista,
- „ *Porque quando o Sol sahe faci'mente etc.*

Baccho he tão curto em suas idéas, que nem ao menos lembra o modo de transformar a vinda da Armada, e para em tudo ser curto, até deixa curto o terceiro verso. Continúa a dizer ao Mouro,

que assim como a vista se deslumbra quando encara o Sol que se empina, e arde, assim ficarão os Mouros cegos,

„ Se raizes crear lhe não tolheis. ”

He a comparação mais fóra de proposito que ao mais extravagante Poeta podia lembrar, porque não reforça, nem aclara a idéa do que se quer dizer. Assim como quem olha para o Sol fica cego, assim ficarão os Mouros cegos se deixarem estabelecer no Indostão os Portuguezes. Está dito tudo. Oit. 51.^a:

„ Isto dito, elle, e o somno se despede! ”

Se para sonhar he preciso estar dormindo, para que o argúe Mafoma de adormecer, quando quer que elle durma para sonhar?

„ Eu por ti, rudo, vélo, e tu adormeces? ”

Então quer que sonhe acordado? Mas em fim o Mouro estava sonhando acordado, porque

„ Salta da cama, lume aos servos pede. ”

Tragão luz, que está cá Mafoma! Que

puerilidade ! E Baccho sempre escondido ! Vejamos pois o que o Mouro faz com a luz acceza :

„ Convóca os principaes da torpe Seita ,
 „ Aos quaes *do que sonhou dá conta estreita.* ”

Esta estreita conta devia dar Luiz de Camões no Tribunal da Posteridade, quando os seus cégos Idólatras com seu acintoso fanatismo obrigarão a crítica luminosa a olhar como devia para as Divinas Lusiadas. A resolução tomada no Conselho da Seita se declara nos dois ultimos versos da Oit. 52.^a, e na mais caseira prosa :

„ Por manhas mais *subtiz, e ardez* melhores
 „ Com peitas adquirindo os Regedores. ”

Amplifica o Poeta na Oit. 53.^a esta *sublime* idéa com a mesma prosa chã, e corrente :

„ Com peitas, ouro, e dadivas secretas
 „ Concilião da terra os principaes ;
 „ E com razões notaveis, e discretas,
 „ Mostrão ser perdição dos naturaes. ”

O ouro, e as dadivas secretas são as

peitas, ou sobornos, e o Poeta divide; e separa huma coiza da outra com huma pueril redundancia. Todas as vezes que em hum escrito tal como hum Poema Epico se não descobre huma escrupulosa correcção, na maneira de se annunciar, não se póde chamar grande nem perfeito o seu author. Os principaes da terra forão *peitados* com ouro, e dadas secretas: eis-aqui o que os peitou, ou conciliou. Isto são pequenos reparos, quando tenho lugar para huma profunda reflexão.

Os Mouros residentes em Calecut, e espalhados, como ainda hoje vivem, por todos os Imperios mercantís do Indostão, e de toda a Asia, fazendo alli seu lucrativo commercio, pois as drogas orientaes erão mandadas por elles ao Estreito de Suez, e dalli ao Cairo, e Alexandria, onde os Venezianos, e Genovezes as hião buscar para as derramarem na Europa, devião de necessidade sentir hum grande ciume na chegada dos Portuguezes, vendo que pelo Oceano se podia fazer o commercio, que elles até alli exclusivamente fazião;

por tanto o primeiro passo da sua prudencia, ou avareza, era vedar os progressos do descobrimento que vião fazer, e o modo ou caminho mais compendioso era malquistar os novos vindos com os naturaes da terra; porque exterminados aquelles Portuguezes, tarde, ou nunca tornarião lá outros. Para isto bastavão os meios humanos, e os recursos da malicia, ou da vingança não transcendem a esféra da humanidade. E se isto se descobre pela boa razão, Horacio a teve em dizer:

Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus.

Nenhuma necessidade havia da introduccão do maravilhoso, ou sobrenatural, e o que podia fazer hum Mouro, não era preciso que o fizesse hum Deos, e para este fim não só he ociosa mas inutil a introduccão de Baccho, nem que este Deos sugerisse por hum sonho aos Mouros aquillo mesmo, que elles sem sonhar podião, e até devião fazer, se consultassem os seus interesses como Commerciantes, tão avaros, e tão sordidos como os Mouros. Bac-

cho desaparece , e esta he a ultima laçada que elle dá , sem que para a desatar seja preciso o concurso , ou a intervenção de outra Divindade. Thetis que apparece depois de findada de todo a acção do Poema , não vem tirar o Heróe destes apuros , vem refrescar , e divertir na volta para Portugal a marinhagem dos tres Navios. Em tudo he miseravel este oitavo Canto do Poema , e torno a dizer com o erudito Ignacio Garcez Ferreira , que elle só basta para lançar por terra todo o edificio do Poema.

Esta natural trama dos Mouros de Calecut , coiza que era bem de presumir , e de esperar , deo lugar , e azo ao Poeta , para invectivar os Reis , e os do seu Conselho , coiza para que Luiz de Camões sempre está prompto , e para a qual se lhe conhece a mais bem disposta vontade. He preciso copiar toda esta Oitava 54.^a , porque até se lhe descobre huma notavel falta de Sintaxe.

„ Oh ! quanto deve o Rei que bem governa ,
„ Olhar que os Conselheiros , *ou privados* ,

„ De consciencia , e de virtude interna ,
 „ E de sincero amor sejam dotados :
 „ *Porque como* estê posto na superna
 „ Cadeira , póde mal dos apartados
 „ Negocios ter noticia mais inteira
 „ Da que lhe der a lingua conselheira . ”

E acabou a Oitava sem nos annunci-
 ar o que esperamos desde que no quin-
 to verso , ouvimos : ” *Porque , como es-
 tê posto na superna cadeira , póde mal
 dos apartados negocios ter noticia mais
 inteira da que lhe der a lingua con-
 selheira . . .* ” O que , o que deve fa-
 zer , ter , dispôr , ordenar , escolher ,
 determinar , querer , ou alguma coiza
 destas que ultime esta oração , e a fe-
 che para ficar com hum sentido com-
 pleto , o que não apparece , porque pas-
 sa na Oitava seguinte a coiza , mui di-
 versa :

„ Nem tão pouco direi que tome tanto
 „ Em grosso a consciencia limpa , e certa ,
 „ Que se enleve em hum pobre , e humilde manto ,
 „ Onde a ambição acaso anda encoberta . ”

Se isto não he sotaque á Regencia da
 Rainha D. Catharina , não sei que ou-

tra coiza seja, e aqui ha allusão a Fr. Bartholomeu dos Martyres, a Fr. Luiz de Montoya; e se o Poeta compòz isto depois que veio da India como he de presumir, allude aos Jesuitas Leão Henriques, Nuno da Cunha, Luiz da Silveira, irmão do Conde da Sortelha, que tanto illudirão ElRei D. Sebastião. No quinto, e sexto verso faz o Poeta huma reflexão verdadeiramente politica, e de homem que conhecia os homens, que se não podem governar bem sem huma prudente malicia repulsiva, e huma boa Força compulsiva. Nem os Beatos verdadeiros, nem os que o fingem, são bons para Conselheiros de Principes; huns são simplices, e julgão que este Mundo he huma perfeição; outros são desavergonhados, e só buscão a sua conveniencia. Nisto tem razão Luiz de Camões, mas tem razão fóra do Poema; porque servir-se da occasião das tramoias dos Mouros para mallograrem a Expedição Portugueza para saltar nos Monarcas, que se deixão embair por Hypocritas, he muito fóra de proposito, posto que o Reino es-

tivesse no seu tempo muito escandalizado com os estragos que Simão Rodrigues, e Companhia, tinham feito na Universidade, tirando-se a cadeira a Diogo de Teive, e sobre tudo com a preponderancia que no Reinado de El-Rei D. Sebastião tinham os taes Jesuitas nos Conselhos de Estado, contra as instrucções, que ao Alumno tinha deixado D. Aleixo de Menezes, e luzes ainda conservadas de Péro de Alcaçova Carneiro. Deixemos estas inúteis lamentações, que não são da minha repartição, e tornemos aos versos do nosso Poeta, infelicissimo neste oitavo Canto, que, como bem diz Ignacio Garcez Ferreira, que, sendo Commentador, ouviu huma vez a voz da verdade, não he mais que hum tecido *de insipidas repetições*. Na Oitava 56.^a temos outra falta de Syntaxe, deixando-nos suspensos, esperando alguma coiza mais, que acabasse o sentido da oração. Eis-aqui os quatro ultimos versos:

„ Mas o Gama, que não pretende mais
 „ De tudo quanto os Mouros ordenavão

„ Que levar ao seu Rei hum sinal certo
 „ Do Mundo que deixava descoberto. ”

Ponto final, e acabou-se a Oitava, e não me digão que o — Gama — he nominativo do verbo que appareça na Oitava seguinte, *Nisto trabalha*, porque em qualquer Oitava deve ficar o sentido completo sem dependencia grammatical de qualquer outra que se siga, e o ponto indica fim de periodo. Na Oitava 57.^a se faz memoria de ElRei D. Manoel, e para dar huma idéa da authoridade Real, julgo bem fóra de proposito a seguinte frase, ou perifraxe: —

„ Manoel, que exercita a summa alteza. ”

Segue-se huma daquellas hypérboles, que longe de darem maior força á idéa proposta a fazem ridicula pelo encarecimento:

„ Com que a seu jugo, e lei submettería,
 „ Das terras, e do mar a redondeza. ”

Foi grande o poder, e respeitaveis as forças de ElRei D. Manoel, mas para conseguir o dominio Universal com effeito não erão bastantes. O Gama nes-

te passo deo em dois extremos, hum para cima, e outro para baixo: mas não culpemos o Heróe, quando o delicto he do Poeta. Depois de engrandecer mais do que devêra o Monarca, abate o Heroe fazendo-o o que diz:

„ Que elle não era mais que hum diligente
 „ Descobridor das terras do Oriente. ”

Temos chegado ao mais fastidioso tracto do Poema, em que a marcha magestosa, e augusta de huma Epopéa se transforma em *dares, e tomares* (até assim o diz o mesmo Manoel de Faria e Sousa) que vem a ser dúvidas, cavilações, e debates ordinarios de Capitães de Navios com Officiaes das Alfandegas, com despachos do Consulado, com visitas da Saude, etc. Oitava 58.^a:

„ Fallar ao Rei Gentio determina,
 „ Porque com seu despacho se tornasse. ”

Não se póde conhecer o motivo desta demora, nem a Epopéa entra em debates tão particulares em hum Heroe, que em tudo deve parecer grande, com

o despacho da fazenda, com a troca dos generos, como se o Gama fosse hum sobre-carga de Navio que na volta houvesse de dar conta ao Patrão, e aos interessados. A Oitava acaba como muitas outras, sem sentido grammatical, e não he preciso que o diga a censura, basta lêr estes quatro ultimos versos:

„ O Rei que da noticia falsa, indigna,
 „ Não era de espantar se se espantasse;
 „ Que tão credulo era em seus agouros,
 „ E mais sendo affirmados pelos Mouros. ”

Aqui acaba, mas não acabou a oração para formar hum sentido completo, erro tão visivel que não necessita de exposições. Na Oitava 61.^a assim se exprime indignamente:

„ Eu sou bem informado, *que a embaixada*,
 „ Que de teu Rei me deste, que he fingida. ”

Este segundo — *que* — he ocioso, e o Poeta exprime-se tão incorrectamente como o vulgo.

„ Porque nem tu tens Rei, nem Patria amada. ”

O que o Camorim exige para conhecer com effeito que o Gama era mandado pelo seu Rei, não provava a verdade desta Missão. O que o Rei Gento queria era algum presente que enchesse o olho, isto podia o Gama oferecer-lhe se fosse hum Pirata que houvesse feito huma grande preza, e podia dizer que era mandado por hum Rei, sem tal coiza haver acontecido, por tanto a falta de riqueza no presente nada prova, e nunca mais se tratou disso, porque logo veremos que o Catual não exigio d'elle senão que mandasse para a terra — toda a *fazenda vendibil* —, que trazia. Ora, sendo o Rei Mouro, e todos Mouros em Melinde, porque razão Baccho não fez alli o mesmo que faz com os poucos Mouros de Calecut? Não poupava trabalho? Não vedava a chegada do Heroe á India? Nada disto, desde que a Frota sahio de Mombaça, que se não sabe de Baccho.

Era preciso que o Gama respondesse, e erão taes as futilidades que o Rei tinha dito, que para lhe respon-

der, não era preciso que o Gama fosse inspirado com a intervenção de alguma Divindade. Não o julgou assim Luiz de Camões, he preciso que hum Numen ensine o recado ao Gama; e quem he este Numen? Venus Acidalia, porque o que Baccho faz, he preciso que Venus desmanche. Vejamos o que Venus Acidalia ensina ao Gama, ou oiçamos as palavras que põe na sua boca. Oitava 64.^a:

„ Que Venus Acidalia lhe influia,
 „ Taes palavras do sabio peito abria. ”

Abrir palavras do peito he expressão impropria. Abrir o peito, sim; e diz-se ordinariamente de quem communica alguma coiza em confidencia a outro, *abrio o seu peito*. Vamos ao que Venus Acidalia faz dizer ao Gama:

„ Se os *antigos delictos*, que a malicia
 „ Humana commetteo na *prisca* idade
 „ Não causárão que o *vaso da iniquicia*,
 „ Açoute tão cruel da Christandade,
 „ Viera por perpetua *inimicicia*
 „ Na geração de Adão com a falsidade, etc. ”

A estas palavras meias Latinas meias

Portuguezas, a esta confusão de idéas, a estes termos identicos *prisca*, e *antiga*, chamarião os Francezes hum completo, e acabado *Galimathias*, porque na verdade, nada se entende. Os delictos he que causarão que o vaso da *iniquicia*, que he o açoute da Christandade, viera por *inimicicia* na geração de Adão; he hum enigma da Esfinge de Edipo. Não se póde expôr o que se não entende. O que mais nos admira he a imprudencia, e atrevimento em que o Poeta faz cahir o seu Heroe no momento em que apparece a maior precizão da benevolencia do Rei Gentio; descompondo-o desta maneira:

„ O' poderoso Rei da *torpe seita*,
 „ Não concebêras tu, tão má suspeita. ”

Isto passa ao ridiculo ! Pois o Gama devia chamar *torpe seita* á mesma Religião pública do mesmo Rei com quem estava fallando, e de quem dependia para o seu despacho? He verdade que são torpissimas todas as Seitas Genticas, são barbaras, e monstruosas as suas superstições; mas o tempo, e as

circunsancias do Gama pedião que elle dissimulasse esta verdade, porque elle era hum Negociador, e não hum Missionario. As dez Oitavas que se seguem pela materia, e pela fórma, são bellissimas: em todos os dez Cantos que formão o Poema não ha hum tracto que com mais força sustente, e conserve a magestadé da Poesia Épica: só em a Oitava 73.^a ha hum verso, que se não quizerem dizer que está errado, não poderão negar que está mal accentuado:

„ Rompendo a força do líquido estanho. ”

Prescindamos se a metáfora he ajustada, e se ao mar se póde chamar estanho derretido. Na Oitava 74.^a se achá outro verso com iguaes defeitos, que escandalisão, ou arripião os ouvidos:

„ Qual não sendo isto assim, esperar podia. ”

Luiz de Camões foi hum dos Escriptores Portuguezes que mais contribuiõ para o polimento, e perfeiçãõ de nossa riquíssima, e harmoniosa linguagem; mas em certos passos não sabia es-

tremar a prosa do verso senão pelas simildescendências, ou simildescendências, que se chamão rimas, e nellas não consiste a essencia da Poesia, nem com ellas se póde supprir a mingoa do espirito, ou daquelle tom, e ímpeto que se sente, e mal se póde definir, a que verdadeiramente se póde chamar Poesia, que difere da prosa ainda a mais levantada como difere a musica do simples, e ordinario modo de fallar.

Na Oitava 78.^a começa o ultimo apuro da impertinencia, e o ultimo excesso da degradação do Heroe na boca do Poeta: ainda que todo o Poema fosse, qual devia ser, magestoso, e sublime, segundo o pensamento do Commentador Ferreira, este resto do Canto oitavo deita a perder, e arruina tudo.

„ Que mande da fazenda em fim lbe manda. ”

„ Se parte o Capitão para aonde peça,

„ Ao Catual que delle tinha cargo,

„ Embarcação, que a sua está de largo. ”

Neste tom moribundo, ou somnifero, vai chegando ao tumulo este oitavo Canto, que bem se sente dos trabalhos, e

miserias em que andava o Poeta, que bem parece, que lhe apagamão o fogo da imaginação. Oitava 79.^a:

„ Embarcação que o leve ás Nãos lhe pede. . . ”

„ Com elle parte ao Cães, porque o arrede

„ Longe quanto poder dos Regios Paços ;

„ Onde, sem que o seu Rei tenha noticia,

„ Faça o que lhe ensinar sua malicia. ”

Destes versos só posso dizer o que disse o Commentador Garcez Ferreira dos versos 5, e 6 da Oitava 77.^a:

„ Em fim ao *Gama manda* que direito

„ A's Nãos se vá . . . ”

” Com estylo menos rasteiro tinha dito

” Barros : — *Despedio o Gama, man-*

” *dando-lhe que se tornasse aos Na-*

” *vios. — ”*

Oitava 80:

„ Lá bem longe lhe diz, que lhe daria

„ Embarcação bastante em que partisse,

„ Ou que para a luz crástica do dia

„ Futuro sua partida deferisse. ”

Se o dia de ámanhã he para nós futuro,
e luz *crastina*, em Latim, he o dia de áma-

nhã, temos aqui huma redundancia pueril, e inutil. He mui notavel a Oitava 81.^a pelo ingenuo tom de prosa em que he concebida, e pela significação que o Poeta dá ao verbo — Delirar —, que segundo a commum accepção he hum desconcerto, ou natural, ou accidental do entendimento.

„ Era este Catual hum dos que estavam
 „ *Corruptos pela Mahometana Gente,*
 „ O Principal porque se governavão
 „ As Cidades do Samori *potente* :
 „ Deste *sómente* os Mouros esperavão
 „ Effeito a seus enganos *torpemente* :
 „ Elle, que no concerto vil conspira,
 „ De suas esperanças não *delira.* ”

Por mais que se afadiguem os Commentadores em dar aqui ao verbo — Delirar — a significação de desvio, ou discordancia, não he possivel conceber outra idéa differente daquella que á primeira intuição se nos offerece. — Delirar — nunca será mais que delirar. Delirio, tresvalio, loucura, alienação de entendimento occasionada por febre, ou outro accidente, e tudo isto nunca poderá dizer, que o Catual não estava con-

trario; ou não hia longe em seus procedimentos das concebidas esperanças dos Mouros, que era destruir as Náos Portuguezas, temendo com aquella navegação huma infallivel quebra no seu Commercio com a Arabia, Persia, e Egypto, e por conseguinte com a Europa. Mas que hê tudo isto quando a imperiosa necessidade da rima tyrannisa hum pobre Poeta, que só por acabar o seu verso dirá huma heresia, e huma blasfemia? Na Oitava 84.^a depois da noventa prosa das Oitavas 82.^a, e 83.^a contém huma indignidade. Oição-se os ultimos 4 versos:

- „ Não parte o Gama em fim, que lho defende
 „ O Regedor dos *Barbaros profanos*;
 „ Nem sem licença sua ir-se podia;
 „ Que as almadias todas lhe tolhia.

Vio-se semelhante aperto, nem em hum Contra-Mestre de Navio que ficasse em terra?

- „ Nem sem licença sua ir-se podia.

Parece-me que fazem do Gama hum Frade, que não póde sahir do Convento sem

licença do Guardião, ou do Abbade, ou como quer que chamão os Frades ao que governa lá dentro. Os que estavam a bordo das Náos não sabião que o Gama estava só em terra, não vião que tardava, não podião mandar a lancha a terra? Deixão só o Commandante, e não vão tratar da sua soltura, se está prezo, ou mandar-lhe embarcação em que venha para bordo? Nada d'isto se faz; parece que estão mortos. O que continúa a viver, e a reinar he a prosa caseira de Luiz de Camões como se vê, e se admira na Oitava 85.^a:

- „ *Aos brados, e razões do Capitão*
 „ Responde o Idolatra que mandasse
 „ Chegar á terra as Náos, que longe estão,
 „ Porque melhor dalli fosse, e tornasse:
 „ Sinal he de inimigo, e de ladrão,
 „ Que lá tão longe a frota se alargasse
 „ Lhe diz”

Não traslado mais, pasmado da humildade, ou insensibilidade do Gama. Chamão-lhe *ladrão* na sua mesma cara, e fica enxuto, e calado? Que Heroe he este? He hum Santo, e he Heroe, mas no perdão das injurias. Mas que sen-

timentos de honra Cavalheiresca pódê ter hum homem que he chamado Heroe , mas que não ha coiza que não tema, e não ha têa de aranha, que o não atemorize? Oitava 86.^a :

„ *Tudo temia*, tudo em fim cuidava. ”

He este aquelle forte, e illustre peito Lusitano

„ A quem Neptuno, e Marte obedecêrão? ”

Se Camões canta, como diz — o peito illustre Lusitano —, por certo não cantou Vasco da Gama, porque hum coração que *tudo teme*, como o de Vasco da Gama, não he muito illustre, nem muito Lusitano.

Na Oitava 87.^a vem huma comparação muito arrastrada, mas assim mesmo não he invenção do Poeta, he copia, he traslado de Virgilio. Eneid. Liv. 8.^o v. 22, e do Ariosto Canto 8.^o Est. 71.^a Todas estas triviaes miudezas com que o Poeta vai enchendo somniferas Oitavas, todas estas comparações emprestadas são hum argumento evidente da falta de invenção, e originali-

dade. Na Oitava 88.^a ainda he mais rasteira a prosa, e o abatimento a que se reduz o Heroe:

- „ Tal o vago juizo fluctuava
- „ Do Gama prezo, quando lhe lembrára
- „ Coelho, se por acaso o esperava
- „ Na praia com os batéis como ordenára. ”

São pobrissimas estas rimas na sua tra-
vação — *ava* e *ara* —, e he mui in-
jurioso para o Heroe o abatimento de
huma Cadêa em que o mette o Poeta.
E na Oitava 90.^a ainda continúa a pri-
zação a que se não dá remedio com a
força, pois veremos que não apparece
ordem de soltura senão depois de pa-
gar com a fazenda a somma, e impor-
te da coima que o Catual lhe deitára:

- „ Insiste o Malabar em tello prezo.

Estou desejoso de acabar a censura des-
te oitavo Canto, porque o enjão cresce
cada vez mais. Oitava 91.^a:

- „ Aquella noite esteve alli detido,
- „ E parte do outro dia. . . .

Não se póde enxergar nestas rasteiras

frases o mais pequeno, e ligeiro vislumbre de Poesia. Se os marujos da frota de Vasco da Gama contassem estas miudezas, por certo as não contarão mais rasteiramente, e apesar do estylo mediocre dos nossos Historiadores, alli as vemos escritas com mais elevação, e dignidade. Vamos admirando os rasgos Poeticos de huma Epopéa que se vai aproximando á catastrophe, onde devia caminhar com mais força, e maior magestade. Oitava 92.^a:

„ Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
 „ Vendibil, que trazia, para a terra,
 „ Para que de vagar se tróque, e venda . . .
 „ O Gama, que o danado peito encerra,
 „ Consente, porque sabe por verdade,
 „ Que compra com a fazenda a libérdade. ”

Isto não necessita de Commentario, porque tudo dizem, e tudo explicão os dois ultimos versos da Oitava memoravel 93.^a:

„ Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
 „ A fazenda com que se resgatasse. ”

Temos visto o laço tramado por huma Divindade, qual he Baccho, apparecen-

do ao Mouro em sonhos em trage de Mafoma, e he este hum meio sobrenatural, que por outro tambem sobrenatural se devia destruir, porque esta força aggressiva pedia outra igual repulsiva. Mas aqui está o maior defeito das Lusiadas, e hum erro que argúe no Principe dos Poetas a falta de conhecimento dos principios da sua arte, e dos naturaes dictames da boa razão. Todo este esforço de Baccho he destruido por meios puramente humanos, e o empenho de hum Deos he mallogrado por huma pouca de fazenda. O Heroe he prezo por Baccho, o Heroe he posto na rua por hum rolo de panno. Se hum homem o podia resgatar, não era preciso, que hum Deos o captivasse. A indignidade continúa, e quanto mais o Poeta particulariza as coizas, mais se abate. Oitava 94.^a:

- „ Vem a fazenda á terra, aonde logo
- „ A agazalhou o infame Catual;
- „ Com ella ficão Alvaro, e Diogo,
- „ Que a podessem vender pelo que *val*:
- „ Se mais que obrigação que mando; e rogo
- „ No peito vil o premio póde, e *val*. . . .”

Val e val não são consoantes, e isto he hum erro de Aprendiz. Estavamos cançados de vêr o estado miseravel, e o abatimento a que chegou o Gama mettido em trabalhos dentro de huma Cadêa. E que admiração nos deve causar vermos os Heroes de Homero fazerem pela sua mão o seu proprio jantar, ou vermos as filhas de ElRei Alcinoo lavando a sua roupa no rio, como nos diz com tanta singeleza a Odysséa. Vasco da Gama, deixado dos seus, porque o não buscavão, esquecido do proprio Coelho, de quem elle se lembrava em suas afflicções, e misérias, Vasco da Gama sem fazer bombardear a Cidade de Calecut, não consegue vêr-se fóra da Cadêa senão pagando a quantia em que fora encoimado; assim o declara o Principe dos Poetas:

„ Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
 „ Pois o *Gama* soltou pela fazenda. ”

Conseguida por este decoroso modo a sua liberdade, tem concluído a sua acção, tem sido, até á custa de Ca-

dêa *hum mero Descobridor* ; pôde ir com Deos, que nada mais tem qué fazer. Assim parece que o devia fazer; porém o Poeta assenta que ainda não temos laudano bastante para cahirmos em perfeita lethargia, e continúa nesta levantada Oitava 95.^a :

„ Por ella o solta, crendo, que alli tinha
 „ Penhor bastante donde recebesse,
 „ Interesse maior do que lhe vinha,
 „ Se o Capitão mais tempo detivesse:
 „ Elle, vendo que já lhe não convinha
 „ Tornar á terra, porque não podesse
 „ Ser mais retido, sendo ás Nãos chegado,
 „ Nellas estar se deixa descansado.”

Eu repetirei aqui as mesmas palavras que escreve Ignacio Garcez Ferreira no Tom. 2.^o do seu Commentario pag. 175 Not. 250 :

„ *Estar se deixa descansado.* ”
 ” *O mesmo podêra fazer o Poeta com*
 ” *estas suas insipidas repetições : mas*
 ” *ainda prosegue na seguinte Estancia*
 ” 96.^a : ”

„ Nãs Nãos estar se deixa vagaroso,
 „ Até vêr o que o tempo lhe descobre.”

Ora na verdade, he da prudencia esperar a occasião das coizas, porque o tempo tudo descobre; mas esta paxorra, não só não he de hum Heroe, mas nem de hum Marujo Portuguez, e com muita especialidade quando se trata de hum punhado de Canarins, que depois os Portuguezes, até em menor numero que os que compunhão a tripulação dos Navios do Gama, tantas vezes combaterão, e destroçarão. Acabou-se verdadeiramente a Accção das Lusíadas, em que na verdade os Agentes sobrenaturaes tem feito ridiculas Personagens; as que protegêrão o Gama em sua navegação, nunca lhe apparecêrão; as que o empecêrão, nunca se descobrião. As ci-ladas dos Mouros de Mombaca não erão menos perigosas que as dos Mouros de Calecut; em Mombaca mandá Venus ás Nereidas que empurrem as Náos para trás; em Calecut, onde o Gama está em ferros, não apparece Venus a arrombar a Cadêa. Quanto melhor faria Luiz de Camões em imitar Lucano, que magestosamente cantou as guerras civis dos Romanos, des-

crevendo a Catão em marcha pelos areaes da Africa, sem intervenção de Divindades, com tanta pompa Poetica, que á vista deste quadro, desaparece tudo quanto de grande fizeram os Deoses de Homero; e se seria coiza ridicula fazer na Farsalia apparecer Venus que dêsse a Cesar huma espada forjada por Vulcano, porque já no tempo de Cesar a Filosofia regeitava, e escarnecia estas quimeras, quanto mais ridiculo será apresentar-nos hum Poeta em 1497 hum Heroe Christão, e Catholico Romano, ajudado por Venus, e perseguido por Baccho, sempre escondido, e sempre cobarde, e que no ponto em que o mesmo Heroe mais necessitava do soccorro celeste, pois se via abandonado, e prezo entre Barbaros, fazer desatar este nó, por meio de instrumentos tão ordinarios, ou digamos melhor, tão vís, sendo resgatado por dois fardos de fazenda!

„ Escreve a seu irmão que lhe mandasse
 „ A fazenda com que se resgatasse. ”

Acaba-se este oitavo Canto com huma das costumadas digressões moraes, que nunca se sabe a quem se dirigem. He o Poeta que falla, e huma vez que ostente erudição, venha ou não venha a proposito. Corrompe o oiro, isso he verdade, e o Poeta o prova com mil exemplos que allega tirados da Historia, e da Mythologia; mas o resgate do Gama não póde entrar na cathegoria dos sobornos, porque foi huma convenção, ajuste, troca, ou resgate. Pella instigação dos Mouros, o Navegador estrangeiro se fazia hum homem de suspeita, e neste caso deixallo embarcar sem despacho, sem passaporte, sempre era hum favor; e como o Samorim o tinha entregado ao Catual sem resolver coiza alguma, sem assignar estipulação alguma, ou tratado de aliança, e commercio entre as duas coroas contratantes Calecutense, e Portugueza, não era muito que se untassem as mãos áquelle Regedor de Justiças, ou Intendente de Policia de Calecut, para deixar partir o Gama. He comtudo verdade o que diz o Poe-

CENSURA

D A S

LUSIADAS.

NONO CANTO.

PARECE que depois de se haver resgatado o Gama com aquella porção de fazenda que se deo ao Catual por sua soltura, que se devião acabar de huma vez as contendas, e os debates com os Officiaes da Alfandega, com os corretores do numero, com os Despachantes, e Mercadores, e esperavamos que tudo isto findasse com o eterno Cantto oitavo, e com o sermão com que o Poeta o fecha. Solto o Gama, vista a India, estava tudo concluido, e bem concluido com estas baixezas hum Poema Epico: não he assim, conti-

nuão as desordens mercantís muito dignas da Epopéa em o Canto nono. Oitava 1.^a :

„ Tiverão longamente na Cidade
„ Sem vender-se a fazenda os dois Feitores. ”

Não se sabe se este — *Tiverão* se refere á fazenda , se aos dois Feitores ; ou se — *tiverão* , he o mesmo que estiverão. O verso 6.^o he deste som harmonico , e retumbante , ou como o Poeta quer — *Hum som alto , e sublimado* :

„ Era deter alli os Descobridores. ”

O Poeta muito escrupuloso em pontos , e materias de verdade , nos expõe historicamente qual era a tenção dos Mouros na demora dos Feitores Alvaro de Braga , e Diogo Martins , porque acinte lhe não chegavão ao preço ainda que elles já a déssem pela factura , apresentando os conhecimentos em fórma :

„ Fazem que não lha comprem Mercadores ; ”

que vinha a ser , esperarem a monção em que vinhão as Náos de Meca , por-

que com os soccorros destas esperavão dar cabo da Frota Portugueza, dizendo-nos com a singeleza daquelles heroicos tempos na Oitava 4.^a :

„ Neste soccorro tanto confiavão,
 „ Que já não querem mais dos navegantes,
 „ Se não que tanto tempo alli tardassẽm,
 „ Que da famosa Meca as Náos chegassem. ”

Temos huma laçada mais no Poema, que retarda o acabamento da acção; e esta laçada he feita por meios puramente humanos, qual era a natural lembrança que os Mouros tiverão da superioridade da força das Náos de Meca:

„ Que como fossem grandes, e possantes,
 „ Aquellas que o *commercio lhe tomavão*
 „ Com flammis abrazassem crepitantes. ”

Até aqui temos huma lembrança humana excitada pelo ciume do interesse mercantil, porque os Mouros querião o commercio exclusivo de Calecut. Para isto não he preciso Baccho, porque os negociantes não precisão inspirados para a sua conveniencia; mas

lembra-se o Poeta de desatar este nó por meios sobrenaturaes; e se elle se persuadia que esta lembrança dos Mouros ainda era huma consequencia do sonho do Sacerdote que vira Baccho na figura de Mafoma, parece que lhe devia oppôr Venus que até aqui, em todos os apuros em que se vio Vasco da Gama, se mostrou inimiga do Thyoneo; mas não he assim; vai buscar o sobrenatural da Religião, para obrar o prodigio de livrar Vasco da Gama da danada tenção dos Mouros. Oitava 5.^a:

- „ Mas o Governador dos Ceos, e gentes,
 „ Que, para quanto tem determinado,
 „ De longe os meios dá convenientes
 „ Por onde vem o effeito ao fim fadado: . . . ”

Ora assim como o Poeta tem aqui tão ajustada lembrança do maravilhoso da Religião, porque se não servio delle em todo o Poema? Se póde ter lugar em huma parte delle, tambem o podia ter em todos. E se Venus lhe bastou até aqui, porque lhe não basta agora? Porque tudo são incoherencias, e imperfeições neste tão preconizado Poe-

ma. Os Mouros de Calecut são Mouros instigados por Baccho para fazerem mal aos Portuguezes; Monçaide he outro Mouro de Calecut, que quer fazer bem aos Portuguezes; e porque não he inspirado por Venus? O mal he feito por Baccho, e o remedio he trazido e dado — pelo *Governador dos Ceos, e gentes.*— Em Monçaide foi hum acto de beneficencia natural avizar os Portuguezes, e assim como foi outro acto natural affeição-se a elles, porque os conhecia de Orão. Oitava 7.^a:

„ Informa e cautó Gama das armadas,
 „ Que d'Arabica *Meca* vem cada anno,
 „ Que agora são dos seus tão dezejadas,
 „ Para ser instrumento deste damno:”

Ora, como diz o Poeta, juntando-se a este aviso do amigo Monçaide a aproximação do ensejo para se fazer a Armada á vela, Oitava 8.^a,

„ O Gama, que tambem considerava
 „ O tempo que para a partida o chama,”

sem ser precisa, nem para huma, nem para outra coiza a concurrencia do Re-

gedor dos Ceos, e Gentes, usando de represálias para haver os dois Sobrecargas, ou Feitores, o que tudo se fez por meios humanos, e o que tudo faria qualquer Capitão de Navios, negociando com povos barbaros, e que não conhecessem o Direito das Gentes, nem o — *Mare liberum* — de Hugo Grocio, fez o que se diz sinceramente na Oitava 12.^a :

„Recebe o Capitão de melhor mente
 „Os prezos, que as desculpas, e tomando
 „*Alguns negros*, se parte as velas dando.”

Esta acção por despedida não accredita muito nisto a boa fé, e a probidade do Gama, porque ou fossem pretos, ou fossem brancos, erão homens livres, e nenhum direito tinha mais que o da força para os cativar no seu paiz. Mas em fim, ou com justiça, ou sem ella, por mais que os negros chorassem, ou se callassem, volta o Gama para Portugal, como diz o Poeta na Oitava 13.^a

„Parte-se costa abaixo, porque entende
 „Que em vão co' o Rei Gentio trabalhava

.....

„Com estas novas torna a Patria cara
„Certos sinaes levando do que achara.”

Nesta Oitava acaba naturalmente a acção do Poema, e acaba o Poema; porque este he o seu fim. Nada mais resta; acabou-se tudo. Veio de Portugal, eis-aqui o principio; chegou á India, tendo encontrado o caminho para a India, eis-aqui o meio; ajunta os testemunhos de que lá fora, e volta para Portugal, eis-aqui o fim. Depois do fim de huma acção não ha mais nada, porque depois do fim de huma coiza não sei que haja mais nada para a mesma coiza. Como em hum *Postscriptum* diz o Poeta na Oitava 14.^a:

„Leva alguns Malabares que tomou
„Com força dos que o Samori mandára
„Quando os prezos Feitores lhe tornou:
„Leva pimenta ardente que comprára. . . .”

Fez a sua preza, e a sua carregação de pimenta que achou em conta, e veio o Heroe para a sua terra. Depois de ter a pimenta a bordo, sinal de que estivera onde havia o Rei da Pimenta, como o Poeta diz em outra composição;

tinha concluido a sua negociação, e com este desfecho, a acção do descobrimento da India mais parece especulação de Mercador em aperto, que facanha de hum Heroe. Para que não nos esquecesse que o Gama tinha acabado a sua commissão, e que partira da India porque não tinha lá mais nada que fazer, na Oitava 16.^a nos torna a dizer que o Gama partira da India em demanda do Cabo da Boa Esperança:

- „ Apartadas assim da ardente costa
- „ As venturosas Náos, levando a prôa
- „ Para onde a Natureza tinha posta
- „ A meta Austrina da esperança boa,
- „ Levando alegres novas, e resposta
- „ Da parte Oriental para Lisboa,
- „ Outra vez comettendo os duros medos
- „ Do mar incerto, tímidos, e ledos.”

Aqui faltão duas coizas, a primeira o substantivo com quem concordem estes dois adjectivos — *tímidos*, e *ledos* —, a segunda o verbo que denote a acção destes nominativos; isto não são elipses, são imperfeições, tanto maiores, quanto maior se julga o Poeta. Se nós nos damos por satisfeitos, se já sabemos, e

confessamos, que o Gama partira da India acabando a sua acção; se já nos dóe a cabeça com a teima da repetição; se já nos não resta outra coisa mais, que dizer. — Pois boa viagem: — o Poeta ainda não está satisfeito, e nos torna a dizer não só que vierão, mas a que vierão. Oitava 17.^a:

„O prazer de chegar á patria cara,
 „A seus penatés caros, e parentes.”

Tudo isto he cáro, se se considera a grandé dóse de paciencia, que com effeito he precisa para comprarmos, e supportarmos esta nojosa, e interminavel arenga! O Poeta abrange tudo, porque não só nos diz o que os navegantes devião fazer quando chegárem a Lisboa, mas o que devião contar:

„Para contar a peregrina, e rara
 „Navegação, os varios Ceos, e gentes.”

Patria cara na Oitava 12.^a, outra vez *Patria cara* na Oitava 17.^a Acabou-se pois o Poema das Lusiadas, e as consequencias admiraveis desta grande Acção vem a ser os contos que os nave-

gantes vem fazer á Patria cara, aos caros Penates, e aos parentes do que tinham visto em quanto por lá andáram. Agora temos outra coiza, muito differente, e muito alheia da acção principal, porque esta já se tinha acabado, e ultimado de tal sorte que já não havia que fazer. O mesmo Baccho que tanto se empenhou á hida para dar cabo dos Portuguezes, como se houvera conseguido isto, não torna a apparecer, ou reconciliado com elles os deixa passar seguramente.

Depois da morte de Heitor, e incendio de Troia, acabou-se a Iliada, e não há mais que fazer; depois da chegada de Ulysses a Ithaca, e chacina que fez nos arrojados de Penélope, acabou-se a Odysséa, e não ha mais que tratar; depois da injustissima morte de Turno, e perfida usurpação do Reino do Lacio, acabou-se a Eneada, e não tem Eneas mais que roubar; depois da escalada e tomada de Jerusalem, morto Emireno, Generalissimo do Exercito aliado que viera sobre os sitiadores, acabou-se o Gofrego, ou Jerusalem liber-

tada, não ha mais que requerer, nem que esperar. Depois do descobrimento da India que era o fim da acção das Lusiadas, não ha mais que accrescentar: tudo o que daqui se seguir, he fóra da acção, e he alheio do Poema. Luiz de Camões, como não soube passar a verdade historica para o verosimil poético, em lugar de estender a têa dentro dos limites da acção faz hum estranho additamento ao seu Poema, que vem a ser huma nova acção de Vasco da Gama depois que descobrio a India. Sem as Deosas, e Deoses do Paganismo, não faz nada Luiz de Camões; mas como era homem de pouca memoria, introduz Thetis no seu additamento, mudada de tenção; o que são mulheres! Quando se tratou na Corte, e Paço de vidro de Neptuno da destruição do Gama, e seus companheiros, no Canto 6.º das Lusiadas, Thetis he huma das votantes, que approva este exterminio, com hum daquelles sutaques acintosos tão proprios das Senhoras mulheres:

„Neptuno sabe bem o que mandou.“

Pois esta mesma Thetis vem figurar tanto nesta nova acção das Lusiadas, que chega a casar com aquelle mesmo Gama que no 6.º Canto do outro Poema que se acabou, queria afogado. O Agente principal deste novo, e segundo Poema, que começa na Oitava 18.ª do 9.º Canto, he a Deosa Venus, bem conhecida pela sua vida, costumes, e patrocinio; ella tem diversos sobrenomes, Amathunta, Paphia, Cytheréa, e Cypria; mas ella he a mesma, porque he Venus, a Mãe de Cupido, e a mãe dos amores; o Poeta explica-se melhor, e oçamos o Poeta no principio deste Poema:

„ Porém a Deosa Cypria, que ordenada

„ Era para favor dos Lusitanos

„ Do Padre Eterno.

O Poeta era Christão, nós somos Christãos, o Heroe era Cristão, e todos Catholicos Romanos pela graça de Deos; e quando fallamos no Padre Eterno, sabemos, e confessamos que he a primeira Pessoa da Santissima Trindade; e se não que nos digão, que devemos enten-

der aqui pelo Padre Eterno? Dirão que o Deos Jupiter; peor ainda, e maior culpa do Poeta; porque este como Chris-tão, ainda que huma vez resolvido a in-troduzir os Deoses do Paganismo, devia servir-se de termos que removéssem todos os equivocos; nem seus mais pertinazes Idolatras poderão negar aqui que a primeira intuição, e a primeira idéa que esta palavra — *Padre Eterno* — nos excita n'alma, he a que a Religião nos desperta quando nos diz quaes, e quan-tas sejam as pessoas da Santissima Trin-dade. O Padre Eterno, pois, he quem *ordena* Venus, e quem a dispõe para favorecer com suas graças, e mimos os Lusitanos.

„Que sempre os guia já de longos annos.”

Poucos Portuguezes saberão que este tinha sido seu Anjo tutelar em suas emprezas, e muito mais admirados ficarão agora em sabendo que estes fa-vores que lhes deve fazer Venus, orde-nada pelo *Padre Eterno*, são huma en-fiada de torpezas em huma Ilha trazi-

da aos empurrões pela mesma Venus a huma paragem determinada do Oceano por onde as Náos devião passar; Oitava¹ 19.^a:

„Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
„No Reino de cristal liquido, e manso.”

E para que não ficassemos em duvida sobre a qualidade do deleite, que devião sentir os Portuguezes nesta arribada á Ilha encoberta; o Poeta o declara na Oitava 20.^a:

„Algum repouso em fim, com que podesse
„Refocilar a lassa humanidade.”

Os fins não se alcançam sem huma exacta proporção de meios, e na escolha, e applicação destes meios se conhece a penetração, e habilidade do Agente, ou do Artifice:

„Parece-lhe razão que conta dêsse
„A seu filho. . . .”

Este era o Ministro escolhido para a diligencia, mas o lugar da acção ainda estava por determinar; ella já sabia o que devia fazer, para cumprir com as

apertadas ordens do *Padre Eterno*:
Oitava 21.^a

„ Isto bem resolvido determina
„ De ter-lhe aparelhada lá no meio
„ Das aguas alguma *Insula Divina*.”

A Geografia com seus teimosos trabalhos nos tem descrito até agora quasi todas as Ilhas existentes em hum, e outro Oceano, Atlantico, e Pacifico; mas ainda não marcou em suas Cartas Hydrograficas Ilha alguma chamada a Divina: — *Insula Divina*. — Seja isto como for; como Venus fazia a Ilha, podia-lhe dar o nome que quizesse; vejamos o que faz na Oitava 22.^a

„ Alli quer que as aquaticas Donzellas
„ Esperem os fostissimos Varões:”

.....
„ Com danças, e coréas porque nellas,
„ Influidá secretas affeições
„ Para com mais vontade trabalharem.”

Creio que danças, e coréas, quer dizer — Danças, e danças, — porque dança em Latim he coréa, e coréa em Portuguez quer dizer dança. Oitava 23.^a

„Seu filho vai buscar, porquê só nelle
 „Tem todo o seu poder, fero Cupido.”

He preciso hir em demanda deste filho, porque sem elle nada se fazia, nem sem Cupido se podia refocilar a lassa humanidade, que he o premio que Venus ordenada pelo Padre Eterno quer dar aos Heroes Portuguezes. A Oitava 25.^a he huma das mais notaveis de todo o Poema, não por começar por hum verso errado, mas pelo que em si contem.

„Já sobre os Idálios montes pende,
 „Onde o filho frecheiro estava então
 „Ajuntandó outros muitos; que pertende
 „Fazer huma famosa expedição
 „Contra o Mundo rebelde, porque entende
 „Erros grandes que ha dias nelle estão,
 „Amando cousas que nos forão dadas
 „Não para ser amadas, mas usadas.”

Idéa mais extravagante ainda não entrou em miolos Poéticos, fossem os de Ariosto quando sobe com Astolfo ao concavo da Lua, ou fossem os de Milton quando inventa o Paraizo dos Loucos, ou Fatuos: e a fatuidade não pó-

de ser maior que a de Luiz de Camões neste passo: commette-se a reformation ou recollecção do Mundo moral áquelle mesmo, que no Mundo moral fez, e faz as maiores desordens, e os mais solemnes destemperos; pois este he o reformador, este he o que deve desarreigar abusos, extirpar relaxações, e conter os homens nos limites do justo, e do honesto; a tudo se estende o poder do Reformador Geral; não sei comò lhe não foi tambem commettido reformar as ordens Monacaes, e Mendicantes. A primeira coiza que se offerece na reforma universal dos costumes, he o exercicio da caça; mas se neste ha algum crime, bem o pagão as pernas dos que correm atraz das perdizes, e os que consomem a paciencia á espera de hum Coelho, quando com huma cajadada se não matão dois. He pois a caça hum abuso que Cupido deve reformar, deixando os homens sem huma Galinhola para eterna desconsoação do arroz. A Oitava em que este primeiro crime se pinta he inintelligivel, e não se sabe o que o Poeta quer dizer. Vem pois Cupido, e

- „ Vio Acteon na caça tão austero
 „ De cego n'alegria bruta insana,
 „ Que por seguir hum feio animal faro
 „ Foge da gente e bella forma humana ;
 „ E por castigo quer *doce e severo*,
 „ Mostrar-lhe a formosura de Diana ;
 „ E guarde-se não seja inda comido
 „ Desses cães que agora ama, e consumido.”

Nos seis primeiros versos nos conta o Poeta a fabula de Acteon, — *Vio Acteon* —, e vendo-o enlevado, embebido no exercicio da caça; e o castigo que Amor lhe deo foi mostrar-lhe a Diana, que ainda era mais taul neste exercicio que o mesmo Acteon, nua em hum banho. O castigo não parece muito rigoroso, e devia obrigar Acteon a caçar ainda mais para ser castigado desta sorte: se a casta Diana (que o não foi muito com Endimião) se estimulou desta vista casual em que ella mesma devia ser mais acautellada, e o transformou em Viado, isto já não he obra do Reformador, foi vingança de mulher, a qual nos não espanta. Quantas Dianass, mui presumidas de castas, fazem os homens Viados? Seja isto como for, eu não me que-

ro metter a reformador como Cupido; a quem se referem os dois ultimos versos da Oitava?

„E guarde-se não seja inda comido
„Desses cães que agora ama, e consumido.”

A Acteon não póde ser, porque elle feito Viado foi comido dos cães, e já se não podia guardar, huma vez que os cães o tivessem engolido, como engolirão. Talvez que o Poeta tivesse em vista algumas excessivas caçadas de Almeirino, e não perde occasião

„De dar neste negocio hum justo talho,”

como elle mesmo diz a outro proposito. Agora seguem-se objectos de maior ponderação na Oitava 27.^a Cupido deve vir reformar a prepotencia dos validos, a ambição, e as injustiças dos Ministros de Estado, os Instituidores, Mestres, e Aios dos Reis em sua menoridade, e bem entendemos nós agora que tudo isto se refere a ElRei D. Sebastião; (hoje 31 de Dezembro de 1819 o esperão chegado os Sabastianistas, e não he fóra

de proposito este parenthesis contra tão pertinazes mentecaptos.)

„Vendem adulação, que mal consente,
„Mondar-se o novo trigo florecente.”

Isto he, não deixavão chegar a elle, nem os conselhos da Avó, nem o parecer de Pero de Alcaçova Carneiro, que o dissuadissem da mal intentada 2.^a jornada d’Africa, alentando-lhe os fumos de guerreiro, e de conquistador. Nas taes dissensões do Imperador de Marrocos com seu sobrinho, e parentes; qual dos Monarcas Europeos se foi lá ingerir?— A Oitava 28.^a he para sempre memoravel; tem dois objectos; o primeiro são os Jesuitas, e os Frades de todos os tempos; o segundo são as Leis deste Reino, ou algumas particulares que então se promulgárão: no primeiro objecto não sei se ha razão, no segundo por certo ha atrevimento, espirito de revolução, e inconfidencia, e estou bem certo que, se Luiz de Camões o dissesse agora, não seria D. Gonçalo Coutinho quem lhe mandasse hum lençol para se enterrar; mas a Misericor-

dia. Vejamos por inteiro a Oitava, e se Cupido no Poema he o reformador do Mundo, também eu posso ser o reformador do Poema. Não he licito, diz o Padre Mestre autor do Epitafio, igualllo na valentia Poetica, *Æquare nefas*; mas não dirá que não he licito á boa razão censurallo.

„ Vê que aquelles que devem á pobreza
 „ Amor Divino, e ao povo caridade,
 „ Amão sómente mandos, e riquezas,
 „ Simulando justiça, e integridade:
 „ Da feia tyrannia, e da aspereza,
 „ Fazem direito, e vã severidade:
 „ *Leis em favor do Rei se estabelecem,*
 „ *As em favor do povo só perecem.*”

O quadro dos Jesuitas e Frades de então parece tirado ao natural, e se Luiz de Camões o pôde dizer em versos taes e quaes naquelle tempo, quem nos véda que o repitamos agora em prosa? Nunca se deve poupar o vicio, e os dois vicios capitaes do Seculo são a Hypocrisia, e a Impostura. Mas isto não he do ministerio, e missão de Cupido, reformador do Mundo, conforme a imaginação poetica de Luiz de Camões. Pe-

lô que pertence aos dois ultimos versos, creio que ainda que algumas vezes por malicia, ou interesse de Ministros, e Julgadores, se applichem, ou interpretem mal algumas Leis a beneficio do povo, nunca em Portugal se abrogárão, ou phecêrão: isto he audacia, e não zelo patriotico, nem tamanha injuria merece a Legislação Portugueza.

Parece que se apurárão os destemperos nesta idéa da reforma do Mundo commettida a Cupido, e aos outros Amorinhos seus Ministros; assim o vemos na Oitava 29.^a, que respira prosa baixa, e trivial.

„Vê em fim que ninguem ama o que deve
 „Senão o que sómente mal dezeja,
 „Não quer que tanto tempo se releve
 „O castigo que duro, e justo seja:
 „Seus ministros ajunta, porque leve
 „Exercitos conformes á peleja,
 „Que espera ter co'a mal regida gente,
 „Que lhe não for agora obediente.”

Que conformidade podem ter para a emenda, e reforma dos costumes corrompidos, ou immoralidade dos homens os Amores lascivos, incastos, ou des-

honestos filhos de Venus? Não me digão os testarudos Idolatras das Lusíadas, que o Poeta falla da Venus Celeste, isto he hum recurso da mentira, porque o Poeta bem claro falla, e bem perspicuamente explica, e dá a entender quem seja esta Venus que foi em demanda do filho, que achou occupado na expedição da reforma do Mundo, pois nos diz na Oitava 23.^a,

„Tal manha buscou já para que aquelle
„Que de Anchises pario. . . ,”

Quem pario de Anchises foi a Venus impudica, e quem d'elle pario foi Eneas, e esta Venus, que pario de Anchises, he a que busca Cupido, para inflamar as Nereidas no amor dos marinheiros de Vasco da Gama. He peor querer dar interpretações favoraveis aos textos manifestos do Principe dos Poetas; porque muito mais se descobrem pela analyse suas incoherencias, e puerilidades. E para mais conhecermos a proporção que havia entre o Mundo reformando e os Reformadores, nos descobre o Poeta na Oitava 30.^a os ensaios

em que se occupavão estes Missionarios para a grande obra de desterrar o furor da caça d'entre os filhos dos homens, e de fazer que os validos, e Ministros dos Reis se conduzissem pelos principios de justiça, e desinteresse, e obrigar os Frades a depôr a máscara da hypocrisia:

- „ Muitos destes meninos voadores
- „ Estão em varias obras trabalhando,
- „ Huns amolando ferros passadores,
- „ Outros hasteas de settas delgaçando:
- „ Trabalhando cantando estão de amores
- „ Varios casos em verso modulando.”

Não seria mais accertado, que se deixassem disso, e que se reformassem a si antes que viessem reformar o Mundo?

Singula quæque locum teneant sortita decenter,

diz Horacio, e ainda melhor que Horacio o diz a boa razão. A escolha dos meios não podia ser mais extravagante, e mais fóra de proposito. Isto não he pôr, isto he tirar as coizas de seu lugar. Admiramos em Camões os agigan-

tados passos que fez dar á lingua Portugueza para o seu estado de perfeição, pois sem controversia se avantajá a todos os escritores do seu seculo, mas demos-lhe sem prevenção, sem amor, e sem odio o seu valor como Poeta Epico, e reconhecamo-lo desprovido daquelle espirito filosofico, que'anima tudo, dirige tudo, e não conhece outra regra, que não seja a da razão, e da Natureza. Como póde aspirar ao bello ideal quem não conhece as proporções entre os meios, e os fins, entre os instrumentos, e as obras? Deixemos a imitação do *Cote cruenta* de Horacio, e outras, da Oitava 31.^a, contemplemos a idéa indecente que nos despertão os dois ultimos versos da Oitava 32.^a:

„ Não sómente dá vida aos mal feridos,
„ *Mas põe em vida os inda não nascidos.*”

Esta obra das *formosas Ninfas*, feridas pelos Cupidinhos, poupa por si mesmo o amplo commentario. De todo me enfureço quando contemplo a Oitava 34.^a Estes amores, que Cupido prepara para a reforma do Mundo, são os mesmos

que no Mundo causão maiores escândalos, ou desaforos. Não sou eu o que lhos attribue, he o Principe dos Poetas que lhos conta, lhos aponta, e lhos declara.

„ Destes tiros assim desordenados,
 „ Que estes moços *mal destros* vão tirando,
 „ Nascem amores mil desconcertados
 „ Entre o povo ferido, miserando ;
 „ E tambem nos Heroes d'altos estados
 „ Exemplos mil se vem *de amor nefando*,
 „ Qual o das moças Bibli, e Cyneréa,
 „ Hum mancebo d'Assyria, hum de Judéa.”

Os authores destas desordens monstruosas são os commissionados para a grande reforma do Mundo moral! Não pôde ser assaz ponderado este desconcerto da razão. Segue-se na Oitava 35.^a huma apostrofe, que interrompe o fio da acção, e a grande obra da reformação; não sabemos quem seja o apostrofador, se he o Poeta, he a coiza mais ridicula que tem apparecido! He indispensavel trasladar a Oitava por inteiro:

„ E vós, ó poderosos, por pastoras
 „ Muitas vezes ferido o peito vedes :
 „ E por baixos, e rudos, vós senhoras,

„ Tambem vos tornão nas Vulcaneas redes,
 „ Huns esperando andais nocturnas horas,
 „ *Outros súbis telhados, e paredes:*
 „ Mas eu creio que deste amor indino
 „ He mais culpa a da mãe, que a do menino.

Telhados, e paredes escalados por amantes nocturnos he coiza bem indigna da Poesia Epica. A apóstrofe he a mais deslocada, e a sem razão de culpar mais a mãe, que o menino, como hum epifonema sentencioso, he huma completa puerilidade, e quem della seja o culpado não sabemos nós. Apparece a viagem de Venus aos montes Idalios, e na Oitava 37.^a huma servil imitação, ou copia de Virgilio:

Nate meæ vires, et mea potentia solus.

„ Filho em quem minhas forças sempre estão.”

A supplica que lhe faz, he mais chora-deira de pedinte, e usado aranzel de mendigo, que dignidade de tal mãe, que se annuncia:

„ A socorrer-me á tua potestade,
 „ Me traz especial necessidade.”

A baixeza prosaica do segundo verso, fique para os ouvidos dos que lerem. Depois de expor a sua *especial* necessidade, diz ao filho o que quer, que he favorecer com manifestas torpezas os Lusitanos. Oitava 38.^a:

„ E porque tanto imitação as antigas
„ Obras dos meus Romanos. . . .”

Vamos a ver hum premio proporcionado ás grandes acções, e obras dos Romanos imitadas pelos Portuguezes na viagem que hia fazendo Vasco da Gama, na sua hida á India, e volta a Portugal; o premio digno dos feitos Romanos, he este, Oitava 40.^a:

„ E para isso queria que feridas
„ As filhas de Nereo no *Ponto fundo*,
„ De amor dos Lusitanos *incendidas*.”

Ponto fundo, parece mais questão difficil de resolver, que Oceano. Será em Latim *Ponto* o mar, em Portuguez o mar não he *Ponto*. Neste ponto diz Venus, Oitava 42.^a,

„ Quero, que haja no Reino Neptunino,
„ Onde eu nasci, porgenie forte, e bella,

„E tome exemplo o Mundo vil, malino,
„Que contra tua potencia se rebella.”

O premio he o ajuntamento das filhas de Nereo com os marinheiros, — (como o Poeta diz na Oitava precedente) *formosos leitos, e ellas mais formosas.* — Até aqui, ainda que nós não vamos bem com estas indecentissimas imagens, tão improprias de boa moral, como da boa Poesia, não irião os marinheiros mal, e he neste *Ponto* onde diz *Voltaire* que lhe parece este passo das *Lusiadas* mais proprio de hum Alcoice de Amsterdão, que de huma Epopéa. Isto pertence á Censura dos costumes, eu limito-me á censura da Poesia. Tinha annunciado o Poeta que o Mundo hia a ser reformado pelos Cupidinhos, companheiros, e Ministros do Cupido Principal, e como as reformas em tudo mais se conseguem pelos exemplos que pelas exhortações, ou pela violencia, o exemplo de reforma de costumes que se deve dar ao Mundo, são as torpezas da Ilha de Venus. Assim o faz, e assim o diz o Poeta :

„E tome exemplo o Mundo vil, malino,
„Que contra a tua potencia se rebella.”

O Mundo reformado he aquelle que obedece a Cupido; o Mundo relaxado he aquelle que resiste a seus prazeres, e se rebella contra seu poder. Ora olhe o Mundo para a Ilha de Venus, e ponha os olhos naquelle exemplo!

Temos na Oitava 44.^a huma seria reflexão que fazer sobre as continuadas incoherencias de tão grande Poeta. A' proposta de Venus, faz Cupido huma advertencia digna delle, e tambem da mãe:

„ Mas diz Cupido que era necessaria
„ Huma famosa, e celebre *terceira*.”

Nós bem sabemos o que isto quer dizer, e Diogo de Paiva d'Andrade, querendo em hum Sermão cohonestar este termo, lhe chamou — *intervenideira*; — porém como a Ordenação do Reino falla Portuguez mais claro, chama a estas Senhoras — *Alcoviteiras* —; e aqui nas Lusíadas ficará assentada com mais justiça a commum Sentença do vulgo, que se não houvesse alcoviteiras, não haveria más mulheres; do officio não duvido eu, porque até o vejo em homens;

da necessidade delle he que eu não convenho neste lanço da Epopéa Nacional, obra do Grande Camões. Que necessidade havia deste passo de alcovitice, quando as filhas de Nereo tambem chamadas a conselho no grande Palacio de vidro de Neptuno, sabião muito bem quem erão os Portuguezes, o que hião fazer, e como havião de tornar? Interessárão-se por Baccho, e decretárão a ruina dos Portuguezes, temendo o que Baccho lhes disse na Oitava 29.^a do Canto 6.^o:

„Que do mar, e da terra em poucos annos
„Venhão Deoses a ser e nós humanos.”

Este medo já lhes passou, e não era preciso que a Fama (alcoviteira) lhes dissesse quem erão aquelles que ellas conhecião tão bem. Mas em fim seria precisa a relação, e necessario o conhecimento de algumas particularidades a respeito dos Portuguezes, que as Nereidas ignorassem, e de que previamente devião ser instruidas. Oitava 45.^a:

„Vão-na buscar, e mandão-na diante.”

Bom seria que o Poeta nos apontasse o lugar em que a Fama mora, ou se aposenta; porque sendo preciso *mandarem-na* buscar, se soubesse aonde. Isto he ridiculo, porém muito peor he o verso errado da Oitava seguinte 45.^a:

„O louvor grande, o rumor excellente.”

Se nestas regras se não infringem as regras do metro endecasyllabo, então não tenho eu idéa de versos. A grande operação he feita na Oitava 47.^a:

„ Cahem as Nynfas, lanção das secretas
 „ Entrauhas ardentissimos suspiros;
 „ Cahe qualquer sem ver o vulto que ama:”

He preciso estirar muito as duas syllabas do quasi monosyllabo — *Cahe* — para darmos algum tom de harmonia métrica a esta regra onde se nos apresenta amor digno dos Latinistas, e Platonistas da Escola de Marcilio Ficino no Seculo de Leão 10.^o — Amar sem ver o vulto que se ama! Estas questões fazem rir, e muito mais quando se nos diz, que este fogo gregoriano de amor

péga debaixo da agua, e que as Nereidas começam a dar com a cabeça pelas paredes das suas competentes lapas, sem saberem porque, nem por quem, sendo para sentir que a reforma do Mundo, que se estava a fazer por momentos, se interrompesse por amor da *refocilação da lassa humanidade* dos marinheiros de Vasco da Gama.

A Oitava 48.^a nos apresenta huma bella imagem, e verdadeiramente Poetica no tiro disparado contra Thetis:

„Os cornos ajuntou da eburnea Lũa
 „ Com força o moço indomito excessiva;
 „ Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
 „ Porque mais que nenhuma lhe era esquiua.”

Esta Thetis, tão bem, ou tão mal ferida, não conserva a igualdade de character proprio de huma Divindade, porque devia estar lembrada da resolução que tomou contra Vasco da Gama no conselho marítimo naquelle seu enfadado verso:

„Neptuno sabe bem o que mandou.”

Não tem desculpa senão na inconstancia de mulher; porque vem a ser a mais apaixonada de Vasco da Gama. Luiz de Camões faz o que quer, e não lhe importão as regras da boa razão apontadas por Horacio:

Servetur ad imum.

Seja o Poeta igual até ao fim, e pronunciado que seja hum character, conserve-o com uniformidade. Com tanta força foi esta descarga de Cupido, que morreo tudo:

„Já não fica na aljava setta alguma,
„Nem nos equoreos campos Ninfa viva.”

Não nos diz porque artes Venus as resuscita; tornão a apparecer vivas na Oitava 50.^a Vivas, sãs, e escorreitas caminhão

„Para a Ilha a que Venus as guiava;
„Alli a formosa Deosa lhe aconselha
„O que ella fez mil vezes quando amava.”

Assim he que o Mundo se reforma, e edifica com a moral das Lusiadas, e com

a famosa expedição dos Cupidinhos. Com effeito, o Canto 9.º he o apuro da indecencia. Não fórma huma parte integrante da acção, porque esta já acabou, he hum additamento sem o qual podia passar o Poema. Seguem-se ás indecencias as incoherencias; na Oitava 52.ª vemos hum pensamento verdadeiramente romanesco: Venus empurrando pelo Oceano a Ilha das torpezas na alheta das Náos de Vasco da Gama, pois para onde quer que se approvão, para qualquer rumo que seguião hia Venus acarretando a Ilha, sem se saber aonde a foi buscar, nem porque razão senão servia de huma das muitas de que o mar Oceano está laggado na carreira da India: parece que era menos incómodo para Venus dirigir a Armada para huma das Maldivas, para a Anchediva, ou dobrado o Cabo da Boa Esperança, para a de Santa Helena, (tão célebre depois pela sua agua, pelos seus agriões, e pelo seu hospede), que andar atrás das Náos com huma Ilha a reboque, e as Nereidas tambem a nado esperando que

a Ilha parasse para lhe saltarem em cima.

„ Para onde as Náos navegão a movia
 „ Acidalia, que tudo em fim podia. ”

Finalmente na Oitava 53.^a parou a Ilha, porque Venus vio, que os navegantes a tinham descoberto, que muito havia de correr se as Náos se levassem com vento fresco:

„ Mas firme a fez, e immóbil, como vio
 „ Que era dos Nautas vista, e demandada. ”

Estas Oitavas até a 60 inclusivè são muito bellas, e he hum tracto formosissimo de Poesia descriptiva; esta pintura da Ilha movediça dá bem a conhecer que se o Poeta se deixasse de serviz imitações, e se entregasse á força da sua fantasia, emprehendêra, e acabára hum Poema muito mais perfeito. Aqui tambem imitou, mas vencendo com a copia o original, que he Ariosto na pintura da Ilha de Alcina, tão victoriosamente excedida pelo Tasso na magestosa descripção da Ilha de Armida. Na Oitava 61.^a apparece hum

daquelles contrapostos como lhe chama Ignacio Garcez Ferreira, ou trocadihos, como nós lhe devemos chamar, que tão frequentemente deslustrão o Poema:

- „ Para julgar difficil couza fóra ,
- „ No Ceo vendo , e na terra as inesmas côres ,
- „ Se dava ás flores côr a bella Aurora ,
- „ Ou se lha dão a ella as bellas flores. ”

Isto aproxima-se ao seiscentismo, e tem hum ressaibo ou de Romance do Chagas, ou de hum Auto Sacramental de Violante do Ceo. A Oitava 65.^a deita tudo a perder, quando o Poeta nos declara, qual era o digno premio que Venus preparava aos trabalhos, e fadigas dos Portuguezes no descobrimento da India.

- „ Assim lho aconselhára a mestra experta ,
- „ Que andassem pelos campos espalhadas ,
- „ Que vista dos Barões a preza incerta
- „ Se fizessem primeiro desejadas :
- „ Algumas que na fórmula descoberta
- „ Do bello corpo estavam confiadas ,
- „ Deposta a artificiosa formosura ,
- „ Nuas lavar se deixão na agua pura. ”

Temos o passo aberto ás torpezas que devem servir de premio ás virtudes; este absurdo he tão palpavel, que o mesmo Poeta o conhece muitas vezes, e por isso forceja muitas vezes por lhe dar hum sentido allegorico; mas como as primeiras impressões vem do sentido litteral que he o mais obvio, e o mais proximo, tarde vem o remedio, quando o mal vai tanto em progresso. Que sentido se póde dar a estes versos da Oitava 66.^a, e se irá dando a muitos das seguintes?

„ Não cuidão, que sem laço, ou rede, caia
 „ Caça naquelles montes deleitosos,
 „ Tão suave, domestica, e benina,
 „ Qual ferida lha tinha já Erecina.”

Não erão lebres, ou galinholas, erão mulheres, e mulheres dispostas, e ensinadas por *mestra esperta*, como diz o Poeta, e tanto que na Oitava 69.^a

„ Dá Velloso espantado hum grande grito,
 „ Senhores, caça estranha (disse) he esta!”

Os Caçadores não se descuidão, nem isso era de presumir, ou esperar de Ma-

rujos Portuguezes. A Censura deste Canto do Poema he facil , porque basta transcrever as Oitavas , e offerecellas ás reflexões da boa razão. Pouco melindre havia nos Qualificadores daquelle tempo , e o lapso dos seculos , aturdidos com os maquinaes applausos , e a que ainda fazem écco os actuaes admiradores , deixa passar o que em todos os tempos , e em todas as idades devia ser o escandalo da modestia , e da decencia pública. A caça vista , e a caça seguida , foi huma mesma coiza. Oitava 70.^a :

„ Isto dito ; velozes mais *que Gamos*

„ Se lanção a correr pelas ribeiras.

.....

„ Pouco a pouco surrindo , e gritos dando ,

„ Se deixão ir dos Galgos apanhando. ”

Isto são mais pinturas do Aretino , que imagens de huma Epopéa. Toda a lubricidade que se nota em o Canto 16.^o da Jerusalem , não offerece similhantès quadros : apenas nos representa Rainal-do recostado no collo de Armida á sombra de huns myrtos , e nesta acção se lhe apresenta Ubaldo , e seu companheiro que offerecem ao novo Hercules em

o regaço de Onfale hum espelho em que elle mesmo descubra o aviltamento a que o reduzíra o Amor: e parece-se isto com o que se diz na Oitava 71.^a ?

„ Accende-se o desejo , que se ceva
 „ Nas alvas carnes subito mostradas. ”

Parece que o Principe dos Poetas está no seu elemento. O mais pio Leitor fórma com o que até aqui se lhe disse hum cabal idéa do que se lhe quer dizer; mas o Poeta não se farta de amplificações; e devo-me eu cançar da Censura, quando os versos do Poeta são por si mesmos o mais amplo commentario, como estes quatro ultimos da Oitava 72.^a ?

„ Humas fingindo menos estimar
 „ A vergonha que a força , se lançavão
 „ Nuas por entre o mato , aos olhos dando
 „ O que ás mãos cubiçosas vão negando. ”

Não está ainda farto Luiz de Camões, e sendo estas as primeiras razões, parecem as ultimas; pois ainda vem mais na Oitava 73.^a:

„ Tal dos mancebos ha , que se arremessa
 „ Vestido assim , e calçado que co' a móra

„ De se despir , ha medo que inda tarde
 „ A matar n'agua ò fogo que nelle arde. ”

Segundo o piedoso , e contemplativo Manoel de Faria e Sousa , estas Senhoras erão puramente allegorias , e produzindo hum grande rol de nomes de virtudes , diz , que erão as Virtudes Theologaes , Cardeaes , e Moraes , que estavão tomando banhos de agua doce com molestia de pelle. — A imagem do mancebo que atira comsigo á agua *vestido e calçado* he muito hycastica , está a gente vendo a filantropia do marujo que não soffre , por humanidade , que se afogue alguma daquellas senhoras : o *Procubuit humi Bos* de Virgilio , não he mais expressivo. A comparação que vem na Oitava 74.^a já se disse que era emprestada , em outro lugar , porém como quem empresta não melhora , o quarto verso he infeliz

„ Para a garcena , ou *pata conhecida*. ”

Como tambem na Oitava 75.^a o

„ Leonardo soldado bem *disposto*. ”

Talvez que o Poeta nos queira dizer

que gozava de muito boa , e vigorosa saude. Estimo vello tão bem disposto, com tão boa disposição, está muito bem conservado! Nesta mesma Oitava ha huma expressão tão ambigua a respeito deste tão bem disposto Leonardo, que se não póde taxar de maliciosa a censura se a toma no seu mais obvio sentido: — era pois o Leonardo,

„ *Manhoso*, Cavalleiro, e namorado
 „ *A quem Amor não dá hum só desgosto*,
 „ *Mas sempre fora delle maltratado.* ”

Pois se nem hum só desgosto lhe deo Amor como se diz que fora mal tratado de amor? Isto he huma manifesta contradicção com que a primeira vista se não engana, e he preciso converter muito o sentido grammatical para chegar á verdadeira intelligencia, e salvar a contradicção. Na Oitava seguinte 76.^a he indesculpavel o erro de Syntaxe, alterando os tempos dos verbos: — o verbo ” correr ” não devia aqui estar no indicativo, mas sim no conjunctivo, porque o verbo — querer — no indicativo, designava, e determinava o verbo

correr no conjunctivo , devendo dizer :

„ *Quiz aqui sua ventura , que corresse*

E não — corria. — E os seguintes ?

„ *Que mais caro que as outras dar queria*

„ *O que deo para dar-se a Natureza. ”*

Isto he torpe , e he irrisorio. E que custava ao senhor Leonardo , sendo tão *manhoso* , e bem *disposto* , dar mais quatro passos atrás de huma mulher sem gastar nem cinco réis !

Temos a Leonardo correndo a perder o folgo atrás de Efire na Oitava 77.^a ; e como he possivel que hum homem a correr , e a deitar os bofes pela boca fóra , e quando apenas ha tempo para gritar v. g. — pega nesse ladrão , — possa ir derramando finezas , e semeando conceitos dignos de grades de Freiras velhas ?

„ *Tu só de mim só foges na espessura ;*

„ *Quem te disse que eu era o que te sigo ? ”*

Isto não o diz hum homem a correr , e isto excede os terminos da verosimilhança , e ainda mais o trocadilho que

no commento a esta Oitava tanto nota Ignacio Garcez Ferreira:

- „ Não cances , que me canças , e se queres
- „ Fugir-me porque não possa tocar-te ,
- „ Minha ventura he tal que inda que esperes ,
- „ Ella fará que não possa alcançar-te. ”

Então esperava morrer de repente , apenas a Nynfa parasse? Em fim Leonardo estava tão estafado , que esquecendo-lhe o que devia dizer á Nynfa , ou persuadido que ella não entendia Portuguez , e que por isso não parava , atira-lhe aos calcanhares com hum verso Italiano , creio que de Petrarca , hum dos amantes mais chorões de que fazem gloriosa , e edificante memoria os Annaes de Gnido :

„ *Tra la spica e la man qual muro é messo.* ”

Vejo que nem assim a mulher deixa de correr , e talvez que com mais pressa , porque ouvindo fallar Italiano lhe cheiraria a pobreza ; porque ainda na Oitava 79.^a nem acaba a carreira , nem se acabão os conceitos :

„ Oh não me fujas ; assim nunca o breve
„ Tempo fuja da tua formosura. ”

Ou o Leonardo não sabia com quem fallava , ou o Principe dos Poetas se esqueceo do que mettia em scena. As Nereidas filhas de Doris , e Nerêo , são Divindades , segundo os principios da Mythologia , estas não se fazião velhas ; se Baccho como filho de Semelle , e de mais outra mãe , pois teve duas , tinha na frente perpetua mocidade , como diz o mesmo Poeta , não devia suggerir os outros Numes ás vicissitudes do tempo. Isto he hum erro , agora temos nos quatro ultimos versos da Oitava huma impenetravel obscuridade :

„ Que Imperador , que exercito se atreve
„ A quebrantar a furia da ventura ,
„ Que em quanto desejei me vai seguindo ,
„ O que tu só farás não me fugindo. ”

Se a ventura (a não se tomar aqui pela desgraça) o vai seguindo , parando a mulher , deixava a ventura de o seguir ! A ventura quando se apresenta núa , e crúa , toma-se pela ventura ,

e quando com esta palavra se quer dar a conhecer a desgraça, ajunta-se-lhe o adjectivo — má. — Se não cabe no verso tanta coiza, menos cabem nos limites da boa razão tantas incoherencias. Temos ainda mais conceitos, e mais fins na Oitava 80; isto he tanto correr, que he preciso que já andem á roda, porque parece que não tinha a Ilha espaço para tão grande carreira. Leonardo estafadissimo parece que já não sabe o que diz:

„ Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 „ Que nesses fios de ouro reluzente
 „ Atada levas? ”

Nunca o seiscentismo alambicou tanto! Fugir huma mulher de hum homem, e levar a alma deste homem atada, e pendurada dos cabellos! Suppôr na alma hum pezo fysico que embarça a carreira como se levasse hum costal ás costas! E queixão-se do Gongora Hespanhol! Ainda na Oitava 81.^a o ponto deste assucarado queixume deste Hippómanes, que corre apoz desta corrida, ou corredeira Atalanta, sóbe mais

alto. Todos os Dialogos, Tratados, e Livros inteiros *De amore*, que sahirão da Escola Platonica de Florença em que ensinava Marcilio Ficino no tempo dos Medicis, e dos Latinistas, não produzirão mais alambicada Metaphisica, que a desta Oitava 81.^a digna do lugar, das Personagens, e da acção de hum homem a correr, que dá bem pouco folgo, e menos tempo ainda para tão abstractas subtilizas:

„ Nesta esperança só te vou seguindo,
 „ Que, ou tu não sofrerás o pezo della,
 „ Ou na virtude de teu gesto lindo,
 „ Se lhe mudará a triste, e dura estrellá:
 „ E se se lhe mudar, não vás fugindo,
 „ Que amor te ferirá, gentil donzella;
 „ E tu me esperarás, se amor te fere;
 „ E se me esperas, não ha mais que espere. ”

Se para dizer isto he preciso hum grande engenho, muito maior he necessario á primeira intuição para o entender. Esta fineza — *se me esperas, não ha mais que espere* — he o ultimo apuro do seiscentismo Gongoriano. E se em o dizer, e em o perceber ha difficuldade, qual será o idolatra Camoniano

que não julgue impossivel poder-se isto dizer em galope aberto? Isto já me parecia muito extravagante, mas ainda me parece mais o que se diz na Oitava 82.^a:

„ Já não fugia a bella Ninfa tanto
 „ Por se dar *cara* ao triste que a seguia,
 „ Como por ir ouvindo o doce canto. ”

De mais a mais hia *cantando* o bom do Leonardo! Se a acção de correr se oppõe ao discurso, e á palavra, como he possível que dê lugar ao canto? Ainda quando os Musicos cantão em fuga, ás vezes, para mal de muitos, estão parados, porque correr, e cantar, nem os Musicos fizeram ainda.

A severa Lei da decencia me dispensa da censura da Oitava 83.^a Em letra redonda, e em Portuguez ainda se não vio, nem leo torpeza semelhante, salvo algumas infamias que neste Reino, e em nossos dias tem apparecido impressas em paizes estrangeiros. Hum Revisor de bom estomago deixou passar isto em 1572, e até agora vejo, que tambem ha cegueiras succes-

sivas, e hereditarias, basta o primeiro verso:

„ Oh! que famintos beijos na floresta! ”

Correspondem-lhe bem os dois ultimos cheios de tallos, e de estallos:

„ Melhor he experimentallo, que julgallo

„ Mas julgue-o quem não pôde experimentallo. ”

Se nesta grande sentença não se encerrão as idéas mais lúbricas, e indecentes, julguem-no, e experimentem-no os idolatras Camonianos. Depois deste honesto matrimonio consummado, segue-se a sua ridicula ratificação na Oitava 84.^a, a mais irrisoria de todo o Poema. Sempre foi o desterro da minha habitual melancolia, e creio que não haverá Timão Atheniense tão hypocondriaco, que se não ria com os quatro ultimos versos:

„ As mãos alvas lhes davão como esposas,

„ *Com palavras formaes, e estipulantes*

„ Se promettem eterna companhia,

„ Em vida, e morte, de honra, e de alegria. ”

Podemos dizer que erão promessas de

mulheres que não durão senão em quanto se fazem , porque nos não consta que nenhuma dellas acompanhasse o Marido para Portugal ; e he de presumir que nenhum casasse depois de voltar a este Reino sendo de boa consciencia. Não sei se o Poeta mente aqui , se mente na Oitava 143 do Canto 10.º , porque afirma que os marinheiros trouxerão na sua companhia as taes Nynfas , pois não ha memoria daquelles tempos que nos diga se víra neste Reino aquella droga , ou especiaria oriental.

A pessoa , e a genealogia de Thetis , e a sua soberania se nos descrevem , e muito bem , na Oitava 85.^a , que podemos classificar entre algumas bem torneadas do Poema , mas esta mesma ,

„ Que dizem ser de Célo , e Vesta filha , ”

apezar de sua alta prosapia , se descobre huma mentirosa na Oitava 86 , e quem mente não vem de boa gente. Oijamo-la mentir a ella para não dizerem que lhe levanto falsos testemunhos :

„ Que depois de lhe ter dito quem era ,
„ C'hum alto exordio , de alta graça ornado ,
„ Dando-lhe a entender , que alli viera
„ Por alta *influxão* de imobil Fado. ”

Toda esta manobra da Ilha foi obra do Venus — *mestra experta* — , foi desforra que a Deosa dos amores quiz tirar de algumas pequenas pirraças que Baccho tinha feito aos Portuguezes , naquellas foscas que vimos , e admirámos em Moçambique , em Mombaça , e no sonho do Sacerdote Mouro em Calcut. O filho , a rogos da mãe , ferio as Nereidas para a tripulação , e ferio *Thetis* para o Commandante *em Chefe*. Foi Venus , foi Cupido , foi a desordenada imaginação do Poeta quem forjou esta quimera da Ilha dos prazeres , não houve intervenção alguma do Fado , nem o Poeta o deo a entender , nem Venus o declarou quando se resolveo a dar aos Portuguezes enjoados , e enfastiados da longa navegação hum premio digno della , sem izentar do mais importante quinhão a Vasco da Gama , e não era justo que elle tivesse menos que os outros , e Venus lhe sou-

be proporcionar o soldo á Patente. O Poeta assim o diz, porque em quanto os outros ficárão ao *bivac* pelos campos; Oitava 87.^a:

„ Ella nos Paços logra seus amores,
„ As outras pelas sombras entre as flores. ”

Se as palavras se dizem para se entenderem, e querem dizer o que sòão, não se declarára em termos menos ambíguos o exercicio de hum alcoice; que isto quer dizer a frase com que Voltaire qualifica as funcções desta Ilha, como já advertimos; ” Hum *Musico* (i. e. Alcoice) de Amsterdam. ” Este resfolgado com as Nereidas he, diz o Poeta, o preludio da fama, e immortalidade que os taes navegantes devem conseguir no fim da vida, na Oitava 88:

„ O premio *lá* no fim bem merecido,
„ Com fama grande, e nome alto, e subido. ”

Só a extravagancia da fantasia de Luiz de Camões podia encontrar alliança entre as infamias, e obscenidades da Ilha deliciosa, e a perpetuidade daquella Fama, que só tem, e póde ter por funda-

mento a virtude. O objecto principal desta ficção da Ilha fóra do quadro da accção, pois se havia ultimado, era dar a Vasco da Gama huma lição de Astronomia segundo os principios do systema de Ptolomeo, que era a que então se sabia, e algumas noções de Geografia segundo os conhecimentos até áquelle tempo adquiridos; para isto não era preciso que Thetis dormisse a sés-ta com Vasco da Gama, nem os preliminares da lição devião ser tão manifestas turpitudes.

Quando o Poeta offereceo á censura o seu m. s., o Censor deputado foi o Doutor Fr. Bartholomeu Ferreira, Frade de S. Domingos, o qual para lhe dar a licença lhe mandou, diz Manoel de Faria, riscar no segundo Canto a Oitava em que o Poeta introduzia Baccho dizendo Missa na Capella de Moçambique para enganar os dois degradados exploradores, contentando-se de o representar de Thuribulo, e tambem fazer no Canto nono a declaração que vai nesta Oitava 89, que destróe de cabo a rabo todo o effeito da illusão,

que podia fazer o maravilhoso destas ficções.

„ Que as Ninfas do Oceano tão formosas ,
 „ Thetis, e a Ilha Angelica pintada ,
 „ Outra coiza não he , que as deleitosas ,
 „ Honras que a vida fazem sublimada. ”

Bem se vê que a desculpa vem fóra de tempo, e eu fico, que o seguinte Dilemma nunca tenha resposta. Ou Camões entendia que estas Divindades existião, ou entendia que não existião. Se entendia que não existião, não se devia servir dellas, porque o que não existe, não póde obrar: se entendia que existião, então não se devia contradizer, e devia sustentar até ao fim o character, e a realidade de taes Personagens, sem declarar que erão suppostas, e puramente allegoricas. Declara que os Deoses do Paganismo, de que se tem servido como Agentes no Poema, não existem, porque esses a quem a Gentilidade reconhecia Deoses immortaes, não erão mais, ou não forão mais que homens; não fiquemos em dúvida porque Camões bem claro falla; Oitava 91.^a:

„ Ceres , Pallas , e Juno , com Diana
„ Todos forão da *fraca carne humana.* ”

As quatro Oitavas que rematão este nono Canto são humas daquellas apóstrofes com que terminão os outros , isto he , aquellas amargas invectivas aos Grandes , Poderosos , e Ministros , de que está pespontado todo o Poema , que não são mais que o effeito daquelle justo ressentimento , que o Poeta conservava contra os descendentes , e successores da grande Casa de Vasco da Gama , depois entroncada com muitas que hoje se reúnem na de Niza , que nenhum caso fizerão do Poeta , pois havendo-lhe immortalisado seu glorioso Avoengo , deixavão que á sua vista morresse de fome , de miseria , e em absoluto desamparo hum homem tão benemérito da Patria , tão zeloso da sua gloria , e de tantos talentos como Luiz de Camões , cuja erudição era pasmosa , pois sabia o que se sabia no seu tempo , sendo isto muito mais para admirar em hum soldado que se póde chamar de leva , pois se alistára na Casa da India por dois mil réis para ir ser-

vir em paizes tão remotos. Boa lição para todos os seculos, e para todos os homens dados ao estudo, e á cultura das boas artes; por mais que se vantagemem em conhecimentos, se não misturarem ao que compõem o profano incenso da vilissima lisonja, nada esperem. Os que são allumiados ao clarão da Filosofia, não necessitam deste exemplo, basta-lhes a razão, e a experiencia, para castigarem a soberba, ou a indolencia destes insensatos com hum desprezo ainda maior. Nada esperem delles, busquem antes com o trabalho de suas mãos ainda nas obras mais serviz, hum bocado de pão negro, seco, e duro, e com a água que publicamente corre, disputem a felicidade a Jove. Tenha eu o testemunho da propria consciencia, escute-me, e aprove-me hum, ou outro Platão, terei a ventura, porque terei a satisfação. Quem se occupa do termo da vida, ou do lugar da sepultura, nem conhece a vida, nem sabé desprezar a morte. Se isto não tem lugar com a censura do Poema, tem muito lugar com a condi-

ção do Poeta. Eu não sei agoirar, sei discorrer; o fogo do genio está abafado, e o gosto das Letras perdido, a ignorancia estende-se, a barbaridade aproxima-se, a boa moral desconhece-se; cedo, ou tarde, a surda fermentação de principios anti-sociaes, anti-politicos, anti-religiosos, exporá o Mundo a huma explosão irremediavel; e saibão os mais profundos pensadores, que se as oscilações da montanha volcanica se não fazem visiveis, não he menos activo, e menos violento o incendio, que lhe despedaça, e devóra as entranhas. O amor das sciencias; e o apreço de quem as cultiva, foi substituido pelo furor das innovações, e são tão cégos os homens que exultão nos males proprios com a quimerica esperanza de melhoramentos futuros. Chamem-me embora hum Jeremias, que de antemão derramo lagrimas sobre as ruinas da humana sociedade.

CENSURA
DAS
LUSIADAS.

DECIMO CANTO.

COMEÇA este decimo canto com hum quadro que parece ter sido traçado pelo Poeta para tormento de seus Leitores, propondo-lhes mais hum enigma do que huma imagem, e em tão escuros versos que não são menos inintelligiveis os do antigo Lycofronte. Quer o Poeta com affectadissima erudição recondita dizer-nos, que quando os navegantes acabárão de dormir a sésta era quasi Sol posto, e ainda até agora nenhum Poeta usou de similhante perifrased. Oiçamo-lo a elle para vêr se

entendemos o que nos quer dizer. Oitava 1.^a

- „ Mas já o claro amador de Larissêa
- „ Adultera inclinava os animaes,
- „ Lá para o grande lago que rodêa
- „ Themistião nos fins occidentaes. ”

Se os trabalhos de vinte cinco annos nos não dessem o Commentario em que Manoel de Faria e Souza affogou o Principe dos Poetas, não se poderia entender este óraculo Dodônêo, e por elle sabemos, que o claro amador he o Sol, que Larissêa he a Nynfa Corónis, que se lhe chama adultera, porque deixou o Sol, e se voltou para outro de quem mais gostou, e que o Sol enfadado com esta preferencia matou a pobre mulher. Ora, que precisão havia disto para se nos dar a entender, ou para se nomear e proferir a palavra Sol? O Poeta seguindo aqui a opinião de alguns Mythologistas confunde o Sol com Apollo que he o filho de Latona; seria mais bem conhecido pelo amador de Dafne, ou de outra mais nomeada. Quem o podia conhecer pelo aman-

te de Corónis, fallando o Poeta da Cidade em que Corónis nasceo, que foi a de Larissa? Larisséa? He improprio o nome de adultera, porque não consta que o claro amador tivesse casado com ella. Tanta allusão, tantas idéas remotas, e tão difficeis de se aproximarem, e de se corresponderem entre si, são precisas para se dizer — Sol. — Tomem-se em mão as innumeraveis Polyanthéas Poeticas, veja-se o grosso volume de Ganducci, Jesuita, que se intitula — *Descripções Poeticas*, veja-se no fim do Poema de Graciani — A Conquista de Granada — hum catálogo das descripções que este facundo Poeta fez de todas as horas do dia, e da noite, ninguem encontrará coiza semelhante, e isto para exprimir a mais simples de todas as idéas — Sol. — Mas vejamos o que faz o claro amador —

- „ Inclinava os animaes
 „ Lá para o grande lago que rodêa
 „ Themistião nos fins occidentaes.”

Inclinar os animaes he tão generico,

que eu digo, que he impossivel conhecer por esta frase que se trata dos cavallos do Sol, e que *inclinat os animaes* significa, que o Sol *declinava*, ou que estava proximo a esconder-se debaixo do horisonte. Em quatro versos só não se podem dizer coizas mais obscuras, nem mais extravagantes. Tudo he singular! O sugeito, a acção, os instrumentos, e depois o lugar. O sugeito he o Sol; pois chame-se — *O claro amador de Larisséa adultera*: a acção he o occaso; pois chame-se — *inclinat*: os instrumentos desta acção, em fraze poetica, são os cavallos do seu coche; pois chamem-se genericamente — os *animaes*: o lugar he o ponto do horisonte, em que a nossos olhos apparentemente se esconde o Sol; pois chame-se — o grande *lago que rodea Themistião, nos fins occidentaes*: palavra que bastava só para designar o Occidente. Como se poderá saber que o grande *Lago* he o Mar do Sul, ou o Oceano Pacifico, e que Themistião que parece hum nome Grego, he o nome da Cidade do Mexico nas Indias

de Castella, e que esta Cidade he rodeada pelo mar do Sul, a que o Poeta chama — grande Lago? Esta inintelligivel arenga se torna absolutamente escuzada, quando vemos que nos quatro ultimos versos da oitava se descreve maravilhosamente, e se dá a entender o ultimo periodo da tarde:

- „ O grande ardor do Sol Favonio enfréa
 „ Co' o sopro que nos *tanques naturaes*
 „ Encrespa a agua serena, e despertava
 „ Os Lyrios, e Jasmins que a calma agrava. ”

A frescura do ar, a reanimação das flores, cujas folhas se dobrarão, e decórarão com a vehemencia do calor solar, a superficie da agua dos lagos, e dos tanques até alli espelhada, e liza, agora crespas, e brandamente agitada, dão muito melhor a conhecer que se moderára o fervor do dia, e que o Sol depois de haver chegado ao seu zenith, declinava para o occaso. Para que he dizer isto de hum modo tão inintelligivel, se depois se ha de dizer de huma maneira tão clara? Tenho-me demorado tanto em huma só Oitava, porque

na verdade he este hum dos passos do Poema mais reprehensivel, e mais dignos de censura.

Depois de dormirem a sésta, segue-se a merenda; a Ilha era bem provida de tudo, e tem o Poeta razão em se não esquecer de comer, e beber, porque como se devia seguir huma, não só longa, mas eterna musica, não a poderião aturar em jejum. A alegria he falladora, e palreira, por isso, na Oitava 5.^a,

„ Mil praticas alegres se tocavão,
 „ Risos doces, subtiz, e argutos ditos,
 „ Que entre hum, e outro manjar se alevantavão,
 „ Despertando os alegres *apetitos*. ”

Esta terminação dada a palavra *apetites*, dá a conhecer pobreza de rima. He certo, que a necessidade não tem Lei, mas tambem he certo, que quando se não pode rimar bem de hum modo, rima-se de outro modo.

... *Sudet multum, frustra que laboret,
 Ausus idem,*

diz Horacio na carta aos Pisões, e em toda a parte o diz a boa razão. O canto narrativo, e profetico dos grandes homens que estavam por vir á India, não tem preparação nenhuma, nem a Angelica Sirena canta por ordem, ou determinação de Thetis, canta porque tem vontade de cantar. Ella não he inspirada, porque as letras de sua musica forão ensinadas por Protheo, e ellas vinhão de mão em mão, porque não erão da invenção de Protheo, tinha-as visto dentro de hum globo de vidro que Jupiter lhe tinha mostrado em sonhos, e em huma conversação que teve com Angelica Sirena lhe contou estes sonhos que ella agora repete, e creio que a musica he de sua propria invenção. A Oit. 7.^a he huma das mais notaveis do Poema pela sua ociosidade e extravagante originalidade:

- „ Com doce voz está sobindo ao Ceo
 „ Altos Baroens que estão por vir ao Mundo,
 „ Cujas claras idéas vio Protheo
 „ N'hum globo vão, diafano, e rotundo,
 „ Que Jupiter em dom lho concedeo,
 „ Em sonhos, e depois no Reino fundo

„ Vaticinando o disse , e na memoria
 „ Recolheo logo a Nynfa a clara historia. „

O verbo — subir — não he rigorosamente activo, e por tanto não pode reger hum accusativo. *Erquer* ou *levantar* altos Barões sim, subir Barões não.

„ Cujas claras ideas vio Protheo. „

Cujas he sempre hum relativo que deve sempre conservar a referencia, ou sentido e a relação do genitivo — as idéas dos quaes Barões; — eis-aqui o que parece vira Protheo, e ainda que se nos queira dar a entender que são os *archetypos* ou as imagens, he muito equivocada a palavra — idéas; — o lugar em que sonhando as vio Protheo, parece que quer dizer, que erão idéas engarrafadas.

„ N'hum globo vão, diafano, e rotundo. „

Não sei para que Jupiter aqui as fechou, e não sei que haja globos quadrados, ou triangulares, huma vez que se diz — globo — sabe-se muito bem

que he redondo, porque se não fôra redondo, não era globo. O mesmo epitheto, repetido na mesma Oitava he hum grande defeito. As idéas sãs *claras*, a historia tambem he *clara*; mas ainda mais claramente se descobre a falta de facundia em o Poeta.

Não sei porque o Poeta attribue ao Cothurno, e não ao Sóco o que a Nynfa devia cantar, porque invocando Calliope, como logo vai fazer, bem se via, que o quadro historico, e profetico dos Heroes Portuguezes que hia a traçar, não era materia nem de Comedia, designada pelo Sóco, nem de Tragedia, designada pelo *Cothurno*; porque a Trombeta de Calliope não quer dizer senão a Epopéa; coiza muito diversa da Comedia, e da Tragedia. Esta he a segunda vez que o Poeta invoca o auxilio de Calliope; esta Musa da Epopéa só lhe serve para os Episodios, devendo servir para o Poema em geral, e para isto apparecer em seu principio, no qual se contentou, como se disse já na Censura do terceiro canto, com a invocação das mulheres de Lisboa.

que isto se deve entender, segundo os seus Commentadores, pelo — *E vós, Tágides minhas*, — e he hum erro deixar para o accessorio o que devia ser para o principal.

Na Oit. 10.^a vem humas das costumadas queixas com que o Poeta, (ainda que com razão) fora de tempo se costuma lastimar de seus infortunios, e da pouca consideração em que o tiverão os Grandes, e os poderosos de seu tempo, e eu nunca deixarei de culpar o orgulho de Antonio Ferreira, que em suas Poesias não se lembrou deste grande homem, sendo ainda mais notavel o esquecimento de ElRei D. Sebastião, a quem elle tinha dedicado o seu Poema, quando levou comsigo para a Africa Luiz Pereira, devendo levar Luiz de Camões; porém console-se Luiz de Camões, que não he elle só quem soffre estes acintes da sorte, ou estas injustiças dos homens: peor, e muito peor pagou Affonso II, Duque de Ferrara, ao Tasso, que não só o não remunerou por lhe dedicar a obra mais perfeita do engenho humano, que

he a *Jerusalem*, mas abertamente o perseguido, metendo-o no Hospital dos doidos, e obrigando-o a peregrinar de Cidade em Cidade tão pobre, e tão miseravel, que os Guardas-barreiras de Turim o não quizerão deixar entrar na Cidade, cuidando que era hum apéstado, e hindo a pé, e coberto de trapos a Surrento sua Patria, no Reino de Napoles, mendigar humas sôpas a huma sua pobre irmã. Nunca o Mundo vio tanto merito com tanta desventura!

O canto de Sirena começa na Oitava 12.^a por Duarte Pacheco Pereira, depois enterrado em huma Taverna em Santarem. Não sei a razão porque não começa, como devia pelo primeiro Successor de Vasco da Gama, que em 1500 se embarcou para a India, levando huma Armada de treze vélas. Deixa hum principio grande, e lança-se á época de Duarte Pacheco:

- „ E canta como *lá* se embarcaria
- „ Em Belem o remedio deste dano,
- „ Sem saber o que em si ao mar traria,
- „ O grão Pacheco, Achilles Lusitano.”

Muitos factos memoraveis, e muitas

acções gloriosas, acontecerão, e tiverão lugar antes de apparecer na India Duarte Pacheco Pereira, que a ella passou Capitão de huma Náo da Esquadra de Affonso de Albuquerque, e as maiores acções de Duarte Pacheco tiverão lugar no mez de Abril de 1504 desbaratando junto á Ilha Cambalão na foz do Rio de Cochim os pangaios do Samori, em que os nossos exaggerados Historiadores fazem conduzir cincoenta mil homens contra cem Portuguezes. Cencedamos que forão grandes as proezas de Duarte Pacheco; parece que devia a Sirena não deixar em silencio as outras, truncando o fio da Historia sem ao menos preparar o auditorio para o que hia contar: quiz cantar assim, e assim cantou. Andará acaso annexa á profissão da Musica a ignorancia da Grammatica? Assim parece. A quem se refere o — *sentirão* — deste 5.º verso da Oitava?

„ O pezo *sentirão* quando entraria. „

Estes erros grammaticaes, como mil vezes tenho dito, deslustrão sobrema-

neira o Poeta, e ainda mais os continuos erros de metro, porque ninguem se poderá accommodar com este verso da Oitava 13.^a

„ Desbaratará os Naires infernaes”

O verbo — *desbaratar* — está aqui no futuro do indicativo, e não está no plusquam perfeito, e sendo preciso hum accento agudo para designar o futuro, perde-se o metro, porque os accents em taes e taes syllabas formão a harmonia, e no seu compasso, a certeza do verso. Não posso achar razão em chamar *infernal* ao homem que corre em defesa da sua terra: — Os *Naires infernaes* —; e tornão a vir os Naires na Oitava 14.^a

„ Fará que todo o Naire em fim se mova,

„ Que entre *Calecut jaz.*”

He insupportavel o verso da Oitava 18.^a

„ Mas com tudo, este só o fará confuso.”

Não he este só o errado, ou mal soan-

te, logo na Oitava 21.^a apparece este de que se arripiarão os ouvidos menos harmónicos.

„ O grão poder de Dario estrúe , e rende.”

Até agora ainda não vi, nem encontrei que o *i* de Dario não fosse longo, só em Luiz de Camões o achamos breve, para lhe poupar a vergonha de hum verso errado. Nas Oitavas 23, 24, e 25 deixárão passar os Consóres antigos, e com elles os modernos, huma atroz invectiva contra ElRei D. Manoel sem sabermos os motivos reaes, e verdadeiros porque Duarte Pacheco Pereira morreo pobre em Santarem, e foi enterrado em huma Taverna; e hum Monarca tão justo como ElRei D. Manoel não se devia criminalar, e invectivar sem huma causa manifesta, e universalmente conhecida.

„ Isto fazem os Reis cuja vontade ,
 „ Manda mais que a Justiça , e que a verdade.”

.....
 „ Mas vingo-me, que os bens mal repartidos ,
 „ Por quem só doces sombras apresenta ,
 „ Se não os dão a Sabios cavalleiros ,

„ Dão-os logo a avarentos lisongeiros.”

Na Oitava 26.^a não sei como se possa reduzir a harmonia metrica este verso :

„ A Quiloa fertil aspero castigo.”

Parece que quanto mais o Poema em seu appendix vai chegando ao fim, menos cuidado tem o Poeta em o polir, e mais frequentes são os descuidos; veja-se na Oitava 37.^a este verso de hum hiato prodigioso :

„ Quasi lhe roubará a famosa gloria”

Huns cheios de hiatos, outros tão estirados, que não ha quem os siga com o ouvido para encontrar nelles aquella sustentada harmonia que he tão propria do Poema E'pico, e nelle tão necessaria :

„ De são Lourenço, e em todo o Sul se affamão.”

Assim termina a Oitava 39.^a Porém o que mais me assombra em todo o Poema, he o destempero da Oitava 40.^a

He huma Serêa que canta, hum Numen do Paganismo em hum congresso de Nereidas presidido pela Deosa Thetis: mas a cantora, as companheiras, e a Presidente, todas a oito são feitas Catholicas Romanas por Luiz de Camões, nas suas Lusiadas, pois em fim a *Sirena* cantando, e contando o milagre visto (dizem os nossos Historiadores) na tomada de Ormuz por Afonso de Albuquerque, que vem a ser as settas que despedião os Persas, e os Turcos, virarem-se no ar contra os mesmos que as atiravão, se desembés-ta com este edificante e enternecido Epifonema, como o *Tantæ molis erat*:

„ Contra quem as tirou, que Deos peleja
„ Por quem estende a fé da Madre Igreja.”

E isto na boca daquellas mesmas que se acabavão de prostituir aos marinheiros!!! Não offende isto as Leis da Poesia, diga esta quanto quizer, offende por certo a boa razão, que não póde tolerar estas incoherencias, ou não póde deixar de escarnecer a inadvertenciã do Poeta, fazendo dizer as coizas a

quem as não deve dizer, e a conservação dos caracteres he o primeiro dever de hum Poeta Epico, e até d'hum Búcolico, porque hum Pastor não deve fallar como hum Doutor da Sorbona, ou como hum paravilho de Café, ou, o que he mais ridiculo ainda, hum architector de alvitres, ou de *planos*.

A necessidade da rima obriga e muito, mas não deve obrigar a tanto, que se chame a hum Reino *inico*, ainda em cima de conquistado, porque se hade chamar *rico* o tributo que este Reino he obrigado a mandar ao conquistador, que talvez merecesse com muita justiça este titulo. Oitava 41.^a:

„ Obrigação de dar o Reino inico,
„ De pedras de Baharem tributo rico.”

O tratamento de *Illustrissimo* e *Illustrissima* hoje tão vulgar, e tão surrado, conviesse embora aos homens no tempo de Camões, ninguem o mereceo como o grande Afonso d'Albuquerque, e agora se dá com elle por injuriado qualquer Cavalheiro de Cima Douro, ou de Cima Côa, que a penas se contenta com hu-

ma Excellencia para a Senhora sua mulher, mas o tratamento de Illustrissima para huma Ilha... he verdade que a Pragmatica o não prohibe, mas só Luiz de Camões o deo á de Goa na Oitava 42.^a:

„Toma a Ilha Illustrissima de Góá.”

E isto para lhe fazer corresponder o consoante *boa* em hum verso que o não parece.

„A deixa, e a occasião espera boa.”

Vimos na Oitava 40.^a feita Catholica Ramana huma das filhas do velho Nereo, e agora a admiraremos instruida na Folhinha de porta ou d'algibeira, sabendo muito bem que o dia 25 de Novembro he aquelle em que a Igreja reza da Virgem Martyr Santa Catharina. Ora as Nynfas do Oceano lidas, e instruidas no Martyrologio Romano! Isto só nas Lusiadas!

„Na luz que sempre celebrada, é dina

„Será da Eypcia Santa Catharina! !”

Não sei se isto seja abusar da paciência dos leitores, se esquecer-se o Poeta da personagem que introduz a fallar na scena. Nada disto sei, mas o que vejo he, que existe isto na Oitava 44.^a do Canto decimo das Lusiadas, ou no segundo Canto do seu additamento. Na Oitava 45.^a vem Affonso d'Albuquerque com o seu tratamento de sobrescripto.

„ Mais estanças cantára esta Sirena
„ Em louvor do *Illustrissimo* Albuquerque.”

Porém depois de o louvar como merecia, ou não tanto como este politico, guerreiro, e extraordinario homem merecia, o vai pôr de rastros sem compaixão, publicando hum facto com que áciente deslustra a fama de tão grande Heroe. Assim o vemos na Oitava 46.^a:

„ Dar extremo suplicio pela culpa,
„ Que a fraca humanidade, e amor desculpa.”

A tal Sirena, e suas companheiras advogão a propria causa; mas quem se lembrar da alta dignidade de Afonso de Albuquerque, da sua natural severidade, do seu poder como Governador da

India com o direito da vida, e da morte; quem se lembrar que, dentro da mesma Náo em que mandava este grande homem, hum soldado infimo, natural de Alemquer (que não faz ao caso), se atrevera na mesma Camara do Governador, e General, a corremper-lhe com violento estupro huma tenra donzella India, que elle tinha salvado d'hum naufragio, e que muito estimava; talvez diga que foi muito bem enforcado o Senhor Rui Dias, que assim se chamava; e a injuria feita á pessoa de Affonso de Albuquerque, que acabava de conquistar Malaca, não se satisfazia em fazer cazar o soldado da guarnição da Náo com a forçada India. Se na Óitava 43.^a vem o exemplo de Alexandre, que cedeo Campaspe ao Pintor embasbacado, não he o mesmo o indolente Alexandre em algum accesso de embriaguez, e Affonso de Albuquerque. Alexandre não era injuriado com a sensibilidade de Apelles, que não passou de pasmaceira, e a pessoa de Affonso de Albuquerque era offendida pelo atrevimento do soldado. A pezar de pueril

ostentação de erudito, nem com o exemplo da supposta clemencia de Cyro, que fez cazar Araspas com Panthéa que lhe dera a guardar, e do consentimento do pai de Judita furtada por Balduino para cazar com ella, nada prova o Poeta contra Affonso d'Albuquerque, que além de não ser para estas graças, estava em caso muito differente, e o desaforo do aggressor merecia a ultima pena pelo lugar em que cômmetteo o delicto, e por isto não

„Põe na fama alva noda negra, e fea,”

como quer o Poeta, ou a Cantora moralista. Continúa a Sirena a cantar, e a louvar na Oitava 50.^a Lopo Soares d'Albergaria, e Diogo Lopes de Sequeira; nisto não ha invenção Poetica, mas a simples narração de factos quaes os conservão as Décadas de João de Barros, com as costumadas incorrecções de estylo que tanto brádão per aquella lima de que nunca se deve enjoar hum bom Poeta, que lucra mais emendando, e polindo, que inventando; e nestes factos onde não trabalha a imaginação

em inventar, devia trabalhar a paciência em corrigir.

„De seres de Candace, e Sabá ninho”

Oitava 52.^a, e Oitava 53.^a,

„Mais na *Africa* que cá terá provado.”

Este *que cá* prova que o Poeta compondo isto na India, se esquecia que fazia fallar huma Nereida em huma Ilha no Oceano, e já muito remota do Indostão; e quem diz *cá* parece que está naquelle lugar onde as coizas se executão. Porque razão não tem advertido nisto os Commentadores? Homens de tanto saber, e tanta erudição, porque o não forão tambem de alguma critica? Tudo atropella o espirito de partido, e de fanatismo; assim como o merito dos Homens se sustenta muitas vezes pela força de huma facção, assim tambem se sustenta a fama, e a reputação dos Livros. Quem ler com a alma desempoeirada, e livre de idéas anticipadas, o perpetuo commentario que fizeram Beaumelle e Fréron á *Henriada* de Voltaire, conhecerá que toda a *Henria-*

da não he mais que huma congerie de ineptias, erros, e incoherencias sem a mais ligeira offensa da verdade, e da justiça, e não poderá, por pouco que use do proprio raciocinio, attribuir a fama deste Poema senão á força de hum partido poderosissimo. Delle nascem as multiplicadas e incessantes edições, as estampas de *Eissen*, etc., as vinhetas para todas as paginas mandadas executar pelos primeiros Abridores, ou Gravadores á custa de Frederico 2.º, Rei da Prussia; mas tudo isto não impede o somno ao leitor imparcial, e a crença commum he obrigada entre tanto a extasiar-se sem exame á vista desta supposta maravilha, e a subscrever aos écos de tantos Panegyristas, ás invencões de tantos Livreiros, e á teima, ou pertinacia de tantos Confrades do Filosofismo, que ácinte querem immortalisar o grande homem. A resposta que se deo a Beaumelle, e a Fréron, serão atrozes descomposturas, não se destruo com razões o que elles escrevêrão, não se respondeo ao que assizadamente criticárão, mas serão desenterrar

seus antepassados, e como Fréron tinha sido Jesuita, isto bastou para se provar com isto, que era hum ignorante, hum malevolo, hum sacrilego, que se atreueo a notar imperfeições no *divino* Voltaire. Só houve hum homem mais coberto de ignominias que Fréron; este homem sou eu, porque intentei *emendar* Camões: mas já que eu o não posso fazer, veja a Seita se póde emendar este verso da Oitava 54.^a porque está errado:

„Governará; e fará o ditoso Henrique.”

Vejão se podem livrar da baixeza este primeiro da Oitava 59.^a:

„Mas com tudo, não nego que S. Paio;”

ou de erro o sexto da mesma Oitava,

„No Malabar para que amedrontado.”

Grite quanto quizer, e vocifére a pertinacia, amontõe sobre mim os vilipendios que quizer; o verso sempre ficará errado. — Chegamos á Oitava 62.^a, cujo primeiro e ultimo verso nada querem dizer:

„Traz estes vem Noronha, *cujo auspicio*
„De Diu os Rumes feros afugenta.”

Cujo auspicio, he o auspicio do qual; como póde o *auspicio* afugentar, sendo, como he, o nominativo desta Oração?

„De medo o Roxo mar fará amarello.”

Que hum homem enfie de medo, e de pavor, póde ser; mas que huma coiza inanimada, que por accidente he roxa, ou vermelha, como he pela natureza do seu fundo o Mar Erithrêo, se faça amarella de medo, que he huma affeição moral, isto só o diz Luiz de Camões o Principe dos Poetas! Vamos a outra incoherencia ainda maior, e huma das maiores do Poema. Oitava 63.^a:

„Das mãos do teu *Estevão* vem tomar
„As redeas hum, que já será illustrado
„No *Brasil*.”

O termo — *teu Estevão* — denota coiza familiar, e conhecida do Gama, assim como ordinariamente se falla quando se trata de hum filho, de hum irmão, de hum cunhado, e até de hum creado. O *teu Estevão*? Que idéa ha de fazer

Vasco da Gama deste *teu Estevão*, se ainda não existe na sua familia em Silves, donde era natural, D. Estevão da Gama, que ha de tantos, e tantos annos depois governar a India? O *Brazil* ainda he peor, e mais incoherente, por mais que supponha a Sirena cantora com o dom de profecia. Que idéa ha de fazer Vasco da Gama da palavra *Brazil*? Depois, em 1500, he que foi tocada aquella porção do novo Mundo por Pedro Alvares Cabral. Deo-lhe o nome de *Terra de Santa Cruz*, e assim se ficou chamando muitos annos; depois da invenção, ou achado do páo *Brazil*, se começou a chamar deste nome. Dissesse-lho embora no tom profectico, como coiza que devia acontecer, mas designallo como presente para ficarem os ouvintes em jejum, só nas *Lusiadas*! Seja embora agradavel a variedade, haja versos nas *Oitavas*, e quasi sempre os ha, de terminação aguda, mas versos exdruxulos, raras vezes em nossa *Oitava* rima se virão. O verso espondaico de *Virgilio* = *Teucra agmina circumspexit* he huma vez só; mas

„A este o Rei Cambaico *soberbissimo*.”

não sei que metro tenha; e isto para que? para chamar dois forçados superlativos, porque n'outros não tinha rimas: — *Poderosissimo, esforçadissimo*. — Não sei como se diga em prosa o que se diz no primeiro verso da Oitava 65.ª:

„Destruirá a Cidade Repelim.”

Tambem não sei que verso seja o sexto da Oitava 66.ª:

„Baticalá que vira já Beadalá.”

Na Oitava 72 confessará a seita Camoniana que este verso he da classe dos aleijados:

„Rei de Cambaia, e a vista lhe *amedrenta*.”

Acabou-se na Oitava 73.ª o longo canto da Sirena, coiza bem impropria; porque ainda que seja huma manifesta imitação de Virgilio, que introduz na sala do banquete, que Dido preparou ao velhaco Eneas, o Soprano Iopas, não repetio a canção, disse só qual tinha sido a materia do Canto: *Lunaëque labo-*

res, as fases da Lua: mas em fim as licenças nas *Lusiadas* são mais que Poeticas. Acabada a merenda, e musica, trata a Deosa Thetis de ensinar Astronomia, e Geografia a Vasco da Gama só, não se devendo privar desta instrucção os Pilotos da armada, a quem era mais necessaria em razão do seu officio. Isto era de noite, porque a sésta passou-se em prazeres, o resto da tarde no jantar, e musica, e á noite vai de passeio Thetis até ao cume de huma montanha donde ha de mostrar ao Gama suspenso no ar hum globo de vidro illuminado que he o mundo inteiro. Oicamos Thetis a fallar na Oitava 76.ª:

„Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
 „Suprema de com os olhos corporaes
 „Veres o que não pôde a vã Sciencia
 „Dos errados, e miseros mortaes.”

Este he o exordio da grande lição, e nas primeiras palavras, vem a primeira, e não pequena mentira:

„Veres o que não pôde a vã Sciencia
 „Dos errados, e miseros mortaes.”

Não lhe disse coiza que os homens não tivessem feito, e não tivessem dito, e

nenhuma coiza lhe mostrou, que até alli pelos principios da Sciencia se não tivesse conhecido; porque era sabido, e bem sabido, o systema Astronomico de Ptolomeo, e nada põe na boca de Thetis o Principe dos Poetas que elle não tivesse lido talvez no Tratado da Esfera composto por João de Sacrobosco, publicado neste Reino, e muito bem explicado por Martim de Bohemia; as noticias Geograficas, são tiradas de Plinio, e de Pomponio Mella, e se alguma coiza mais moderna apparece, tambem já tinhão apparecido as Decadas de João de Barros, que eu não admiro tanto como Historiador, mas como hum exacto, e excellente Cosmógrafo da Asia. Logo *os errados e miseros mortaes* sabião muito bem tudo quanto a Doutora Thetis hia mostrar, e ensinar a Vasco da Gama, tudo quanto Vasco da Gama hia ver fechado na redoma luminosa que se lhe mostrava suspensa no ar. Oitava 77.^a:

„ De modo que o seu centro está *evidente*
 „ Como a sua superficie claramente. ”

Como se poderia dizer isto em prosa?
 De hum objecto fysico se não diz que

está evidente, por descoberto; a evidencia he o resultado da demonstração; esta forma-se com os argumentos que não tem emprego senão moral. Deixemos estas subtilezas: diga, e ensine Thetis coizas novas, mas não as ensine, ou as diga erradamente; (que não está bem a huma divindade,) como o diz na Oitava 79.^a:

„Qual em fim o Archetypo, que o creou.”

Em quanto á frase ha erro, e palmar, tão improprio de tão grande Poeta; e senão, desmintão-me os seus idólatras. Archetypo não he Creador, não he hum agente, Archetypo, he a idéa, o modello, o exemplar que se propõe a si mesmo, o agente, ou ente creador para produzir alguma coiza; e attribuir a acção ao que he huma idéa da coiza executada, he hum erro, huma ignorancia infantil de que ninguem absolverá o Principe dos Poetas. Sem que Thetis, e Luiz de Camões soubessem o que dizião, affirmativamente fazem de Deos o lugar extrinseco do Mundo, e o con-

fundem com o espaço, labyrintho Metafysico, que leva ao labyrintho Espinosistico; Oitava 80.^a :

„ Quem cerca em derredor este rotundo
 „ Globo, e a sua superficie tão *limada*,
 „ He Deos; mas o que he Deos ninguem o entende”

Aqui se vê elle confundido com o espaço infinito, que he como dissemos o lugar extrinseco do Mundo, e como o espaço não he o vacuo absoluto, ou o nada, de que se não póde formar idéa, porque vem a ser a existencia negativa, segue-se que temos aqui huma substancia infinitamente extensa em contacto com a *limada* superficie do Mundo, e este he o erro de Espinosa, que não conhecia mais que huma substancia infinitamente extensa, dotada de diversas modificações. Mas esta questão já não he para este seculo frivolo.

Deixemos o atrevido epitheto de *vil*, que se dá na Oitava 81.^a ao entendimento humano, pois nunca julguei que a medida de hum verso que se podia fazer de outra sorte o reduzisse a tanto vilipendio,

„ Que a vista cega, e a mente vil tambem. ”

Antes do quadro do Apostolo S. Thomé, e do Estreito de Magalhães, já assim chamado do tempo do Gama, chegamos ao maior desproposito das *Lusiadas*, que vem a ser a Oitava 82.^a A Deosa Thetis falla do *Empyreo*, da gloria dos Bemaventurados, principal Dogma da Religião Catholica, e diz:

„ *Aqui só verdadeiros gloriosos*
 „ *Divos estão, porque eu, Saturno, e Jano,*
 „ *Jupiter, Juno, somos fabulosos,*
 „ *Fingidos de mortal, e cego engano.* ”

Pois Thetis está não só fallando, mas ensinando Vasco da Gama, e discorrendo na sua presença sobre materias *Metafysicas*, e *Theologicas*, e diz, e affirma, que he hum Ente ideal, fingido, fabuloso, não existente, parto apenas do erro, da ignorancia, e da cegueira dos mortaes? Pois o que não existe, póde fallar, póde discorrer, póde tornar-se visivel, e escutavel? Hã destempero assim? Poucas vezes usó do *Dilemma*, porém aqui he indispensa-

vel , e cito a inteira Seita Camonian-na, trazendo cada hum dos Confrades na mão a mais garrida edição das Lusiadas; mandem-nas embora estampar a Bodoni, e venhão cá; escolhão huma destas duas coizas: Ou Thetis he huma Deosa do Paganismo, e hum Ente creado pela Mythologia, ou he a Sabedoria Divina, como nos dizem alguns dos Commentadores, e os modernos Apologistas? Escolhão. Se he hum Ente Mythologico, ella diz que não existe, e quem não existe não póde fallar. Se he a Sabedoria Divina, então mente a Sabedoria Divina, pois está dizendo que não existe, que he fabulosa, e que não he mais que huma ficção do cégo entendimento dos homens! Isto não tem resposta, nem sei que sahida lhe darão os fanaticos pertinacissimos: o recurso das descomposturas nunca foi huma resposta, porque hum argumento não he hum homem, he hum argumento, ainda que o homem se descomponha, o argumento fica de pé, se com outro se não combate.

Torna Thetis a declarar que almas bem aventuradas morão no Ceo Empyreo; a estas almas chama ella *mundas*,

„ Debaixo deste círculo onde as *mundas*
„ Almas *divinas* gozão. ”

Oitava 85.^a: bem escusado era este Latim, onde ha tantas palavras Portuguezas que exprimão a mesma idéa. Abaixo deste, está outro Ceo,

„ Que não se enxerga, e he o Mobil primeiro. ”

E não será este ainda o ultimo versõ aleijado. Na Oitava 87.^a começão os — *olhas* — que se repetem pelas seguintes Oitavas até ao numero de 29 — *olhas*, — coiza no ultimo extremo noventa, e insupportavel. Na Oitava 88.^a no quarto — *olha* — vem este verso:

„ Olha o Cysne morrendo, que suspira. ”

Trata-se aqui das Constellações celestes; então a que se chama Cysne, está morrendo, ou he o Cysne que morre, e suspira? Na Oitava 91.^a em dois versos ha quatro vezes a palavra — *Varia* —

„ *Varias* Nações que mandão *varios* Reis,
 „ *Varios* costumes seus, e *varias* Leis. ”

Tambem o Gama via os costumes, e as Leis destes povos, que a Geógrafa Thetis lhe mostrava no Globo de vidro, conforme a sua posição geographica? Intoleraveis destemperos!! Na Oitava 93.^a se acha hum verso, que creio lho não chamarão os apaixonados:

„ Padecerá pela fé santa sua. ”

Não vai longe deste o da Oitava 96:

„ Ha de ser Dom Christovão o nome seu. ”

Esta continuada negligencia he intoleravel: na Oitava 97.^a se lê o seguinte:

„ Que divide a Asia da Africa, e as melhores. ”

Só as orelhas de Midas acharão nisto harmonia metrica: além da falta de metro, não ha mais do que baixezas de expressões, e se ha estylo a que se deva chamar, não ténue, mas infimo, rasteiro, e plebeo, por certo he este: Oitava 97:

„ Povoações , que parte Africa tem ,
 „ Maquá são , Arquico , e Suanquem. ”

Que poesia , que metro se acha neste verso da Oitava 107 ?

„ Para o Sul até ao Cabo Comori. ”

Chegámos ao fim com este longo commentario , mas indispensavel , e provocado por injúrias , e injustiças , que era preciso rebater de huma vez , levantando hum eterno troféo á verdade sobre as ruinas da maledicencia , e da ignorancia , áquelle lugar em que eu esperarei eternamente pela resposta. Eis-aqui parte da Oitava 108 :

„ Olha que de Narsinga o Senhorio
 „ Tem as reliquias santas , e beinditas
 „ Do corpo de Thomé , Barão sagrado ,
 „ Que a Jesu Christo , teve a mão no lado. ”

A Deosa Thetis , hum Numen Pagão , hum Ente Mythologico , fallando dos mysterios da Religião Christã , vista em os passos do Sagrado Evangelho , conhecedora da incredulidade , e dos poderosos motivos da crença de S. Tho-

mé! Isto he imprópriissimo, monstruoso, e inverosimil; e muito mais fazer annunciar por Thetis a vida, e martyrio do Santo Apostolo. O que excede todos os apuros do ridiculo, he a enternecida apóstrofe que Thetis, Numen do Paganismo, faz ao Apostolo, depois de contar ao Gama como fora morto de huma lançada, na Oitava 118; eu a devo transcrever por inteiro:

„ Chorarão-te Thomé o Gange, e o Indo,
 „ Chorou-te toda a terra que pizaste,
 „ Mais te chorão as almas que vestindo,
 „ Se hião na *Santa fé* que lhe ensinaste:
 „ Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
 „ Te recebem na gloria, que ganhaste;
 „ Pedimos-te que a *Deos ajuda peças*,
 „ Com que os teus Lusitanos favoreças.”

E poder-se-hia negar S. Thomé a tão instante súplica da Deosa Thetis? Era justo que assim como a Deosa Thetis empenhava o seu valimento para com S. Thomé a favor dos Portuguezes, animada (Thetis) de hum verdadeiro zelo pela gloria, e dilatação do Evangelho, reprehendesse a incuria, e pre-

guiça dos Missionarios. Eu não sei, á vista destes despropositos, se me compadeça, se me ria da inconsideração do Poeta. Esta Oitava 119 ainda he mais ridicula que a precedente, não pelo que em si contém, que he sacratissimo, mas pela Personagem que se introduz a fallar em scena. Falla com os Missionarios:

- „ E vós outros, que os nomes usurpais
 „ De mandados de Deos como Thomé,
 „ Dizei, se sois mandados, como estais,
 „ *Sem hirdes a prégar a Santa fé?*
 „ Olhai que se sois sal, e vos danais,
 „ Na Patria onde Profeta ninguem he,
 „ Com que se salgarão em nossos dias,
 „ (Infiéis deixo) tantas heresias? ”

Não sei se isto he Entremez, se he Epopéa! A Deosa Thetis zelosa na extirpação das heresias! He esta a linguagem de que deve usar Thetis fallando com seu terceiro marido, pois casou com Vasco da Gama depois de estar casada com o Oceano, e depois com Peleo de quem houve Achilles? Esta extravagante Thetis, tão Christã, tão zelosa da dilatação da Fé, po-

dia na verdade omittir na Oitava 122
 huma indecente circumstancia na des-
 crição que faz do Reino de Pegú:

„ Aqui soante arame no instrumento
 „ Da geração costumão, o que usárão
 „ Por manha da Rainha, que inventando
 „ Tal uso, deitou fóra o error nefando. ”

Tempo he já de finalisarmos tão lon-
 go, e aspero trabalho; eu o devêra
 empregar com outra miudeza, as-
 sim o pedia a razão, mas a necessida-
 de mais imperiosa o abrevia, eu o re-
 mato com hum erro crasso do Principe
 dos Poetas, commettendo o mais pal-
 pavel, ou o mais ridiculo anacronismo.
 Falla a Deosa Thetis do Estreito de
 Magalhães na ultima ponta austral da
 America, ainda não descoberta em 1498
 em que ouvimos fallar a Deosa Thetis,
 e sabendo nós quando Fernando de
 Magalhães achou o estreito a que deo,
 e ainda conserva, o seu nome, diz as-
 sim: Oitava 141.^a:

„ E mais avante o Estreito, que se arrêa
 „ Com o nome d'elle *agora* ” (em 1498)

A pervicacia, a indomavel estupidez

dos idolatras de Camões, não deixará de confessar que he isto hum erro, e se he, como evidentemente se mostra, hum erro, ha ao menos hum erro que emendar em Camões, e não he hum sacrilegio emendar, ou querer emendar Camões. Está provada, e demonstrada a menor do Syllogismo.

Acaba-se o Poema, e o seu additamento na Oitava 144.^a com estes quatro versos:

„ Entrarão pela fóz do Téjo ameno,
„ E á sua Patria, e Rei temido, e amado,
„ O premio, e gloria dão, porque mandou,
„ E com titulos novos se illustrou. ”

As treze Oitavas que se seguem nada tem com o Poema, porque, ou invectivão os Grandes, ou se dirigem a ElRei D. Sebastião. Eu devo levantar a mão da taboa com este cartel de desafio, que a minha honra deve fazer aos meus implacaveis inimigos: Com solidas razões *ninguem me responderá.*

I N D I C E

Do segundo Volume.

| | | |
|---------|----------------|--------|
| Censura | do Canto VI. | Pag. 3 |
| ———— | do Canto VII. | 61 |
| ———— | do Canto VIII. | 111 |
| ———— | do Canto IX. | 175 |
| ———— | do Canto X. | 232 |

N. B. Como a Dissertação prometida a pag. 31 do I. Tomo desta Censura, faria mui volumoso o segundo, sahirá impressa separadamente a seu tempo.



